



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Câmpus de São José do Rio Preto

LUA CAMILO NOGUEIRA

**A GRAMATICALIZAÇÃO DOS VERBOS “VER” E “OLHAR”
NO PORTUGUÊS FALADO DO INTERIOR PAULISTA:
UMA ABORDAGEM DISCURSIVO-FUNCIONAL**

São José do Rio Preto

2021

LUA CAMILO NOGUEIRA

**A GRAMATICALIZAÇÃO DOS VERBOS “VER” E “OLHAR”
NO PORTUGUÊS FALADO DO INTERIOR PAULISTA:
UMA ABORDAGEM DISCURSIVO-FUNCIONAL**

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES. Processo n. 88887.341262/2019-00

Orientador: Prof. Dr. Edson Rosa Francisco de Souza

Coorientador: Prof. Dr. Michel Gustavo Fontes

São José do Rio Preto

2021

N778g

Nogueira, Lua Camilo

A gramaticalização dos verbos “ver” e “olhar” no português falado do interior paulista: : uma abordagem discursivo-funcional / / Lua Camilo

Nogueira. -- São José do Rio Preto, 2021

174 f. : il., tabs.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto

Orientador: Edson Rosa Francisco de Souza

Coorientador: Michel Gustavo Fontes

1. Linguística. 2. Funcionalismo (Linguística). 3. Língua portuguesa. 4. Gramaticalização. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

LUA CAMILO NOGUEIRA

**A GRAMATICALIZAÇÃO DOS VERBOS “VER” E “OLHAR”
NO PORTUGUÊS FALADO DO INTERIOR PAULISTA:
UMA ABORDAGEM DISCURSIVO-FUNCIONAL**

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES. Processo n.
88887.341262/2019-00

Comissão Examinadora

Titulares

Prof. Dr. Edson Rosa Francisco de Souza (orientador)
UNESP - Câmpus de São José do Rio Preto

Prof. Dr. Michel Gustavo Fontes (coorientador)
UFMS - Câmpus de Três Lagoas

Profa. Dra. Cristina dos Santos Carvalho
UNEB - Universidade do Estado da Bahia

Profa. Dra. Joceli Catarina Stassi-Sé
UFSCAR - Universidade Federal de São Carlos

São José do Rio Preto
07 de junho de 2021

AGRADECIMENTOS

A meus pais, Edileuza e Marcos, que sempre me incentivaram e me apoiaram em todas as minhas decisões, se fazem presentes nos meus momentos de angústia e nas comemorações, são meus grandes amigos e eternos companheiros. Sem eles nada teria sido possível, devo a eles tudo o que sou.

Ao Prof. Dr. Edson Rosa Francisco de Souza, meu orientador desde 2014, que iluminou o caminho para meus primeiros passos na pesquisa e, desde então, é minha inspiração, auxílio e incentivo. Uma pessoa extremamente dedicada, profissional e benevolente. E que, além de tudo, trouxe a Mara para minha vida, uma mulher maravilhosa, dona de um coração gigante.

Ao Prof. Dr. Michel Gustavo Fontes, meu coorientador, que sempre se mostrou acessível, paciente e disposto a me auxiliar nas minhas dificuldades com a GDF. Parceiro de congressos, viagens, festas e papos. Um exemplo de competência profissional, educação e cordialidade.

À Profa. Dra. Joceli Catarina Stassi-Sé, que acompanha este trabalho desde a sua forma preliminar, apresentada no XII Seminário de Estudos Linguísticos da UNESP. Sua leitura atenta somada às contribuições durante o debate e o exame de qualificação foram essenciais para o aprimoramento deste trabalho.

À Profa. Dra. Cristina dos Santos Carvalho, que leu este trabalho com muita dedicação e carinho, contribuindo com valiosas sugestões durante o exame de qualificação para o refinamento da versão final da dissertação.

À Profa. Dra. Talita Storti Garcia, à Profa. Dra. Taísa Peres de Oliveira e ao Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves pelas contribuições que, em grande medida, nortearam o desenvolvimento deste trabalho. E se deram por meio de indicação bibliográfica, empréstimo de livro, sugestões durante apresentações em eventos e conversas informais.

Aos excelentes professores da graduação e da pós-graduação do IBILCE, com os quais tive o privilégio de conviver desde 2013 e aprender não apenas temas relacionados às disciplinas, mas também questões da vida e sociedade. Indubitavelmente, foram fundamentais para minha percepção de mundo.

Aos funcionários da seção de pós-graduação e aos da Biblioteca do IBILCE, pelas orientações, disponibilidade e gentileza.

Aos meus queridos amigos e colegas que se tornaram essenciais na minha trajetória. Na companhia deles, tudo foi mais leve, divertido e afetuoso. É um imenso prazer compartilhar minha história com eles e fazer parte de suas vidas.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, à qual agradeço.

“Olhos,
vale tê-los,
se, de quando em quando,
somos cegos
e o que vemos
não é o que olhamos
mas o que o olhar semeia no mais denso escuro.”

Mia Couto (2016, p. 64)

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é analisar o processo de gramaticalização (doravante GR) dos verbos “ver” e “olhar”, buscando (i) identificar os diferentes usos dessas formas verbais; (ii) verificar os níveis e as camadas de organização da gramática em que essas formas operam, de forma a obter evidências de ordem pragmática, semântica e morfossintática que auxiliem na proposição de uma trajetória de GR em termos de mudança de conteúdo e mudança formal; (iii) investigar se é possível traçar um paralelo no tocante às trajetórias de GR dos itens verbais de maneira a identificar possíveis pontos de convergência e/ou dissonância entre os seus usos. Para tanto, adotamos como aparato teórico os estudos do processo de GR em sua concepção mais clássica (HEINE *et al.*, 1991; TRAUGOTT, 1995, 2003; BYBEE, 2003; HOPPER; TRAUGOTT, 1993, entre outros) e o modelo da Gramática Discursivo-Funcional (doravante GDF), de Hengeveld e Mackenzie (2008). Os resultados apontam para a existência de uma trajetória de GR que se inicia nas camadas mais baixas do Nível Representacional e rumo, sucessivamente, das camadas mais baixas para as camadas mais altas do Nível Interpessoal, com mudanças que afetam tanto o estatuto semântico e pragmático quanto o estatuto formal (morfossintático e fonológico) desses itens, uma vez que se observa uma movimentação que vai de *lexema (item pleno de conteúdo)* > *operador lexical (itens híbridos)* > *operador (itens gramaticais/funções)* (HENGEVELD, 2017). Como esperado, os itens verbais examinados não realizam o percurso inverso de mudança, ou seja, para camadas anteriores ao ponto de partida do processo de GR, conforme alegam Hengeveld (2017), Barreto e Souza (2016), Dall’Aglio-Hattner e Hengeveld (2016), Fontes (2016) e Hengeveld; Narrog; Olbertz (2017). Além disso, verifica-se que, ao comparar os trajetos seguidos pelos dois verbos, “olhar” encontra-se mais gramaticalizado do que “ver”, visto que é mais frequente e mais produtivo em contextos interacionais-discursivos.

Palavras-chave: Gramaticalização. Gramática Discursivo-Funcional. Verbo “ver”. Verbo “olhar”.

ABSTRACT

The aim of this research is to analyze the grammaticalization process (henceforth GR) of the verbs “ver” (to see) and “olhar” (to look), seeking (i) to identify the different uses of these verbal forms; (ii) verify the levels and layers of organization of the grammar in which these forms operate, in order to obtain evidence of a pragmatic, semantic and morphosyntactic for proposing a GR trajectory in terms of content change and formal change; (iii) investigate whether it is possible to draw a parallel with respect to the GR trajectories of verbal items in order to identify possible points of convergence and / or dissonance ones among their uses. In order to do that, we adopted as a theoretical apparatus the studies of the GR process in its most classic conception (HEINE *et al.*, 1991; TRAUGOTT, 1995, 2003; BYBEE, 2003; HOPPER & TRAUGOTT, 1993, among others) and the Functional Discourse-Grammar (GDF), developed by Hengeveld and Mackenzie (2008). The results point to the existence of a GR trajectory that begins in the lower layers of the Representational Level and moves, successively, from the lower layers to the upper layers of the Interpersonal Level, with changes that affect both the semantic and pragmatic status as well as the formal status (morphosyntactic and phonological) of these items, since there is a movement that goes from *lexeme (full contented item)* > *lexical operator (hybrid items)* > *operator (grammatical items / functions)* (HENGEVELD, 2017). As expected, the verbal items examined in this research do not carry out the reverse path of change, that is, for layers prior to the starting point of the GR process, as claimed by Hengeveld (2017), Barreto and Souza (2016), Dall'Aglio-Hattnher and Hengeveld (2016), Fontes (2016) and Hengeveld; Narrog; Olbertz (2017). In addition, it appears that when comparing the paths followed by the two verbs, the verb “olhar” (to look) is more grammatical than “ver” (to see), because it is more frequent and productive in interactive-discursive contexts.

Keywords: Grammaticalization. Functional Discourse-Grammar. Verb “ver” (to see). Verb “olhar” (to look).

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

QUADROS

Quadro 1 - Escala de agentividade com verbos de percepção	53
Quadro 2 - Camadas, frames, operadores e modificadores do Nível Interpessoal	67
Quadro 3 - Camadas, frames, operadores e modificadores do Nível Representacional	72
Quadro 4 - Trajetória de mudanças formais e de conteúdo de no caso de no português brasileiro, segundo a GDF	85
Quadro 5 - Abordagem hierárquica da multifuncionalidade de “ainda”	86
Quadro 6 - Seleção dos inqueritos do Iboruna (amostra Censo)	89
Quadro 7 - Escala de agentividade com verbos de percepção “ver” e “olhar” no português	159
Quadro 8 - Síntese dos usos dos verbos “ver” e “olhar” na GDF	160

FIGURAS

Figura 1 - Arquitetura geral da GDF	61
Figura 2 - As camadas de organização do Nível Interpessoal	62
Figura 3 - As camadas de organização do Nível Representacional	71
Figura 4 - As camadas de organização do Nível Morfossintático	78
Figura 5 - As camadas de organização do Nível Fonológico	79
Figura 6 - Relações de escopo na GDF	82
Figura 7 - Proposta de mudança de conteúdo na GDF	83
Figura 8 - Percursos possíveis de mudanças na GDF	83
Figura 9 - Mudança semântico-pragmático de <i>ainda</i>	86
Figura 10 - Mudança formal de <i>ainda</i>	87
Figura 11 - Mudança de conteúdo de “ver” no português falado do interior paulista	164
Figura 12 - Mudança de conteúdo de “olhar” no português falado do interior paulista	164

GRÁFICOS

Gráfico 1 - Valores pragmático-textuais veiculados pelos marcadores discursivos 'ver' e 'olhar' no português falado do interior paulista	159
--	-----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Tipo de verbo de percepção	106
Tabela 2 - Nível de atuação do item verbal	108
Tabela 3 - Camada de atuação do item verbal no NR	109
Tabela 4 - Camada de atuação do item verbal no NI	113
Tabela 5 - Tipo de entidade designada pelo argumento sujeito	116
Tabela 6 - Tipo de percepção	119
Tabela 7 - Estatuto formal do item verbal	124
Tabela 8 - Tempo/modo verbal da sentença	130
Tabela 9 - Redução fonético-fonológica do item verbal	136
Tabela 10 - Posição ocupada pelo item/construção verbal	137
Tabela 11 - Tipo de ilocução da frase	141
Tabela 12 - Tipo de texto	143
Tabela 13 - Estatuto semântico-pragmático do item verbal	146

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	OS VERBOS “VER” E “OLHAR” NA LITERATURA LINGUÍSTICA	18
2.1	Definição e acepções semânticas dos verbos “ver” e “olhar” no português	19
2.2	Os sentidos de “ver” e “olhar” no período medieval do português	29
2.3	Aspectos caracterizadores dos verbos “ver” e “olhar”	36
2.4	A emergência de marcadores discursivos a partir dos verbos de percepção “ver” e “olhar”: uma proposta de classificação dos usos mais gramaticalizados	43
2.5	O que diz a abordagem cognitiva sobre os verbos de percepção?	49
2.6	Os tipos de complementos dos verbos “ver” e “olhar” segundo a proposta de Hengeveld <i>et al.</i> (2019)	54
3	OS PRINCÍPIOS TEÓRICOS DA GRAMÁTICA DISCURSIVO-FUNCIONAL E DA GRAMATICALIZAÇÃO	59
3.1	Arquitetura geral da GDF	60
3.2	Os estudos de base da GR	79
3.3	A proposta de GR de Hengeveld (2017)	82
4	UNIVERSO DE INVESTIGAÇÃO E ASPECTOS METODOLÓGICOS	88
4.1	Composição do universo de investigação: seleção da amostra	89
4.2	Parâmetros de análise	90
5	ANÁLISE FUNCIONAL DA GRAMATICALIZAÇÃO DOS VERBOS “VER” E “OLHAR” NO PORTUGUÊS FALADO DO INTERIOR PAULISTA	106
5.1	Análise e resultados: parâmetros investigados	106
5.1.1	Tipo de verbo de percepção visual	106
5.1.2	Níveis de atuação do item verbal	107
5.1.3	Camada de atuação do item verbal	109
5.1.4	Tipo de entidade designada pelo argumento sujeito	116
5.1.5	Tipo de percepção	118
5.1.6	Estatuto formal do item verbal	123
5.1.7	Função discursiva expressa pela forma verbal	126
5.1.8	Tempo verbal do enunciado	130
5.1.9	Redução fonético-fonológica do item verbal	135

5.1.10 Posição ocupada pelo item verbal	137
5.1.11 Tipo de ilocução da frase	140
5.1.12 Tipo de texto	143
5.2 Representação dos usos de “ver” e “olhar” no modelo da GDF	146
5.2.1 Usos de “ver” e “olhar” no Nível Representacional	148
5.2.2 Usos de “ver” e “olhar” no Nível Interpessoal	155
5.3 Algumas generalizações	157
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	162
REFERÊNCIAS	166
ANEXO A - Quadro de referências de obras utilizadas pelo dicionário do português medieval	172

1 INTRODUÇÃO

A literatura linguística apresenta vários estudos sobre itens linguísticos (verbos, conjunções, dentre outros) que passaram por processos de mudança linguística, tornando-se gramaticais ao longo dos anos. Para ilustrar esse fenômeno, podemos citar os estudos de Heine (2003) sobre perífrases verbais auxiliares, Casseb-Galvão (2001) sobre a expressão *diz-que*, Gonçalves (2003) sobre a gramaticalização do verbo *parecer*, Travaglia (2003) sobre a gramaticalização de verbos indicativos de aspecto, Travaglia (2007) sobre a poligramaticalização dos verbos *deixar* e *passar*, Salomão (2008) sobre as construções modais com o verbo *dar*, Dall’Aglio-Hattner e Hengeveld (2016) sobre a gramaticalização de verbos modais no português brasileiro, dentre outros que seguem esses mesmos princípios.

A gramaticalização (doravante GR) é, pois, uma das maneiras pelas quais um item linguístico pode sofrer mudanças em uma língua. Para Hopper e Traugott (1993) e Traugott (1997), a GR é definida como um processo pelo qual itens lexicais passam a exercer, em determinados contextos linguísticos, funções gramaticais ou, quando já são gramaticais, eles continuam a desenvolver funções ainda mais gramaticais na língua. Tal definição está ancorada em uma concepção mais clássica de GR, cujo foco do processo de mudança está, em geral, voltado para a análise do item linguístico isoladamente. Entretanto, os fenômenos de mudança linguística que tomam a construção como unidade de análise já eram discutidos por Hopper e Traugott (1993), ao analisarem, por exemplo, o processo de mudança de *be going to* como marcador de futuro no inglês, justamente por defenderem que, nesse caso, o valor de futuro emergia não somente da mudança semântica da perífrase verbal, mas também da relação dela com os demais componentes da oração. Assim, segundo os autores, é possível identificar no inglês empregos que vão do uso do verbo “to go” como deslocamento no espaço, passando por usos atrelados a estruturas de finalidade, até chegar aos casos em que esse verbo passa a indicar deslocamento no tempo, operando, assim, como marcador de tempo futuro. A esse respeito, Bybee (2003, p. 602) também já defendia uma ideia similar: “de fato, parece mais adequado dizer que é uma construção com seus itens lexicais particulares que se torna gramaticalizada do que dizer que é o item lexical que se gramaticaliza”¹.

A GR, segundo Hopper e Traugott (1993), constitui um processo que tem encontrado abrigo privilegiado dentro do Funcionalismo linguístico, justamente porque busca refletir sobre a relação entre o sistema e o funcionamento da língua, isto é, sobre a relação entre forma e

¹ In fact, it may be more accurate to say that a construction with particular lexical items in it becomes grammaticized, instead of saying that a lexical item becomes grammaticized. (BYBEE, 2003, p. 602)

função. Ao tratar dos estudos de GR no português, Neves (1997, p. 117) assinala que, numa visão funcionalista, “ver a língua em seu funcionamento implica vê-la a serviço das necessidades dos usuários, e a partir daí, em constante adaptação”. Trata-se de uma ideia que está em plena sintonia com a proposta dos estudos de GR, uma vez que é consenso entre os estudiosos da área que as formas (e estruturas) das línguas se gramaticalizam de modo a suprir as necessidades comunicativas de seus usuários nas mais diferentes instâncias de interação.

De acordo com Nuyts (2000):

a função geral da língua é a comunicação, mas a comunicação é um processo altamente complexo que envolve diferentes dimensões nos vários níveis de análise [...]. Cada uma dessas dimensões impõe seus próprios requisitos sobre a estrutura e o uso, e quase sempre eles não são mutuamente compatíveis, daí o sistema linguístico estar em constante movimentação, num processo de adaptação que nunca termina (NUYTS, 2000, p. 126, apud BUTLER, 2003, p. 14, tradução nossa)²

Entre os autores que tratam das noções de GR nos estudos linguísticos encontra-se a proposta de Hopper (1991, p. 17-35), “que rejeita a noção de uma gramática estável, dizendo que todas as partes da gramática estão sofrendo mudanças, e, por isso, os fenômenos gramaticais em geral podem ser pensados como envolvidos na gramaticalização”. Nesse sentido, em termos de funcionalidade, “a gramática não é, simplesmente, um conjunto isolado de sentenças, mas o ‘engenho’ que permite que a comunicação seja estabelecida entre falantes de uma língua” (BARRETO, 2013, p. 26), o que, por sua vez, justifica as constantes mudanças nos planos fonológico, morfológico, sintático e semântico-pragmático das línguas.

Para os estudos de GR, “os componentes da linguagem (pragmático, semântico, sintático) não são vistos de forma isolada, mas sim como dimensões que se inter-relacionam” (BARRETO; SOUZA, 2016, p. 82). O mesmo posicionamento é assumido por Hengeveld e Mackenzie (2008), ao entenderem que, na Gramática Discursivo-Funcional (doravante GDF), a pragmática governa a semântica; a pragmática e a semântica governam a morfossintaxe e, juntas, a pragmática, a semântica e morfossintaxe governam a fonologia. A proposta de configuração em ‘cascata’ entre níveis de organização da linguagem é certamente determinada

² The general function of language is ‘communication’, but communication is a highly complex ‘process’, involving very many different dimensions at many levels of analysis [...]. Each of these dimensions imposes its own requirements on structure and use, and these requirements are not always mutually compatible, hence the linguistic system is constantly torn back and forth between them in a never ending dynamic process of adaptation. (NUYTS, 2000, apud BUTLER, 2003, p.14).

pela organização *top-down*³ da gramática (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 1-13)⁴ e mostra que, de alguma forma, há processos de mudança linguística que podem envolver alterações semânticas, sem envolver mudança categorial, e outros que provocam mudanças tanto no que se refere ao sentido quanto no que se refere à forma (HENGEVELD, 2017).

Os processos de mudança linguística observados nas línguas, que ocorrem via GR, podem afetar todas as categorias linguísticas (nomes, adjetivos, verbos, advérbios, conjunções, preposições, dentre outras). Nesta pesquisa de mestrado, o nosso propósito é analisar o processo de GR dos verbos “ver” e “olhar” no português brasileiro falado do interior paulista à luz dos pressupostos teóricos da GDF (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008; HENGEVELD, 2011; HENGEVELD, 2017), buscando identificar os diferentes usos dessas formas verbais, bem como verificar os níveis e as camadas de organização da gramática em que esses usos operam, de forma a obter evidências de ordem pragmática, semântica e morfossintática que possam auxiliar na proposição de uma trajetória de GR desses itens (incluindo as construções formadas a partir desses itens verbais) em termos de mudança de conteúdo e mudança formal, tal como proposto mais recentemente por Hengeveld (2017).

Diferentemente da abordagem tradicional das gramáticas normativas, que considera mais os aspectos formais dos verbos, a abordagem funcionalista, em especial a GDF, leva em consideração tanto as propriedades formais quanto as propriedades funcionais atinentes ao funcionamento da classe verbal. Em linhas gerais, os estudos realizados com base nos princípios teóricos da GR mostram que os itens verbais (verbos plenos/predicadores), na medida em que se gramaticalizam, podem assumir funções mais gramaticais na língua, tais como as de verbo auxiliar aspectual, operador modal, operador evidencial, marcador discursivo, dentre outras. Assim, a partir dessa primeira observação, o nosso intuito é mostrar como podemos entender o processo de GR dos verbos “ver” e “olhar” no português com base em um modelo teórico estratificado, que reserva ao nível pragmático (Nível Interpessoal) o lugar para todos aqueles usos que estão situados no trajeto que envolve a relação interacional entre falante e ouvinte, isto é, os processos de negociação de sentidos decorrentes das ações comunicativas do falante e do ouvinte. Nesse caso, o nível pragmático não busca dar conta somente dos casos de marcadores discursivos de natureza interacional e textual, mas de todos aqueles usos que envolvam algum

³ Para a Gramática Discursivo-Funcional, todo e qualquer processo de análise considera a tese de que sempre se parte da intenção comunicativa do falante (do que o falante deseja) para o processo de codificação morfossintática e/ou fonológica. Trata-se, então, de uma proposta distinta do modelo *bottom-up* (DIK, 1989;1997), que considerava o caminho contrário, isto é, da codificação morfossintática/fonológica para a intenção comunicativa.

⁴ Cf.: “within the top-down organization of the grammar, pragmatics governs semantics, pragmatics and semantics govern morphosyntax, and pragmatics, semantics and morphosyntax govern phonology” (p. 13).

tipo de estratégia por parte dos participantes da comunicação para atingir os seus propósitos comunicativos, tais como a atenuação, a mitigação, a polidez, entre outras.

Levando em consideração as observações feitas até aqui, o nosso objetivo secundário é levantar evidências de ordem pragmática, semântica, morfossintática e fonológica, em termos de redução da massa fônica, atreladas à mudança dos verbos “ver” e “olhar”, incluindo os casos em que esses verbos compõem construções com funções diversas, tanto no que se refere às mudanças de caráter formal quanto no que se refere às mudanças de conteúdo. Para atingir esses objetivos, a pesquisa se propõe a analisar os seguintes objetivos específicos:

- (i) identificar os contextos de uso que favorecem o emprego de “ver” e “olhar” com diferentes valores/funções no português falado do interior paulista;
- (ii) verificar se, com relação às funções discursivas desempenhadas por esses itens, há algum tipo de especialização na composição dessas funções, isto é, verificar, com base em Rost (2008), Rost-snichelotto (2009), Carvalho (2017) e Carvalho e Gomes (2017), se há funções que estão mais atreladas à organização do texto e outras que estão mais atreladas à organização da interação, tais como as de checagem de atenção do interlocutor, advertência, atenuação, prefaciação, dentre outras;
- (iii) por fim, investigar se é possível traçar um paralelo no tocante às trajetórias de GR dos itens verbais “ver” e “olhar”, em termos de mudanças de conteúdo e de forma, de maneira a identificar possíveis pontos de convergência e/ou dissonância entre os seus usos.

Ao investigarmos, portanto, o comportamento dos verbos “ver” e “olhar” no português falado do interior paulista, cujas condições de produção privilegiam a ocorrência de diferentes usos desses verbos, o propósito é buscar evidências morfossintáticas e semânticas que possam contribuir para a proposição de uma trajetória de GR para os itens verbais “ver” e “olhar” no português brasileiro, a partir dos pressupostos teóricos de GR da GDF, que faz distinção operacional necessária entre a dimensão propriamente semântica da língua (Nível Representacional) e a dimensão pragmática (Nível Interpessoal). Esse modo de organização da teoria contribui, a nosso ver, para uma explicação mais sistematizada dos usos de “ver” e “olhar”, uma vez que vários dos estudos existentes sobre a GR de formas verbais acabam alocando em uma mesma dimensão usos que pertencem a camadas distintas dos níveis Representacional e Interpessoal, fato que justifica, portanto, a realização deste estudo.

A principal hipótese que defendemos nesta pesquisa é a de que existe uma estreita correlação entre os estágios mais avançados de GR das formas verbais “ver” e “olhar”, em

termos de expansão funcional em relação aos níveis e às camadas de organização da gramática (HENGEVELD, 2017), e a expressão (ou não) do argumento sujeito; o tipo de pessoa do discurso (CARVALHO, 2017); o tipo de tempo/modo verbal; e o tipo de ilocução dos enunciados em que esses verbos ocorrem. Em outras palavras, no que se refere aos usos mais discursivos/gramaticais, defendemos que muitos dos usos desses itens verbais como marcadores discursivos emergem na língua em contextos de segunda pessoa do singular do modo imperativo (CARVALHO, 2017), tais como: o marcador discursivo de função interpelativa, o marcador discursivo de função instrucional, o marcador discursivo de função interjetiva, dentre outros, ao passo que outros usos estão mais relacionados à primeira pessoa do singular do modo indicativo (no presente e pretérito perfeito), tais como os casos em que os verbos “ver” e “olhar” atuam como verbos de percepção evidencial (VENDRAME, 2010, p. 58) e percepção visual direta (VENDRAME, 2010; HENGEVELD *et al.*, 2019). A ilocução declarativa, por exemplo, tenderia a favorecer a ocorrência de usos de percepção visual, evidencial e marcador discursivo (do tipo constatativo, atenuador, opinativo etc.), já a ilocução imperativa tenderia a favorecer a ocorrência de marcadores discursivos de natureza interpelativa, instrucional e interjetiva, dada a direcionalidade ao ouvinte, ou seja, a pessoa com quem se fala e sobre quem o falante espera agir ou mudar o comportamento de alguma forma.

A fim de alcançarmos esses objetivos, esta dissertação está organizada em seis seções. A seção 1 é dedicada à introdução da presente pesquisa; em seguida, na seção 2, apresentamos um breve apanhado sobre os verbos “ver” e “olhar”; na sequência, na seção 3, tratamos dos subsídios teóricos da GDF (HENGEVELD e MACKENZIE, 2008) e da GR (HOPPER E TRAUGOTT, 1993; TRAUGOTT, 1995; HEINE *et al.*, 1991 e BYBEE, 2003) que embasam o nosso estudo. Na seção 4, expomos os procedimentos metodológicos que norteiam a análise de dados. Na seção 5, apresentamos a descrição e análise dos usos de “ver” e “olhar”. Finalmente, tecemos as considerações finais, na seção 6, em que apresentamos os resultados em termos gerais e pontuamos encaminhamentos futuros.

2 OS VERBOS “VER” E “OLHAR” NA LITERATURA LINGUÍSTICA

Há uma infinidade de estudos e pesquisas, de orientação formalista e funcionalista, sobre os diferentes usos dos verbos de percepção “ver” e “olhar” e o comportamento morfossintático e semântico desses verbos em diferentes línguas. Apesar de reconhecermos a importância desses estudos para os estudos linguísticos e para a própria compreensão desses verbos nas línguas, apresentaremos aqui apenas um apanhado do que alguns autores, mais embasados em uma perspectiva funcionalista da linguagem, dizem sobre esses verbos.

Rost (2002), em um estudo sobre os usos discursivos dos verbos “ver” e “olhar” no português, traça um histórico sobre esses verbos e discorre sobre alguns contextos que podem ter favorecido a formação e a consolidação de marcadores discursivos a partir dessas formas verbais, que, ao que parece, são também muito produtivas em outras línguas como fontes de produção para vários tipos de marcadores discursivos (de organização da interação e do texto).

Quanto aos verbos “ver” e “olhar”, Rost (2002, p.120) diz que, historicamente, o verbo “olhar” vem do verbo latino “*oculare*”, com o sentido de “dar vista”. Segundo a autora, na passagem do latim para o português, os dicionários trazem em seus registros que “olhar” é usado com o significado de “fitar os olhos em”, “mirar”, referindo-se a uma situação contextual concreta. Já o verbo “ver”, conforme Rost, deriva do latim “*videre*”, cujo sentido original era de “avistar”, “empregar vista”, “perceber pela vista”. Na passagem do latim para o português contemporâneo, tal verbo é empregado em sua acepção mais concreta, como “conhecer ou perceber pela visão”. Ambas as formas verbais, “olhar” e “ver”, estão, segundo Rost, diretamente relacionadas à percepção “físico-espacial”. Para Vendrame (2010) e Ferrari (2012), “ver” é um verbo de percepção visual passiva, ao passo que o verbo “olhar” é de percepção visual ativa, justamente porque este verbo implica algum tipo de movimento do indivíduo em direção ao objeto/ponto de observação; já o indivíduo do verbo “ver” é um sujeito paciente.

A fim de compreendermos os diferentes usos e os caminhos de mudança linguística experimentados por cada um desses verbos, trataremos, a seguir, das principais acepções semânticas e seus respectivos exemplos de uso trazidos por alguns dicionários da Língua portuguesa, em especial o Moderno Dicionário da Língua Portuguesa (MICHAELIS, 2021) disponibilizado na internet de forma gratuita, e o Dicionário UNESP do Português Contemporâneo (BORBA, 2021).

2.1 Definição e acepções semânticas dos verbos “ver” e “olhar” no português

Com relação aos sentidos expressos pelo verbo “ver”, os dicionários (MICHAELIS, 2021; BORBA, 2004) trazem, em geral, as seguintes acepções semânticas:

- *Como verbo transitivo direto e Verbo intransitivo*

Sentido 1: Perceber pelo sentido da visão; enxergar.

Exemplo: *Pedro viu o menino escondido atrás da porta.* (BORBA, 2004, p. 1422)

Depois do acidente, o médico constatou que ela nunca mais iria ver. (MICHAELIS, 2021)

Apesar de esses usos serem retratados com o sentido de visão, pode-se notar que o segundo exemplo salienta mais a ideia de capacidade do indivíduo de enxergar algo e não propriamente a ideia de percepção de algo por meio da visão. Um uso semelhante aparece logo abaixo, em que se percebe que o sentido de “ver” está ligado à ideia de ter condições de enxergar algo por meio da visão a partir de determinadas circunstâncias favorecedoras. Além disso, o exemplo abaixo representa um caso de perífrase com verbo modal.

- *Como verbo transitivo direto*

Sentido 2: Alcançar com a vista; avistar, distinguir, divisar, enxergar.

Exemplo: *“As poucas paredes interiores de alvenaria foram projetadas de modo que quem entrasse no jardim poderia ver o oceano e as ilhas ao fundo, através da casa”* (CB). (MICHAELIS, 2021)

- *Verbo transitivo direto e Verbo pronominal*

Sentido 3: Olhar para (alguém, algo ou a si mesmo); contemplar(-se), mirar(-se):

Exemplos: *Ficou um bom tempo vendo as vitrines da galeria mais famosa do mundo.*

Viu-se no espelho e concluiu que estava linda. (MICHAELIS, 2021)

Nos exemplos acima, o dicionarista não faz menção ao fato de que, embora o verbo “ver” seja classificado como verbo de percepção passiva, os sentidos são relativamente distintos, isto é, no exemplo “Ficou um bom tempo vendo as vitrines [...]”, parece que o contexto de uso aponta para uma leitura ativa do verbo, de alguém que se coloca diante de algo com algum propósito.

- *Verbo transitivo direto*

Sentido 4: Ser espectador ou testemunha de; estar presente a; assistir, testemunhar:

Exemplo: *O porteiro viu o crime acontecer.* (MICHAELIS, 2021)

A abordagem predominantemente sintática dos dicionários não privilegia nem distingue os diferentes tipos de complemento do verbo “ver” em termos formais e semânticos. No exemplo “O porteiro viu o crime acontecer”, temos aí um caso de complemento oracional na forma não-finita que designa um estado-de-coisas [*alguém testemunhou um evento*].

- *Verbo transitivo direto*

Sentido 5 (por extensão): Assistir; ouvir e acompanhar telenovelas/programas na televisão:

Exemplo: *Ela adora ver a novela das seis da tarde.* (MICHAELIS, 2021)

- *Verbo transitivo direto*

Sentido 6: Ter conhecimento, contato ou experiência de; conhecer:

Exemplo: “– Isto não é bilhete de nada – disse ele. – Nunca vi bilhete como este, isto aqui não é nada. – Tá de cabeça pra baixo, tchê” (JU). (MICHAELIS, 2021)

- *Verbo transitivo direto*

Sentido 7: Dar-se conta; tomar conhecimento/consciência de; entender, perceber:

Exemplo: “Terminada a tarefa, [...] viu que tudo estava bem e saiu a limpar os outros compartimentos do palacete municipal” (EV). (MICHAELIS, 2021)

O sentido 7, por exemplo, aponta para outro uso distinto de “ver”, de natureza dedutiva, que os dicionaristas não discutem em suas obras. Trata-se de um uso de “ver” de percepção indireta que encaixa um complemento oracional finito. Nesse caso, a percepção de algo não é visual, mas sim de dedução, pois, para fazer tal observação “de que tudo estava bem”, o falante certamente levou em consideração alguma evidência externa, que resultou no seu cálculo mental (VENDRAME, 2010), como por exemplo o fato de que não havia sujeira no ambiente.

- *Verbo transitivo indireto*

Sentido 8: Considerar como bom e atraente:

Exemplo: *Não sei o que ele vê naquela mulher tão vulgar.* (MICHAELIS, 2021)

- *Verbo transitivo direto*

Sentido 9: Atentar para, ter em conta; observar, olhar, reparar:

Exemplo: *O síndico vai **ver** a convenção do prédio para decidir a multa que aplicará ao contraventor.* (MICHAELIS, 2021)

O sentido 9, listado anteriormente, é de natureza perifrástica e aponta para uma leitura mais cognitiva, inferencial por parte do falante acerca de algo. O verbo “ver” é usado mais com o sentido de analisar ou conferir um documento (convenção) para alguma finalidade.

- *Verbo transitivo direto*

Sentido 10: Usar da observação; notar, perceber, reparar:

Exemplo: *“Assim que a bela voltou, agarrou-a debaixo da garoa. – Vamos sentar, meu bem. – Não **vê** que o banco está molhado?”* (DT). (MICHAELIS, 2021)

- *Verbo transitivo direto*

Sentido 11: Tomar cuidado com; atentar em; cuidar:

Exemplo: *Você precisa **ver** onde anda.* (MICHAELIS, 2021)

- *Verbo transitivo direto*

Sentido 12: Chegar à conclusão de; concluir, deduzir, inferir:

Exemplo: *“[...] e a relembrar a curta campanha do namoro Guiomar confessou ao marido que naquela ocasião lhe conheceu todo o poder da sua vontade. – **Vi** que você era homem resoluto, disse a moça a Luís Alves, que, assentado, a escutava”* (MA1). (MICHAELIS, 2021)

O sentido 12 é muito semelhante aos sentidos 10 e 7, pois esses três casos tomam como complemento uma oração na forma finita e a leitura perceptiva é de caráter inferencial (e não direta), ou seja, o falante não vê algo diretamente pela visão, mas infere algo a partir de evidências. Nos três casos, o complemento tomado pelo verbo designa episódio.

- *Verbo transitivo direto*

Sentido 13: Reconhecer e admitir como verdadeiro; constatar:

Exemplo: *“Não **vi** mudança alguma para melhor. Até mesmo os velhos servidores da Monarquia continuam a exercer posições e a ter a mesma influência e prestígio que antes”.* (MICHAELIS, 2021)

- *Verbo transitivo direto*

Sentido 14: Fazer a prova de algo; experimentar, provar, verificar:

Exemplo: *Por favor, **veja** se falta algum tempero na sopa.* (MICHAELIS, 2021)

Outro sentido pouco discutido nos dicionários é o que se observa no exemplo anterior. Nesse caso, o exemplo em questão ilustra um uso multifuncional do verbo “ver”, uma vez que ele é usado com o sentido sensorial de gustação e não de percepção visual de algo.

- *Verbo transitivo direto e Verbo pronominal*

Sentido 15: Encontrar-se com outro ou um com outro; avistar-se:

Exemplos: ***Vê** a mãe aos domingos.*

*Os namorados **veem-se** todos os dias.* (MICHAELIS, 2021)

- *Verbo transitivo direto e Verbo pronominal*

Sentido 16: Manter contato com alguém ou um com outro; estar junto; conviver:

Exemplos: *Minha irmã **vê** as colegas da escola até hoje.*

*Depois que terminaram o noivado, não se **veem** mais.* (MICHAELIS, 2021)

- *Verbo transitivo direto*

Sentido 17: Ir para conhecer, percorrer ou rever alguém ou um lugar; visitar:

Exemplo: *Foi com a família **ver** as Cataratas do Iguaçu.* (MICHAELIS, 2021)

- *Verbo transitivo direto*

Sentido 18: Visitar (algo ou alguém) para prestar algum serviço profissional:

Exemplo: *A vendedora de uma marca de cosméticos famosa costuma **ver** seus clientes para oferecer-lhes novos produtos.* (MICHAELIS, 2021)

- *Verbo transitivo direto*

Sentido 19: Consultar-se com médico, terapeuta, cartomante etc.:

Exemplo: *Você está mal há vários dias; acho que deveria **ver** um médico.* (MICHAELIS, 2021)

No exemplo 19, acima, verifica-se que o falante faz uso do verbo “ver” com o sentido de procurar ou consultar um médico, portanto, trata-se de outro sentido de caráter mais abstrato.

- *Verbo transitivo direto*

Sentido 20: Fazer investigação sobre; examinar, investigar, perguntar:

Exemplo: *Ficarei muito feliz se você conseguir **ver** se ele é solteiro.* (MICHAELIS, 2021)

- *Verbo transitivo direto*

Sentido 21: Pesquisar algo em; estudar, ler, procurar:

Exemplo: **Vejo** o jornal inteirinho, até o obituário, logo no café da manhã. (MICHAELIS, 2021)

- *Verbo transitivo direto*

Sentido 22: Examinar atenciosa e minuciosamente; analisar, conferir:

Exemplo: Ela **vê** atentamente o extrato do cartão de crédito. (MICHAELIS, 2021)

- *Verbo transitivo direto*

Sentido 23: Fazer a avaliação de; calcular, ponderar, sopesar:

Exemplo: Precisamos **ver** se vale a pena mesmo este contrato que firmamos. (MICHAELIS, 2021)

Em construções encabeçadas pela estrutura condicional com “se”, o uso do verbo “ver” ganha uma conotação mais de avaliação cognitiva de algo, com a ideia de averiguação, possibilidade e projeção de realização de algo para um tempo futuro (CARVALHO, 2017). Esse uso aparece basicamente em contextos que envolvem algum tipo de cálculo do falante sobre a possibilidade e ou viabilidade de realização de alguma operação. Comparativamente, esse uso é diferente do sentido 25 listado abaixo, que projeta claramente algo para o futuro.

- *Verbo transitivo direto e Verbo pronominal*

Sentido 24: Fazer julgamento de outrem ou de si próprio; avaliar-se, considerar-se/reputar-se:

Exemplos: Não a **vejo** como uma rival.

Ele se **vê** como um pobre coitado. (MICHAELIS, 2021)

- *Verbo transitivo direto*

Sentido 25: Providenciar algo para alguém, para uma finalidade; ir buscar, trazer:

Exemplo: Ele disse que vai **ver** um emprego para meu sobrinho na empresa em que trabalha. (MICHAELIS, 2021)

- *Verbo transitivo direto*

Sentido 26: Fazer uma experiência ou tentativa no sentido de obter um resultado:

Exemplo: Passei a manhã inteira **vendo** se conseguia desbloquear meu cartão de crédito. (MICHAELIS, 2021)

- *Verbo transitivo direto e Verbo pronominal*

Sentido 27: Encontrar-se em alguma condição, estado ou situação:

Exemplos: *De repente, **viu** todas as suas economias desaparecerem, tragadas por um sócio corrupto.*

*Depois da separação, ela se **viu** sozinha, sem emprego e longe de sua família. (MICHAELIS, 2021)*

- *Verbo pronominal*

Sentido 28: Reconhecer-se vencido, perdedor etc.:

Exemplo: ***Vê-se** como um lutador que entregou os pontos. (MICHAELIS, 2021)*

- *Verbo transitivo direto*

Sentido 29: FIG Imaginar coisas ou ter ideias fantásticas ou falsas sobre algo; fantasiar:

Exemplo: *Ela **vê** que há sempre alguém querendo puxar-lhe o tapete. (MICHAELIS, 2021)*

- *Verbo transitivo direto*

Sentido 30: FIG Ter capacidade de antecipar conhecimentos; antever, prever:

Exemplo: *No momento, **vejo** situações muito graves acontecendo em breve. (MICHAELIS, 2021)*

- *Verbo transitivo direto*

Sentido 31: FIG Fazer voltar à memória, à mente; evocar, recordar:

Exemplo: *No mês de junho, mesmo depois de tantos anos, ainda **via** as festas que eram feitas no sítio de sua família, com muita pamonha, canjica e quentão. (MICHAELIS, 2021)*

Há casos, ainda, como os que são apresentados por Borba (2004), que evidenciam a grande produtividade dessa forma verbal para compor expressões cristalizadas ou expressões idiomáticas (XATARA, 1995), cujos sentidos são oriundos da construção como um todo e não da soma do sentido de cada uma das partes que compõem a expressão. Assim, nesses casos, o que se tem é uma nova entrada lexical, pois o sentido da expressão, apesar de preservar algum traço semântico do sentido original do verbo “ver”, é diferente do sentido de percepção visual. Vejamos alguns exemplos do uso de “ver” em expressões idiomáticas:

- **a+poss+v** (segundo meu/seu/nosso modo de pensar):

Exemplos: ***A meu ver**, todos vão chegar, sem pressão, a um proveitoso entendimento.*

***A nosso ver**, o intercâmbio deveria ser feito não só entre as Escolas Superiores e as empresas.*

(BORBA, 2004, p. 1422)

- **v+com bons olhos** (usada para aprovação ou desaprovação de algo):

Exemplo: *Contam que os índios não **viram com bons olhos** a chegada das caravelas.* (BORBA, 2004, p. 1422)

- **já viu** (usada para reforçar uma constatação ou para chamar a atenção sobre algo):

Exemplo: *Mariana com aquele sorriso e com aquele jeitinho, **já viu**, cativa a todos.* (BORBA, 2004, p. 1422)

- **só ver_gerúndio** (usada para expressar admiração ou espanto):

Exemplo: *O avô gosta da criança que (é) **só vendo**.* (BORBA, 2004, p. 1422)

- **onde já se viu** (usada para expressar admiração ou espanto diante de um fato):

Exemplo: ***Onde já se viu** tamanho atrevimento!* (BORBA, 2004, p. 1422)

- **vai ver (que)** (indica dúvida ou possibilidade):

Exemplo: *Deixa primeiro o moço sentar, tomar café, comer qualquer coisa, **vai ver que** ele ainda nem almoçou.* (BORBA, 2004, p. 1422)

- **vê/veja lá** (usada para advertência):

Exemplo: ***Veja lá!** Comigo não admito brincadeira.* (BORBA, 2004, p. 1422)

Algumas dessas expressões, tais como “vai ver (que)”, funcionam como operador modal epistêmico de dúvida/incerteza, enquanto outras, como “veja lá”, “veja bem” e “onde já se viu”, funcionam, como veremos mais adiante, como marcadores discursivos, com funções que variam entre organização da interação e a organização do texto.

As acepções semânticas apresentadas pelos dicionários⁵ Michaelis (2021) e Borba (2004) registram diferentes sentidos que são captados pelo modelo de organização em níveis e camadas da linguagem proposto por Hengeveld e Mackenzie (2008), uma vez que os exemplos e as definições listados pelos dicionaristas refletem os diferentes tipos de percepção visual e percepção direta ou indireta (evidenciais/inferenciais) designados pelos complementos tomados

⁵ O critério considerado para depreensão dos sentidos de “ver” é a classificação sintática desse verbo, visto que, há uma uniformização feita pelos dicionários consultados ao não considerarem que há, por exemplo, diferentes configurações sintáticas de “ver” e/ou de suas completivas quando esse verbo é transitivo direto.

pelo verbo “ver”: nesse caso, os exemplos verificados nos dicionários denotam casos de percepção de indivíduo (*Ficou um bom tempo **vendo** as vitrines da galeria mais famosa do mundo* (MICHAELIS, 2021)), percepção de evento (*O porteiro **viu** o crime acontecer* (MICHAELIS, 2021)), percepção indireta de conteúdo proposicional (*Ela **vê** que há sempre alguém querendo puxar-lhe o tapete* (MICHAELIS, 2021)) e percepção dedutiva de episódios (*Terminada a tarefa, [...] **viu** que tudo estava bem e saiu a limpar os outros compartimentos do palacete municipal* (MICHAELIS, 2021)), operador de dúvida/possibilidade (***Vai ver** ele nem almoçou ainda* (BORBA, 2004, p. 1422)), que estão localizados no nível semântico da gramática (ou Nível Representacional, segundo Hengeveld e Mackenzie, 2008), e operador de mitigação (*Me **vê** um cachorro quente com muita mostarda e purê, por favor* (BORBA, 2004, p. 1422)) e marcador discursivo (*Faz seis anos que Beth está fazendo 24 anos, **vê se pode*** (BORBA, 2004, p. 1422)), que está localizado no nível pragmático (Nível Interpessoal da GDF). Esse uso como marcador discursivo ocorre, em geral, nos contextos em que o falante busca expressar sua admiração/surpresa em relação a algo; não se trata mais de um uso do verbo “ver” como predicador verbal de percepção visual, pois o seu funcionamento é de natureza discursiva e não mais argumental, é orientado para a organização da interação (RISSO, 2002; GUERRA, 2007; ROBUSTE, 2018) como um marcador discursivo interjetivo.

Esses diferentes sentidos representam diferentes usos linguísticos, voltados para situações específicas de comunicação, que se distribuem em uma escala que vai do mais lexical (nas situações em que o verbo “ver” atua como predicador verbal de percepção visual direta) para o mais gramatical (em situações em que esse verbo integra construções perifrásticas do tipo “ver se” e “vai ver”, que são usadas, respectivamente, para indicar algum tipo de projeção de algo para um tempo futuro e possibilidade (CARVALHO, 2006)). No entanto, os sentidos elencados pelos dicionaristas não contemplam todas as possibilidades de usos que se verificam com frequência nas mais diversas situações de comunicação, o que mais uma vez justifica a realização do estudo do processo de GR de “ver” e “olhar”.

Com relação aos sentidos do verbo “olhar”, os dicionários (MICHAELIS, 2021; BORBA, 2004) trazem as seguintes acepções semânticas e seus respectivos exemplos de uso:

- *Verbo transitivo direto, Verbo transitivo indireto e Verbo pronominal*

Sentido 1: Fixar os olhos em (alguém, algo ou si mesmo); encarar-se mutuamente; contemplar(-se), fitar(-se), mirar(-se):

Exemplos: *Parou para **olhar** o famoso cantor.*

***Olhava** para o filho adormecido e fazia planos futuros.*

Olharam-se com ódio. (MICHAELIS, 2021; BORBA, 2004)

- *Verbo intransitivo*

Sentido 2: Exercer ou aplicar o sentido da visão:

Exemplo: *Não vamos comprar nada, viemos apenas **olhar**.* (MICHAELIS, 2021)

- *Verbo transitivo direto e Verbo transitivo indireto*

Sentido 3: FIG Estar voltado para ou em frente de:

Exemplos: *Sua janela **olhava** o largo da Matriz.*

*A estátua **olha** para o levante.* (MICHAELIS, 2021)

- *Verbo transitivo indireto*

Sentido 4: FIG Estar mais acima; ocupar posição sobranceira:

Exemplo: *O colégio **olhava** sobre duas ladeiras.* (MICHAELIS, 2021)

- *Verbo transitivo direto e Verbo transitivo indireto*

Sentido 5: Tomar conta de; tratar com cuidado ou zelo; cuidar, velar:

Exemplos: *Por favor, **olhe** o bebê enquanto tomo banho.*

*Esses inquilinos não têm **olhado** pela conservação do imóvel.* (MICHAELIS, 2021)

Apesar de serem agrupados sob um mesmo rótulo, os sentidos expressos nos exemplos acima são distintos. No primeiro caso, o sentido é de “cuidar/tomar conta do bebê”, ao passo que, no segundo exemplo, o sentido é de “zelar” alguma coisa. Já o exemplo dado no sentido 8, mais adiante, apesar de semelhante ao primeiro, aqui, mencionado, toma como complemento um evento, como se a ação de brincar, realizada pela menina fosse um perigo em potencial, que a exponha a algum possível risco, denotando sentido de proteção ao verbo. De qualquer forma, esses usos já apontam para um processo de abstratização semântica do verbo “olhar”.

- *Verbo transitivo direto e Verbo transitivo indireto*

Sentido 6: Atender a; ter em conta ou em vista; analisar, considerar, ponderar:

Exemplo: ***Olha** o que fazes.*

*Para atingir seus objetivos não **olha** aos meios.* (MICHAELIS, 2021)

- *Verbo transitivo indireto*

Sentido 7: Dispensar atenção a; interessar-se por; guardar, proteger, velar:

Exemplo: *Rogo a Deus que **olhe** por nós.* (MICHAELIS, 2021; BORBA, 2004)

- *Verbo transitivo direto*

Sentido 8: Preservar de riscos e perigos; defender, proteger, resguardar:

Exemplo: *Duas empregadas **olham** a menina enquanto ela brinca na praça.* (MICHAELIS, 2021)

- *Verbo transitivo direto*

Sentido 9: Ler às pressas, sem atenção; folhear:

Exemplo: ***Olhava** o relatório enquanto falava ao telefone.* (MICHAELIS, 2021)

- *Verbo transitivo direto*

Sentido 10: Contemplar atentamente (em pensamento); admirar, apreciar, observar:

Exemplo: *Gosta de **olhar** as estrelas.* (MICHAELIS, 2021)

- *Verbo transitivo direto e Verbo transitivo indireto*

Sentido 11: Submeter (alguém, algo ou a si próprio) a análise, avaliação, crítica etc.; analisar, avaliar:

Exemplo: *Devemos **olhar** para o problema a partir de novas perspectivas.* (MICHAELIS, 2021)

- *Expressões*

- **E olhe lá**: expressão com que se dá a entender que uma quantidade ou uma qualidade representa o máximo ou o mínimo a que se pode chegar:

Exemplo: *Com seu talento, um dia ele será um grande ator, e **olhe lá!*** (MICHAELIS, 2021)

Com exceção de um e outro exemplo e do uso em expressão cristalizada, em que o sentido já se encontra mais abstratizado ou possui um sentido bem diferente do sentido original, o verbo “olhar” é retratado, em geral, nos dicionários como verbo de percepção visual, com o sentido de “fixar os olhos em alguém, alguma coisa ou em si mesmo; encarar-se mutuamente; contemplar alguém ou alguma coisa, mirar(-se)”. As acepções semânticas apresentadas nesses dicionários não incluem os usos do verbo “olhar” como marcador discursivo, exercendo diferentes funções discursivas e operando em diferentes situações comunicativas. Outra observação pertinente a respeito do verbo “olhar” é que, nos exemplos levantados nos

dicionários, ele não encaixa complementos oracionais na forma finita, que tendem mais para uma leitura inferencial.

Comparando os dois verbos, “ver” e “olhar”, pelas definições dadas pelos dicionários, nota-se que o verbo “ver” é aparentemente mais polissêmico, multifuncional (verbo, operador de dúvida etc.). E, levando em consideração essa observação, supomos que talvez se encontre em um estágio mais avançado de GR.

2.2 Os sentidos de “ver” e “olhar” no período medieval do português

O Dicionário do Português medieval (DPM), coordenado pela Professora M. Francisca Xavier, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa/CLUNL, mostra que alguns dos usos dos verbos “ver” e “olhar”, tidos como mais gramaticalizados, em especial aqueles que envolvem algum tipo de inferência por parte do falante com relação a alguém ou alguma coisa, já apareciam no português medieval, o que indica que o processo de mudança linguística desses verbos já data de muitos séculos atrás, iniciado, muito provavelmente, na passagem do latim vulgar para o português. Vejamos a seguir alguns usos:

Sentido 1: ver, observar, verificar⁶

a) *alguém vê algo*:

[— SN]

Século	Ocorrência
XIII (1255)	<i>Sabiam todos aqueles q(ue) esta carta uirẽ q(ue) eu don Alfonso pela graça de deus Rey d(e) Portugal & Conde d(e) Bolonia fazo carta de foro (CA01 PEs)</i>
XV (1489)	<i>Primeyramente se pecou em ueendo as cousas do mundo e sem proueyto. (TC)</i>
XVI (1504)	<i>Desta maneira, pella fe e autoridade divinal, ho entendimẽto do christaão, movido per sua propia e livre voontade, he induzido, sojugado e vencido a se acheguar e, firme e determinadamente, teer ho que da verdade primeyra e sobrenatural, que he Deos, nom vee nem conhece. (Cat)</i>
(DICIONÁRIO DO PORTUGUÊS MEDIEVAL - CIPM)	

b) *alguém vê fazer/acontecer*:

[— Vinf]

⁶ Para mais informações sobre a composição das obras de citação utilizadas pela equipe de organização do Dicionário do Português Medieval, conferir o quadro ao final desta dissertação.

XIII (1280?)	ou s[e] o matar accurrêdo a seu senhor q(ue) ueya matar ou q(ue) q(ue)yrã matar (FR PBA)
XV (1453?)	E que ella a ueJa comsselhar com algũa outra molher de ssua casa. (LTV).
(DICIONÁRIO DO PORTUGUÊS MEDIEVAL - CIPM)	

Além dos usos de “ver” como verbo de percepção visual direta nos séculos XIII e XIV, o primeiro exemplo referente ao século XIII (*viram que eu Don Alfonso...*) mostra que o verbo “ver” já encaixava complementos oracionais na forma finita, o que indica que, neste século, esse verbo já era usado com um sentido inferencial (de percepção indireta). Os três últimos exemplos do quadro a seguir reforçam a existência de usos inferenciais no português arcaico. A diferença desses usos históricos de inferência para os usos inferenciais do português contemporâneo está na própria composição morfossintática do verbo “ver” e seus complementos. No português arcaico, era muito comum encontrar elementos circunstanciais entre o verbo e seu complemento finito, tais como “a cada dia”, “sempre”, “hoje”, dentre outros. Com o passar do tempo, as fronteiras sintáticas entre o verbo e o complemento se tornaram mais rígidas, inibindo a ocorrência desses elementos circunstanciais, enrijecendo, assim, a estrutura de encaixamento.

c) *alguém vê que...*:

[— que/(em) como F_ind]

XIII (1278)	E q(ue) ueia en como fazedes meu mādado (CA26 PEs)
XIII (1280?)	E ueem(os) q(ue) aquelles que deritamête o fazem ac(re)centalhes Deus seus bees (FR PBA)
XV (1489)	asy como ueemos cada dia que os malfeytores cõpdanã a morte per os algozes que os matã per mādado da iustiça (TC)
XVI (1504)	E assi quẽ tener sobejo, scilicet, aaleẽ do neçessario pera sua vida e de seus familiares e sobejo aalẽ do neçessario pera seu deçẽte e cõveniẽte estado e de sua familia, he obrigado a socorrer e fazer esmola a quẽ lhe ocorre e vêe que he posto ã evidẽte, crara e urgẽte necessidade de sua vida e de sua familia, ou de seu estado cõveniẽte e de seus familiares, posto que seja pecador (CA _t)
(DICIONÁRIO DO PORTUGUÊS MEDIEVAL - CIPM)	

O contexto morfossintático descrito em “d)” ilustra os casos em que o verbo “ver” é usado com o pronome reflexivo “-se”, com um sentido mais abstrato que se afasta da noção de percepção visual. Trata-se de um uso que se aproxima do sentido de “dar-se conta de algo”.

d) *alguém vê-se feito a algo:*

[— V-pflex SP]

XVI (1500?)	uẽdo-se chegado a morte, disse que se doya muyto porque leixaua esta uida (OE)
(DICIONÁRIO DO PORTUGUÊS MEDIEVAL - CIPM)	

Sentido 2: ver, achar, considerar

a) *alguém vê algo:*

[— SN]

XIII (1273)	damusli ainda pudér de compuér se uîr mistér
XV (1453?)	E nom he duujda que hũa mulher he mais temida & lh(e) am mayor Reuerença que ao homem quamdo a ueem sajes & de pesados costumes
XVI (1504)	¡Quẽ per falsas palavras tirou a fama de seu proximo levantando.lhe alguũ crime ou pecado mortal que nom fez, ou acrescêta cousa notavel em ho mal que fez, ou cala ho beem que fez quãdo dizer.se lhe veẽ proveito, ou diz menos do beẽ que fez
(DICIONÁRIO DO PORTUGUÊS MEDIEVAL - CIPM)	

O sentido listado acima também é polissêmico, pois, nesse caso, “ver” é usado com o sentido de “achar, considerar”, tido como mais abstrato e próximo do polo cognitivo.

b) *alguém vê que/se...:*

[— que/se F_ind]

XIII (1265)	E nos uymos q(ue) era bẽ & dereyto de lha darmos & demoslha q(ue) a tẽgna en testemoyo (CA04 PAo)
XVI (1500)	pelo sartaão nos pareceo do mar mujto grande porque a estender olhos nom podiamos veer se nom tera E aruoredos que nos parecia muy longa terá. (CPVC)
(DICIONÁRIO DO PORTUGUÊS MEDIEVAL - CIPM)	

Os dados acima reforçam a tese de que os usos inferencial e modal de construções com o verbo “ver” já existiam no português medieval. Construções como “ver se...” são usadas pelo falante em situações em que ele deseja expressar uma possibilidade projetada para o futuro.

Sentido 3: sentir

a) *vê-se alguém em situação*

[— [SN SX]]

XIV (1300?)	E os mouros, veendose ã [grande] [estreitura] [trouv]erõ preitesia per el rey de Beeça que dariam a el rey dom Fernando quanto aver avya na villa e no alcaçer e que lhe leixasse os corpos; e que lhe daryam mais oiteenta mil maravidiis de prata. (CGE)
XVI (1506)	E, quando se uiu ãfermo de morte, mãdou trazer seu auer ante sy
(DICIONÁRIO DO PORTUGUÊS MEDIEVAL - CIPM)	

Em suma, um aspecto interessante apresentado pelo CIPM diz respeito à polissemia do verbo “ver”, muito comum no português contemporâneo (VENDRAME, 2010), que já se fazia presente no português medieval, sendo usado também com o valor semântico de “sentir” (ver = sentir). Isso certamente pode ter contribuído para o processo de GR desse verbo, que passou a exercer, ao longo do tempo, várias outras funções tidas como mais gramaticais.

Expressões:

Sentido 1: não ver a hora, desejar ardentemente

a) *alguém não vê a hora que*

[— que Fconj]

XV (1489)	Outrosy me uem fastio e emfadamêto em tal guysa que não ueio a ora que aia de acabar de rezar (TC)
(DICIONÁRIO DO PORTUGUÊS MEDIEVAL - CIPM)	

Sentido 2: ver por bem, entender

a) *alguém vê por bem / por direito / por guisado algo*

[— SN]

XIII (1214)	E den ende aos omees d'ordin de mia casa e aos leigos a que eu ño galardoei seu servizo assi com'eles uirem por guisado . (TL)
XIII (1267)	e sayan p(er) seu dereyto como uír o sennor da terra (cõ) n(os) juyzes por dereyto (FG2 PAo)
XIII (1273)	aq(ue)lo q(ue) uissem por bẽ (CA19 PAo)
(DICIONÁRIO DO PORTUGUÊS MEDIEVAL - CIPM)	

No tocante ao verbo “olhar”, o que se nota é que a maioria dos sentidos apresentados pelo Dicionário do Português Medieval está localizado na esfera da percepção direta (de alguém ver, enxergar alguém ou alguma coisa), como se observa no sentido 1 trazido pelo CIPM:

Sentido 1: olhar

a) *alguém olha (a/em/contra/pera) algo ou alguém*

[— (a/em/contra/pera) SN]

XIII/XIV	andando eu pella çidade assy como avya em custume olhando as gentes p(er)a caçar p(er)a p(er)diçom das almas dos inoçentes. (VS7)
XIV	E entom aquella sabedor reynha oolhou contra o Celestial Enperador com as mãos levantadas e desy tornou sua façe contra os povooos que com ella veheram e contra outras gentes de desvayradas seitas e de desvayradas creenças que estavam em aquelle grande canpo. (CI)
XV (1437/1438)	e temperança como estam, olhem ao comer, beber e feito de molheres como se cada hũũ governa, em que pryncipalmente tal virtude se demostra (LC)
XV (1488)	Ho octauo que nom vaa olhar os jogos e coussas deshonestas. (S)
XVI (1500)	E aa pregacom seriam na praya outra tanta Jente pouco mais ou menos como os d omtem com seus arcos E seetas os quaaes amdauam folgando E olhando nos E asentaram se (CPVC)
XVI (1500)	eses que aa preegaçam senpre esteueram estauam asy coma nos olhando pera ele. (CPVC)
XVI (1504)	Senhora, pois vees nosa miseria e tribulações e es nossa avogada, usa de teu officio e defende nosa causa diäte do juiz teu Filho e olha pera nós cõ teus olhos acostumados a senpre fazer misericordia, porque nosos olhos sempre olhã pera ty pera receberemos misericordia, como os servos olhã as mãos dos senhores pera delles receberẽ alguũ beẽ e merçee, e quẽ tu olhas nõ pode ser perdido, diz Sancto Anselmo. (Cat)
(DICIONÁRIO DO PORTUGUÊS MEDIEVAL - CIPM)	

Apesar de o dicionário CIPM inserir todos os exemplos acima em um mesmo grupo, vemos que os usos apresentam configurações morfossintáticas diferentes: alguns usos têm como complementos objetos diretos e outros, objetos indiretos. Essas diferenças acabam se refletindo no sentido, pois, às vezes, o complemento do verbo “olhar” designa um estado-de-coisas, como em “olhando as gentes p(er)a caçar p(er)a p(er)diçom das almas dos inocentes”, e, em outros casos, designa somente a percepção de um indivíduo, como em “olhar os jogos”. Do ponto de vista do complemento verbal, temos aí uma diferença formal, que aponta para um

processo de abstratização semântica ou de ampliação do escopo de elementos que podem ser tomados como complementos. É o que Hengeveld (2017) chama de expansão funcional do item linguístico.

Sentido 2: atentar

a) *alguém olha (a/em) algo*

[— (a/em) SN]

XV (1437/1438)	E ainda que muyto conuiinha seer enmendado e corregido na sustancia e modo d'escrever, por o pequeno tempo e a pressa que avya de outros feitos, e por que som certo que aa entençom principalmente olharees , nom quis sobr'elo mais trabalhar. (LC)
XV (1437/1438)	Por que poucos som os justadores que assy conheçam todos seus fallymentos, he grande vantagem aver tal que o na justa serva, que oolhe por todas estas cousas e saibha conhecer os erros cada vez que os fezer, e o avise logo delles. (LEBC)
XV (1453?)	E a booa S(e)n(h)ora esguardando estas cousas & auendo piedade da destruiçom do pouoo se trabalhara de meter paz E amoestara o p(ri)nçepe seu S(e)n(h)or & seu comsselho que esguardem bem sobr' esto amte que comecem oolhando ao mal que se pode segúir. (LTV)
XV	Olha em tres coussas e nam cairas em pecado: sabe donde veës e pera onde as de ir e amte quem as de dar comta (LHB)
XVI (1504)	Olha tua baixeza em tua cõcepça e nascêça, tua fraqueza, affliçã e brevidade de vida, a neçessidade de tua morte sem certeza de quando, como e dõde morrerás. (Cat)
(DICIONÁRIO DO PORTUGUÊS MEDIEVAL - CIPM)	

b) *alguém olha como...*

[— Q F_ind]

XV	& aymda esteve hũ pedaço que não êtroy dentro, olhando como vinhã seus ymigos. (ZPM)
(DICIONÁRIO DO PORTUGUÊS MEDIEVAL - CIPM)	

Sentido 3: assegurar, garantir

a) *alguém olha que...*

[— que Fconj]

XV (1437/1438)	Oolhe bem que, se jantar muyto, que cee temperadamente, poendo antre hũu comer e outro #VII ou #VIII oras. (LC)
XVI (1504)	E, pera bem distribuir e repartir e fugir este vicio dâpnosissimo aa comunidade, olharás que a pessoa a quẽ [h]as de dar tenha em si dignidade, (Cat)
(DICIONÁRIO DO PORTUGUÊS MEDIEVAL - CIPM)	

Sentido 4: tomar conta, cuidar

a) *alguém olha (em/por) alguém*

[— (em/por) SN]

XV	Mas empero por amor delrey de Juda oulharey por ty. (LHB)
XV	O Christo Jesus, imagem de Deus Padre, poderoso em vertude e forte em nas batalhas, muitas graças e louvores te damos que por a tua imfimda piedade quyste oulhar por os portugueses o dia de seu grão trabalho, por lhe dar homra de vencimento comtra a sanha de seus crueis imiguos! (CDJI)
XV	a vêtuyra mais ledos leixa aquelles que nũca oolhou pera lhes bemfazer, que a aquelles que oolhou e depois desenparou-os. (OE)
XVI (1504)	"Nõ há cousa tã doce como cuidar e olhar em os mãdamêtos do Senhor". (Cat)
(DICIONÁRIO DO PORTUGUÊS MEDIEVAL - CIPM)	

Sentido 5: verificar

a) *alguém olha se...*

[— se F_ind]

XV	E Martim Vasquez e outros comsigo amdavam pelos altos, olhamdo se vinham algũs pera lhe fazerem nojo. (CDJI)
(DICIONÁRIO DO PORTUGUÊS MEDIEVAL - CIPM)	

Sentido 6: procurar

a) *alguém olha por alguém*

[— SP]

XV	& dom D(ua)rte veo trazemdo sua gemte a melhor acaudellada que pôde ate açerca da villa, onde hũs começará de olhar pellos outros & acharã aaquelle caval(ei)ro menos. (ZPM)
(DICIONÁRIO DO PORTUGUÊS MEDIEVAL - CIPM)	

Sentido 7: atentar

a) *alguém olha mentes que...*

[— que Fconj]

XIV	E outrosi, quando se quiser lançar, que olhe mentes que se non lance sobre elles en tal guisa que os mate, e esta guarda lhe devem de fazer até que os cadelinhos ajam quinze dias ou vinte, ca dalli en diante seguros son destas cajoões que aqui escrevemos que lhes logo no começo poderam avir. (LM)
(DICIONÁRIO DO PORTUGUÊS MEDIEVAL - CIPM)	

Os sentidos 1 e 2 não indicam grau de abstratização, já os sentidos 3, 4, 5, 6 e 7, apesar de indicarem um grau de abstratização semântica em relação à noção básica de percepção visual, não incluem claramente os usos atrelados à inferência (percepção indireta) do falante, à evidencialidade e à discursividade (quando esse elemento verbal opera como marcador discursivo com funções diversas na língua). Os únicos exemplos que parecem operar na camada do conteúdo proposicional são dados no sentido 3 (*olhe que (X)...olharás que (X)*), pertencentes ao século XV, em que o verbo “olhar” encaixa um complemento na forma finita (com o complementizador “que”), que evidencia o caráter cognitivo/avaliativo e de conhecimento por parte do falante acerca das situações que o cercam.

2.3. Aspectos caracterizadores dos verbos “ver” e “olhar”

Para Rost (2002, p. 116), um dos traços semânticos que os verbos “ver” e “olhar” têm em comum é o fato de serem ambos classificados como verbos de percepção visual⁷. No entanto, tais formas verbais comportam-se, segundo a autora, de maneiras distintas; observação esta que também nos instigou e nos motivou a propor esta pesquisa com base nos pressupostos teóricos da GDF de Hengeveld e Mackenzie (2008) e Hengeveld (2017), por assumirmos que o modelo de organização hierárquica em níveis e camadas de complexidade linguística, que concebe a GR como um processo de expansão funcional em relação aos níveis e camadas de estruturação da GDF, é capaz de oferecer uma caracterização sistematizada mais adequada dos diferentes usos que essas formas verbais podem assumir no português falado do interior paulista.

⁷ Segundo Hengeveld *et al* (2019), outros verbos que integram a classe dos verbos de percepção visual são: *olhar*, *avistar*, *visualizar*, *enxergar*, *observar*, *notar*.

Inicialmente, trataremos das características funcionais e formais do verbo “ver”. Os exemplos, a seguir, ilustram alguns dos usos de “ver” no português brasileiro:

- (1) *Pedro viu os pássaros.* (VENDRAME, 2010, p. 34)⁸
- (2) *É, isso...porque quando assim, tem...Eu vejo pessoas inteligente conversando eu presto atenção nas conversa dela (...).* (Inf. 06, Amostra 00), p. 12) (CARVALHO, 2006, p. 534)

Em (1) e (2), o verbo “ver” funciona como verbo pleno, isto é, como predicador verbal de dois lugares, estabelecendo relação entre dois termos argumentais (argumento sujeito e o complemento), porém, nas duas ocorrências, o verbo “ver” se comporta de forma distinta em termos de complementação. Em (1), o verbo “ver” toma como complemento, segundo Vendrame (2010), um sintagma nominal que designa um indivíduo (categoria semântica representada pelo termo “os pássaros”). Já em (2), o verbo “ver” atua ainda como predicador, porém, nesse contexto, o verbo “ver” toma como complemento um estado-de-coisas nos termos de Dik (1989) (representado pela oração “pessoas inteligente conversando”). Em ambos os casos, o verbo “ver” constitui um caso de percepção direta de algo ou de um evento, entretanto, em termos comparativos, de um uso para o outro, já se percebe uma expansão funcional do verbo “ver”, pois o tipo de complemento de ambos apresenta um grau de complexidade distinto.

Outro uso que aponta para o caráter predicador do verbo “ver” é dado em (3):

- (3) *É um esporte bom, né? É um esporte legal, mas (eu)... u parei (porque)... porque tem muita coisa, assim, ... um golpe muito ruim é na cara, entendeu? (est), aí eu parei, num gostei não. Eu batia (só de) só de... do... da cabeça pra baixo só, nunca fui de batê na cara não (est) aí eu vi que num valia a pena não.* (Inf. 20, Amostra 00 (C), p.14) (CARVALHO, 2006, p. 534)

Em (3), o verbo “ver” continua sendo usado como predicador verbal, mas com um sentido mais abstrato, já que ele passa a ser usado com o sentido de “tomar consciência”, “avaliação” (CARVALHO, 2006). Nesse caso, o verbo “ver” é usado pelo falante para indicar uma avaliação que ele, falante, faz acerca de uma determinada situação sobre a qual, na opinião dele, não adianta discutir ou rebater. Trata-se de um contexto em que o verbo “ver” encaixa uma oração na forma finita, que designa, pois, um conteúdo proposicional.

Um uso do verbo “ver” que costuma causar análises distintas é o que segue em (4). Neste caso, o verbo “ver” parece ser usado como uma espécie de estratégia de mitigação daquilo que é enunciado pelo falante em uma dada situação de comunicação.

⁸ A numeração dos exemplos seguirá de forma separada para cada seção.

- (4) *Me vê um suco de laranja.* (SILVA, 2011, p. 478)

Segundo Silva (2011), em (4), o verbo *ver* é usado como estratégia de polidez linguística e carrega implicitamente uma função imperativa, o que não explica totalmente a funcionalidade desse elemento no referido contexto de comunicação. Nesse caso, a nosso ver, o uso do verbo “ver” parece atenuar o pedido do falante de modo a não soar tão invasivo ou taxativo para o ouvinte. Trata-se de um uso que está mais ancorado na dimensão pragmática da linguagem.

Vejamos a ocorrência a seguir, extraída do Facebook:

- (5) *Vi no jornal que em Duque de caxias nas proximidades da manguerinha está acontecendo tiros,e tem ônibus da viação Regina pegando fogo!* (Facebook)

Em (5), o verbo “ver” toma como complemento uma oração que caracteriza uma mensagem que tem como fonte um terceiro (o jornal) e não o falante. Em outras palavras, o falante reporta uma informação que ele leu em algum lugar, conhecida como evidencialidade reportativa (DALL’AGLIO-HATTNER; HENGVELD, 2016), cuja operação é referente ao nível pragmático da língua. Esse uso apontaria para o fato de que o verbo “ver” exerce papéis cada vez mais gramaticais, rumo ao universo interacional da linguagem. Nesse contexto, o sentido veiculado pelo verbo “ver” é ainda predicativo, mas é de natureza abstrata, isto é, o verbo “ver” deixa de ser usado com sentido de ver algo concreto (percepção visual direta de algo) para ser usado com o sentido abstrato (o falante reconta com uma informação originalmente produzida por outrem, explicitando a fonte da qual obteve tal conhecimento), o que reforça a tese de que esse verbo está expandindo funcionalmente seu escopo na gramática do português brasileiro.

O uso ilustrado abaixo representa um caso de construção auxiliar formada pelo “ir”, que carrega as marcas de flexão, e pelo verbo “ver” conjugado na forma infinitiva:

- (6) *... cê TRAI... só que ninguém VIU ah ninguém viu tal mas eu acho que acima de tudo Deus viu... e:: e:: ele é o que:: né?... é o que realmente:: vale pra tudo hoje em dia... enTÃO é ele vai VÊ(r) que você num tá fazen(d)o por merecê(r) aquela pessoa especiAL...* [AC-079-RO; L.149] (ROBUSTE, 2018, p. 100)

Segundo Robuste (2018), em (6), a perífrase verbal [ir+ver] é usada pelo falante para expressar futuridade (CASTILHO, 2002; ROBUSTE, 2018), cujo escopo recai sobre a predicação composta pelo verbo “ver”. Nesse caso, o verbo “ver” toma como complemento uma proposição, razão pela qual o seu sentido é de percepção mental.

Os usos modais também estão associados ao verbo “ver”. Vejamos:

- (7) *depois eu vô(u) te mostrá(r) uma tela que tá ali... que eu vô(u) VÊ(r) se ela tá seca... que já faz mais de cinco meses... ela tem que ficá(r) paradinha por que ela é grossa* [AC-086-RP; L.391] (ROBUSTE, 2018, p. 105)
- (8) *então vem/ tem o intestino delga::do... depois tem o do rim de/ que atravessa a per::na... ((mostra as partes de seu corpo para demonstrar)) de(i)xa eu vê(r) se eu tenho uma fotografia que eu vô(u) te mostrá(r)... ((pega um livro que está sobre a mesa)) porque eu tô aqui me lembran::do... ((folheia o livro))* [AC-140-RP; L.593] (ROBUSTE, 2018, p. 106)

Como defendido por Sousa (2007) e Robuste (2018), entendemos que, em (7), o complementizador “se” constitui parte integrante do predicado matriz [ir+ver+se], que toma como complemento um conteúdo proposicional, ou seja, em (7), a conjunção “se” é reanalisada como parte do predicado matriz, indicando um valor modal de “intenção” (ROBUSTE, 2018). É importante dizer que essa leitura é reforçada pela presença da conjunção “se”, que pertence ao domínio da condicionalidade e é responsável por indicar possibilidade. Em (8), o que se verifica é algo semelhante ao que se vê em (7). A diferença é que, em (8), o valor modal expresso pela construção [deixar+ver+se], que também forma um único predicado matriz, é de permissão (ROBUSTE, 2018; PREZOTTO JR, 2020). Segundo Robuste (2018, p. 106), como o valor de verdade da oração a qual esse predicado matriz se liga só pode ser “verificado *a posteriori* da enunciação”, o efeito de sentido que se produz é o de descomprometimento do falante com relação ao que é dito na oração escopada pelo predicado. O uso em (8) ainda não é discursivo.

Quando o sujeito da oração encaixada é diferente, em termos de correferencialidade, ao sujeito da oração da matriz, o valor modal expresso por predicados do tipo [ir+ver] é, segundo Robuste (2018, p. 110), de dúvida/incerteza, equivalente ao valor do advérbio de dúvida “talvez” ou a expressões do tipo “é possível” ou “é provável”. Vejamos:

- (9) *–... a:: idéia dele... ele falô(u) assim – “não... eu vô(u) chegár na minha mulher (eu fa/) ((risos))... só c’a mordida aqui” – aí a lo(u)cura que ele fez... ele falô(u) – “não num vai têr jeito né? (inint.) vai vêr essa mordida aqui no meu no meu:: peito vai dá(r) problema* [AC-089-NR; L.53] (ROBUSTE, 2018, p. 110)

Como se pode notar, em (9), o verbo “ver” integra uma construção de natureza aparentemente fixa, cujo sentido se distancia da ideia de percepção visual direta de algo e se aproxima de uma leitura subjetiva e/ou avaliativa de algo (nesse caso, trata-se de uma proposição) como sendo possível ou incerta. É mais um uso que opera claramente no plano semântico da língua, já que o que é avaliado é o valor/grau de certeza da proposição.

O uso de “ver”, a seguir, também parece atuar no campo da modalidade:

- (10) *O próprio trabalhador é que ainda tem que se esforçar para **ver se** consegue ter algum dinheiro (buzina) que ele já devia ter tido há muito tempo. (est) ah, não! Isso está tudo errado.* (Inf. 34, Amostra 80, p. 16) (CARVALHO, 2006, p. 534)

De acordo com Carvalho (2006), o verbo “ver”, em (10), estaria relacionado à projeção, no sentido de verificar algo no futuro, por estar em uma estrutura hipotática de finalidade. No entanto, diferentemente do que propõe a autora, tal construção parece, a nosso ver, estar mais atrelada à expressão de modalidade epistêmica de possibilidade, justamente por conta da presença da conjunção “se”. Em outras palavras, apesar do esforço, não é certeza de que o trabalhador conseguirá o dinheiro, motivo pelo qual esse uso estaria mais no campo da modalidade do que no de tempo.

O exemplo (11), extraído de Rost (2002), representa um caso em que o verbo “ver” atua como operador com função de marcador discursivo:

- (11) *E: E é um problema sério esse do esgoto. Ainda por cima com essas doenças [agora].
F: [Pois é]. E precisava ter, né? porque **veja**, é difícil, uma pessoa quer puxar o esgoto pra rua, não pode. Tem que já fazer fossa e poço morto, que chamam, né? porque não tem encanamento de esgoto.* (ROST, 2002, p. 10)

No exemplo (11), o verbo “ver” encontra-se bastante esvaziado semanticamente, uma vez que seu sentido não está atrelado à ideia de percepção visual direta com força ilocucionária imperativa, mas sim à ideia de organizador das informações concernentes ao tópico discursivo [problema do esgoto]. Ao usar esse tipo de estratégia, o falante tem por objetivo desenvolver o tópico discursivo, apresentando argumentos ao interlocutor de como é importante a cidade apresentar um sistema de esgoto que funcione adequadamente, sem precisar recorrer à construção de fossas sépticas. Trata-se, pois, de um marcador discursivo, justamente porque ele opera na dimensão textual-interativa da língua como sequenciador tópico (URBANO, 2006), cujo valor se distancia do sentido original de verbo de percepção visual. Segundo Rost (2008), a emergência de marcadores discursivos a partir de verbos de percepção visual, associados à segunda pessoa do discurso, em enunciados de comando, é um processo comum também em outras línguas, como “mira” e “¿ves?” em espanhol (BORDERÍA, 1998, apud ROST, 2008), “regarde” e “vois-tu” em francês (DOSTIE, 2004; VICENT; VOTRE; LAFOREST, 1993, apud ROST, 2008), “guarda” em italiano (WALTEREIT, 2002, apud ROST, 2008) e “olha/vê” em português (ROST, 2002).

Outro uso muito frequente de “ver” no português brasileiro é exemplificado em (12):

- (12) *Doc.: e a praia lá é limpi::nha assim? tem muito bar::? muita/ muito lugar assim... de diversão?*
Inf.: ai éh num TEM não viu? apesar que mudô(u) muito nu/ ne/ an-tigamente num tinha quiosque eles fizeram quiosque no::vo... tem tem bastante quiosque no::vo ali boniti::nho... tem só um bar lá... um um bar tem... (AC-062, DE, L. 282)

A função da forma “ver”, em (12), é a de chamar a atenção do interlocutor com relação ao que está sendo discutido ou verificar se ele está acompanhando a discussão. Diferentemente do que ocorre em (11), em que o uso de “ver” é usado como marcador discursivo de organização tópica, em (12), apesar de “ver” também ser usado como marcador discursivo, neste contexto, seu valor é de natureza interacional, pois ele atua na dimensão pragmática da linguagem, com a intenção de obter a aprovação discursiva do interlocutor/de checar a sua atenção (RISSO, 2006; SILVA, 2011; URBANO, 2006; ROBUSTE, 2018) acerca do assunto em pauta. Segundo os autores, esse tipo de marcador sempre aparece após um enunciado declarativo, alterando, assim, o estatuto ilocucionário precedente por meio de uma interrogativa.

Por fim, um uso de “ver” que é relativamente inovador na língua é dado em (13):

- (13) *Fulano: Cara que história é essa que o Beltrano me contou que você levou uma sova?!?*
*Ciclano: Vish, **vai vendo**, aconteceu o seguinte. (www.dicionarioinformal.com.br)*

Em (13), o verbo “ver” integra outra construção de natureza cristalizada na língua [vai vendo], em que se percebe um esvaziamento semântico do verbo, situação que é bastante típica dos marcadores discursivos. Segundo Robuste (2018, p. 128), a construção [vai vendo] é basicamente utilizada pelo falante para organizar a situação de interação. Ou seja, para a autora, esse marcador discursivo é usado pelo falante para “chamar a atenção do interlocutor para o que se enuncia a seguir”, como forma de verificar o acompanhamento ou engajamento do interlocutor com relação ao que está sendo discutido/narrado, na maioria das vezes.

No que se refere aos usos do verbo “olhar”, verifica-se que, em alguns contextos, o seu comportamento se assemelha ao do verbo “ver”, no entanto, em muitos outros, o item verbal “olhar” assume funções distintas no processo de comunicação. Vejamos:

- (14) *O menino **olhou** o passarinho. (SILVA, 2011, p. 479).*
- (15) *Inf.: - sete ano... nosso ((servi))... menino de sete ano... o quê que ele fazia...!? era água uma horta... **era oiá galinha**, lavá... pô água ni chiquêro... era rancá “minduim”... panhá mamona... (6, G3, M, 0) (SILVA, 2011, p. 479).*
- (16) ***Olhei** o homem louco tocando os sinos da igreja. (HENGEVELD et al, 2019, p. 290).*

- (17) *Inf.: o arroz a gente tem que lavar... deixar ele lavado colocar um pouco de óleo... colocar cebola alho deixar dar uma fritada... jogar o arroz... depois pegar a água que tá fervendo do lado já que tá quente... e jogar... nele pegar o sal... temperar experimentar prá ver se num tá salgado... e deixar ele lá por um/ um tempinho... de dez minutos mais ou menos aí cê vai **olhando** se ele já tá cozido ou não...* (AC-024; RP: L. 313-314).

Em (14), “olhar” atua como predicador verbal (verbo de percepção visual), cujo complemento é um nome que designa uma entidade concreta (um indivíduo). Na ocorrência (15), o verbo “olhar”, aqui grafado na sua forma oral como *oiá*, é usado no infinitivo, com um sentido já mais abstrato de *tomar conta de* algo [galinha]. Em (16), o item verbal em questão também atua como predicador verbal, mas o seu complemento já aparece na forma oracional e designa um estado-de-coisas. No exemplo (17), o verbo “olhar”, diferentemente do que alegam Hengeveld *et al* (2019), parece poder tomar como complemento uma oração que designa um conteúdo proposicional, pois saber se já está cozido ou não é resultado de um cálculo mental assentado no conhecimento de mundo interno ao falante; nesse caso, o valor de “olhar”, ligado ao complementizador “se”, parece apontar para um uso modal epistêmico que oscila entre intenção e incerteza.

- (18) *Esse sapato vale uns setenta reais e **olhe lá**.* (SILVA, 2011, p. 479).

O uso observado em (18) representa um desafio de análise, uma vez que a presença da construção [olhe lá], de natureza fixa, ao final do enunciado, pode apontar para mais de uma leitura possível: poderíamos entender que “olhe lá” atua como uma espécie de operador de dúvida em relação ao que foi enunciado; ou poderíamos entender que “olhe lá” seria mais uma tipo de estratégia de descomprometimento do falante com relação ao que foi dito anteriormente, justamente por “olhe lá” imprimir uma ideia aproximada acerca do valor do sapato; ou ainda, conforme Carvalho e Gomes (2017, p. 311), pode tratar-se de um marcador discursivo concessivo usado pelo falante para encerrar o trecho, indicando um limite de concessão. Seria, portanto, um uso gramaticalizado, alocado na dimensão interacional da linguagem. Tendo em vista o que dizem alguns dicionários sobre esse tipo expressão, a nossa tendência, como mostraremos na seção de análise, é considerar a análise de “olhe lá” em final de enunciados como um operador aproximativo de subato referencial, que opera no Nível Interpessoal.

- (19) ***Olha lá** o que você vai fazer nessa viagem.* (SILVA, 2011, p. 479)

Nesse caso, a expressão “olha lá” adquire o sentido de *advertência*, alterando, assim, estatuto ilocucionário do enunciado. Ao que tudo indica, essa expressão atua como núcleo de

um esquema ilocucionário, sinalizando a ilocução admoestativa do enunciado (que ocorre quando o falante alerta o interlocutor sobre algo que deve ser evitado, segundo Hengeveld *et al.*, 2007). Como se pode ver, a expressão “olha lá” não perdeu totalmente o seu esquema de predicação, pois ela ainda mantém um *slot* argumental [*olha lá X*], que é preenchido, em geral, por uma oração, razão pela qual a nossa opção é analisar esse tipo de estrutura como núcleo de esquema ilocucionário admoestativo, como: (πF_1 : **olha lá** (F_1): $\Sigma (F_1)$).

- (20) *E: Ana Rita, podias pegar um cafezinho pra nós, faz favor? Eu queria saber mais uma coisa, tu gostas de cozinhar? F: **Olha**, não é meu forte. Não sou muito chegada na cozinha, mas dá pra quebrar um galhinho.* (ROST, 2002, p. 63).

No exemplo (20), a forma verbal “olhar” assume, conforme defende Rost (2002), o papel de marcador discursivo de iniciação ou prefaciador, cuja função é promover o desenvolvimento do tópico discursivo, inserindo informações sobre o assunto em pauta, de modo a refutá-las ou ratificá-las em seu discurso. Em (20), o falante responde à pergunta lançada pelo interlocutor (sobre gostar de cozinhar), dizendo que a cozinha não é o seu forte.

2.4 A emergência de marcadores discursivos a partir dos verbos de percepção “ver” e “olhar”: uma proposta de classificação dos usos mais gramaticalizados

Em um estudo sobre a gramaticalização do verbo “olhar” na fala popular soteropolitana, Carvalho e Gomes (2017, p. 304) ressaltam que o processo de GR de itens ou construções se inicia a partir de contextos morfossintáticos específicos, que propiciam a emergência de novos usos na língua. No caso do português brasileiro, as autoras assinalam que, “além da primeira e terceira pessoas do singular, um dos contextos morfossintáticos que pode ser motivador de gramaticalização de verbos é da segunda pessoa do singular”. Segundo Carvalho e Gomes, o contexto de segunda pessoa do singular “tem propiciado a gramaticalização de verbos de diferentes classes semânticas (perceptivos, cognitivos etc.) em marcadores discursivos” (p. 304). Embora as autoras analisem apenas a GR do verbo “olhar”, entendemos que algumas generalizações atinentes a esse verbo possam também se aplicar à GR do verbo “ver”, motivo pelo qual adotaremos a proposta de classificação das autoras para os valores expressos pelo verbo “ver” em sua atuação como marcador discursivo.

A função dos marcadores discursivos está atrelada ao nível interpessoal, pois esses elementos são usados ou com a finalidade de organizar o processo de interação, ou para organizar o fluxo informacional do texto, conforme pontua Martelotta (2010, 2011; apud

CARVALHO; GOMES, 2017, p. 305). No que diz respeito ao verbo “olhar” em contexto morfossintático de segunda pessoa do singular (*olha, olhe e oh*), objeto de análise de Carvalho e Gomes (2017), Gorski *et al.* (2002) identificam, em outro estudo, duas macrofunções que ancoram funções específicas, quais sejam: *macrofunção articuladora interacional* e *macrofunção articuladora textual*. A primeira está intimamente ligada às atitudes do falante, levando em consideração o interlocutor, em relação ao tópico discursivo: são exemplos dessa macrofunção as funções *avaliativa, atenuadora, interjetiva, prefaciadora, planejamento e retórica*. Já a macrofunção de articulação textual, de caráter coesivo, está mais atrelada à sequenciação textual, abrigando, por exemplo, as funções *exemplificativa, adversativa, finalizadora e reintrodutora*. (GORSKI *et al.*, 2002; apud CARVALHO; GOMES, 2017, p. 305).

Em outro estudo sobre os marcadores discursivos, Rost-Snichelotto (2009) cita dez contextos (também mencionado por Gorski *et al.* (2002) e Carvalho e Gomes (2017)) em que os itens verbais “ver” e “olhar” atuam como marcadores discursivos, são estes: de advertência, adversativo, de atenuação, interjetivo, de prefaciação e de parentetização com macrofunção articuladora predominantemente interacional; com macrofunção articuladora predominantemente textual, são: exemplificativo, de opinião, causal e concessivo. Seguindo, pois, essa classificação, alimentada ainda por Carvalho e Gomes (2017), buscaremos aplicá-la aos dados do português falado do interior paulista, a fim de verificarmos se os contextos morfossintáticos que favorecem a ocorrência de marcadores discursivos na fala do interior paulista são os mesmos verificados por Rost-Snichelotto para a fala catarinense e por Carvalho e Gomes para a fala soteropolitana e se haveria alguma nova função para ser catalogada.

Os exemplos, a seguir, com “olha” e “veja” são retomados de Gorski *et al.* (2002) a partir de uma síntese de seu trabalho feita por Carvalho e Gomes (2017) e, conforme as autoras, representam alguns usos de marcador discursivo, referentes à macrofunção articuladora interacional, cujo valor discursivo é de atenuação (daquilo que o próprio falante diz sobre algo).

- (21) E: *Eu queria saber mais uma coisa, tu gostas de cozinhar?*
 F: **Olha**, não é meu forte. Não sou muito chegada na cozinha, mas dá pra quebrar um galhinho. Mas eu tenho duas receitas bem legais. (FLP 01, L224)
- (22) F: *Aquele tempo que eu era solteira ainda acho que nem tinha esse operário aí.*
 E: *Não tinha ainda? Claro que tinha porque meu pai acho que é mais velho que você.*
 F: Não, que **veja bem**, eu casei com dezoito anos. Então estou com trinta e nove, vou fazer quarenta casei novinha. Acho que nem tinha, nem existia acho. Sei lá. (CTB 08, L168) (CARVALHO; GOMES, 2017, p. 306)

No processo de GR, conforme apontam Gorski *et al.* (2002, apud CARVALHO; GOMES, 2017), o estatuto semântico de percepção visual e o caráter imperativo muito presente nesses verbos sofrem desbotamento, ao passo que as propriedades pragmático-discursivas se acentuam na língua, sendo assim, tais verbos passam a ser usados para chamar a atenção do interlocutor para alguma porção do texto ou da interação. Há um deslocamento semântico-pragmático com motivação metafórica, em que ocorre a transferência do foco de atenção do ambiente para a mensagem que o falante produzirá para o ouvinte, remetendo à expansão metafórica espaço físico > espaço discursivo (HEINE *et al.*, 1991; ROST-SNICHELOTTO, 2009; CARVALHO; GOMES 2017, p. 307). Carvalho e Gomes (2017, p. 307-308) complementam essa observação, afirmando que as expansões metafóricas verificadas nesses tipos de verbos são, geralmente, motivadas por relações icônicas e conforme “o estágio de gramaticalização de um dado item ou construção, essas relações se mantêm ou tornam-se menos transparentes”.

Na análise dos usos de “olhar” como marcadores discursivos na fala soteropolitana, em contextos de segunda pessoa do singular do imperativo, Carvalho e Gomes (2017) identificam variados tipos de marcadores discursivos com diferentes valores discursivos. Vejamos as ocorrências (23) a (34) averiguadas pelas autoras seguidas por suas respectivas análises.

(23) *DOC: Humilhação né?*

24: *Aquilo é uma humilhação, eu olhei aquilo ali e disse **olhe**, vou cair fora desse negócio. E no meu tempo era um comandante muito rígido, qualquer coisa que ele. Estava até quando fui lá perguntei, ah, tá na reserva, não sei o que, o pessoal falou lá, o pessoal se lembra até dele, aí, eu caí fora por isso (PEPP, Inf. 24, p. 15) (CARVALHO; GOMES, 2017, p. 308)*

Em (23), o valor expresso é de advertência, visto que “o falante faz uma espécie de advertência/ aviso direcionado ao ouvinte, enfatizando sua saída da aeronáutica” (CARVALHO; GOMES, 2017, p. 310). As autoras ressaltam que geralmente os marcadores discursivos tendem a ser usados com outros elementos linguísticos que enfatizam o contexto de atuação discursiva. Em casos de emprego com valor de advertência como em (23), por exemplo, o marcador discursivo possivelmente vem precedido por um verbo declarativo (como *dizer*).

(24) *DOC: E você, você se lembra de algum fato interessante na época que você estava na escola? 17: [...] aí ele ficava de lá só me paquerando, e as meninas dizia que não, que ele não me queria, que ele só me queria por causa da merenda, **olha só, mas olha só**, mas ele me ensinava mate, ele me ensinava matemática que eu não sabia, naquele tempo tinha geometria, que eu não sabia, ele fazia os desenhos pra mim legal, e lá eu assinava o meu nomão lá, e tirava meu oito, meu nove, meu dez...(PEPP, Inf. 17, p. 2) (CARVALHO; GOMES, 2017, p. 308-309)*

O valor expresso, em (24), é adversativo. “Evidencia-se um sentido adversativo para *mas olha só*: observa-se que o falante infere uma resposta contrária à opinião de suas amigas a respeito de um determinado colega” (CARVALHO; GOMES, 2017, p. 310-311).

- (25) *DOC: E você pensa assim educar ele como?*
 19: **Olhe**, justamente porque eu não quis muito filho pra eu querer dar a ele uma coisa que eu não tive, entendeu, porque minha mãe apesar de ter muitos filhos, apesar também dela ser, ter o problema dela, justamente por isso eu acho que ela não pôde dar uma criação melhor a gente [...] (PEPP, Inf. 19, p. 8) (CARVALHO; GOMES, 2017, p. 309)

Em (25), o valor expresso pelo marcador discursivo “olhe” é de atenuação. Nesse caso, o falante comenta a respeito da criação do filho, comparando com a educação que recebeu da mãe e, na sequência, busca amenizar possíveis reações negativas do interlocutor em relação a ela (CARVALHO; GOMES, 2017, p. 311). O que corrobora essa leitura é a presença de uma espécie de justificativa que aparece logo na sequência que ajuda a compor a cena para aquilo que é enunciado pelo falante; é uma forma de proteger a sua face pública no discurso.

- (26) [...] naquele tempo minha mãe andava até o Barbalho nera pra pegar um bonde, acho que era bonde, não, pra descer o arco, **olha**, agora que me lembro, não tinha ônibus, descia o arco né? O arco antes era... (inint)? (PEPP, Inf. 41, p. 5) (CARVALHO; GOMES, 2017, p. 309)

Segundo Carvalho e Gomes, em (26), o valor expresso é de parentetização, visto que “o falante deixa de dar desenvolvimento ao que estava sendo dito devido a uma lembrança que tem”. (CARVALHO; GOMES, 2017, p. 311). Esse tipo de marcador discursivo com função parentética é muito comum em situações de divagação, de lembranças, ressalvas e afins.

- (27) *DOC: Hum ... Oh...., você compara essa educação que você teve com a que hoje se dá as crianças? O que é que você acha?*
 07: **Olhe**, eu sou meio careta, viu? Pra ser bem sincera eu acho que não deve ter tanto tabu como teve na minha época, porém eu acho também que não se deve largar o filho em demasia [...] (PEPP, Inf. 7, p. 4) (CARVALHO; GOMES, 2017, p. 309)

Em (27), o uso de “olhe” “funciona como um elemento prefaciador, já que o falante retarda a resposta esperada pelo entrevistador, emitindo uma opinião sobre si própria e só depois a resposta solicitada”. (CARVALHO; GOMES, 2017, p. 311). Trata-se de um uso muito recorrente em contextos de retomada de turno, como no caso de pergunta e resposta, em que o falante de alguma maneira prepara o que pretende falar e como abordará o assunto.

- (28) *DOC: Com as crianças?*

06: *Com as crianças. Eu não sei se... por causa da, da, da, da situação financeira que era meia apertada, eu sei que hoje eu acho que os adultos têm muito mais paciência que, **olha** aí um exemplo: ela arreia tudo pra ... pra ... pra até, pra ficar ... (PEPP, Inf. 6, p. 4) (CARVALHO; GOMES, 2017, p. 309)*

Outro valor listado pelas autoras é dado em (28). Trata-se do uso de “olhar” como elemento exemplificativo, pois “o falante emite uma resposta a respeito da paciência tida hoje com as crianças e introduz, com o marcador discursivo, uma sequência que visa reforçar, com exemplos, o que foi dito anteriormente”. (CARVALHO; GOMES, 2017, p. 311).

- (29) *DOC: Você lembra?*

09: *[...] entrei também na área de esporte, lá tinha os jogos, os campeonatos né, de séries, aí a gente botava Bahia, Vitória, essa coisa, e eu era jogadora também né, a turma lá, entrei pra ajudar, dei uma péssima centro avante, porque preguiçosa, **oh**, gordinha assim, baixinha, preguiçosa, e, é você R..., é você, eu digo sou eu então vai, primeiro tempo já saia fora, e gol somente assim de sorte, quando batia na perna e entrava e todo mundo me carregava eu, fui eu que fiz eu nem vi... (PEPP, Inf. 23, p. 9) (CARVALHO; GOMES, 2017, p. 309)*

Em (29), a forma “oh” expressa valor causal, pois “a informante fala sobre sua vida escolar, principalmente sobre os esportes praticados por ela e utiliza o marcador discursivo como forma de justificar sua atuação negativa nos esportes” (CARVALHO; GOMES, 2017, p. 311).

- (30) *DOC: O que que você acha que poderia mudar aqui pra melhorar?*

23: *O governo se interessar mais, verbas, mais verbas, mais incentivo [...]. Eu já briguei até com professores, nas escolas lá de Monte Serrat, eu digo gente isso aí não pode acontecer, e o pessoal, ah, mas foi o governo, eu digo, toda a criança na escola e começa a cortar, e cortou mesmo, tinha, existia, mas tirou as crianças do prezinho, de, só com sete anos em diante, e **olhe lá**... (PEPP, Inf. 23, p. 10) (CARVALHO; GOMES, 2017, p. 310)*

No exemplo (30), o valor expresso pela expressão “olhe lá” é de teor concessivo, visto que “o falante discorre sobre a educação e o papel do governo, expondo o critério de idade estabelecida para que as crianças estejam na escola e com o marcador discursivo encerra o trecho, indicando um limite de concessão”. (CARVALHO; GOMES, 2017, p. 311).

- (31) *DOC: Você falou que perdeu, e antes era assim boa aluna e dessa vez você perdeu. Muitas reclamações em casa?*

12: *Ah, muitas, só, **olhe**, mais até de minha mãe por incrível que pareça porque eu lembro que no dia meu pai não tinha ido trabalhar e aí deu o horário era umas catorze horas mais ou menos saía o resultado, e aí ele “vai pegar o resultado?” (...) eu, “não, perdi”, pra o meu pai foi o mundo sabe, ele se, ele estava, estava no quarto, ele sentou na cama, mas chorou feito um bebê (PEPP, Inf. 12, p. 5) (CARVALHO; GOMES, 2017, p. 310)*

Em (31), o valor expresso é interjetivo, pois “o informante fala da surpresa a respeito da reação da mãe ao saber que ela havia perdido de ano” (CARVALHO; GOMES, 2017, p. 311). Dada a maleabilidade sintática desse elemento nos enunciados, consideramos bastante desafiadora a tarefa de identificar e classificar certos usos como interjetivo, uma vez que a ideia de surpresa, espanto e admiração pode aparecer em vários outros contextos morfossintáticos. Nesse caso, o próprio contexto de uso no qual esse tipo de marcador aparece torna-se um forte aliado para ajudar o analista a decidir qual é o valor expresso por aquela forma.

- (32) *DOC: Eu falo agora porque o centro da cidade é ...*
 41: *Ali agora ficou **olhe que** acho que ali de noite pra se andar, pra pegar é perigoso.*
(PEPP, Inf. 41, p. 10) (CARVALHO; GOMES, 2017, p. 310)

O uso de “olhe que”, em (32), é responsável por expressar a opinião do falante, isto é, “o falante menciona a sua opinião a respeito de andar e pegar transporte à noite” (CARVALHO; GOMES, 2017, p. 311). Nesse contexto, o marcador tende a estar vinculado “à construção (*eu*) *acho que*, expressão gramaticalizada também utilizada como modalizador de opinião” (CARVALHO; SILVA, 2013, apud CARVALHO; GOMES, 2017, p. 312).

- (33) *DOC: Eu não quero ver não.*
 47: *Se mainha, **oh**, se minhas irmãs não fala pra eles tomar banho, se deixar lá mainha chega e eles estão lá tudo sujo, aí eu, aí eu pego, eu pego e mando eles tomar banho, e bato, pego o pau e vou, vou pra bater [...]* (PEPP, Inf.47, p.9) (CARVALHO; GOMES, 2017, p.310)

Por fim, em (33), as autoras listam o valor de retificação, pois, nesse contexto, “o falante faz uma retificação [correção] em relação ao fato de suas irmãs (e não sua mãe) advertirem seus irmãos sobre a necessidade de tomarem banho”. (CARVALHO; GOMES, 2017, p. 311).

As autoras ressaltam que todos esses usos atestados em Salvador, exceto o descrito em (33), também são mencionados por Rost-Snichelotto (2009) para os dados de Santa Catarina nas cidades de Florianópolis, Chapecó, Blumenau, Lages e Curitiba.

Há ainda um outro uso documentado por Carvalho e Gomes (2017), no qual a mudança categorial do item linguístico é de verbo para clítico. Vejamos:

- (34) *DOC: E, em relação a essa questão da escola, eh, o respeito você acha que mudou de lá pra cá?*
*[...] Nada, parecendo um palhaço ali no meio, aqui nesse colégio Otávio Mangabeira, **aí oh**, eu acho que sei lá, muita, muita liberdade.* (PEPP, Inf.15, p. 5) (CARVALHO; GOMES, 2017, p. 311-312)

Nesse contexto, “a forma reduzida *oh*, geralmente, se liga a advérbios como *aquí*, *aí* e *assim*” como exemplificado pela ocorrência (34) acima. Nesse exemplo, segundo as autoras, “o falante discorre sobre a atitude de um determinado professor e, ao se referir a um colégio, utiliza o item *aí* juntamente com o *oh*: nesse caso, *oh* funciona como um clítico atrelado ao *aí*” (CARVALHO; GOMES, 2017, p. 311-312).

É importante dizer, como bem destacam Carvalho e Gomes (2017), que os dados analisados pelas autoras atestam o princípio de divergência mencionado por Hopper (1991), uma vez que a forma ou a construção original (o sentido de percepção visual de “olhar”) permanece na língua ainda que haja a emergência da forma ou construção gramaticalizada.

2.5 O que diz a abordagem cognitiva sobre os verbos de percepção?

Em um estudo cognitivo sobre verbos de percepção sensorial em espanhol, Jaén (2005) mostra quais são os verbos de percepção sensorial prototípicos no espanhol, suas características fundamentais e como se relacionam entre si. Para tanto, o autor se baseia na teoria de protótipos (CUENCA; HILFERTY, 1999)⁹, que propõe uma relação hierárquica entre elementos pertencentes a uma mesma categoria. Essa relação hierárquica é exemplificada pelo autor por meio da palavra “banco”, cujos significados podem ser “lugar para sentar-se”, “lugar onde se guarda dinheiro” ou, ainda, “cardume de peixes”. Entre os significados atribuídos a *banco*, alguns são mais prototípicos que outros, no caso, o primeiro e o segundo em relação ao último.

Ainda conforme Jaén (2005, p. 393), os critérios definidores dessa hierarquização estão pautados na vivência cotidiana dos falantes, no sentido de que a língua é, pois, uma formalização por meio de redes semânticas do contato com o mundo exterior.

A percepção visual é o sentido cognitivamente mais apreciado em uma cultura, segundo Jaén (2005, p. 394, tradução nossa): “é considerado o modo mais confiável para tomar conhecimento de algo, por isso, habitualmente a percepção física se converte em percepção mental”¹⁰. São dois os verbos prototípicos de percepção visual no espanhol, “ver” (ver) e “mirar” (olhar), que, a princípio, eram classificados em dois tipos de percepção, pura e ativa, respectivamente; o segundo tipo pressupõe algum tipo de esforço, de atividade. No entanto, com base nessa classificação, não é possível estabelecer nenhum tipo de hierarquia em relação

⁹ CUENCA, María Josep; HILFERTY, Joseph. Introducción a la lingüística cognitiva, Barcelona. Ariel, 1999.

¹⁰ “De hecho, se considera que el modo más fiable de saber algo es «verlo», por lo que muy habitualmente la percepción física acaba convirtiéndose en una percepción intelectual” (JAÉN, 2005, p. 394).

à prototipia desses verbos, conforme aponta Jaén (2005), já que são apenas duas faces da mesma moeda.

A fim de organizar a hierarquia prototípica dos verbos “ver” e “olhar”, Jaén (2005) recorre ao estudo de Rodríguez Espiñera (2002), que aplica um conjunto de testes (provas) gramaticais aos usos obtidos a partir de *corpus*. Jaén (2005, p. 394) menciona que uma das melhores maneiras para averiguar se o verbo expressa percepção pura ou ativa é analisar o tipo de sujeito. No caso da percepção pura, o sujeito, em termos semânticos, deve ser experienciador, já que são expressos estados obrigatórios sobre os quais o sujeito não pode intervir. Ao contrário, no caso da percepção ativa, o sujeito deve ser agente, já que trata de verbos que implicam algum tipo de ação concreta realizada pelo sujeito animado.

Há ainda outros testes aplicados por Rodríguez Espiñera (2002, apud JAÉN, 2005) a fim de testar os possíveis usos dos itens verbais analisados. O primeiro teste trata das estruturas progressivas; em tese, verbos estativos não combinam com perífrases de aspecto progressivo, visto que uma situação estativa não pode se desenvolver no tempo. Por outro lado, um verbo que expressa ação aparece normalmente nesse tipo de estrutura. Como se vê em (35) e (36), ambos os verbos aparecem, segundo Jaén (2005), sem nenhum problema nessas estruturas, o que mostra que esse traço não é suficiente para separar os verbos percepção pura/passiva e ativa:

- (35) *Ayer estuve viendo una película.* (JAÉN, 2005, p. 395)
Ontem estive **viendo** um filme.

- (36) *Luis sigue mirando fijamente el cuadro.* (JAÉN, 2005, p. 395)
Luis continua **olhando** fixamente o quadro.

O segundo teste apresentado por Jaén se refere à função de complemento de verbos rogativos, ou seja, para o autor se um verbo pode funcionar como complemento de verbos rogativos ou de promessa, é porque o que se tem aí é um verbo de capacidade ativa, uma vez que um verbo de estado não atende a essa prerrogativa. Vejamos:

- (37) *José me suplicó que viera a su hermana.* (JAÉN, 2005, p. 395)
José suplicou que eu **visse** sua irmã.

- (38) *Carolina nos pidió que mirásemos sus dibujos.* (JAÉN, 2005, p. 395)
Carolina pediu que **olhássemos** seus desenhos.

Entretanto, analisando os exemplos (37) e (38), mais uma vez se verifica, conforme Jaén, um comportamento surpreendente desses verbos, já que o verbo “ver” também pode ocorrer nesse tipo de estrutura, invalidando, pois, a eficácia desse teste.

O terceiro teste consiste na substituição da predicação por *hacer/fazer* (agentivo) ou *suceder/suceder* (inagentivo) em estruturas oracionais. Caso essa operação seja possível, quer dizer que o sujeito dessas predicações é agentivo. Comparemos os exemplos (39) e (40):

- (39) *Pedro no me escucha; lo único que hace es **mirar** para otro lado.* (JAÉN, 2005, p. 395)
Pedro não me escuta; a única coisa faz é **olhar** para o outro lado.
- (40) *Lo único que hace Miguel en todo el día es **ver** películas.* (JAÉN, 2005, p. 395)
A única coisa que Miguel faz o dia todo é **ver** filmes.

Mais uma vez, o verbo “ver” também mostra um comportamento agentivo, assim como era já esperado para o verbo “olhar”. Isso mostra que esse teste não é eficaz para distingui-los.

O quarto teste é o uso do imperativo. Espera-se que somente os verbos de ação assumam a forma imperativa, pois um estado não pode ser imposto. Neste caso, Jaén (2005) defende o comportamento de “ver” como verbo de estado, ainda que Rodríguez Espiñera (2002) aponte a possibilidade de casos em que esse verbo admita a forma imperativa. Para Jaén, esses exemplos são muito escassos e, provavelmente, equivalem pragmaticamente a “olhar”. Vejamos:

- (41) *Ve qué dibujos tan bonitos. (JAÉN, 2005, p. 396)
Veja que desenhos tão bonitos.
- (42) Mira qué hijos tan guapos tengo. (JAÉN, 2005, p. 396)
Olha que desenhos tão lindos eu tenho.

De acordo com Jaén, em espanhol o verbo “ver” não admite a forma imperativa, como visto em (41). No entanto, em comparação com o português, verifica-se que os dois verbos podem assumir a forma imperativa, sem apresentar nenhum tipo de problema.

O quinto teste é o da construção de finalidade; se um verbo pode ser acompanhado por uma oração de finalidade com a forma *para+infinitivo*, ele tem valor agentivo e volitivo:

- (43) *Pedro **miró** a María para saludarla.* (JAÉN, 2005, p. 396)
Pedro **olhou** Maria para cumprimentá-la.
- (44) *Pedro **vio** la obra de teatro para poder escribir la crítica.* (JAÉN, 2005, p. 396)
Pedro **viu** a peça de teatro para poder escrever a crítica.

Embora os usos (43) e (44) sejam aceitáveis em estruturas de finalidade, a ação de “olhar” é mais pontual e não pode se prolongar por muito tempo, o que torna o exemplo (45) agramatical:

- (45) **Pedro miró la obra de teatro para poder escribir la crítica.* (JAÉN, 2005, p. 396)
*Pedro olhou a peça de teatro para poder escrever a crítica.

Por último, tem-se o teste dos elementos de intencionalidade. O intuito, aqui, é tentar acompanhar os verbos com sintagmas preposicionais, locuções adverbiais ou advérbios que indiquem intencionalidade, por exemplo, “com entusiasmo”, “voluntariamente”, “a propósito” etc. Caso o verbo expresse ação, esses elementos serão admitidos por ele:

(46) *Lorena ve con ansiedad las carreras de caballos.* (JAÉN, 2005, p. 396)
Lorena **vê** com ansiedade as corridas de cavalos.

(47) *Antonio miró con descaro a su vecina.* (JAÉN, 2005, p. 396)
Antônio **olhou** descaradamente sua vizinha.

Novamente, ambos os verbos, “ver” e “olhar”, comportam-se de forma semelhante, isto é, como verbos de ação e com sujeitos agentivos. A questão colocada por Jaén (2005) é: como isso acontece? Segundo o autor, não há como negar que o verbo “ver” é classificado como um verbo de percepção pura ou passiva, no entanto, também não há como negar que esse verbo pode se comportar sintaticamente como um verbo de ação, que implica um sujeito agentivo. O autor busca explicação em Elena de Miguel (1999): para a autora, a percepção de “ver” é sempre, a princípio, uma percepção pura, que está sujeita às características cognitivas referentes à “falta de controle”, mas se “essa percepção se mantém por muito tempo, ela passa para uma segunda fase na qual se torna uma ação”¹¹ (JAÉN, 2005, p. 397, tradução nossa). Assim, a oposição *percepção pura/ percepção ativa* no que diz respeito à visão não se expressa em espanhol através do par *ver/mirar*, mas é lexicalizada com três verbos: **ver 1**, que expressa percepção pura; **ver 2**, que seria derivado de *ver 1*, e expressa ação visual; e, por último, **mirar**, que expressa ação visual muito mais concreta e limitada, pois, quando é comparado com os dois primeiros verbos, verifica-se uma menor distância entre o sujeito percebedor e a entidade percebida, e esta é normalmente mais concreta do que as que podem ocorrer com *ver 1* e *ver 2*.

Assim, embora o verbo “mirar” seja definido como um verbo prototípico, ele estaria, em termos cognitivos, localizado em um intervalo ligeiramente inferior ao do verbo “ver”, uma vez que o as percepções que ele expressa são mais limitadas e concretas (tangíveis). O autor ainda menciona um estudo mais recente, que aponta usos em que “ver”, quando acompanhado por infinitivos com sujeito próprio (*Luis viu Pedro dormir no pátio*), tende a eleger infinitivos inacusativos com sujeito não agentivo. Segundo Jaén, isso estaria ligado ao fato de que “a agentividade está mais atrelada ao órgão da visão (a mobilidade do olho) do que ao objeto

¹¹ “si dicha percepción se sostiene mucho en el tiempo, pasa a una segunda fase en la que se convierte en una acción”. (JAÉN, 2005, p. 397)

percebido”¹² (JAÉN, 2005, p.397, tradução nossa). De certa forma, isso explicaria uma questão aventada por Rogers (1976, apud JAÉN, 2005, p. 397) há bastante tempo: *por que você não pode olhar para algo por acidente do mesmo modo em que se pode ouvir algo (por acidente)?* Conforme o autor, a resposta é simples: *para olhar para algo, você tem que projetar voluntariamente os olhos (e, eventualmente, a cabeça) para aquilo que é observado, o que não acontece com a ação de “ouvir”, que pode ocorrer de forma involuntária, sem a necessidade de mover a cabeça.*

A esse respeito, Jaén (2012) afirma que a escala de agentividade proposta por Lapolla e Van Valin (1997) é bastante operacional, uma vez que os autores defendem a tese de que o papel temático de sujeito com verbos de percepção é gradual, podendo ir do mais agentivo (Agente) ao mais inagentivo (Paciente e Estímulo), apresentando usos intermediários.

Quadro 1 - Escala de agentividade com verbos de percepção

+ agentivo	- agentivo
+controle	- controle
+transitivo	- transitivo
ATIVIDADES	REALIZAÇÕES
	ESTADOS

Fonte: Jaén, 2012, p. 291 - tradução nossa.

De acordo com Dowty (1991, apud JAÉN, 2012), essa escala mostra que quanto mais se deslocar em direção ao polo agentivo, maior é a tendência de o verbo ser transitivo e o agente ser controlador da ação, ao passo que quanto mais se deslocar em direção ao polo passivo (paciente), maior é a tendência de encontrarmos intransitividade e menor controle da ação.

Vimos que o verbo “ver” pode se relacionar ao domínio do conhecimento, do epistêmico e da projeção. Segundo Jaén (2012, p. 193), isso acontece porque a visão é o sentido que nos permite ter contato com um conhecimento mais imediato e objetivo da realidade. É esse tipo de circunstância que explica a ocorrência de diferentes usos de “ver”, como em (48):

- (48) a. *Acabo de ver la solución del problema.*
Acabei de ver a solução para o problema.

¹² “Esto se debe a que la agentividad radica más en el órgano de la visión (la movilidad del ojo) que en el objeto percibido.” (JAÉN, 2005, p. 397)

- b. *Juan lo **vio** claro al instante.*
Juan viu isso imediatamente claro.
- c. *He **visto** en su expresión que me está mintiendo.*
Eu vi pela sua expressão que você está mentindo para mim.

De acordo com Jaén, os enunciados em (48 a,b,c) só são classificados como possíveis graças a uma metáfora conceitual de caráter geral: *VER É CONHECER*. Os usos mais abstratos de “mirar” teriam, segundo Jaén (2012, p. 199-200), derivado de um contexto muito comum entre as línguas: *PERMANECER ALERTA/ACORDADO*, que deslizou com o tempo para a ideia de *MIRAR COM ATENCIÓN* (OLHAR COM ATENÇÃO), com traços de controle. Esse contexto teria, conforme o autor, propiciado a formação do verbo espanhol “guardar”, do verbo francês “garder”, do italiano “guardare” e do substantivo catalão “esguard”.

2.6 Os tipos de complementos dos verbos “ver” e “olhar” segundo a proposta de Hengeveld *et al.* (2019)

Em um estudo sobre os verbos de percepção no português com base na abordagem da GDF, Hengeveld *et al.* (2019) descrevem sistematicamente os padrões semântico e morfossintático de complementização dos verbos de percepção no português brasileiro de acordo com os princípios teóricos da GDF, que distribui hierarquicamente em níveis e camadas de organização os diferentes tipos de complementos tomados pelos verbos em questão.

Quanto ao verbo de percepção visual “ver”, são atestados cinco tipos de complementos semânticos: *propriedade*, *indivíduo*, *estado-de-coisas*, *episódio* e *conteúdo comunicado*, conforme ilustrados, respectivamente, nos exemplos (49), (50), (51), (52) e (53) a seguir:

- (49) *vi o verde dos teus olhos, mais brilhantes do que nunca. (HENGEVELD et al., 2019, p. 288).*
- (50) *Você viu aquela mulher da novela? (HENGEVELD et al., 2019, p. 289).*
- (51) *Eu vi o carro bater numa bike. (HENGEVELD et al., 2019, p. 290).*
- (52) *Eu vi que o carro tinha batido numa bike. (HENGEVELD et al., 2019, p. 275).*
- (53) *Ontem vi no jornal que um jovem de 21 anos matou o irmão de 22. (HENGEVELD et al., 2019, p. 277)*

Em (49), tem-se, segundo Hengeveld *et al.* (2019), um complemento na forma não oracional que designa a propriedade “verde” dos olhos, que é percebida pelo indivíduo [eu].

Em (50), o complemento do verbo “ver” (*aquela mulher da novela*) designa uma entidade do indivíduo; nesse sentido, o que se tem é a percepção de um indivíduo por outro indivíduo (*você*). Em (51), verifica-se que o complemento do verbo “ver” constitui um estado-de-coisas (*o carro bater numa bike*), que é percebido diretamente por um indivíduo (*eu*). Em (52), a leitura se trata da dedução obtida através de algum dos sentidos, nesse caso, “o sujeito de primeira pessoa não testemunhou o carro batendo numa bicicleta diretamente, como em (51), em vez disso ele chegou à conclusão de que o acidente ocorreu com base em evidências visuais”¹³ (HENGEVELD *et al.*, 2019, p. 275, tradução nossa). Os autores optam por classificar o uso em (52) como percepção de episódio, seguindo Hengeveld e Hattnher (2015) e contrariando Dik e Hengeveld (1991), que chamam esse tipo de percepção de conteúdo proposicional. Hengeveld *et al.* (2019) tomam como base o fato de que “a dedução envolve necessariamente, pelo menos, dois estados de coisas relacionados: o percebido e o deduzido. O falante deduz a ocorrência de um estado-de-coisas, o deduzido, com base em outro estado-de-coisas, o percebido.”¹⁴ (HENGEVELD; HATTNHER, 2015, p. 486 apud HENGEVELD *et al.*, 2019, p. 275, tradução nossa). Por fim, em (53), o complemento tomado pelo verbo designa conteúdo comunicado, pois o falante [eu] relata uma informação alegada por um terceiro (*que um jovem de 21 anos matou o irmão de 22*), mencionando, ainda, a fonte da informação (*no jornal*).

Com relação ao verbo “olhar”, os autores relatam que foram atestados três tipos de complementos semânticos: *propriedade*, *indivíduo* e *estado-de-coisas*, conforme mostrados, respectivamente, nos exemplos (54), (55) e (56) abaixo:

(54) ***olhei a cor daquela flor.*** (HENGEVELD *et al.*, 2019, p. 287).

(55) ***Olhei o homem à minha esquerda.*** (HENGEVELD *et al.*, 2019, p. 289).

(56) ***Olhei o homem louco tocando os sinos da igreja por quase uma hora.*** (HENGEVELD *et al.*, 2019, p. 290).

Em (54), nota-se que o complemento denota a propriedade “cor” da flor, que é percebida pelo indivíduo [eu]. Em (55), o que se tem é a percepção de um indivíduo (*o homem à minha esquerda*) por outro indivíduo [eu]. Em ambos os exemplos, o complemento aparece na forma nominal (não oracional). Por último, em (56), o complemento oracional designa um estado-de-

¹³ “the first person subject did not witness a car crashing into a bicycle directly, as in (18). Rather, he/she comes to the conclusion that the crash has taken place on the basis of visual evidence.”

¹⁴ “[...] deduction necessarily involves at least two related states-of-affairs: the perceived one and the deduced one. The speaker deduces the occurrence of one state-of-affairs, the deduced one, on the basis of another state-of-affairs, the perceived one.”

$$\begin{array}{ccccccc}
 (58) & (f & \subset & x) & \subset & e & \subset & ep & \subset & C \\
 & & & & & \text{n\~{a}o-finito} & & \subset & & \text{finito}
 \end{array}$$

(HENGEVELD et al., 2019, p. 283 - tradução nossa)

Os exemplos, a seguir, ilustram os usos atestados pelos autores, nos quais “ver” toma como complemento de estado-de-coisas apenas orações não-finitas, como visto em (59) e (60); no que diz respeito ao complemento que designa um episódio, ele pode aparecer na forma de orações finitas e não-finitas, conforme ilustrado em (61) e (62), respectivamente; e quando um conteúdo comunicado é tomado como complemento, ele também pode aparecer na forma de orações finitas e não-finitas, conforme exemplificado, respectivamente, em (63) e (64). Com base nestes dados Hengeveld *et al.* (2009) depreendem, ainda, que as formas em gerúndio são averiguadas apenas na expressão de complementos que designam estados de coisas. Como o verbo “olhar” não permite, segundo os autores, todos os tipos de complemento semântico que são admitidos por “ver”, os autores se limitam a este verbo nas exemplificações:

- (59) *Eu e um amigo **vimos** ele dando um empurrãozinho no antebraço.* (HENGEVELD et al., 2019, p. 305).
- (60) ***Vi** um carro bater.* (HENGEVELD et al., 2019, p. 290). (HENGEVELD et al., 2019, p. 305).
- (61) *Eu **vi** que o carro tinha batido numa bike.* (HENGEVELD et al., 2019, p. 305).
- (62) *Analizando a situação econômica do país do réu, **vejo** ser esta precária.* (HENGEVELD et al., 2019, p. 305).
- (63) *Hoje mesmo eu **vi** no jornal que Harry Potter já bateu a maior arrecadação de fim de semana com U\$ 90 milhões nos EUA, batendo Jurassic Park.* (HENGEVELD et al., 2019, p. 292).
- (64) *Hoje mesmo eu **vi** no jornal Harry Potter já bater a maior arrecadação de fim-de-semana com U\$ 90 milhões nos EUA, batendo Jurassic Park.* (HENGEVELD et al., 2019, p. 305).

Em (59), o complemento tomado por “ver” é uma oração não-finita de gerúndio (*ele dando um empurrãozinho no antebraço*); em (60), tem-se um complemento oracional finito de infinitivo; o exemplo (61) mostra um complemento oracional finito (*que o carro tinha batido numa bike*); em (62), o complemento é oracional não-finito de infinitivo (*ser esta precária*); (63) ilustra um complemento oracional finito (*que Harry Potter já bateu a maior arrecadação de fim de semana com U\$ 90 milhões nos EUA, batendo Jurassic Park*); e, por último, em (64)

é mostrado um complemento oracional não-finito de infinitivo (*Harry Potter já **bater** a maior arrecadação de fim-de-semana com US\$ 90 milhões nos EUA, batendo Jurassic Park*).

Conforme se pôde observar, nesse estudo sobre os verbos de percepção no português, os autores puderam constatar a utilidade da GDF ao fornecer uma distinção das categorias semânticas dos complementos tomados pelos verbos analisados no português brasileiro, “que ajuda a descrever sistematicamente o comportamento semântico e morfossintático dos verbos de percepção em suas muitas leituras, bem como seus complementos em suas muitas manifestações formais”¹⁷ (HENGEVELD *et al.*, 2019, p. 285, tradução nossa).

Considerando, pois, a importância dos pressupostos teóricos da GDF para o estudo da GR dos verbos “ver” e “olhar”, apresentamos na seção seguinte os principais conceitos operacionais da GDF e a proposta de GR de Hengeveld (2017) utilizada nesta pesquisa.

¹⁷ “[...] that helps to systematically describe the semantic and morphosyntactic behaviour of perception verbs in their many readings as well as their complements in their many formal manifestations.”

3 OS PRINCÍPIOS TEÓRICOS DA GRAMÁTICA DISCURSIVO-FUNCIONAL E DA GRAMATICALIZAÇÃO

Esta pesquisa utiliza como referencial teórico a perspectiva funcionalista da linguagem, mais especificamente o modelo teórico da GDF de Hengeveld e Mackenzie (2008) e a proposta de GR de Hengeveld (2017), por entendermos que somente uma abordagem teórica que considera a língua em situação efetiva de uso é capaz de oferecer subsídios teóricos e metodológicos adequados para analisar e explicar os diferentes usos dos verbos “ver” e “olhar” no português falado do interior paulista.

Nessa perspectiva teórica, as expressões linguísticas são os instrumentos dos quais os participantes da interação verbal se servem, como aponta Pezatti (2016, p. 15), para se comunicarem em diferentes esferas de interação. Segundo a autora, essas expressões são entidades governadas por dois tipos de regras e princípios socialmente convencionados, a saber: o primeiro grupo se constitui pelas regras semânticas, sintáticas, morfológicas e fonológicas; e o segundo, pelas regras pragmáticas (voltadas para o contexto).

Assim, se a língua constitui um instrumento de interação social com propósitos comunicativos, conforme propõem Dik (1989) e Pezatti (2016), então as propriedades e circunstâncias efetivas de interação verbal são codeterminadas em função da informação contextual e situacional disponível aos interlocutores no momento da comunicação.

Diante desses fatos e conforme Pezatti (2016, p. 16), é pertinente afirmar que, para organizar suas expressões linguísticas no momento da enunciação, o falante faz uma avaliação da informação pragmática (conjunto de conhecimentos, crenças, suposições, opiniões, sentimentos) do ouvinte, objetivando efetuar alguma mudança nessa informação.

Sendo assim, a GDF de Hengeveld e Mackenzie (2008), que constitui um desenvolvimento da Gramática Funcional proposta por Dik (1989; 1997), se mostra como um aparato teórico de excelência para análise e descrição linguística, porque sua arquitetura se organiza de maneira descendente (*top down*), ou seja, se inicia com a intenção do falante, desenvolvendo-se até a articulação. Como afirmam Hengeveld e Mackenzie (2008; 2010), essa direção é motivada pela suposição da maior eficácia de um modelo de gramática cuja organização tem maior semelhança ao processamento linguístico do indivíduo. Os autores ressaltam que a GDF se trata de uma teoria sobre a gramática que busca refletir as evidências psicolinguísticas em sua arquitetura básica e não um modelo do falante.

De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2010), o posicionamento adotado pela GDF a coloca a meio caminho entre abordagens formais radicais e abordagens funcionalistas radicais.

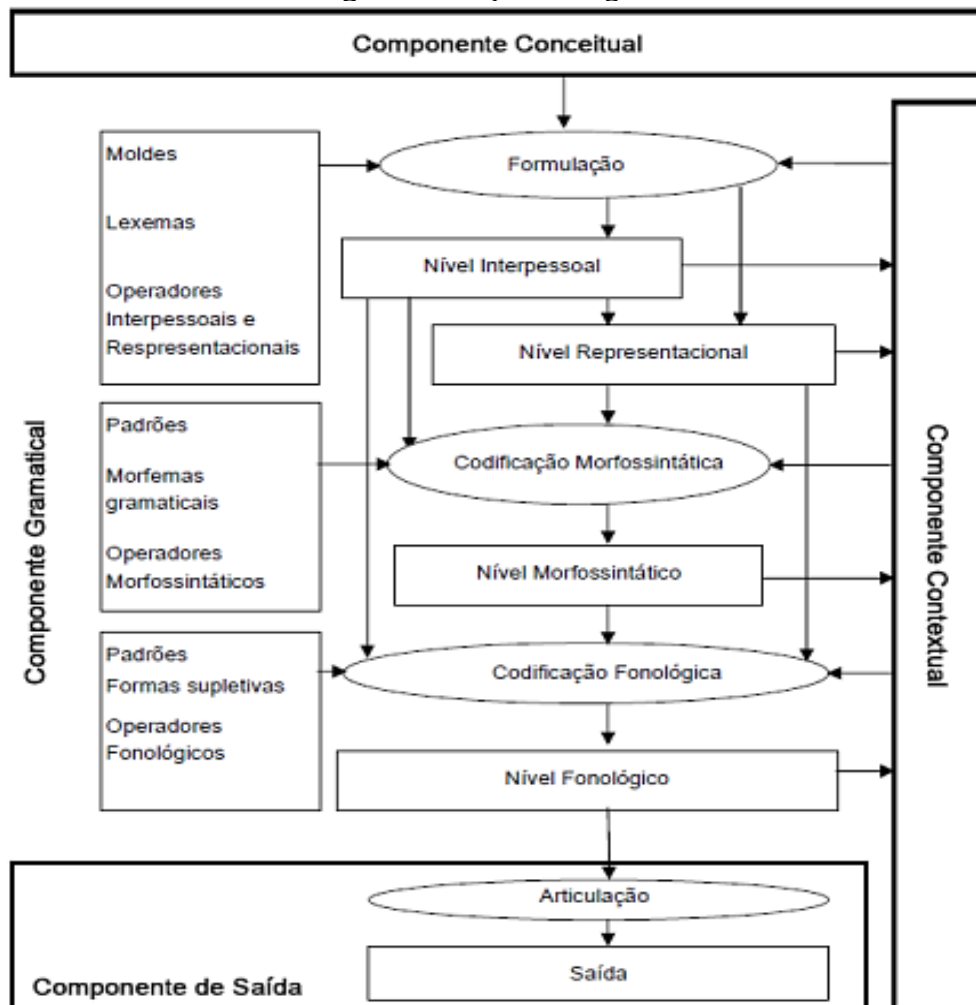
Como afirma Butler (2003), a GDF é uma teoria estrutural-funcional, pois é um modelo teórico que foca a correlação entre função e formulação; e moldes de predicação e codificação.

Na mesma esteira, Neves (1997, p. 33) ressalta que a relevância da gramática funcional se dá no esforço teórico empreendido no sentido de constituir um modelo formal rigoroso de uma gramática declaradamente discursiva, pois, conforme afirmam Hengeveld e Mackenzie (2008), a GDF toma o texto como objeto central de investigação linguística, preocupada com o impacto da textualidade sobre a forma das unidades linguísticas.

Sob a perspectiva da GDF, segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), o usuário da língua tem conhecimento tanto das unidades funcionais e formais da língua como das possibilidades de combinação dessas unidades. O fato de o grau de estabilidade desse conhecimento ser elevado mostra que ele pode ser comparado entre línguas, o que sugere então que o modelo da GDF consegue captar tendências universais na estrutura linguística. Os limites de variação das formas que estão à disposição dos usuários da língua são estabelecidos pelo leque de propósitos comunicativos presentes em todos os falantes (isso tem a ver com a formulação) e pelas restrições cognitivas às quais todos eles estão sujeitos. Outro aspecto importante e caracterizador da abordagem teórica da GDF é o peso de igualdade dado a fatores semânticos e pragmáticos.

3.1 Arquitetura geral da GDF

A arquitetura geral da GDF de Hengeveld e Mackenzie (2008) é representada como na figura 1, em que o Componente Conceitual (situado fora da gramática, mas considerado a força motriz impulsionadora do componente gramatical, trata-se da intenção comunicativa e das representações mentais) se encontra no topo do modelo; o Componente Gramatical (trata da gramática de uma língua natural, constituída por quatro níveis: interpessoal, representacional, morfossintático e fonológico), está localizado no centro; o Componente de Saída (onde acontece a articulação, também está situado fora da gramática propriamente dita), abaixo; e o Componente Contextual (é uma das facetas do contexto comunicativo, nele está contida a descrição da forma e do conteúdo do discurso antecedente, do contexto real do evento de fala e das relações sociais entre os participantes), à direita.

Figura 1- Arquitetura geral da GDF

Fonte: Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 13 – tradução nossa)

O modelo teórico da GDF, como já dito anteriormente, concebe a gramática de modo hierarquicamente organizada em níveis e camadas de complexidade linguística, como segue: Nível Interpessoal (pragmática), Nível Representacional (semântica), Nível Morfossintático (morfossintaxe) e o Nível Fonológico (estruturas fonológicas). De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), o modo de organização descendente da gramática proposto pela GDF indica que a pragmática governa a semântica, a pragmática e a semântica governam a morfossintaxe, e a pragmática, a semântica e a morfossintaxe governam a fonologia.

Apesar de cada um dos níveis apresentar um modo próprio de estruturação, todos eles podem manter relações de interdependência, de modo que há relações da gramática que podem envolver todos os níveis de organização e outras que podem envolver, por exemplo, apenas o Nível Interpessoal e o Nível Fonológico, como é o caso de muitas interjeições, que não possuem material semântico nem material morfossintático e vão direto para o nível fonológico de expressão. Em cada camada de cada nível de organização, há obrigatoriamente um núcleo, que

pode (ou não) ser restringido por um modificador, especificado por um operador e pode ter uma função. Núcleos (Σ) e modificadores (σ) representam estratégias lexicais, enquanto operadores (π) e funções (Φ) representam estratégias gramaticais (HENGEVELD e MACKENZIE, 2008). O operador aplica-se apenas à própria unidade, ao passo que funções são relacionais, atuando entre uma unidade inteira e outras unidades da mesma camada (PEZATTI, 2016).

O *Nível Interpessoal* lida com os aspectos formais de uma unidade linguística que reflete seu papel na interação entre falante e ouvinte. Segundo a GDF, as unidades discursivas relevantes nesse nível são hierarquicamente organizadas em camadas:

Figura 2 - As camadas de organização do Nível Interpessoal

$(\pi M_1: [$	Movimento
$(\pi A_1: [$	Ato discursivo
$(\pi F_1: ILL (F_1): \Sigma (F_1))$	Ilocução
$(\pi P_1: \dots (P_1): \Sigma (P_1))_S$	Falante
$(\pi P_2: \dots (P_2): \Sigma (P_2))_A$	Ouvinte
$(\pi C_1: [$	Conteúdo Comunicado
$(\pi T_1 [\dots] (T_1): \Sigma (T_1))_\Phi$	Subato de Atribuição
$(\pi R_1 [\dots] (R_1): \Sigma (R_1))_\Phi$	Subato de Referência
$] (C_1): \Sigma (C_1))_\Phi$	Conteúdo Comunicado
$] (A_1): \Sigma (A_1))_\Phi$	Ato discursivo
$] (M_1): \Sigma (M_1))$	Movimento

Fonte: Hengeveld e Mackenzie, p. 2012, p. 51.

De acordo com a figura 2, o *Movimento* (M) é definido na GDF como a camada mais elevada da hierarquia e descreve o segmento inteiro de discurso que é considerado relevante no processo de interação. Um movimento¹⁸ é constituído de um ou mais *Atos* temporalmente ordenados que, juntos, formam o núcleo (simples ou complexo). Cada *Ato discursivo* (A) se organiza com base em um esquema *Ilocucionário* (ILL), e pode conter dois *Participantes* (P), o Falante e ouvinte (S, A) e um Conteúdo Comunicado como seus argumentos. O *Conteúdo Comunicado* (C) pode constituir-se de um número variável de *Subatos Atributivos* (A) e *Referenciais* (R), aos quais são atribuídas funções pragmáticas (Tópico, Foco, Contraste). Essa é uma distinção importante para o modelo, pois, para Hengeveld e Mackenzie, somente subatos referenciais, constituídos por estruturas nominais diversas, podem ser topicalizados, focalizados ou contrastados, ao passo que, para outros autores, até formas verbais, que correspondem aos subatos atributivos, podem receber algum tipo de função pragmática.

¹⁸ Os exemplos (a) e (b) são casos de movimento com dois atos discursivos, em que um é definido como subordinado e o outro como nuclear: a) O João, ele esteve aqui. $(\Pi M_1: [(\Pi A_1: [\dots] (A_1))_{Orient} (\Pi A_2: [\dots] (A_2))_{Nucl}] (M_1))_\Phi$ b) Ele esteve aqui, o João. $(\Pi M_1: [(\Pi A_1: [\dots] (A_1))_{Nucl} (\Pi A_2: [\dots] (A_2))_{Contr} (M_1))_\Phi$

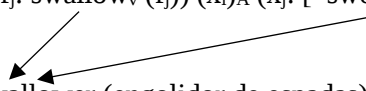
De modo mais específico, o *Subato Atributivo* (T) representa a tentativa do falante de evocar uma propriedade, como por exemplo, “*Está nevando*, em que o falante evoca somente uma propriedade meteorológica sem fazer menção a nenhum referente; “nevar” não está sendo atribuído a algo, mas simplesmente ‘descrito’. O *Subato Referencial* (R), por outro lado, é a tentativa do falante de evocar um referente no mundo, como “homem”, “casa”, “batom” (HENGEVELD E MACKENZIE, 2008; PEZATTI, 2016; FONTES, 2016).

Como sintetiza Fontes (2016, p. 27), no Nível Interpessoal estão abrigados unidades e mecanismos linguísticos por meio dos quais as estratégias comunicativas ou intencionais de um usuário da língua se materializam no jogo comunicativo estabelecido entre os participantes da interação, o que ajudaria a explicar, a nosso ver, os usos mais discursivizados dos verbos de percepção visual “ver” e “olhar” no português falado do interior paulista.

Para entendermos como se processa a GR no modelo da GDF, é necessário antes compreendermos as distinções existentes entre alguns conceitos operacionais, tais como: ***lexema***, ***operador lexical***, ***operador gramatical*** e ***função***, que são fundamentais nesta pesquisa.

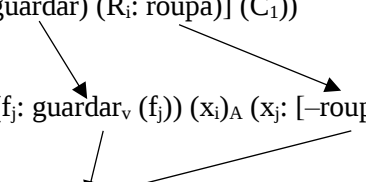
- (i) **Lexema:** segundo Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 19), os lexemas integram o conjunto de primitivos que compõem o fundo de base do modelo gramatical: é um dos elementos que faz a gramática de uma língua funcionar. Dentro do conjunto de lexemas, faz-se uma distinção entre aqueles que operam no Nível Interpessoal (como, por exemplo, interjeições, nomes próprios, advérbios ilocucionários, expressões performativas etc.) e aqueles que operam no Nível Representacional, que servem para designar as coisas do mundo. É importante destacar que os lexemas pertencentes ao Nível Interpessoal (NI) são aqueles que expressam, de alguma forma, as intenções do falante, como os nomes próprios que evocam seres específicos do mundo, e as interjeições, que expressam a admiração, raiva, emoção e os sentimentos do falante. Já os lexemas pertencentes ao Nível Representacional são aqueles que designam as coisas do mundo, desde aquelas que são concretas até aquelas que são abstratas. Por exemplo, o lexema “amigo” designa um Indivíduo, em termos de categoria semântica, que tem alguma relação de amizade com alguma *pessoa* (também definido semanticamente como Indivíduo). O lexema “crença” designa um Conteúdo Proposicional, que representa um estado, processo mental ou atitude de quem acredita em pessoa ou coisa (MICHAELIS, 2020). Outra distinção importante nesse âmbito é aquela existente entre lexema e palavra. De acordo

com Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 400), os lexemas, como vimos, operam no Nível Representacional (NR) (e também no Interpessoal), ao passo que as palavras operam no Nível Morfossintático (NM). Isso se deve ao fato, por exemplo, de que uma única palavra no Nível Morfossintático pode corresponder a vários lexemas no Nível Representacional:

- (1) NR: $(x_i: [(f_i: [(f_j: \text{swallow}_v(f_j)) (x_i)_A (x_j: [-\text{sword}_N- (x_j)_U])_U] (f_i)) (x_i)_U])$
- 

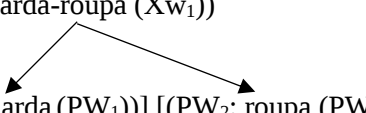
 NM: sword-swallower (engolidor de espadas)

O exemplo acima, extraído e adaptado de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 400), mostra que dois lexemas no Nível Representacional correspondem a uma única palavra no Nível Morfossintático, razão pela qual é primordial estabelecer essa distinção entre os níveis. Outro caso semelhante a esse de Hengeveld e Mackenzie é o da palavra “guarda-roupa”:

- (2) NI: $(C_1: [(T_i: \text{guardar}) (R_i: \text{roupa})] (C_1))$
- 

 NR: $(x_i: [(f_i: [(f_j: \text{guardar}_v(f_j)) (x_i)_A (x_j: [-\text{roupa}_N- (x_j)_U])_U] (f_i)) (x_i)_U])$

 NM: $(X_{w_1}: \text{guarda-roupa} (X_{w_1}))$



 NF: $[(PW_1: \text{guarda} (PW_1))] [(PW_2: \text{roupa} (PW_2))]$

Quando comparamos os Níveis Representacional e Morfossintático com o Nível Fonológico (NF), fica ainda mais claro porque precisamos fazer essas distinções. Em (2), temos dois lexemas no NR que correspondem a uma única palavra no NM, que, por sua vez, correspondem a duas palavras fonológicas (PW) no NF, em razão da tonicidade de cada palavra. Essa relação também se observa no NI, uma vez que “guarda-roupa” do NM corresponde a dois Subatos no NI, um Subato Referencial (representado pelo lexema “roupa”) e um Subato Atributivo (representado pelo lexema verbal “guardar”). É isso o que os autores chamam de alinhamento entre os níveis de organização da gramática proposta pela GDF.

Os moldes ou frames, segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), representam as possibilidades de combinação de elementos dentro de cada uma das camadas que compõem os

Níveis Interpessoal e Representacional. Os elementos que operam no interior dos moldes podem ser nucleares (núcleos) ou funções (gramaticais). Vejamos os exemplos abaixo:

- (3) *Eu prometo que comprarei uma casa para você.*
 NI: (A_I: [(F_I: /**prometer**/_v (F_I)) (P_I)_S (P_J)_A (C_I: - comprarei uma casa para você – (C_I))] (A_I))

Núcleos são os elementos lexicais mais importantes dentro de um molde, como se observa em (3), em que o verbo “prometer” constitui o núcleo da Ilocução de Ato Declarativo performativo. No caso de Atos imperativos, como em “Contenha-se”, o núcleo é abstrato.

Entre os Lexemas, podemos ainda destacar os modificadores, que são estratégias lexicais utilizadas pelo falante para restringir algum elemento do Nível Interpessoal ou do Nível Representacional. No exemplo “aluno inteligente”, o adjetivo “inteligente” é uma propriedade que atua como modificador do nome “aluno”, que designa um Indivíduo, como representado em: (x_i: (f_i: aluno (f_i)) (x_i: (f_j: **inteligente** (f_j): (q_i: (f_k: alto (f_k)) (q_i)) (f_j)) (x_i)).

- (ii) **Função:** são estratégias altamente gramaticais e relacionais que podem ser empregadas para estabelecer relações entre unidades semânticas ou pragmáticas. Por exemplo, a partícula “só” pode ser usada pelo falante para marcar a função de Contraste a um Subato Referencial, como se vê em (4):

- (4) Pedro comeu **só** o bolo.
 NI: (A_I: [F_I: DECL (F_I)) (P_I)_S (P₂)_A (C_I: [(T_I: comeu (T_I)) (R_I: **o bolo**)_{Contraste}] (C_I))] (A_I))

A função Contraste sinaliza, conforme Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 96), “o desejo do falante de trazer à tona as diferenças específicas entre dois ou mais conteúdos comunicados ou entre um conteúdo comunicado e as informações contextualmente disponíveis.”¹⁹. Nesse caso, o contraste é estabelecido entre duas informações: Pedro comeu só o bolo (e não outras coisas).

- (iii) **Operador lexical:** Keizer (2007) e Olbertz (2016) entendem que há elementos que não podem ser classificados nem como lexemas nem como operadores (gramaticais), justamente porque eles apresentam traços lexicais e gramaticais, que os colocam em uma categoria intermediária entre o léxico e a gramática. Fontes (2016, p. 57) propõe, por exemplo, que os usos de “ainda” que operam

¹⁹ “[...] which signals the Speaker’s desire to bring out the particular differences between two or more Communicated Contents or between a Communicated Content and contextually available information.”

no Nível Representacional constituem casos de operador lexical, e os usos que operam no Nível Interpessoal constituem casos de operador ou função. Olbertez (2016) diz que alguns casos de perífrases verbais, como “parar+de+infinitivo” e “tener+participio”, são mais bem classificados como operadores lexicais, uma vez que não são nem propriamente lexicais nem propriamente gramaticais; estão na fronteira entre as duas categorias.

- (iv) **Operador** (gramatical): os operadores são elementos gramaticais que são, em geral, utilizados para especificar e relacionar conteúdos designados ou evocados por uma determinada categoria no nível semântico ou pragmático. No inglês e no português, alguns elementos podem funcionar, respectivamente, como operadores aproximativos de Subatos Atributivos (HENGEVELD e MACKENZIE, 2008, p. 112), como em (5), e como operadores aproximativos de Subatos Referenciais (SOUZA, 2009, p. 174-175), como em (6):

- (5) Her shirt was **sort-of** blue.
A camisa dela era *tipo/meio* azul.
(approx T₁: blue (T₁))
- (6) A fulana me contou **umas coisas** aí.
(approx R₁: umas coisas (R₁))

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008) e Souza (2009), os operadores aproximativos, que podem ser atribuídos tanto a Subatos atributivos quanto a Subatos referenciais, são usados pelo falante para indicar uma ideia aproximada ou imprecisa de algo, característica, situação etc. É uma espécie de estratégia de descomprometimento do falante acerca do que é falado.

O esquema abaixo, em (7), traz a representação da estrutura geral das camadas que compõem os níveis da GDF, que inclui os elementos discutidos acima:

- (7) $(\pi \ v_1: [\text{núcleo } (v_1)_\Phi]: [\sigma \ (v_1)_\Phi])$

No esquema em (7), a camada que é considerada relevante para a descrição linguística é representada pela variável v_1 . Essa camada pode ser restringida por um **núcleo** ou por um **modificador** (σ), ambos tomando a variável como seu argumento. A camada pode ainda ser especificada por um operador (π) e pode também conter uma função (Φ).

O quadro 2, a seguir, baseado em Souza (2009, p. 47) e Pacheco (2009), resume todas as categorias pertencentes ao Nível Interpessoal, bem como os frames (esquemas) esperados para cada uma dessas categorias, incluindo os tipos de operadores e modificadores que podem operar em cada uma das camadas do Nível Interpessoal:

Quadro 2 - Camadas, frames, operadores e modificadores do Nível Interpessoal

Categoria	Definições e exemplos	Frames
Movimento	O movimento é a maior unidade de interação relevante na análise gramatical: Ex.: <i>Cuidado, porque haverá pegadinhas no exame.</i>²⁰ (M₁: [(A₁: [-cuidado-] (A₁)) (A₂: [-haverá pegadinhas no exame-] (A₂))_{Motiv}] (M₁))_Φ	Frames do Movimento: (π M₁ : [(A₁)... (A₁ + n)] (M₁): Σ (M₁)), onde $n \geq 0$ Núcleo do Movimento <i>Um ou mais atos discursivos.</i> Operadores de movimento (π): <i>No entanto, entretanto etc.</i> Ex.: (p. 59)²¹: <i>Entretanto</i> (Contraste) Modificadores de movimento (Σ): <i>Em resumo; finalizando; por outro lado etc.</i> Ex.: (p. 59) <i>Para encurtar uma longa estória, estou ainda considerando, mas duvido muito que eu chegue lá.</i> (Internet)

(continua)

²⁰ Os exemplos foram extraídos de Souza (2009, p. 47) e Pacheco (2009).

²¹ Os exemplos de frames foram extraídos de Hengeveld e Mackenzie (2008).

Quadro 2 - Camadas, frames, operadores e modificadores do Nível Interpessoal (continuação)

Ato discursivo	Expressivo = expressa o sentimento do falante: Ex.: <i>Droga!</i> (A_i: [(F_i: /droga/Int (F_i)) (P_i)_s] (A_i)) Interativo = elementos lexicais invariáveis: Ex.: <i>Parabéns!</i> (A_i: [(F_i: /parabéns/(F_i)) (P_i)_s (P_i)_A] (A_i)) Conteúdo = envolve o conteúdo comunicado e uma ilocução (lexical ou abstrata): Ex.: <i>Eu prometo que estarei na sua casa.</i> (A_i: [(F_i: /prometer/_v (F_i)) (P_i)_s (P_i)_A(C_i)] (A_i)) Ex.: <i>Eu estarei na sua casa amanhã.</i> (A_i: [(F_i: DECL (F_i)) (P_i)_s (P_i)_A (C_i)] (A_i))	Frames do Ato discursivo: (π A_i: [(F_i ♦ (F_i)) (P_i)_s] (A_i): Σ (A_i)) Núcleo do Ato discursivo: <i>Ilocução, Participantes, Conteúdo Comunicado.</i> Operadores do Ato discursivo (π): <i>Ironia; ênfase; mitigação</i> Ex.: (73 p. 66) Operadores de ironia e enfáticos a. <i>Ela cresceu!</i> b. <i>Você disse que estava grávida?!</i> c. <i>Ande logo!</i> Modificadores do Ato discursivo (Σ): <i>Brevemente; em breve; além disso, palavras que indicam ênfase etc.</i> Ex.: (p. 65) - Ênfase (65) <i>Responda-me saco!</i> (66) <i>Eu quero ir pra casa, merda.</i>
Ilocução	A ilocução captura as propriedades formais e lexicais de atos discursivos em situações convencionalizadas, que estão a serviço de intenções comunicativas. Ex.: <i>Maria chegou.</i> (A_i: [(F_i: DECL (F_i)) (P_i)_s (P_i)_A (C_i: -a Maria chegou -)_φ] (A_i): Σ (A_i))	Frames das Ilocuções: (π F_i: ♦ (F_i): Σ (F_i)) (π F_i: ILL (F_i): Σ (F_i)) Núcleo da ilocução: <i>Predicado ilocucionário abstrato, verbo performativo léxico.</i> Ex.: (83 p.69) <i>Eu prometo lavar a louça.</i> Verbo Performativo. Operadores de ilocução (π): <i>Ênfase, mitigação etc.</i> Ex.: (154 p. 83) Operador de ênfase – Evenki <i>Enu-k’e - Isso dói!!</i> Modificadores da ilocução (Σ): <i>Honestamente; francamente; sinceramente.</i> Ex.:(140 p. 81) <i>Eu prometo a você sinceramente que isso não é trote/pegadinha.</i> (advérbio - modificação lexical da ilocução)

Quadro 2 - Camadas, frames, operadores e modificadores do Nível Interpessoal (continuação)

Participantes	Na interação (P₁) e (P₂) alternam-se como falante e ouvinte: Ex.: <i>Você é esperta?</i> (f P_I: você_{pro} (P_I)_S (P_J)_A)	Frames dos Participantes: $(\pi P_1: \emptyset (P_1))$ $(\pi P_1: \diamond (P_1): \Sigma (P_1))$ Núcleo dos participantes: <i>Vazio ou lexical</i> Ex.: (p.85 ex.160) <i>Eu te peço para que você complete este formulário.</i> Operadores dos participantes (π): <i>Número (singular/plural etc.) e status (sexo etc.)</i> Ex.: (164 p. 85) <i>Nós declaramos que nós não temos nenhuma confiança na administração.</i> (operadores de número) Modificadores dos participantes (Σ): <i>Especificadores (advérbios etc.)</i> Ex.:(162 p. 85) <i>Eu César ou você ai.</i>
Conteúdo Comunicado	O conteúdo comunicado contém a totalidade do que o falante deseja evocar na sua comunicação com o ouvinte: Ex.: <i>João deu a Pedro o livro.</i> $(C_I: [(R_I: João (R_I))_{Top} (T_I) (R_J: Pedro (R_J))_{Foc} (R_L: livro (R_L)_{Top}] (C_I))$	Frames do Conteúdo Comunicado: $(\pi C_1: [(T) \Phi^N (R) \Phi^N] \Phi (C_1): \Sigma (C_1))$ Núcleo do conteúdo comunicado <i>Subatos de atribuição e de referência. Funções pragmáticas podem ser atribuídas a esses subatos.</i> Operadores do conteúdo comunicado(π): <i>Reportativo, ênfase etc.</i> Ex.: (241 p. 105) - Reportativo <i>'Dizem que quando ele andava (no barco) ele virou.</i> Modificadores do conteúdo comunicado (Σ): <i>Felizmente; infelizmente; sinceramente, realmente etc.</i> Ex.: (235 p. 102) <i>Eu realmente não gosto de você.</i> (Modificador enfático)

Quadro 2 - Camadas, frames, operadores e modificadores do Nível Interpessoal (conclusão)

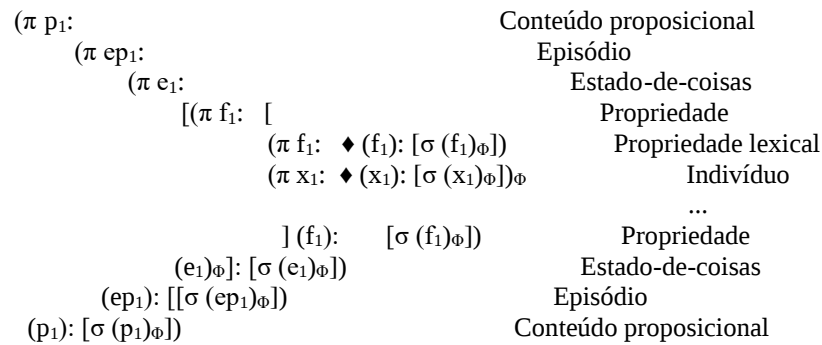
Subato Atributivo	O subato atributivo constitui uma tentativa do falante de evocar uma propriedade. Ex.: <i>Maria é bonita.</i> (C_i: [(R_i: Maria (R_i)) (T_i) (T_j: bonita (T_j))] (C_i))	Frames do Subato de Atribuição: (π T₁:H(T₁): Σ (T₁)) Núcleo do subato adscritivo: <i>Em princípio é vazio, há casos em que pode ocorrer com um núcleo lexical;</i> Ex. (267 p. 110) <i>Peter ama Maria.</i> (subato atributivo) Operadores do subato adscritivo (π): <i>Aproximativo (tipo etc.) e enfático</i> Ex.: (286 p. 113) – ênfase – língua Khan <i>Ma-che?-də zə ‘Nós permanecemos (totalmente) sem medo’.</i> Modificadores do subato adscritivo (Σ): <i>Atitudinal, enfático (realmente) e reportativo.</i> Ex.: (271 p. 111): <i>um exemplo realmente bonito.</i> (enfático)
Subato Referencial	O subato referencial constitui uma tentativa do falante de evocar um referente: Ex.: <i>João estava na festa.</i>	Frames do Subato Referencial: (π R₁:H(R₁): Σ (R₁)) Núcleo do subato Referencial: <i>Pode constituir-se de: a) um ou mais atos adscritivos e possivelmente um ou mais subatos referenciais; b) um nome próprio, um lexema mudo e c) uma combinação abstrata de características para o falante e ouvinte.</i> Ex.: (308 p. 117): <i>João estava na festa.</i> (nome próprio) Operadores do subato referencial (π): <i>Identificabilidade (identificável/específico) e ênfase.</i> Ex.: (329 p. 122) <i>Eu tenho um certo problema com este texto.</i> (identificável) Modificadores do subato referencial (Σ): <i>Atitudinal (pobre, pequeno etc.)</i> Ex.: (325 p. 121) <i>a. Ninguém estava prestando atenção ao pobre coitado.</i> (atitudinal)

Fonte: Elaboração própria, baseada em Souza, 2009; Pacheco, 2009.

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), o **Nível Representacional** da GDF lida com os aspectos formais de uma unidade linguística que reflete seu papel no estabelecimento de uma

relação com o mundo real ou imaginário que ela descreve. É por essa razão que as categorias representacionais se referem à designação e não à evocação (oriunda do Nível Interpessoal). O Nível Representacional cuida apenas da semântica de uma unidade linguística. As unidades semânticas do Nível Representacional são organizadas como:

Figura 3 - As camadas de organização do Nível Representacional



Fonte: Hengeveld e Mackenzie (2012, p.55)

No Nível Representacional, as unidades linguísticas são descritas em termos do tipo de entidade que elas designam (HENGEVELD e MACKENZIE, 2008, p.15). Para a GDF, o *Conteúdo Proposicional* (constructo mental, crença, desejo) é a camada mais alta desse nível, seguida pelo Episódio e pelas demais camadas. Organizados, assim, de forma hierárquica, os Conteúdos Proposicionais contêm *Episódios* (ep), que podem ser constituídos por um ou mais *Estado-de-coisas* (e) dispostos numa sequência tematicamente coerente, apresentando, sempre, uma unidade Temporal (t), Locativa (l) e uma manutenção dos Indivíduos (x) envolvidos. No modelo da GDF, os eventos são caracterizados por uma ou mais *Propriedades* (f_1), que, por sua vez, podem conter descrições de *Indivíduos* (x) e outras propriedades (f_2).

Segundo Fontes (2016, p. 30), o Nível Representacional compreende a codificação formal das propriedades semânticas dos enunciados, dando conta de descrever diferentes categorias que estão presentes na relação entre usuário da língua e mundo extralinguístico.

O quadro 3, a seguir, baseado em Souza (2009, p. 51) e Pacheco (2009), resume todas as categorias pertencentes ao Nível Representacional, bem como os frames (esquemas) esperados para cada uma dessas categorias, incluindo os tipos de operadores e modificadores que podem operar em cada uma das camadas do Nível Representacional:

Quadro 3 - Camadas, frames, operadores e modificadores do Nível Representacional

Categoria	Definições e exemplos	Frames
Conteúdo proposicional	Conteúdo proposicional, definida como a categoria semântica mais alta do Nível representacional, é um construto mental (conhecimento, crença, expectativa etc.): Ex.: <i>Provavelmente, ela não virá.</i> $(p_1: [(ep: -ela \text{ não virá- } (ep_1)_\phi]: \text{provavelmente } (p_1))$	Frames do Conteúdo Proposicional: $(p_1: \diamond (p_1))$ $(p_1: [(f_1)(p_1)\phi])$ $(\pi p_1: [(ep_1)...(ep_{1+N})\{\phi\}]: [\sigma (p_1)\phi])$ Núcleo do conteúdo proposicional: <i>Palavras especiais como “sim” ou “não”, propriedades léxicas ou episódios;</i> Ex.: (80 p. 146): A: <i>Pedro foi atacado por um cachorro?</i> B: a. <i>sim.</i> b. <i>não</i> Operadores de proposição (π): <i>Operadores modais, evidenciais, hipotéticos etc.</i> Ex.: (129 p. 154) ‘Se ele vier’ (hipótese) Modificadores de proposição (Σ): <i>Provavelmente, certamente, evidentemente etc.</i> Ex.: (113 p. 151) <i>Provavelmente/evidentemente</i> Sheila está doente.
Episódio	O episódio é composto por um ou mais estado-de-coisas, numa sequência coerente: Ex.: <i>Ele chegou, comeu e foi dormir.</i> $(ep_i: [(e_i: \text{ele chegou } (e_i)) (e_j: \text{comeu } (e_j)) (e_i: \text{foi dormir } (e_i))] (ep_i))$	Frames do Episódio: $(ep_1: [(f_1)(ep_1)\phi])$ $(\pi ep_1: [(e_1)...(e_{1+N})\{\phi\}]: [\sigma (ep_1)\phi])$ Núcleo do episódio: <i>Podem ser preenchidos por propriedades léxicas ou (combinações de) estado-de-coisas;</i> Ex.: (155 p. 161) <i>Ele irá a Londres e ela a Paris.</i> (dois estados-de-coisas) Operadores do episódio (π): <i>Operadores de tempo absoluto (pas; fut, pres)</i> Ex.: (171 p. 163) <i>Saindo, parando para checar a caixa do correio, olhando a entrada da garagem e, parando para ajustar seu chapéu e andou até seu carro.</i> Modificadores do episódio (Σ): <i>Ontem, hoje, amanhã etc. = tempo absoluto</i> Ex.: (167 p. 163) <i>Isso aconteceu antes de ir para a Vila Ubuntu.</i> (tempo absoluto)

(continua)

Quadro 3 - Camadas, frames, operadores e modificadores do Nível Representacional
(continuação)

Estado-de-coisas	Estado-de-coisas são entidades que podem ser localizadas no tempo relativo e podem ser avaliadas em termos de sua realidade: Ex.: <i>João saiu depois do almoço.</i> $(e_i: (f_i: [-\text{João sair}-] (f_i)) (e_i)_\Phi: [(t_i: -\text{depois do almoço} - (t_i)_T (e_i)_\Phi])$	Frames do Estado-de-coisas: $(e_i: [(f_1)(e_1)\Phi])$ $(e_i: [[(f_1: [...] (f_1))...(f_{1+N}: [...] (f_{1+N}))\{\Phi\} n](e_1)\Phi]: [\sigma (e_1)\Phi])$ Núcleo do Estado-de-coisas: <i>Podem ser preenchidos por propriedades léxicas ou (combinações de) propriedades de configuração;</i> Ex.: (199 p. 168): <i>O homem viu o jogo.</i> (núcleo lexical) Operadores de estado-de-coisas (π): <i>Lugar; tempo relativo; modalidade orientada para o evento; percepção de evento; polaridade e quantificação.</i> Ex.: (p. 171) (214) <i>Sheila trabalha em Londres</i> (Lugar) (215) <i>Sheila saiu antes do jantar.</i> (Tempo relativo) Modificadores de estado-de-coisas (Σ): <i>Expressões que especificam o tempo relativo de ocorrência, o lugar de ocorrência, a frequência da ocorrência, a realidade, o cenário físico e cognitivo do estado-de-coisas</i> Ex.: (p. 171) (216) <i>Sheila vai a Londres frequentemente.</i> (Frequência) (218) <i>Sheila ficou doente por causa da chuva pesada.</i> (Causa)
--------------------------------	--	---

Quadro 3 - Camadas, frames, operadores e modificadores do Nível Representacional
(continuação)

Propriedades Configuracionais e lexicais	A propriedade pode ser avaliada apenas em termos de sua aplicabilidade a entidades de primeira ordem, o indivíduo: Ex.: <i>Homem altamente inteligente.</i> $(x_i: (f_i: \text{homem } (f_i)) (x_i: (f_j: \text{inteligente } (f_j): (q_i: (f_k: \text{alto } (f_k)) (q_i) (f_j)) (x_i))$	Frames das Propriedades Configuracionais: $(\pi f_i: [(v_i)...(v_{i+N})\{\phi\}] (f_i): [\sigma (f_i)\phi])$ Núcleos das Propriedades Configuracionais: <i>São preenchidos por combinações de categorias semânticas e há restrições qualitativa, quantitativa e em relação à valência;</i> Ex.: (276 p. 182) <i>Está chovendo.</i> (frame de predicação de zero lugar – não tem sujeito) Operadores das propriedades configuracionais (π): <i>Aspecto, modalidade e/ou quantidade;</i> Ex.: (p. 213/214) (444) <i>'Ele está para ver a peça.'</i> (aspecto) (453) <i>John quer ser jovem novamente.</i> (modalidade) Modificadores das propriedades configuracionais (Σ): <i>Participantes adicionais, modo e/ou duração.</i> Ex.: (p. 208) (437) <i>John caminhou vagarosamente.</i> (modo) (442) <i>Ele mora aqui há 10 anos.</i> (duração) Frames das Propriedades Léxicas: $(\pi f_i: \diamond (f_i): [\sigma (f_i)\phi])$ Núcleo das propriedades léxicas: <i>Núcleos lexicais simples e complexos.</i> Ex.: (475 p. 216) <i>máquina de lavar roupa.</i> (núcleo lexical complexo: dois itens lexicais – um conceito) Operadores das propriedades léxicas (π): <i>Aspecto, direção e grau.</i> Ex.: (p. 233) (585) <i>Dois escritores. Um grupo de dois escritores.</i> (aspecto nominal – nome conjunto) Modificadores das propriedades léxicas (Σ): <i>Modificadores (adjetivos), advérbios de maneira, grau etc.</i> Ex.: (p. 230) (559) <i>dança lindamente.</i> (verbo modificado por advérbio)
--	--	---

Quadro 3 - Camadas, frames, operadores e modificadores do Nível Representacional
(continuação)

Indivíduo	O indivíduo designa uma entidade de primeira ordem, concreta e tocável. Além disso, o indivíduo existe por si só e pode ser localizado no espaço: Ex.: <i>O presidente.</i> $(x_i: [(f_i: \text{presidenten} (f_i) (x_i)_{\cup})])$	Frames de Indivíduo: $(\pi x_1: [(f_1)(x_1)\phi]: [\sigma (x_1)\phi])$ $(\pi x_1: [(f_1: [(f_2)(v_1)\phi](f_1)) (x_1)\phi]: [\sigma (x_1)\phi])$ $(\pi x_1:(v_1: [...(x_1)....] (v_1)))$ Núcleo de indivíduo: <i>Propriedades léxicas, expressões anafóricas, catafóricas e dêiticas.</i> Ex. (611 p. 238) O presidente. (núcleo lexical – nome) Operadores de indivíduo (π): <i>Localização e quantificação</i> Modificadores de indivíduo (Σ): <i>Expressões que especificam qualidade, lugar, quantidade etc. do indivíduo.</i> Ex.: (633 p. 243) Os homens <i>da lua</i>. (lugar).
Localção	A locação indica o “ambiente” ou lugar: Norte, Atlanta ou Geórgia. Ex.: <i>O topo da montanha.</i>	Frames de Localção: $(\pi l_1: [(f_1)(l_1)\phi]: [\sigma (l_1)\phi])$ $(\pi l_1: [(f_1: [(f_2)(v_1)\phi](f_1)) (l_1)\phi]: [\sigma (l_1)\phi])$ $(\pi l_1:(v_1: [...(l_1)....] (v_1)))$ Núcleo da locação: <i>Propriedades léxicas, proformas, dêiticos, palavras interrogativas, relações partitivas.</i> Ex.: (685 p. 251) ‘O interior da caixa’ (relação partitiva) Operadores de locação (π): <i>Localização e quantificação;</i> Ex.: em todo lugar, em algum lugar etc. Modificadores de locação (Σ): <i>Qualidades e quantidade da localização.</i> Ex.:(749 p. 261) <i>Naquele exato lugar.</i>

Quadro 3 - Camadas, frames, operadores e modificadores do Nível Representacional
(continuação)

Tempo	O tempo relaciona-se às categorias temporais: hoje, domingo, natal etc. Ex. <i>O exato momento.</i>	Frames de Tempo: $(\pi \ t_1: [(f_1)(t_1)\phi]: [\sigma \ (t_1)\phi])$ $(\pi \ t_1: [(f_1: [(f_2)(v_1)\phi](f_1)) \ (t_1)\phi]: [\sigma \ (t_1)\phi])$ $(\pi \ t_1:(v_1: [...(t_1)....] \ (v_1)))$ Núcleo do tempo: <i>Propriedades léxicas, designações de tempo que correspondem às proformas, aos dêiticos e às palavras interrogativas.</i> Ex.: (732 p. 258) <i>Eu o vi ontem.</i> Operadores de tempo (π): <i>Localização e quantificação;</i> Ex.: <i>Localização: Terça-feira, no século passado; quantificação: um momento, todo momento etc.</i> Modificadores de tempo (Σ): <i>Localização, quantificação, tempo.</i> Ex.:(p. 261) <i>(751) A hora que chegamos foi relativamente tarde.</i>
Modo	O modo é a forma como se “executa” o Estado-de-coisas. Ex.: <i>João dirigiu imprudentemente.</i>	Frames de Modo: $(\pi \ m_1: [(f_1)(m_1)\phi]: [\sigma \ (m_1)\phi])$ $(\pi \ m_1: [(f_1: [(f_2)(v_1)\phi](f_1)) \ (m_1)\phi]: [\sigma \ (m_1)\phi])$ $(\pi \ m_1:(v_1: [...(m_1)....] \ (v_1)))$ Núcleo do modo <i>Devem ser propriedades léxicas, designações de tempo, modo e locação.</i> Ex.: (785 p. 266) <i>João dirigiu imprudentemente. (modo)</i> Operadores de modo (π): <i>Localização e quantificação;</i> Ex.: Várias maneiras do público reagir. (quantificação) Modificadores de modo (Σ): <i>Expressões léxicas de grau e qualidade.</i> Ex.: (793 p. 267) <i>‘muito legal’ (grau)</i>

Quadro 3 - Camadas, frames, operadores e modificadores do Nível Representacional
(conclusão)

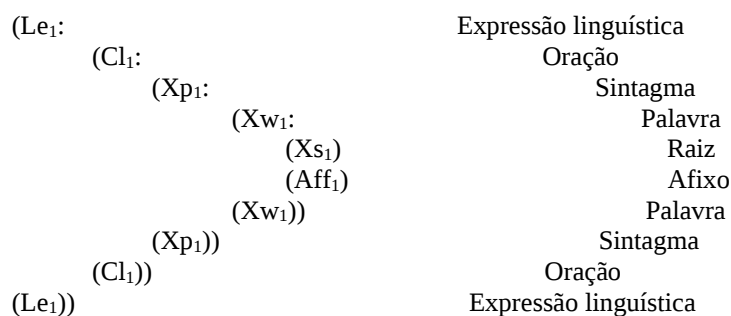
Quantidade	A quantidade designa tanto fenômenos contáveis quanto incontáveis. Ex.: <i>O volume do tráfego.</i>	Frames de Quantidade: $(\pi \ q_1: [(f_1)(q_1)\phi]: [\sigma \ (q_1)\phi])$ $(\pi \ q_1: [(f_1: [(f_2)(v_1)\phi](f_1)) \ (q_1)\phi]: [\sigma \ (q_1)\phi])$ $(\pi \ q_1:(v_1: [...(q_1)....] \ (v_1)))$ Núcleo de quantidade: <i>Propriedades léxicas, designações de quantidade que correspondem às proformas aos advérbios, aos dêiticos e à palavras interrogativas.</i> Ex.: (817 p. 270) <i>Altamente</i> inteligente. (advérbio de gradação – núcleo lexical) Operadores de quantidade (π): <i>Localização e quantificação;</i> Ex.: (827 p. 271) <i>Três litros</i> de leite (quantificação) Modificadores de quantidade (Σ): <i>Expressões léxicas de grau e quantidade.</i> Ex.: (825 p. 271) <i>Uma dose generosa</i> de medicamento. (quantidade)
Razão	Razões podem ser consideradas um tipo especial de Conteúdo proposicional. Ex.: <i>O motivo pelo qual ele partiu.</i>	Frames de Razão: $(\pi \ r_1: [(f_1)(r_1)\phi]: [\sigma \ (r_1)\phi])$ $\pi \ r_1: [(f_1: [(f_2)(v_1)\phi](f_1)) \ (r_1)\phi]: [\sigma \ (r_1)\phi])$ $(\pi \ r_1:(v_1: [...(r_1)....] \ (v_1)))$ Núcleo da razão: <i>Devem ser propriedades léxicas, proformas, dêiticos e palavras interrogativas.</i> Ex.: (836 p. 273) <i>A razão pela qual ele partiu.</i> (centro lexical de uma propriedade configuracional – núcleo configuracional) Operadores de razão (π): <i>Localização e quantificação;</i> Ex.: (846 p. 274) <i>Eu tenho três razões</i> para estar atrasado. (quantificação) Modificadores da razão (Σ): <i>Expressões léxicas indicando uma atitude proposicional.</i> Ex.: (p. 274) (844) <i>Ele partiu porque</i> aparentemente sua mãe está doente. (atitude proposicional)

Fonte: Elaboração própria, baseada em Souza, 2009; Pacheco, 2009.

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 16-17), é no **Nível Morfossintático**²² que as representações interpessoais (pragmáticas) e representacionais (semânticas) são codificadas morfossintaticamente. É nesse nível que se verifica o que é ou não pertinente para uma língua em termos de estratégias de codificação. No Nível Morfossintático, a unidade linguística é analisada em termos de sua composição morfossintática (constituintes morfológicos e sintáticos), começando da camada mais alta para a mais baixa, a saber: *Expressões linguísticas* (Le), *Orações* (Cl), *Sintagmas* de vários tipos (Xp), e *Palavras* de vários tipos (Xw). Ainda, segundo Hengeveld e Mackenzie, é possível distinguir, dentro de cada palavra, *Morfemas* de vários tipos (Xs) e *Afixos* (Aff).

Keizer (2015) afirma que as informações interpessoais e representacionais são codificadas em termos da forma e da ordem dos constituintes, ou seja, os aspectos discursivo-pragmáticos e semânticos dos enunciados, formulados a partir das intenções do falante e representados nos Nível Interpessoal e no Nível Representacional serão codificados em expedientes morfossintáticos (no Nível Morfossintático) e fonológicos (no Nível Fonológico). Quanto à codificação da ordem dos constituintes na oração, são previstas três posições, conforme Hengeveld e Mackenzie (2008), a saber: a posição inicial (P^I), a posição medial (P^M) e a posição final (P^F); há ainda a distinção, feita pelos autores, em relação às camadas de expressão da oração: posição pré-oracional (P^{pré}), posição oracional (P^{centro}) e posição pós-oracional (P^{pós}). De acordo com Fontes e Pezatti (2011, p. 212), os princípios de ordenação podem ser funcionalmente motivados, entretanto, ainda conforme os autores, há fatores “relativos às funções pragmáticas e à referenciação”; “os relacionados às funções semânticas e à designação”; “e os relacionados às funções sintáticas e à complexidade estrutural do item linguístico” que podem determinar essa ordem. Vejamos a figura 4, a seguir:

Figura 4 - As camadas de organização do Nível Morfossintático



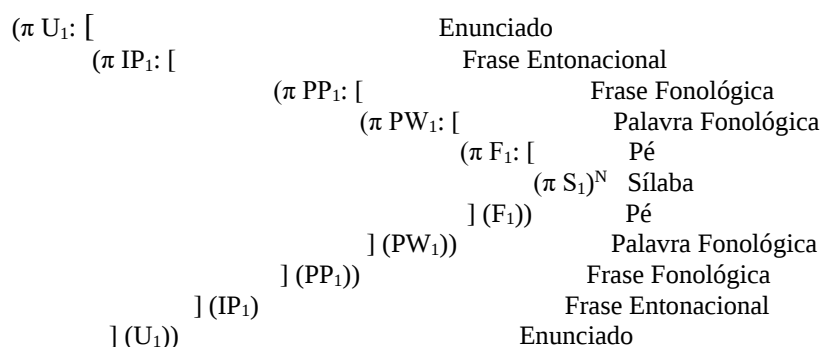
Fonte: Hengeveld e Mackenzie, 2012, p. 59.

²² Vale ressaltar que o tratamento sucinto dado aos níveis de codificação, Nível Morfossintático e Fonológico se deve ao fato de que não nos dedicaremos detalhadamente a eles nesta pesquisa por conta do curto período disponível para a realização da dissertação, ficando, assim, como encaminhamentos para estudos futuros.

O Nível Morfossintático, como enfatiza Fontes (2016, p. 32), é onde se inicia a codificação dos aspectos determinados pela formulação (semântica e pragmática). A GDF “não traça uma distinção entre Morfologia e Sintaxe, mas as integra num único nível, já que acredita que tanto a Morfologia como a Sintaxe respondem aos mesmos princípios”.

Já **Nível Fonológico** trata, por sua vez, tanto da representação segmental quanto da representação supra-segmental (prosódia) de um enunciado. Para Hengeveld e Mackenzie (2008, p.17), nesse nível de organização da GDF, a expressão linguística é analisada em termos de suas unidades fonológicas, tais como o *Enunciado* (U), que é a camada mais alta do Nível Fonológico, a *Frase Intonacional* (IP), a *Frase Fonológica* (PP) e a *Palavra Fonológica* (PW), além das camadas denominadas *Pé* (F) e *Sílaba* (S). Como o último dos quatro níveis de representação, o Nível Fonológico recebe sua contribuição dos três níveis mais altos. Assim como o Nível Morfológico, ele tem a função de codificar informações dos Níveis Interpessoal e Representacional; além disso, a forma fonológica dos elementos pode ser desencadeada por informações morfossintáticas. Vejamos a figura 5, a seguir:

Figura 5 - As camadas de organização do Nível Fonológico



Fonte: Hengeveld e Mackenzie, 2012, p. 63.

Segundo Fontes (2018, p. 16), no Nível Fonológico, são codificados aspectos que não ocorrem no Nível Morfossintático e que precisam, portanto, ser codificados no Nível Fonológico, quer dizer, que nele há “representações de fonemas que são baseadas em oposições fonológicas binárias. Assim, ele recebe o *input* dos outros três níveis e provê *input* para a articulação, sob responsabilidade do Componente de Saída”.

3.2 Os estudos de base da GR

Tem-se observado que a GR é um dos processos de mudança linguística mais comuns nas línguas em geral, conforme afirmado por Gonçalves *et al.* (2007, p. 15). Seguindo os

autores, a noção de “gramática emergente” proposta por Hopper (1991) é assumida por vários estudiosos da GR e se dá em função da constante renovação do sistema linguístico, por exemplo, o fato de surgirem novas funções para formas já existentes e formas novas para funções que já existem. O que motiva essa renovação constante são necessidades comunicativas não satisfeitas ou “ausência de designação linguística para determinados conteúdos cognitivos” (CUNHA *et al.*, 2015, p. 45), ou seja, servir às necessidades dos usuários da língua. Hopper (1991), além de negar a concepção de uma gramática estável, ainda afirma que fenômenos gramaticais, de forma geral, estão envolvidos no processo de GR, já que todos os aspectos gramaticais sofrem constantes modificações, justificando, assim, as constantes mudanças nos planos fonológico, morfológico, sintático e semântico-pragmático das línguas.

Para Hopper e Traugott (1993), Heine *et al.* (1991) e Bybee (2003), a GR consiste num processo em que itens lexicais passam a exercer, em determinados contextos, funções gramaticais ou, se já são gramaticais, continuam a desenvolver funções ainda mais gramaticais. Esse processo de mudança ocorre de maneira gradual (porque as formas seguem etapas graduais de desenvolvimento, como aponta Souza (2017)), numa trajetória unidirecional (visto que, a direção seguida é de menos para mais gramatical, e não o oposto, como afirma Souza (2017)). É o que Gonçalves *et al.* (2007, p. 29) chamam de um processo contínuo “aumento de gramaticalidade/abstração”. Portanto, tais propostas não distinguem os elementos lexicais dos elementos gramaticais de forma dicotômica, “mas sim como *continuum* de GR, que aponta para existência de categorias não-discretas, que se distribuem entre os dois extremos desse continuum [+ Lex → + Gram]” (SOUZA, 2009, p. 65).

No âmbito dos estudos da GR, Hopper e Traugott (1993) assinalam que as palavras lexicais são as responsáveis por reportar ou descrever ações, coisas, qualidades; enquanto as palavras gramaticais têm função de designar as relações entre os nomes, de ligar partes do discurso, de acusar as entidades e participantes de um discurso identificáveis e de expressar se a proximidade se dá em relação ao falante ou ao ouvinte.

Em termos semânticos, a trajetória de GR proposta por alguns teóricos funcionalistas se evidência na passagem do concreto para o abstrato com base na experiência humana com o mundo concreto, como afirmam Cunha, Costa e Cezario (2015, p. 46). Como exemplo, os autores mencionam a proposta de abstração gradativa no percurso de GR de Traugott e Heine (1991): *espaço* > (*tempo*) > *texto*. Ainda seguindo os autores, essa escala apresenta dois desdobramentos possíveis: no primeiro, são descritas categorias gramaticais emergentes a partir de itens lexicais de sentido concreto (exemplos 8a e 8b); no segundo desdobramento, observa-

se a abstração progressiva de significado de um elemento linguístico, não havendo necessariamente mudança de categoria gramatical (exemplos 8c, 8d e 8e).

- (8) a. ... quando ele **vai** atrás ele vê apenas um gato... ele pega o gato... entra no carro e **vai** embora... (corpus D&G/Natal: 308).
- b. bem, a minha opinião sobre o namoro é que está muito avançado, porque esses rapazes de hoje não pensa do amanhã que **vai** ser (corpus D&G/Natal: 363).
- c. ... no banheiro nós vamos encontrar ... uma prateleira ... **onde** fica os utensílios pessoais ... (corpus D&G/Natal: 309).
- d. ... depois disso ... teve a noite **onde** foi escolhido o grupo de cinco pessoa mais ou menos ... (corpus D&G/Natal: 304).
- e. ... eu acho que ao invés das pessoas sair na rua ... pedindo para ... ser implantado a pena de morte no Brasil ... deveria estar lutando por outras ... por outros métodos ... outros objetivos ... de melhores condições de vida ... de melhor educação para os seus filhos ... **onde** as pessoas poderiam viver numa país bom ... certo? (corpus D&G/Natal: 314).
- (CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2015, p. 46-47)

No exemplo (8a), o verbo “ir” é usado como verbo principal e é usado com sentido de movimento físico, mas em (8b), esse verbo é auxiliar e é usado como marca temporal de futuro. A trajetória de mudança nesses exemplos é representada pelo estágio *espaço > tempo* na escala de Traugott e Heine (1991). Nos exemplos (8c, 8d), o item linguístico “onde” é pronome relativo com sentido físico espacial e representa tempo como se fosse espaço, referindo-se à noite, respectivamente; em (8e), é usado como um marcador de pausa, um conector servindo à organização do turno (CUNHA; COSTA; CEZARIO 2015, p. 46-47).

As concepções de GR de autores como Heine *et al.* (1991) e outros, que definem a GR como um processo cognitivo, em que conceitos concretos (atividade, espaço etc.) são utilizados para explicar conceitos mais abstratos (como tempo), e Hopper e Traugott (1993), que concebem a GR como um processo crescente de gramaticalidade, em que a passagem de um item lexical a um item gramatical ocorre de maneira gradual, encontram-se refletidas no modelo da GDF e da proposta de GR de Hengeveld (2017), motivos pelos quais optamos por seguir a proposta de GR de Hengeveld, justamente por entendermos que a separação dos usos entre interacionais e puramente semânticos contribuem de forma significativa para a descrição e análise dos usos de “ver” e “olhar” no português.

3.3 A proposta de GR de Hengeveld (2017)

A GR é descrita no modelo teórico da GDF (HENGEVELD e MACKENZIE, 2008), como um processo de expansão funcional de itens linguísticos que se estabelece entre camadas e níveis de organização hierárquica da gramática (HENGEVELD, 2011; HENGEVELD, 2017; e outros), de modo que, uma vez iniciado o processo, o esperado é que o item em questão desenvolva um trajeto de mudança que vai das camadas mais baixas para as camadas mais altas do Nível Representacional, e, assim, sucessivamente, das camadas mais baixas para as camadas mais altas do Nível Interpessoal (BARRETO; SOUZA, 2016), sem ser possível regredir no processo de mudança. Nesse caso, o percurso inverso de mudança linguística não é aceito pela GDF, uma vez que, após alcançado um ponto de mudança específico nas camadas ou nos níveis, o item não pode se mover para camadas ou níveis mais baixos.

De acordo com Hengeveld (2017), na GDF, os processos de GR são vistos como uma combinação de mudança formal e mudança de conteúdo, que seguem percursos previsíveis em uma trajetória unidirecional, segundo Hopper e Traugott (1993): com relação ao conteúdo, essas mudanças implicam um aumento gradual e sistemático no escopo, enquanto na questão formal, tais mudanças implicam uma diminuição gradual e sistemática na lexicalidade.

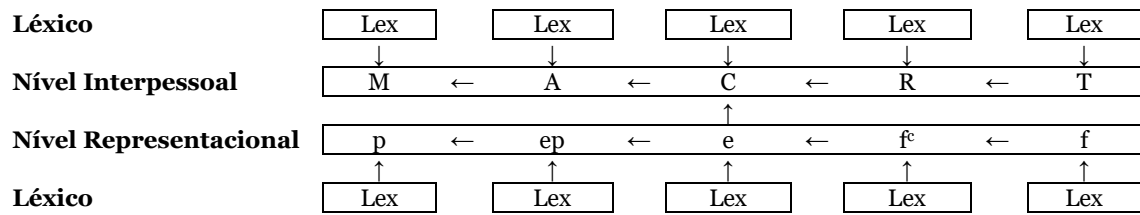
A figura 6, abaixo, ilustra as relações hierárquicas de escopo entre camadas e níveis de organização da gramática propostas pela GDF e as direções nas quais se pode observar um aumento crescente de escopo entre camadas e níveis quanto à GR:

Figura 6 - Relações de escopo na GDF

NÍVEL INTERPESSOAL	Ato discursivo	>	Ilocução	>	Conteúdo comunicado	>	Subato de referência	>	Subato de atribuição
	V								
NÍVEL REPRESENTACIONAL	Conteúdo proposicional	>	Episódio	>	Estado-de-coisas	>	Propriedade configuracional	>	Propriedade lexical

Fonte: Hengeveld, 2017, p. 3 - tradução nossa.

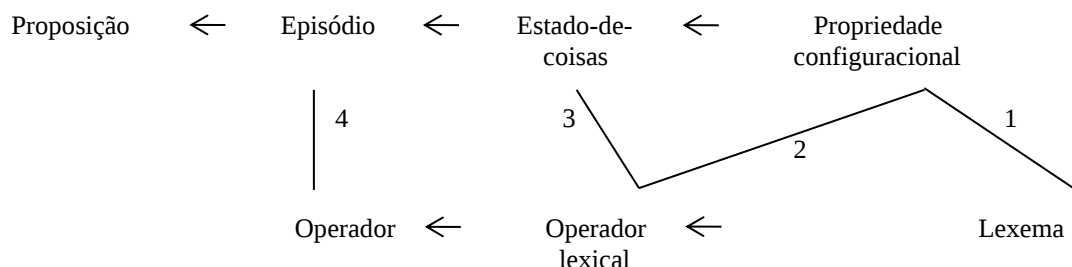
A definição clássica dos estudos de GR que prevê que conceitos concretos (atividade, espaço etc.) são utilizados para explicar conceitos mais abstratos (como, tempo) ou que o processo de mudança envolve uma pragmatização crescente em sentido unidirecional está, de alguma forma, refletida na proposta de GR de Hengeveld (2017), como se vê na figura 7:

Figura 7 - Proposta de mudança de conteúdo na GDF

Fonte: Hengeveld, 2017, p. 12 - tradução nossa.

A figura 7, segundo Hengeveld, mostra que as mudanças de conteúdo podem ocorrer de maneira independente, mas sempre respeitando uma trajetória que vai do léxico para a gramática ou da gramática para algo mais gramatical. Nesse caso, o ponto de corte pode ocorrer em qualquer camada de qualquer nível, mas uma vez iniciado o processo de mudança de um determinado item, não é esperado, conforme Hengeveld (2017), que ele se mova para camadas mais baixas (anteriores ao ponto de partida do processo de GR), ou seja, os itens podem se mover para cima ou permanecer onde estão na escala de conteúdo, mas não podem se mover para camadas mais baixas na escala formal e vice-versa.

A figura 8, a seguir, ilustra algumas dessas possibilidades de mudança:

Figura 8 - Percursos possíveis de mudanças na GDF

Fonte: Hengeveld, 2017, p. 17 - tradução nossa.

A figura 8 ilustra, segundo Hengeveld (2017), uma das trajetórias possíveis de mudança que um item lexical pode apresentar em seu processo de GR no tocante às mudanças formais e às mudanças de conteúdo, conforme destacamos a seguir:

- (i) A primeira etapa (indicada com o número 1) representa uma categoria com conteúdo lexical que opera na camada da propriedade configuracional;
- (ii) A segunda etapa (indicada com o número 2) ilustra um contexto em que o item perde algumas de suas propriedades lexicais e ganha algumas propriedades

gramaticais, passando a funcionar como operador lexical (categoria híbrida). Nessa fase, a mudança é mais de natureza formal, uma vez que a mudança de conteúdo não é tão expressiva, o que permite que o item linguístico ainda opere na camada da propriedade configuracional;

- (iii) Na terceira etapa, observa-se que o item avança em direção à mudança de conteúdo, passando da camada da propriedade configuracional para a camada do estado-de-coisas, porém, mantendo-se como operador lexical;
- (iv) A quarta etapa (indicada pelo número 4) ilustra, por fim, um contexto em que se verifica, ao mesmo tempo, uma mudança formal (o item passa de operador lexical para operador gramatical) e uma mudança de conteúdo (o elemento passa a atuar na camada do episódio).

Como exemplo de como a proposta de GR de Hengeveld (2017) se aplica à análise de fenômenos de mudança diversos, consideremos, a seguir, os usos de “no caso de”:

- (9) *Ezzedin al Kassam reitera no comunicado sua determinação de suspender os atentados contra civis e a limitar suas operações a objetivos militares, **no caso de Israel parar de atacar civis palestinos**.* (19N:Br:Recf) (BARRETO; SOUZA, 2016, p. 96).
- (10) ***No caso de achar 2 de hp/s uma quantia insignificante**, em 1 minuto, isto dá 120 de hp, quase o equivalente a uma poção de hp extra na lane, de graça.* (forums.br.leagueoflegends.com) (BARRETO; SOUZA, 2016, p. 96).
- (11) *Desde terça-feira, no 3º andar do Praia de Belas Shopping Center, 50 expositores apresentam seus produtos na Feira Infoshow da Sociedade de Usuários de Informática e Telecomunicações (Sucesu-RS). ao mesmo tempo e na mesma área ocorre a Sucesu-RS Net*97, a primeira feira sobre Internet no Rio Grande do Sul. **No caso de o Conselho Monetário Nacional (CMN) editar hoje um pacote de decisões para conter o consumo**, o presidente da Sucesu-RS, Antônio Ramos Gomes, acredita que o fato não afetará os negócios na feira.* (19N:Br:PA) (BARRETO; SOUZA, 2016, p. 96).
- (12) *Mesmo assim, como os casais costumam dar muito valor a limites, a aliança acaba servindo para mostrar que a relação tem seriedade e comprometimento, ao ser vista pelas na sociedade. **No caso de você querer dar uma aliança de casamento**, existe todo um ritual, porque se trata de um momento único na vida de um casal.* (blogfiladelfia.com) (BARRETO; SOUZA, 2016, p. 96).

Conforme Barreto e Souza (2016, p. 93), podemos verificar que, em (9), a oração adverbial em sublinhado designa um estado-de-coisas, cuja relação de condicionalidade estabelecida entre as duas orações tem em sua base conceitual uma noção de causalidade ancorada na cronologia temporal. Em (10), a oração adverbial representa um conteúdo proposicional, em que a relação de condicionalidade se “constrói com base nas crenças do

falante com relação ao que ele considera ou não potente para um dado equipamento”, ou seja, é um tipo de relação que se estabelece no plano da inferência, em função da presença do verbo *achar*. Já em (11), a presença do modificador de tempo absoluto *hoje* indica que a oração adverbial condicional constitui um episódio. Nesse caso, segundo os autores, “por se tratar de uma locução que seleciona, em geral, orações não-finitas, é esperado que em geral tais orações apresentem uma referência temporal dependente da oração principal”²³.

Em (12), por sua vez, a oração condicional constitui um caso de Ato discursivo que descreve o contexto dentro do qual é relevante enunciar algo. Nesse sentido, conforme Barreto e Souza (2016), o sentido proveniente da oração condicional está diretamente relacionado às atitudes do falante com relação ao contexto de fala e ao ouvinte²⁴, em termos de intenção comunicativa. Em outros termos, “o significado veiculado por esse tipo de oração não está baseado em uma relação de causalidade (conteúdo) ou inferência (epistêmica), mas sim em uma relação de relevância enunciativa que se constrói no próprio contexto interacional”.

O quadro 4 ilustra, segundo Barreto e Souza (2016), o caminho possível de mudanças formais e mudanças de conteúdo de “no caso de” no português quanto aos níveis e camadas de organização da gramática propostos por Hengeveld e Mackenzie (2008):

Quadro 4 – Trajetória de mudanças formais e de conteúdo de *no caso de* no português brasileiro, segundo a GDF

Nome	Locução adverbial conectiva	Locução adverbial conectiva	Locução adverbial conectiva	Locução adverbial conectiva
Lexema $f: f(x)$ (<i>caso</i>)	Operador lexical <i>No caso de (e),(e)</i>	Operador lexical <i>No caso de (ep),(ep)</i>	Operador lexical <i>No caso de (p),(p)</i>	Operador lexical <i>No caso de (A),(A)</i>
Nível Representacional	Nível Representacional	Nível Representacional	Nível Representacional	Nível Representacional
(f°) Propriedade configuracional	(e) Estado-de-coisas	(ep) Episódio	(p) Conteúdo proposicional	(A) Ato discursivo

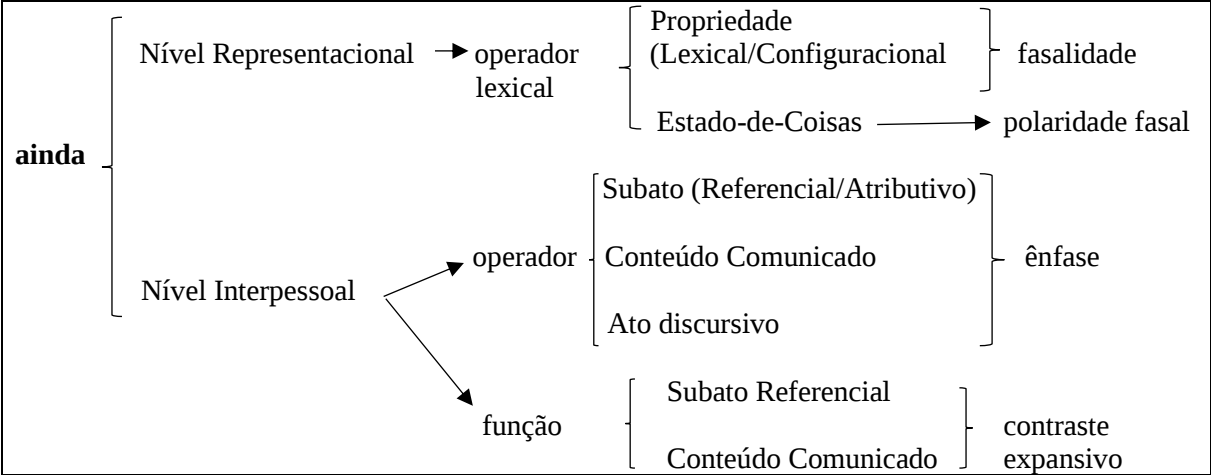
Fonte: Hengeveld, 2011 apud Barreto e Souza, 2016, p. 100.

²³ Segue um exemplo de oração condicional inserida pela locução *no caso de* na forma finita: “Agora, é rezar para que os conselhos estaduais não esvaziem a liberdade que foi dada. Só tenho uma queixa. Os 25% deviam virar 33%. Assim, corresponderia a um ano escolar inteiro. Isso permitiria às escolas deixar este ano inteiro para ser feito fora, *no caso de quem quisesse se profissionalizar*. Estado - Os novos modelos não têm obrigado os jovens a fazer a escolha profissional cada vez mais cedo? Moura Castro – [...] as escolhas prematuras sempre virá à baila e não deixa de ser um problema sério.” (19Or:Br:Intrv:ISP)

²⁴ Observação de Oliveira (2008b) (comunicação pessoal).

Outro estudo que mostra a pertinência da proposta de GR de Hengeveld (2017) é apresentado por Fontes (2016), ao analisar os diversos usos de “ainda” no português:

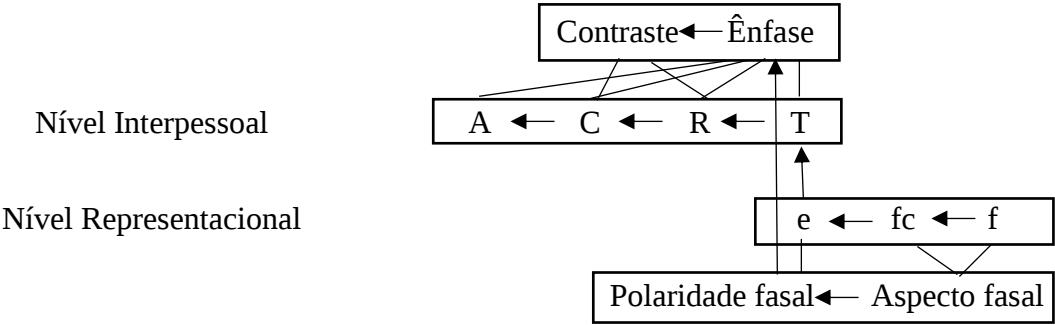
Quadro 5 - Abordagem hierárquica da multifuncionalidade de “ainda”



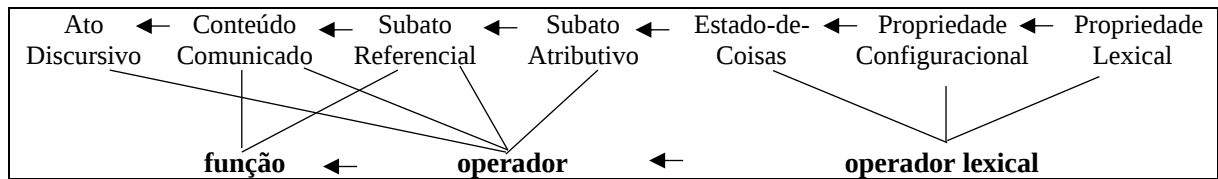
Fonte: Fontes, 2016, p. 117.

Como se pode observar, os estudos de Barreto e Souza (2016) e Fontes (2016) mostram que os itens linguísticos vão perdendo traços lexicais e assumindo, cada vez mais, funções gramaticais, ao mesmo tempo em que se observa mudança no plano do conteúdo, em especial quando a locução conjuncional “no caso de” e o advérbio “ainda” passam a operar nas camadas superiores do Nível Representacional e do Nível Interpessoal. As figuras 9 e 10 mostram, no que se refere à GR de “ainda”, as mudanças formais e de conteúdo desse item:

Figura 9 - Mudança semântico-pragmático de *ainda*



Fonte: Fontes, 2016, p. 120.

Figura 10 - Mudança formal de *ainda*

Fonte: Fontes, 2016, p. 126.

Em suma, no tocante às mudanças formais, Hengeveld (2017) prevê a seguinte trajetória: *lexema* > *operador lexical* > *operador* (trajetória atestada por Souza, 2009; Dall’Aglio-Hattner e Hengeveld, 2016; Fontes, 2016), que é uma forma de registrar a mudança no estatuto categorial dos itens linguísticos, que vão perdendo seus conteúdos plenos e adquirindo, ao longo do processo, traços mais abstratos/gramaticais. Assim, tal proposta teórica, que combina mudanças de conteúdo e mudanças formais, parece ser adequada para explicar e sistematizar os diferentes usos dos verbos “ver” e “olhar” no português brasileiro, motivo pelo qual justificamos a nossa opção pela modelo teórico da GDF.

Na próxima seção, trataremos do *corpus* de investigação desta pesquisa e dos parâmetros de análise selecionados para o estudo da GR dos verbos “ver” e “olhar”.

4 UNIVERSO DE INVESTIGAÇÃO E ASPECTOS METODOLÓGICOS

Para a realização desta pesquisa, que é de natureza qualitativa e quantitativa, utilizamos como referencial teórico os pressupostos da GDF de Hengeveld e Mackenzie (2008), os estudos clássicos da GR (HEINE *et al.*, 1991; TRAUGOTT, 1995, 2003; BYBEE, 2003; HOPPER; TRAUGOTT, 1993) e os preceitos teóricos de GR arrolados por Hengeveld (2011) e Hengeveld (2017). A análise dos usos de “ver” e “olhar” considera apenas a modalidade falada do português brasileiro, em sua sincronia atual, que cobre o início do século XXI. Nossa preferência por conduzir este trabalho tomando um *corpus* como fonte de dados está estreitamente ligada aos apontamentos de Tognini-Bonelli (2001); conforme a autora, a metodologia baseada em *corpus* busca “esclarecer, testar ou exemplificar teorias e descrições”²⁵ (TOGNINI-BONELLI, 2001, p.65). Optamos pelo banco de dados IBORUNA, pois não há ainda nenhum estudo sobre o processo de GR que liste em uma única sistematização todos os usos desenvolvidos pelas formas verbais “ver” e “olhar” na variedade do português falado do interior paulista, o que mais uma vez justifica a realização desta pesquisa.

Consideramos que a língua escrita, por geralmente ser passível de correções e/ou dispor de um tempo maior para elaboração, é aparentemente mais conservadora em relação à língua falada. Diante de tal fato, supomos que a língua escrita possa tolher alguns usos, muitas vezes considerados inadequados em relação à norma culta da língua, incorporando, assim, os usos inovadores mais tardiamente (em relação à língua falada). Tais considerações nos levaram a optar por um *corpus* de língua falada; escolha que está intimamente ligada ao fato de entendermos que este tipo de modalidade de uso da linguagem provavelmente seja realizado de maneira menos monitorada por parte do falante, o que pode ser uma característica facilitadora para a emergência da diversificação de usos de “ver” e “olhar”, assim como de usos inovadores, que vão do mais lexical para o mais gramatical. Desse modo, neste estudo, a partir do ponto de vista teórico da GDF, busca-se analisar o processo de GR dos verbos “ver” e “olhar”, tomando como base um material de análise de língua oral.

A composição da amostra de inquéritos do Banco de Dados IBORUNA que integra a presente pesquisa e a ficha social de cada informante são apresentadas em 4.1.

²⁵ [...] of the corpus mainly to expound, test or exemplify theories and descriptions. (TOGNINI-BONELLI, 2001, p.65)

4.1 Composição do universo de investigação: seleção da amostra

Utilizamos como material de investigação os inquéritos do Banco de dados IBORUNA, coordenado pelo Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves, que é composto por dois diferentes tipos de amostra: uma amostra denominada Censo Linguístico da região de São José do Rio Preto (identificada como AC), com o controle rigoroso de variáveis sociais; e uma denominada Interação Dialógica (identificada como AI), que considera diferentes graus de assimetria social entre os interlocutores. Para a realização da presente pesquisa, utilizamos apenas os dados da amostra AC, cuja seleção dos inquéritos é dada no quadro 6:

Quadro 6 – Seleção dos inquéritos do Iboruna (amostra Censo)

RENDA/GÊNERO FAIXA ETÁRIA /ESCOLARIDADE		mais de 24 sm		de 11 a 24 sm		de 6 a 10 sm		até 5 sm		TOTAL DE INFORMANTES	
		masc	fem	masc	fem	masc	fem	masc	Fem		
7 A 15 ANOS	1° C EF	001	002							2	4
	2° C EF					013	014			2	
	ENSINO M									-	
	SUPERIOR	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
16 A 25 ANOS	1° C EF				027				064	2	8
	2° C EF		034					028		2	
	ENSINO M					33/45	046	023	024	4	
	SUPERIOR									-	
26 A 35 ANOS	1° C EF								064	1	7
	2° C EF			067	068				104	3	
	ENSINO M					077	078			2	
	SUPERIOR				084					1	
36 A 55 ANOS	1° C EF			093			094	063		3	7
	2° C EF									-	
	ENSINO M	105	106					103		3	
	SUPERIOR								120	1	
+ DE 55 ANOS	1° C EF	121							122	2	7
	2° C EF					133	134			2	
	ENSINO M			139			140			2	
	SUPERIOR		146							1	
TOTAL DE INFORM.		03	04	03	03	04	06	04	06	33	

Fonte: Quadro de amostra de inquéritos do Banco de Dados Iboruna. Adaptado de Gonçalves, 2006, apud SOUZA, 2009, p. 272.

O tratamento quantitativo dos dados levantados e catalogados é realizado eletronicamente por meio do pacote estatístico GoldVarbX (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), que permite apurar os números absolutos e percentuais de todos os parâmetros analisados. Essa ferramenta é utilizada aqui apenas para garantir que a aplicação dos parâmetros

de análise será realizada de forma equânime em todas as ocorrências levantadas. A nossa pesquisa, apesar de trabalhar com frequência de uso e utilizar parâmetros de análise, não constitui um fenômeno variável, assim como se trabalha na Sociolinguística variacionista.

Para a realização da pesquisa, selecionamos 12 parâmetros de análise, expostos na subseção 4.2, para analisar os diferentes usos de “ver” e “olhar”, a fim de:

- (i) identificar os diferentes usos dessas formas verbais;
- (ii) verificar os níveis e as camadas da GDF em que essas formas operam, com o objetivo de levantar evidências formais e funcionais para a proposição de uma trajetória de GR em termos de mudança de conteúdo e mudança formal;
- (iii) comparar o processo de GR dos verbos “ver” e “olhar”, de maneira a identificar possíveis pontos de convergência e/ou dissonância entre os seus usos.

Os parâmetros de análise que norteiam esta pesquisa são apresentados a seguir.

4.2 Parâmetros de análise

A fim de alcançar os objetivos propostos nesta dissertação de mestrado, selecionamos 12 parâmetros de análise, pautando-nos tanto na natureza dos próprios dados levantados quanto nos princípios teórico-metodológicos que embasam os estudos clássicos da GR (HEINE *et al.*, 1991; TRAUGOTT, 1995, 2003; BYBEE, 2003; HOPPER; TRAUGOTT, 1993, entre outros); o modelo hierárquico de organização da GDF (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008); e também os próprios estudos sobre GR desenvolvidos com base na abordagem discursivo-funcional (HENGEVELD, 2011; 2017). Tais parâmetros de análise estão dispostos a seguir:

- 1) **Nível de atuação do item verbal:** O objetivo, aqui, é identificar em quais níveis da GDF de Hengeveld e Mackenzie (2008) atuam os itens verbais analisados na presente pesquisa, pois quando o item linguístico atua no mais alto nível (Interpessoal), significa que passa/está passando pelo processo de pragmatização. Nossa hipótese é de que o item verbal mais avançado no processo de GR seja mais produtivo e frequente no Nível Interpessoal, visto que, nesse nível estão ancorados os usos mais gramaticalizados, no âmbito pragmático da língua, enquanto os usos mais lexicalizados estejam ancorados ao Nível Representacional. Nesse parâmetro, identificamos usos em dois níveis:

a) *Interpessoal*: usos como evidencial reportativo, operador de mitigação e marcador discursivo.

Exemplo: *e:: aí o filho falô(u) – “óh eu vô(u) te levá(r) na Santa Casa no hospital” (AC-139; NR: L. 151-152).*

b) *Representacional*: usos como percepção visual não-evidencial, evidencialidade direta, evidencialidade inferida, evidencialidade dedutiva.

Exemplo: *esto(u)ra um cartucho alguma coisa lá aPAga às vezes cê vê só aquele pedaço apagado porque é o transformador dali que tá::... que tá com defeito (AC-139; RP: L. 484-485).*

- 2) **Camada de atuação do item verbal**: Este parâmetro viabiliza a verificação do processo de expansão funcional de “ver” e “olhar”; por meio das camadas de atuação dos verbos na GDF de Hengeveld e Mackenzie (2008), teremos evidências em relação ao seu nível de abstratização rumo à GR. Nossa hipótese é que o item verbal mais gramaticalizado ancore seus usos nas camadas mais altas do Nível Interpessoal, pois aí se encontram os usos gramaticais (funções) voltados para a interação discursivo-interativa.

Os exemplos, a seguir, ilustram os usos identificados a partir de nove critérios:

a) *Modo/maneira*: usos em que os itens verbais atuam como operadores dêiticos modais.

Exemplo: *e põe no lugarzinho certo as coisa agora não joga assim óh o quarto é aquela bagunça [...] (AC-140; RO: L. 466-467).*

b) *Propriedade*: o complemento verbal designa Propriedade.

Exemplo: *quando eu fui pra lá... eu vi confirmadas... aquilo que eu imagina::va já que os europeus... achassem da gente... (AC-084; RO: L.231-232).*

c) *Indivíduo*: o complemento verbal designa Indivíduo.

Exemplo: *cê só via flor... (AC-084; DE: L.166).*

d) *Estado-de-coisas*: o complemento verbal designa Estado-de-coisas.

Exemplo: *sabe lá acho que o cupido né? ((risos))... [Doc.: hum?] a gente começô(u) se olhá(r) diferen::te... né? (AC-104; NE: L. 5-6).*

e) *Conteúdo proposicional*: o complemento verbal designa Conteúdo proposicional, o exemplo, abaixo, ilustra um caso em que “ver” é operador de modalidade epistêmica de possibilidade.

Exemplo: *aí meu pai... foi ligá(r) **pra vê(r)** se ele tinha alguma coisa ain::da... pra delegacia... pra falá::(r)... tudo...* (AC-001; NE: L. 49-50)

f) *Episódio*: o complemento verbal designa Episódio.

Exemplo: [...] *com o passá(r) do tempo depois que eu entrei na C.P.F.L. **fui vê::** que num:: tem nada uma coisa com a o(u)tra [...]* (AC-139; RP: L. 298-299).

g) *Conteúdo comunicado*: o complemento verbal designa Conteúdo comunicado.

Exemplo: [...] ***matá(r) um próprio pai...** e uma mãe... como a gente vê ultimamente na televisão* (AC-036; RO: L. 410 e 411).

h) *Ato discursivo*: usos em que os itens verbais atuam como marcadores discursivos.

Exemplo: *Doc.: e:: (você acha) assim B. quando você era mais jovem num tinha/ a/ acho né?... que num tinha tanto acesso à tevê né? era mais difícil? inf.: **olha...** éh::... eu só fui tê(r) acesso à tevê depois que me casei* (AC-134; RO: L. 334-336).

3) **Tipo de entidade designada pelo argumento sujeito**: Nesse parâmetro, tratamos da identificação da entidade designada pelo argumento sujeito com o intuito de verificar as diferentes entidades “aceitáveis” pelos verbos a depender do contexto de uso. Outro indicativo do processo de GR, pois, conforme autores como Travaglia (1985) e Prezotto Jr. (2020), conforme o verbo se gramaticaliza, o argumento sujeito também se torna abstrato. Sendo assim, nossa hipótese é de quanto mais gramaticalizado esteja o item verbal, o constituinte oracional, cuja função é sujeito da estrutura predicativa, sofra também o processo de abstratização semântica; chegando a usos gramaticais em que não há mais um argumento sujeito, por exemplo, marcadores discursivos. Vejamos os sete critérios utilizados para a identificação.

a) *Indivíduo*: a entidade designada pelo argumento sujeito é Indivíduo.

Exemplo: *a gente... terminô(u) de conversá(r) assim aquele silêncio... **olho** pra ele do nada... – “pó (eu tôm tô chateado)* (AC-023; NR: L.195-197).

b) *Estado-de-coisas*: a entidade designada pelo argumento sujeito é Estado-de-coisas.

Exemplo²⁶: *Esse ano, a encenação viu aparecer um jovem dramaturgo já referido: Miguel Rovisco.*

c) *Conteúdo proposicional*: a entidade designada pelo argumento sujeito é Conteúdo proposicional.

Exemplo: *Ironicamente, com o passar do tempo a crença viu o seu significado invertido e hoje a fava é considerada sinal de azar!*

d) *Episódio*: a entidade designada pelo argumento sujeito é Episódio.

Exemplo: *A história viu grandes líderes mundiais em todos os tempos, que lutaram por ideais de justiça, pelos direitos de igualdade entre as pessoas.*

e) *Conteúdo comunicado*: a entidade designada pelo argumento sujeito é Conteúdo comunicado.

Exemplo: *Neste contexto, a comunicação viu surgir uma das suas grandes “revoluções” – a criação da prensa gráfica por Johann Gutemberg em 1450.*

f) *Ato discursivo*: a entidade designada pelo argumento sujeito é Ato discursivo.

Exemplo: *Apesar do apoio considerável de líderes negros, da imprensa anglófona e de figuras liberais como Alan Paton, a declaração viu forte oposição do Partido Nacional, da imprensa africâner e da ala conservadora do Partido Unido de Harry Schwarz.*

g) *Sem argumento sujeito*: não há argumento sujeito, pois o item verbal perdeu o estatuto semântico de predador e funciona como marcador discursivo, ou seja, um uso gramatical voltado exclusivamente para a interação comunicativa.

Exemplo: *Doc.: B. agora cê pode me ensiná(r) como faz alguma coisa?*
inf.: olha... assim de cabeça vô(u) te dá(r) uma receita bem simples [...] (AC-134; RP: L. 241-242).

- 4) **Tipo de percepção**: Utilizando este parâmetro, objetivamos identificar a evidencialidade codificada pelos verbos de percepção visual “ver” e “olhar” a fim de descrever o processo de dessemantização mencionado por Heine (2003), que aponta justamente para a GR dos itens verbais. Nossa hipótese é de que o item, após iniciado o processo de GR, seja usado para veicular diferentes tipos de

²⁶ Alguns exemplos foram retirados da internet, já que não foram identificados no *corpus* analisado, objetivando exclusivamente ilustrar o critério/parâmetro abordado.

evidencialidade, rumando a perda dos traços semânticos de percepção visual e assumindo, assim, funções mais gramaticais, ou seja, discursivo-interacionais.

Por meio desse parâmetro, identificamos os usos a partir de seis critérios elaborados com base em Vendrame (2010):

a) *Visual não-evidencial*: quando não há nenhuma referência ao modo como o falante obteve a informação expressa no enunciado; o uso do verbo é apenas descritivo. Vale ressaltar que o uso evidencial só ocorre com a primeira pessoa do discurso; nos demais contextos – segunda e terceira pessoas do discurso (com exceção dos verbos de dizer, que permitem expressar a evidencialidade com outras pessoas do discurso), o que se tem é simplesmente uma descrição do elemento observado ou do fato ocorrido, como mostra o exemplo abaixo).

Exemplo: *eles foram lá deba(i)xo... olharam a árvore e não conseguiram vê ele...* (AC-063; NR: L.759-760).

b) *Visual evidencial direta*: é utilizada pelo falante quando ele deseja informar ao ouvinte que percebeu por meio da visão um Indivíduo ou que testemunhou um Estado-de-coisas acontecer.

Exemplo: *enTÃO eu gosto MUIto de olhá(r) essas árvores...* (AC-134; DE: L. 169).

c) *Evidencial inferida*: quando o falante deseja expressar um Conteúdo Proposicional que é resultado de uma conjectura baseada em evidências internas ao falante, ou seja, em alguma inferência sensorial por parte do falante sobre algo.

Exemplo: *eu acho que desfez um po(u)co aquela imagem que eu tinha... que eu vejo que::... eles também::... é progredi::ram né?...* (AC-084; RO: L.246-247).

d) *Evidencial dedutiva*: indica que “a ocorrência de um Episódio é deduzida pelo falante com base em alguma evidência disponível”, ou seja, ocorre quando o falante leva em consideração indícios ou resultados observáveis para deduzir algo (um episódio), mesmo não tendo experienciado a sua ocorrência; trata-se de um cálculo lógico.

Exemplo: *aí deu uns vinte minutos assim a gente viu que num... que num:: tinha mais barulho nenhum...* (AC-077; NE: L.69-70).

e) *Evidencial reportativa*: diz respeito à retransmissão, por parte do falante, de um Conteúdo Comunicado produzido em outra ocasião por um outro falante.

Exemplo: *aí o A. veio na casa dele era meio tarde... passô(u) mas já tinha gente... tinha gente lá então ele falô(u) não eu vô(u) vê(r)... daí entrô(u) lá era o pai dele que tinha falecido né? (AC-139; NR: L. 143-145).*

f) *Não se aplica*: quando “ver” e “olhar” são usados como operador de mitigação, marcador discursivo etc. É destinado aos casos em que os itens verbais se encontram abstratizado semanticamente.

Exemplo: *“ôh... esse cara é desse jeito”—... você vai agí(r) pelo coração ou pela razão... (AC-106; RO: L. 881-882).*

- 5) **Estatuto formal do item verbal**: Por meio deste parâmetro identificaremos o estatuto formal de “ver” e “olhar”. No processo de GR, um item lexical vai perdendo traço de lexicalidade e ganhando traços gramaticais, conforme Hopper e Traugott (1993), sendo assim, será possível identificar o grau de abstração dos usos analisados. Nossa hipótese é que o item linguístico mais avançado no processo de GR seja mais frequente sob o estatuto formal de operador gramatical e funções, pois é um indicativo do desbotamento lexical/semântico, ganhando, portanto, traços gramaticais.

Classificamos os usos a partir de quatro critérios nesse parâmetro:

a) *Lexema*: quando os itens verbais atuam como predicadores verbais.

Exemplo: *eu fiquei apavorada eu queria í(r) embora num tinha co::mo ia no banhe(i)ro volta::va uma olhan(d)o pa cara da o::(u)tra num tinha como avisá(r) ninguém... (AC-024; NE: L. 28-29).*

b) *Operador lexical*: caso de algumas perífrases verbais, por exemplo, *ir ver* (tempo), *vou ver se* (modalidade epistêmica de possibilidade), *deixa eu ver se* (modal de permissão), *vai ver* (dúvida).

Exemplo: *pode sê(r) que ela se apaixone por umm por uma pessoa... e a pessoa faça o mesmo... aí ela vai vê(r) que num é por aí... (AC-024; RO: L. 407-408).*

c) *Operador gramatical*: casos em que os verbos atuam como operadores de mitigação, por exemplo.

Exemplo: *foi conversô(u) com... foi conhecê(r) a família do moço vê(r) se dava certo.. (AC-140; NR: L. 179-180).*

d) *Função*: casos em que “ver” e “olhar” operam como marcadores discursivos, por exemplo.

Exemplo: “**ôh** o patrão num de(i)xa... num é permitido” (AC-063; NE: L.311-312).

- 6) **Estatuto semântico do item verbal**: De acordo com Souza (2009), Barreto e Souza (2016), Fontes (2016) e Hengeveld (2017), os processos de GR são concebidos como uma combinação de mudança formal (diminuição da lexicalidade) e mudança de conteúdo (aumento de escopo), tendo em vista tal concepção, por meio da análise do estatuto semântico dos itens verbais objetos desta pesquisa, descreveremos o processo de GR dos verbos, classificando, a partir de seus usos, em quais contextos funcionam como predicadores verbais e quais os possíveis tipos de complementos; os valores expressos enquanto componentes de perífrases verbais; em quais contextos funcionam como operadores; e suas funções enquanto marcadores discursivos. Nossa hipótese é que o item menos gramaticalizado preserve, com maior frequência, traços semânticos de predador e perífrases verbais; enquanto o item mais avançado no processo de GR seja mais frequente e produtivo sob o estatuto semântico de operadores, introdutórios e marcadores discursivos.

Os usos são identificados e classificados a partir de 16 critérios:

a) *Predador verbal com complemento nominal que designa Propriedade*.

Exemplo: : então eu **fui vendo** a grandiosidade que é (aquilo) (AC-084; NE: L.71-72).

b) *Predador verbal com complemento nominal que designa Indivíduo*.

Exemplo: cê::... **olha** todinho o equipamento que tem dentro (AC-139; RP: L. 451-452).

c) *Predador verbal com complemento nominal/nominalização que designa Estado-de-coisas*.

Exemplo: “eu quero usá(r) maquiagem compra pra mim?” – ela falô(u) assim – “não T. cê é muito nova” – ... porque eu **vejo** as menina passá(r) eu quero passá(r) (AC-014; RO: L. 331-333).

d) *Predador verbal com complemento oracional não-finito (gerúndio/infinitivo) que designa Estado-de-coisas*.

Exemplo: é assim surpreendido né? ... porque tipo você:: fica feliz com **vê(r)** (com) um monte de gente curan::(d)o num sei o que que eles falam né? (AC-023; RO: L. 515-517).

e) *Predicador verbal com complemento nominal/nominalização que designa Episódio.*

Exemplo: *porque quando chegaram nesse lugar já viu que... disse que leram lá... que aquele lugar era das mães abandonadas... (AC-140; NR: L. 177-178).*

f) *Predicador verbal com complemento oracional finito (que-complemento) que designa conteúdo proposicional.*

Exemplo: *médico era mais difícil quem que hoje em dia... ia mais em... reMÉdio case(i)ro... que tinha muito minha mãe fazia pa... quando via que num tinha jeito mesmo... prime(i)ro os remédio de casa depois ia na farmácia... (AC-140; RO: L. 396-398).*

g) *Predicador verbal com complemento que denota Conteúdo comunicado.*

Exemplo: *[...] matá(r) um próprio pai... e uma mãe... como a gente vê ultimamente na televisão (AC-036; RO: L. 410 e 411).*

h) *Perífrase verbal com valor temporal.*

Exemplo: *tam(b)ém acho que tem que sê(r) assim o pessoal só vai se conscientizá(r) assim a passá(r) a vê(r) que::... o diferente não é... ai:: aquela coisa:: de o(u)tro mundo... né? (AC-028; RO: L. 189-191).*

i) *Perífrase verbal com valor modal.*

Exemplo: *é:: de(i)xa eu vê(r) que mais que tem... tem mais u::ma::... duas ((contando o número de escolas)) mais duas escolas... (AC-078; NR: L.194-196).*

j) *Operador dêitico modal.*

Exemplo: *cê passa o dedo assim do lado de fora sabe? do plástico... aí ele desgruda... aí você faz assim óh ((mostra com as mãos o gesto)) sabe?... (AC-106; RP: L. 599-600).*

k) *Operador modal epistêmico de incerteza/dúvida.*

Exemplo: *porque ela ainda tá precisan(d)o fazê(r) inglês e::... e espanhol... ela tá tentan(d)o né?... [Doc.: uhum ((concordando))] fazê(r) umas aulas aí pra vê(r) porque::... pra fazê(r)... é levá(r) os curriculum... tem que essas... essas línguas... (AC-094; NR: L.81-84).*

l) *Operador modal epistêmico de possibilidade (ver se....).*

Exemplo: *corta ele **pra vê(r)** se ele tá... bom de sal:: bom de...* (AC-104; RP: L. 172-173).

m) *Operador de mitigação de ilocução*: atenua a força ilocucionária/converte ordem em pedido.

Exemplo: ***olha**::... na verdade EU gosto do (tema) [...]* (AC-134; RO: L. 353).

n) *Marcador discursivo com função predominantemente textual*.

Exemplo: ***olha**... Ela... digamos que ela é grande...* (AC-103; DE: L. 319).

o) *Marcador discursivo com função predominantemente interativa*.

Exemplo: *falo a verdade **óia**... [já vi...aquela] [Doc.: ((risos))] como se diz já passei tanta coisa na vida que:: eu num tenho medo não eu ando aí::* (AC-063; NR: L. 639-541).

p) *Introdutor de Conteúdo comunicado*.

Exemplo: *como se fosse assim **óh**... – “V. você vai nascê(r)... você vai aprendê(r)... você vai nascê(r) nessa religião...”* (AC-106; NR: L. 320-323).

q) *Outros valores semânticos*.

Exemplo: *e eu acho que uma criança num **tem nada a vê(r)** co::m... com os seus problemas...* (AC-046; RO: L. 433-434).

- 7) **Função discursiva expressa pela forma verbal**: Por meio deste parâmetro, discutiremos quais as funções desempenhadas pelos itens linguísticos “ver” e “olhar” enquanto marcadores discursivos, conforme descritos por Gorski *et al.* (2002), Rost (2002), Urbano (2006), Carvalho e Gomes (2017), entre outros. Nossa hipótese é que o item verbal mais gramaticalizado seja mais produtivo e frequente em uma gama maior de funções discursivas. Identificamos 15 tipos, a saber:

a) *Opinativo*.

Exemplo: *não tem vesTÍgio não tem nada... ele é super forte... **pra você vê(r)**... eu acho que eu tenho... tenho uma foto dele aqui olha...* (AC-106; NE: L. 66-68).

b) *Prefaciador*.

Exemplo: ***olha** eu:: o que eu... sei fazê(r) que pela sua idade provavelmente ((ruído)) cê sabe fazê(r) também... é arroz e feijão...* (AC-103; RP: L. 328-329).

c) *Interjetivo.*

Exemplo: *e:: eu falo a verdade óia aquela vez lá... foi a única [Doc.: ((risos))]* (AC-063; NR: L. 609-610).

d) *Interpelativo.*

Exemplo: *que minha professora de Português ela falô(u) assim... –“eu num só(u) a palhaça?... olha aqui a palhaça tá aqui óh tá explican(d)o pra vocês... palhaça”* – (AC-014; RO: L. 361-363).

e) *Advertência.*

Exemplo: *os professor já falava –“óh fulano de tal vem gente cês levanta aí”* – (AC-140; RO: L. 424-425).

f) *Instrucional.*

Exemplo: *olha... cê pega o... primeiro vamo(s) começá(r)... tiran(d)o o arroz da vasilha* (AC-103; RP: L. 347).

g) *Tematizador.*

Exemplo: *olha... Ela... digamos que ela é grande...* (AC-103; DE: L. 319).

h) *Constatativo.*

Exemplo: *olha* *isso já é um fato ocorrido...* (AC-103; NE: L.16).

i) *Responsivo.*

Exemplo: *olha* *Márcia em eu acho que éh:: é uma é uma é uma outra história também que... de(i)xa a desejá(r)* (AC-093; RO: L.371-372).

j) *Atenuador.*

Exemplo: *olha* *eu acho vergonhoso [...]* (AC-121; RP: L. 242).

k) *Preenchedor de pausa.*

Exemplo: *éh pa vim brigá(r) xinguei de tudo quanto é nome (óh)... aí ele pegô(u) ((Inf. fala rindo)) em e me chamô(u) de veado...* (AC-033; NE: L. 28-29).

l) *Adversativo.*

Exemplo: *voltando na Grécia eles estão mu::ito preocupado com segurança... Deus queira que não igual a repórter falô(u)... – “que os deuses do Olimpo éh::... protejam os atletas e os turistas” – mas olha... fa/ qual/ vão tê(r) mu::ito serviço e tomara que num aconteça... NAda... mas... por mais que... tenha segurança... eu acho que um::: que vão fazê(r) alguma coisa na Grécia porque é mu::ita gente são mu::itos turistas muitos... nos Estados Unidos que tem um espaço aéreo super::... observado tudo aconteceu tudo o que aconteCEU... na Grécia -- não:: menosprezan(d)o o país né? (AC-051; RO: L. 480-486).*

m) *Sinalizador de hesitação.*

Exemplo: *e:: de(i)xa eu vê(r) ah tem uma coisa que aconteceu... que a minha irmã me contô(u)... (AC-078; NR: L.90-91).*

n) *Checagem.*

Exemplo: *ah o A. ele qué(r) chamá(r) atenção (masm)... viu? agora ele tá queren(d)o virá(r) espírita (AC-023; NR: L.204-205).*

o) *Condicional.*

Exemplo: *a distribuição de renda numm num é TÃO assim correta né? se fô(r) vê(r) porque tem::... muitas pessoas que traBALham demais e ganham MUITO po(u)co... (AC-024; RO: L. 453-454).*

- 8) **Tempo/modo verbal:** Por meio deste parâmetro, identificaremos quais usos estão mais atrelados a determinados tempos verbais. Nossa hipótese é que o item mais gramaticalizado seja mais frequentemente usado no modo imperativo (propício para a emergência de marcadores discursivos não só na língua portuguesa, mas também no espanhol e italiano, por exemplo), corroborando com autores como Carvalho e Gomes (2017), Rost (2002), entre outros. Classificamos os usos partir de 13 critérios:

a) *Presente.*

Exemplo: *ele...deu uma caipirinha po A. né?... aí o A. né? maior assim... chapado assim... aí cai a caipirinha... uns cinco minuto depois ele olha... – “ou... a [caipirinha caiu]” (AC-023; NR: L.230-231).*

b) *Pretérito perfeito.*

Exemplo: *Inf.: é num fez nada **olhô(u)** pra trás com cara FEIa (AC-014; NE: L. 55-56).*

c) *Pretérito imperfeito.*

Exemplo: *na empresa eu geralmente **via**::... passarinho sentado em fio (AC-139; RP: L. 295).*

d) *Pretérito mais que perfeito.*

Exemplo: *Com uma mirada em campo voltada notadamente para a festa, suas funções rituais, objetos sagrados, cantos, danças e cosmologias, todavia não **olhara** para essas práticas e relações a partir de uma perspectiva da saúde.*

e) *Futuro do presente.*

Exemplo: *Acompanho o U2 desde o início e hoje vai ser a primeira vez que **verei** um show da banda.*

f) *Futuro do pretérito.*

Exemplo: *Você gostaria de se ver mais velho? Se houvesse um espelho mágico capaz de mostrar sua imagem em uma, duas ou mais décadas, você **olharia**.*

g) *Presente do subjuntivo.*

Exemplo: *de tal que a:: vamo(s) dizê(r) assim a pessoa visitada **veja** você como Maria... (AC-023; RP: L. 359-360).*

h) *Pretérito imperfeito do subjuntivo.*

Exemplo: *que ele tava com um revólver apontado... pa minha cabeça se eu **olhasse** do lado ou pensá(r) em fazê(r) alguma... fazê(r) alguma coisa ele iria me maTÁ(R) (AC-077; NE: L.41-43).*

i) *Futuro do subjuntivo;*

Exemplo: *se um dia você tivé(r) uma oportunidade de **oLHÁ(r)**... (AC-106; DE: L. 411-412).*

j) *Imperativo.*

Exemplo: *“**olha** eu vô(u) levá(r) teu carro” (AC-063; RO: L.1185).*

k) *Futuro perifrástico.*

Exemplo: [...] a suje(i)ra maior tá em cima começá(r) de cima pra ba(i)xo... MAS:: a gente talvez eu num **vô(u) vê::(r)** talvez você vai vê::(r) a futura geração vai vê(r)... (AC-139; RO: L. 584-585).

l) *Presente contínuo.*

Exemplo: de dez minutos mais ou menos aí cê **vai olhan(d)o** se ele já tá cozido ou não (AC-024; RP: L. 313-314).

m) *Particípio.*

Exemplo: e eu num tinha nem reparado... apesá(r) de **tê(r) olhado** tudo.. eu achei tudo normal... aí... minha mãe falô(u) V.... olha o bracinho do V.... (AC-106; NE: L. 24-25).

- 9) **Redução fonético-fonológica do item verbal:** A partir deste parâmetro, identificaremos em quais contextos de uso os verbos perdem ou não massa fonético-fonológica, visto que esta redução é uma das evidências do processo de GR, como apontam Hopper e Traugott (2003) e Gonçalves *et al* (2007). Nossa hipótese é que o item linguístico mais avançado no processo de GR seja reduzido fonético-fonologicamente, visto que, quanto maior a frequência de uso, menor é o material fonológico; e quanto menor o material fonológico, menor a quantidade semântica, sendo estes os itens com ganho de traços mais gramaticais ou mais interacionais (discursivo-pragmáticos).

a) *Sofre redução fonético-fonológica.*

Exemplo: **olha...** Ela... digamos que ela é grande... (AC-103; DE: L. 319).

b) *Não sofre redução fonético-fonológica.*

Exemplo: [...] falô(u) com ele... –“P. **óh...** o L. assim assim fez o teste lá tal passô(u) e até hoje num chamô(u)” (AC-139; NE: L. 54-55).

- 10) **Posição ocupada pelo item verbal:** Identificamos, por meio deste parâmetro, as posições ocupadas, na oração, pelos usos averiguados dos itens verbais. Nossa hipótese é que os usos mais gramaticalizados estejam situados fora da predicação em posições periféricas, conforme descrito por Gorski *et al* (2002), Fraser (2005) e Rost-Snichelotto (2009).

Tomamos cinco critérios de classificação:

a) P^{pre}: para elementos situados na posição inicial fora da predicação central.

Exemplo: **olha** eu acredito que seja uns mil e trezentos alunos entre de manhã e a tarde eu num sei (AC-078; DE: L.169-170).

b) P^I: para elementos situados na posição inicial da oração.

Exemplo: Olha quem morre, então **veja** você quem mata.

c) P^M: para elementos situados na posição medial da oração.

Exemplo: mais uma fritada... a hora que cê **vê(r)** que ele tá fritan(d)o de novo... (AC-104; RP: L. 168-169).

d) P^F: para elementos situados na posição final da oração.

Exemplo: ah EU VI ele num contô(u) [eu vi] [Doc.: essa cê viu?] essa parte eu **vi** ((AC-023; NR: L. 221-222).

e) P^{pos}: para elementos situados na posição final fora da predicação central.

Exemplo: deu um tapa na minha cara tão forte... ((risos)) deu um tapa tão forte na minha cara... que aí virô(u) minha cara com tudo assim **óh**... ((mostra como ficou o rosto)) (AC-045; NE: L. 85-87).

- 11) **Tipo de ilocução da frase:** Com base nesse parâmetro, identificaremos quais tipos de ilocução privilegiam determinados tipos de usos dos itens verbais. Nossa hipótese é que os usos mais gramaticalizados sejam mais frequentes na ilocução imperativa, pois esta favorece a emergência dos marcadores discursivos, como afirmam autoras como Crisso (2002), Rost-Snichelotto (2009) e Carvalho e Gomes (2017). Os itens verbais são identificados em quatro tipos de ilocução frasal, a saber:

a) Declarativa.

Exemplo: e daí meia hora chamava de novo – “óh minha visita num veio” (AC-077; NR: L.107-108).

b) Interrogativa.

Exemplo: *e essa pessoa contava assim – “óh mas cadê minha visita?” – – “num veio” (AC-077; NR: L.106-107).*

c) Imperativa.

Exemplo: *aí passaram corren(d)o por esse menino... esse menino falô(u) assim – “ou olha aqui não vai ficá(r)m não passa corren(d)o na frente dela não” – ... o menino nem ligô(u) já começô(u) a falá(r) um monte de borracha pa menina... (AC-014; NE: L. 49-51).*

d) Exclamativa.

Exemplo: *aquilo lá ficô(u) na história... pra mim ficô(u) porque óia... é uma coisa que:: eu num esqueço fácil não... (AC-063; NR: L. 611-613).*

12) Tipo de texto: Com este parâmetro, nosso intuito é verificar se os diferentes tipos de textos constituintes do *corpus* têm relação com tipos específicos de uso dos itens verbais analisados. Nossa hipótese, seguindo Kortmann (1997), é de que quanto mais gramaticalizado esteja o item verbal, maior seja sua circulação em distintos tipos textuais. Os tipos de texto que constituem a amostra são:

a) Narrativa de Experiência (NE).

Exemplo: *Doc.: e como que foi depois assim... que bateu?... qual que foi a reação de vocês?... e o carro como ficô(u)?*

Inf.: óia em nessas hora a gente num... éhm num:: uma experiência... que se você se envolve num acidente dessa forma... se você tivé(r) que partí(r) pra outra você::... é tão rápido que você nem sente dor num sente nada (AC-103; NE: L. 36-40).

b) Narrativa Recontada (NR).

Exemplo: *tem um menino lá na classe dela que chega e fala – “ATENÇÃO ATENÇÃO” – aí todo mundo olha ele fala – “muito obriga::do” (AC-064; NR: L.48-50).*

c) Descrição de Local (DE).

Exemplo: *é uma cidadezinha gostosa que se você chegô(u) na... com você chegô(u) na esquina o povo tudo vai te vê:::(r) tudo vai te cumprimentá:::(r) (AC-068; DE: L.131-132).*

d) Relato de Procedimento (RP).

Exemplo: *cê passa o dedo assim do lado de fora sabe? do plástico... aí ele desgruda... aí você faz assim óh ((mostra com as mãos o gesto)) sabe?... (AC-106; RP: L. 599-600).*

e) Relato de Opinião (RO).

Exemplo: *Doc.: Dona L. eu gostaria de sabê(r) a opinião da senhora sobre mais um assunto... sobre essa questão da violência que tá... por TODO o MUNdo... GUERras... maus TRAtoS... essa questão da fo::me... o que que a senhora... acha que... vai sê(r) o mundo daqui um... alguns anos*

*Inf.: ah:: só espero o pior né?... éh::... a política né?... porque a política de hoje em dia... o que que nós **tamo(s) ven(d)o**?... só:: escuta falá(r) neles... ROUbo né?... eles cada vez pegan(d)o mais... enquanto isso que... o pobre vai fican(d)o cada vez mais po::bre (AC-140; RO: L. 469-475).*

Na próxima seção, apresentamos a descrição e a análise funcional das formas verbais “ver” e “olhar” do *corpus* IBORUNA, tomando como referência os parâmetros descritos aqui.

5 ANÁLISE FUNCIONAL DA GRAMATICALIZAÇÃO DOS VERBOS “VER” E “OLHAR” NO PORTUGUÊS FALADO DO INTERIOR PAULISTA

Nesta seção, apresentamos a descrição e a análise funcional do processo de gramaticalização dos verbos “ver” e “olhar” no português falado do interior paulista (Banco de Dados Iboruna), a partir da observação de 12 parâmetros de análise listados na seção anterior. A escolha desses verbos se justifica, como explicitado nas seções 1 e 2, pela sua alta frequência de uso em contextos de língua falada e pela presença constante e alta produtividade dessas formas verbais em contextos de formação de marcadores discursivos. Além disso, os verbos de percepção visual são, como vimos, multifuncionais e polissêmicos (quando o verbo “ver”, por exemplo, é usado com o sentido de “ouvir” ou “sentir”) não somente no português, em que exercem diferentes funções, como também em outras línguas, como o espanhol, o italiano e o francês, conforme apontado por Rost (2008), Rost-Snichelotto (2009) e outros.

5.1 Análise e resultados: parâmetros investigados

A análise e discussão dos resultados se pauta, como já mencionado, nos 12 parâmetros listados na subseção 4.2 da presente pesquisa. Antes de iniciar a discussão propriamente dita, vejamos as ocorrências averiguadas no *corpus* com cada um dos tipos de verbo de percepção visual. A partir da subseção 5.1.2, analisamos e discutimos os resultados obtidos com base nos parâmetros adotados, começando pelo nível da GDF em que os itens linguísticos em apreço atuam.

5.1.1. Tipo de verbo de percepção visual

Para iniciar a discussão, apresentamos abaixo os dados da tabela 1, em que podemos verificar a frequência dos verbos de percepção visual “ver” e “olhar”. Os números mostram que o mais recorrente nos dados levantados no *corpus* IBORUNA é o verbo “ver”, com 60,4% (462 dados), seguido do verbo “olhar”, com 39,6%, (303 dados) do total de ocorrências:

Tabela 1 - Tipo de verbo de percepção

Verbo “ver”	462 (60,4%)
Verbo “olhar”	303 (39,6%)
TOTAL	765 (100%)

Fonte: Elaboração própria

De acordo com Bybee (2003), a forma mais recorrente em uma língua é teoricamente a que está mais propensa a sofrer GR, tendo em vista a rotina de uso que levaria a forma mais utilizada pelo falante a desenvolver, por pressões das próprias condições de interação, outros usos mais gramaticais para atender a diferentes necessidades comunicativas do falante. No entanto, a própria autora e outros linguistas também afirmam que formas com baixa frequência nas línguas podem também sofrer GR. Assim, pela análise da tabela 1 e pela consideração da alta frequência de uso, somos tentados a considerar que o verbo “ver”, por ser o mais recorrente nos dados levantados, é o que está mais avançado no seu processo de GR. A análise apoiada nos parâmetros, certamente, nos possibilitará referendar ou não essa primeira projeção.

Daqui em diante, apresentaremos, em cada subseção, a descrição e a análise dos dados referentes às formas verbais “ver” e “olhar” a partir dos parâmetros de análise selecionados.

5.1.2. Níveis de atuação do item verbal

Para entendermos, inicialmente, a trajetória de GR de cada forma verbal na amostra de investigação com base nos pressupostos teóricos da GDF, precisamos primeiramente mapear o desenvolvimento de novos usos em relação aos níveis Representacional (quando o item linguístico ainda apresenta conteúdo semântico) e Interpessoal (quando o item ganha conteúdo pragmático e passa a exercer novas funções na língua) da gramática, propostos pela GDF. Com base nesse parâmetro, objetivamos identificar em quais níveis e camadas da GDF de Hengeveld e Mackenzie (2008) os usos de “ver” e “olhar” atuam. Como supracitado, o Nível Representacional cuida das questões semânticas da língua, refletindo o papel da unidade linguística no estabelecimento de uma relação com o mundo real ou imaginário que ela descreve. Não se fala aqui em termos de evocação de um referente, mas sim de designação. Já o Nível Interpessoal reflete as questões pragmáticas da língua. As unidades e os mecanismos linguísticos usados estrategicamente no processo de interação estão abrigados neste nível, o que explica porque os usos mais discursivizados dos verbos estão situados no plano pragmático.

Na tabela 2, verificamos que o Nível Representacional abriga a maioria das ocorrências analisadas, totalizando 62,3% dos casos (477 ocorrências), contra 37,7% (288) das ocorrências que atuam no Nível Interpessoal. De modo geral, esses números poderiam indicar que os verbos investigados ainda apresentam muitos usos que guardam, de alguma forma, parte do conteúdo semântico de base desses verbos, no entanto, como mostraremos, a seguir, a análise comparativa entre eles mostra que esses verbos se encontram em estágios distintos de GR.

Tabela 2 - Nível de atuação do item verbal

	Ver	Olhar	TOTAL
Nível Representacional	384 (80,3%)	93 (19,7%)	477 (62,5%)
Nível Interpessoal	78 (27%)	210 (73%)	288 (37,5%)
TOTAL	462 (60,4%)	303 (39,6%)	765 (100%)

Fonte: Elaboração própria

Em termos comparativos, notamos uma grande discrepância entre a quantidade de usos de “ver” e “olhar” que atuam em cada um dos níveis de organização da gramática. Há uma porcentagem bem maior de usos de “ver” alocados no Nível Representacional (80,3% ou 384 ocorrências) do que no Nível Interpessoal (27% ou 78 ocorrências), ao passo que a porcentagem de usos de “olhar” que operam no Nível Representacional, de 19,7% (93 ocorrências), é bem menor do que a quantidade de usos atrelados ao Nível Interpessoal, que totalizam 73% (210 ocorrências). Em outras palavras, em termos de desenvolvimento de novos usos e de atuação nos dois níveis semântico e pragmático, os verbos “ver” e “olhar” são mais produtivos em lugares diferentes de formulação, o que já poderia ser considerado um indicativo do grau de GR de cada um desses verbos, uma vez que a presença maior de usos de um dado item no Nível Interpessoal, no caso “olhar”, indica que esse elemento apresenta uma natureza mais gramatical e desenvolveu usos mais discursivos/interativos. A análise qualitativa de usos e da presença desses elementos nas camadas de cada um dos níveis da GDF é o que nos ajudará a verificar a expansão funcional desses elementos e a referendar a tese de que o verbo “olhar” é o que está mais gramaticalizado no português falado do interior paulista, contrariando, assim, os resultados de outros estudos, que apontam que, comparativamente, o verbo “ver” é o que está mais avançado na trajetória de GR.

As ocorrências (1) e (2) exemplificam casos em que “ver” e “olhar” atuam no Nível Representacional, enquanto (3) e (4) exemplificam casos atuantes no Nível Interpessoal.

- (1) [...] foi quando eu **vi** a/ avião pela prime(i)ra vez... (AC-051; NE: L. 8 e 9).
- (2) *éh:: eles falavam assim pra mim num **olhá(r)** pra cara deles... aí:* (AC-077; NE: L.29 30).
- (3) *não é fácil não **viu**?* (AC-106; RP: L. 549).
- (4) ***óh**... vamo(s) fazê(r) o seguinte... *cê vem aí amanhã*...* (AC-063; NE: L.331-332).

Em (1), o item linguístico “ver” funciona como verbo pleno de percepção visual (predicador verbal que seleciona argumentos), em que uma entidade, no caso *avião*, é percebida pela visão por um Indivíduo, representado pelo sujeito *eu*; trata-se, portanto, de um caso de

evidencialidade direta, em que o predador verbal atua na camada da Propriedade Configuracional localizada no Nível Representacional. Em (2), “olhar” é usado também com acepção concreta de algo, no caso *a cara deles*, a ser percebido por meio da visão; é, portanto, um caso que opera na camada da Propriedade Configuracional do Nível Representacional.

Em (3), “ver” é um marcador discursivo, cuja função é a de chamar a atenção do interlocutor acerca de algo, no sentido de verificar se ele está ou não acompanhado o raciocínio da conversa. Trata-se de um uso que opera basicamente na organização do processo de interação, mais especificamente na camada do Ato discursivo do Nível Interpessoal, constituindo, ele mesmo, um Ato discursivo interativo, com uma Ilocução interrogativa que serve para verificar a atenção do interlocutor. Em (4), “olhar” é também um marcador discursivo, logo, sua função é exclusivamente discursiva; sendo assim, também atua na camada do Ato discursivo do Nível Interpessoal.

Vejamos, a seguir, as camadas em que os itens verbais atuam em cada um desses níveis.

5.1.3 Camada de atuação do item verbal

Por meio deste parâmetro, nosso objetivo é verificar o processo de expansão funcional dos itens verbais em relação às camadas e aos níveis de organização da linguagem, conforme proposto por Hengeveld (2017). Conforme o autor, esse processo é estabelecido entre as camadas e níveis de organização hierárquica da GDF, de modo que o percurso de mudança linguística de um dado item se inicia nas camadas mais baixas do nível mais baixo da gramática e segue rumo às camadas mais altas dos níveis Representacional e Interpessoal. Vejamos, na tabela 3, as camadas de atuação de “ver” e “olhar” ancoradas no Nível Representacional; e, na tabela 4, as camadas de atuação de “ver” e “olhar” ancoradas no Nível Interpessoal.

Tabela 3 - Camada de atuação do item verbal no NR

	<i>Ver</i>	<i>Olhar</i>	TOTAL
Modo	-	13 (100%)	13 (1,7%)
Indivíduo	246 (78,6%)	67 (21,4%)	313 (41%)
Propriedade	1 (100%)	-	1 (0,1%)
Estado-de-coisas	31 (77,5%)	9 (22,5%)	40 (5,2%)
Episódio	8 (100%)	-	8 (1,0%)
Conteúdo proposicional	98 (96,1%)	4 (3,9%)	102 (13,5%)
TOTAL	384 (80,5%)	93 (19,5%)	477 (62,5%)

Fonte: Elaboração Própria

Conforme verificamos na tabela 3, muitos dos usos tanto de “ver” como de “olhar” abrigados no Nível Representacional estão situados majoritariamente na camada do Indivíduo, contabilizando 41% (ou 313 ocorrências), sendo que desses usos, a maioria é com o verbo “ver”: 78,6% (ou 246 ocorrências). Em segundo lugar, estão os usos ancorados na camada do Conteúdo Proposicional, somando 13,3% dos casos (102 ocorrências), a maioria também com o item verbal “ver”: 91,6% ou 98 ocorrências.

Ademais, acerca do item verbal “ver”, em terceiro lugar, estão os usos ancorados na camada de Estado-de-coisas, que contabilizam 77,5% (31 ocorrências); seguidos pelos usos ancorados na camada do Episódio, com oito ocorrências; e, por último, os usos abrigados na camada da Propriedade, com apenas uma ocorrência, totalizando 100% dos casos nas duas últimas camadas mencionadas. Em relação ao item verbal “olhar”, depois da camada do Indivíduo, a maioria de seus usos se ancoram na camada do Modo, contabilizando 13 ocorrências e 100% dos casos; seguidos pelos usos abrigados nas camadas de Estado-de-coisas, em 22,5% dos casos (totalizando 9 ocorrências) e de Conteúdo Proposicional, comando 3,9% (4 ocorrências).

Na ocorrência (5), “olhar” atua na camada do Modo. Nesse caso, o item verbal é usado para se referir exoforicamente ao modo como o sobrinho joga as coisas e os brinquedos pelo quarto, tanto que esse uso vem precedido por um advérbio de modo “assim”, que reforça essa leitura, confirmada também por meio da análise oitiva. Em (6) e (7), exemplificamos “ver” e “olhar”, respectivamente, atuando na camada do Indivíduo; em (8), vemos a única ocorrência encontrada, com “ver”, atuando na camada da Propriedade; em (9) e (10), “ver” e “olhar” atuam na camada do Estado-de-coisas; em (13) vemos um dos usos de “ver” que operam na camada do Episódio; por fim, as ocorrências (11) e (12) exemplificam, respectivamente, usos de “ver” e “olhar” que atuam na camada do Conteúdo proposicional. Vejamos:

- (5) *tô com um sobrinho aí adolescente com essa idade e tá... é isso daí... com quinze anos... é esse/ é essa vidinha que leva... conversa que num conversa nada... chega ali come e larga a ro(u)pa suja/ é é sem responsabilidade tam(b)ém porque quando é... é menor a gente é... vai... tira... e põe no lugarzinho certo as coisa agora não joga assim óh o quarto é aquela bagunça... eles num tem responsabilidade de nada... o que tá acontecen(d)o é isso (mesmo né?) (AC-140; RO: L. 463-467).*

Em (5), como dito acima, o item “olhar” funciona como um operador dêitico modal, que indica a maneira como se encontra *o quarto*, atuando, portanto, na camada do Modo (Nível Representacional). Nas ocorrências (6) e (7), os itens verbais funcionam como verbos plenos, cujo sentido é de que algo é percebido pela visão e, portanto, não se encontram em processo de

GR, já que preservam seu sentido original, prototípico. Nesses casos, “ver” e “olhar” são lexemas verbais, usados em uma predicação de dois lugares, ou seja, é um predicado que requer dois argumentos, estabelecendo, assim, uma relação de transitividade entre um indivíduo e a entidade percebida pela visão. Os complementos de “ver” e de “olhar” referem uma entidade observável no tempo e no espaço (*rio* e *bracinho*), portanto, se constituem Indivíduos.

- (6) *éh quando a gente sai na na porta a gente **vê** aquele rio boni::to (AC-093; DE: L.165).*
- (7) *e no quinto dia... que eu tava com o bebê minha mãe foi trocá(r) ele... porque avó num de(i)xa mãe trocá(r) né? [Doc.: não]... então a minha mãe minha sogra trocan(d)o... e eu num tinha nem reparado... apesá(r) de tê(r) olhado tudo.. eu achei tudo normal... aí... minha mãe falô(u) V.... **olha o bracinho** do V.... aí eu liguei pro médico tudo o médico falô(u) pra eu i(r) lá... fizemo(s) os exame... deu lesão de plexo braquial... (AC-106; NE: L. 22-27).*
- (8) *quando eu fui pra lá... eu **vi** confirmadas... aquilo que eu imagina::va já que os europeus... achassem da gente... (AC-084; RO: L.231-232).*

Em (8), “ver” escopa uma Propriedade (*confirmadas*) atribuída àquilo que o falante imaginava sobre os europeus. Vejamos outros casos a seguir:

- (9) *você tem que dá(r) exemplo po seu filho... seu filho **ven(d)o** você bebê(r) hoje... no futuro ele vai bebê(r)... (AC-106; NE: L. 280-281).*
- (10) *ele chegô(u) de madrugada eu levantei... tava lá conversan(d)o c'os familiar dele inclusive com o pai dele... meu Deus quando eu **olho** ele me chaman(d)o... desesperado... achan(d)o... que ele estava contan(d)o TUdo que se passava na vida dele para o pai dele... e eu né?... claro como amigo dele... e ele confiava ne mim num teria feito isso... (AC-103; NR: L.178-182).*

Em (9) e (10), “ver” e “olhar” atuam também como predicadores verbais, porém, nesse contexto, os verbos tomam como complemento um Estado-de-coisas (representado pelas orações *você beber* e *ele me chamando*). Para fins de comparação com os usos em (7) e (8), já se percebe uma expansão semântica dos itens verbais. Apesar de ainda serem categorizados como lexemas verbais e terem sentido de percepção direta por parte do indivíduo, eles sofrem o processo de extensão mencionado por Heine (2003), pois seus usos foram desenvolvidos para novos contextos. Essa extensão é captada pela GDF de Hengeveld e Mackenzie (2008), em função da atuação em diferentes camadas do Nível Representacional [Propriedade Configuracional > Estado-de-Coisas]. Tal fato aponta para o início do processo de GR de “ver” e “olhar”, já que os verbos caminham para usos que vão se distanciando do sentido original dos verbos e ganhando novas funcionalidades. Já na ocorrência (11), a seguir, a locução adverbial

de tempo *quando chegaram nesse lugar* indica que a oração finita tomada como complemento de “ver” constitui um Episódio.

- (11) *quando vê aparece um papel lá na casa que eles morava lá em Rio Preto... o lugar onde ela TAva... aí com aQUEle endeREço... aí meu irmão correu aqui... – “mãe esse ende/ ela tá nesse lugar vamo(s) lá” –... aí o pai... o pai falô(u) também... o pai e a mãe foram tudo pra... lá pa São Paulo... aí chegaram lá... bem no dia que a... dali... tava no hospital já tinha tido o menino... aí ela falô(u)... – “eu num vô(u) embora” –... a/ a mãe entrô(u) e a irmã entraram no hospi/ primeiro lá... o pai falô(u) – “eu num quero nem sabê(r)” –... porque quando chegaram nesse lugar já viu que... disse que leram lá... que aquele lugar era das mães abandonadas... chegaram procuraram dela... falô(u) – “ela tá mas tá no hospital que ela foi te/ tê(r) criança” –... aí foram... aí o pai e a mãe o pai disse num queria nem entrá(r)... o pai falô(u) ... – “num vô(u) nem entrá(r) pra... [Doc.: pra ver ¹[o neto]] ¹[pra vê(r)] ... num quero nem sabê(r) vê ela” –... aí minha mãe falô(u) – “não vai lá pra você vê(r) sim... (AC-140; NR: L. 160-178).*

Em (12) e (13), os itens verbais continuam sendo usados como predicadores verbais e ainda são lexemas, mas com um sentido ainda mais distanciado do sentido prototípico em que algo é percebido por meio da visão, já que é usado com o sentido de percepção mental. Nesses casos, os verbos tomam como complemento orações que designam um Conteúdo Proposicional, a camada mais alta do Nível Representacional, justamente porque indicam uma avaliação que o falante faz acerca de uma determinada situação sobre a qual, na opinião dele, não adianta discutir ou rebater. “Ver” e “olhar” perdem seu sentido original (algo ser percebido por meio da visão) para expressarem a ideia de algo que é apreendido por meio da inferência. Vejamos:

- (12) *[pra] tirá(r) proveito dos o(u)tros né? disso tá cheio [Doc.: tá cheia] lotado a gente vê tanta coisa assim né?... e/ eu:: num tenho assim muito contato... u/ eu vivo muito.. êh::... o meu mundo ali sabe? eu procuro... não me misturá(r) muito com pessoas assim... tá? eu... porque... eu falo asSIM... êh::... – “tá cheio... o mundo... tá lotado” ... mas quando eu eu vejo que a pessoa é desse jeito... eu procuro me afastá(r)... (AC-106; RO: L.773-777).*
- (13) *de dez minutos mais ou menos aí cê **vai olhan(d)o se ele já tá cozido ou não** (AC-024; RP: L. 313-314).*

As mudanças verificadas por meio das ocorrências já apresentadas nesta seção são realizadas de maneira gradual, como previsto por Hengeveld (2017); em função dos exemplos, verificamos a seguinte atuação no Nível Representacional [Modo < Indivíduo < Propriedade Configuracional < Estado-de-coisas < Episódio < Conteúdo Proposicional]. Ainda que não haja usos de “olhar” vinculados às camadas da Propriedade e do Episódio, a trajetória unidirecional proposta por Hengeveld (2017) é respeitada, pois, conforme mencionado na subseção 3.3 desta pesquisa, não importa em qual camada ou nível ocorre o ponto de corte, o esperado é que, uma

vez iniciado o processo de mudança de um item linguístico, ele se mova para camadas e níveis mais altos em relação ao ponto de partida do processo de GR.

Analisemos agora as ocorrências de “ver” e “olhar” que operam nas camadas do Nível Interpessoal. A tabela 4 traz a contabilização desses usos:

Tabela 4 - Camada de atuação do item verbal no NI

	<i>Ver</i>	<i>Olhar</i>	TOTAL
Ilocução	-	17 (100%)	17 (2,2%)
Conteúdo comunicado	13 (68,4%)	6 (31,6%)	19 (2,5%)
Ato discursivo	64 (26,9%)	174 (73,1%)	238 (31,1%)
Movimento	1 (7,1%)	13 (92,9%)	14 (1,8%)
TOTAL (corpus)	78 (27,1%)	210 (72,9%)	288 (37,7%)

Fonte: Elaboração própria.

Conforme já mencionado, a maioria dos usos ancorados no Nível Interpessoal é com “olhar” (72,9% ou 210 ocorrências), enquanto apenas 27,1% (78 ocorrências) dos usos verificados nesse nível são com “ver”. Das 14 ocorrências pertencentes à camada do Movimento, 13 delas (92,9% dos dados) estão ligados aos usos de “olhar”, e somente 7,1% (1 ocorrência) dos usos estão relacionados a “ver”. E com relação os usos operantes na camada do Ato discursivo, 73% dos dados (174 ocorrências) são o item verbal “olhar”, enquanto os dados com o verbo “ver” representam 27% (65 ocorrências), tais dados mais uma vez evidenciam que, em termos de frequência e de expansão funcional, o item “olhar” está em um estágio mais avançado de GR. Na camada do Conteúdo Comunicado, contabilizamos 6 ocorrências (31,1%) de “olhar” e 13 ocorrências (68,4%) de “ver”, invertendo, assim, a distribuição entre as camadas do NI. Por fim, na camada da Ilocução, encontramos apenas usos com “olhar”, somando 17 ocorrências.

Vejamos alguns exemplos dos usos aqui tratados.

- (14) *era muito gostoso... falá(r) – “nossa trabalho na TAM” – tudo É muito gostoso... mas num:: era q/ aquilo que eu queria eu gostava mesmo é de tá lá co/ com contato com os passage(i)ros de tá indo no avião... eu gosto muito DO avião... aí eu peguei e::... teve uma reunião a dona I. perguntô(u)... se eu tava feliz... com o meu trabalho né? aí eu fui bem sincero com ela falei assim – “ôh dona I. gosTÁ(r) eu GOSTo... mas eu sô(u) muito mais feliz quando eu tô no aeroporto que é de final de semana que eu tô cobrin(d)o escala né?” (AC-051; NE: L. 127-133).*

Em (14), “olhar” é usado como uma estratégia de polidez com a intenção de preservar a face do interlocutor, atenuando a força ilocucionária do que será dito pelo falante, já que o conteúdo comunicado parece ser contrário ao esperado em função da conjunção adversativa

posteriormente usada: *gosTÁ(r) eu GOSTo... mas (...)*. Trata-se de um uso ancorado na dimensão pragmática da linguagem, no Nível Interpessoal, especificamente na camada da Ilocução.

- (15) *Inf.: não só de cada brasileiro como di/ em geRAL né? porque diz... o Lula ficou acho que num sei quantos man/ aí:: te/ tentando entrar na política... e não conseguia... esse ano/ (vai saber) essa última eleição que teve aí de presidente (ele) deu oportunidade prá ele como diz? muitos brasileiro né? achou que ele ia mudar o:: país... e ele... pelo que parece ele fala que num tá sabendo de nada né? que ele era como diz? ele tá de inocente no negócio mas como o cara é presidente ele é o presidente do partido ele é como diz? eu (num tenho muito conhecimento) sobre política... mas ouço falar na televisão que ele é o cabeça de tudo ele num vai/ num tá sabendo de/ disso? eles tão querendo tirar ele fora da jogada prá ele poder voltar... como diz? por cima novamente né? mas eu acho que num vai acontecer isso não... vai ter que mudar isso bastante os brasileiro todo mundo tá revoltado e só vê falar em:: política só vê falar (essas histórias) de corrupção que tá tendo aí (AC-067; RO: L.442).*

Em (15), o verbo “ver” toma como complemento uma oração que designa um Conteúdo Comunicado: *só vê falar (essas histórias) de corrupção que tá tendo aí [na televisão]*, que pertence ao Nível Interpessoal da GDF. Esse tipo de enunciado representa, segundo Vendrame (2010) e Hengeveld *et al* (2019, p. 277), uma informação percebida pelo falante por meio de terceiros ou ainda a retransmissão [no caso, a televisão], dentro do seu próprio Ato discursivo, de um Conteúdo Comunicado expresso por outro falante. Nesse contexto, o sentido veiculado por “ver” é de natureza evidencial reportativa, portanto, é bem abstrata, pois já não se trata da percepção do indivíduo sobre algo, o que reforça a hipótese de que esse verbo está sofrendo mudança de conteúdo rumo à dimensão pragmática da língua. Referendando a conclusão de Vendrame (2010) e Hengeveld *et al.* (2019), o verbo “olhar” não aceita complementos oracionais/nominais que designam Conteúdos Comunicados, o que, de certa forma, contribui para explicar a diferença de comportamento desse verbo em relação ao verbo “ver”; essa abstratização é gradual e sistemática no escopo de atuação e tem a ver com a expansão funcional do item linguístico em pauta de camadas mais baixas para camadas mais altas de outros níveis. Porém, não é pertinente afirmar que tal fato aponte para um menor grau de GR, visto que há outro tipo de uso com “olhar” também abrigado nessa camada, como veremos abaixo:

- (16) *Inf.: EU po/ EU acredito na igreja católica então eu vô(u) ficá(r) agora tem/ tem o(u)tras pessoas que VAI na igreja católica mas mesmo assim ela partici::pa tal vai na missa::... tem tem até algumas que pode sê(r) legioná::rias... mas sabe? tem aquele pé atrás tipo – “será que Jesus fez aqui::lo será que Maria É mãe de Jesus mesmo será que Jesus é Deus... como eles falam né?” – (eles) ficam com o pé atrás... e:: a igreja evangélica ela traz mais ou menos eles tipo... a igreja católica é assim óh – “VENha que nós vamos te ajudar” – né? – “nós vamos tentar o possível” – a igreja evangélica não ela fala mais ou menos assim – “VEM que eu/ que a gente ajuda (que) a gente consegue” – né? então elas*

já vão assim com esse intuito né? – “a gente vai lá já vai conseguí(r)”... (AC-23; RO: L. 504-512)

Apesar de o verbo “olhar” não aceitar conteúdos comunicados como complemento verbal, ele pode operar nessa camada de outra forma: como operador gramatical responsável por introduzir enunciados que designam um conteúdo comunicado²⁷, como se atesta por meio da análise oitiva de (16), em que a forma gramaticalizada “óh”, antecedida por um elemento catafórico “assim”, atua na inserção de um discurso que é produzido por um terceiro, no caso, a instituição igreja católica.

As duas ocorrências seguintes operam na camada do Ato discursivo.

(17) *porque são cinco reais por mês que tem que dá(r) po partido [Doc.: hum::]... to::do mês vem uma cartinha – “favor depositar em tal (conta)” – que é pra você podê(r) fazê(r) o ca(i)xa... num é o ca(i)xa dois não viu? é o ca(i)xa do próprio partido... pa eles podê(r) fazê(r) a campanha da o(u)tra eleição... (AC-027; RO: L. 178-181).*

(18) *Doc.: uhum ((concordando))... e assim B. aproveitá(r) né?... Alma Gêmea?... eu acho que foi uma novela que surpreendeu pelo fato dela abordá(r) um tema polêmico né? [Doc.: é] e tê(r) a audiência que tem né? [Doc.: é] que que você acha assim desse/ desse tipo de tema? né? B. o espiritualis::mo
Inf.: **olha::**... na verdade EU gosto do (tema) mas pra falá(r) COM certeza... se as coisas são ou não reais [Doc.: uhum ((concordando))] eu num sei eu vô(u) na parte filosófica... mas eu acho que tudo ainda é um mistério
Doc.: éh::
Inf.: é porque::... há pessoas que:: dizem... já::... terem tido experiências EU... pessoalmente nunca tive.. (AC-134; RO: L. 349-358).*

Nas ocorrências (17) e (18), “ver” e “olhar” são marcadores discursivos, respectivamente, voltados para a aprovação discursiva (*checking*) por parte do interlocutor, conforme Mariano (2014), esse uso serve para solicitar a atenção do interlocutor a fim de prosseguir na interação; e como atenuador, no intuito de amenizar a resposta negativa à pergunta do documentador. Isso quer dizer que essas formas verbais não são mais usadas com o sentido de perceber algo pela visão, mas sim com função voltada à interação discursiva entre falante e ouvinte. Portanto, esses usos operam na camada do Ato discursivo, no Nível Interpessoal.

²⁷ Hengeveld e Fischer (2018) e Silva (2020), que tratam de usos evidenciais (os quais abordaremos na subseção 5.1.5 sobre os tipos de percepção), classificam esse uso como subtipo evidencial de citação (*quotative evidentiality*). A diferença entre a citação e a reportatividade é que, no primeiro, o falante reproduz o enunciado tal como foi originalmente produzido; e, no segundo, o falante reconta com suas próprias palavras a informação originalmente produzida por outrem. Outra diferença se dá em relação às camadas de atuação desses usos: o primeiro está situado na camada do Ato Discursivo, enquanto o segundo, na camada do Conteúdo Comunicado. Essa distinção já havia sido feita por Olbertz (2005), mas não em Hengeveld e Mackenzie (2008) e Hengeveld e Hattner (2015).

As ocorrências (19) e (20) exemplificam os usos operantes na camada do Movimento, visto que, “veja bem” e “olha” constituem o movimento de resposta ao movimento de pergunta. Vejamos:

- (19) *Doc.: a senhora assim especificamente o que que você pensa disso?*
*Inf.: existe é/ é/ **veja bem** éh::... existe o livre arbítrio... cê entendeu?... agora nós num podemos julgá(r)... nenhuma criatura... cê entendeu porque a/ a/ o livre arbítrio é dela... ELA que vai tê(r) que respondê(r)... por tudo que ela faz... (AC-120; RO: L. 389).*
- (20) *Doc.: e a sala... como que é? a cozinha?*
*Inf.: **olha** a sala::... ali é om meu cantinho que tem meu som... (AC-103; DE: L. 277-278)*

Com base nas ocorrências (14), (15), (16), (17), (18), (19) e (20), podemos propor a seguinte trajetória de expansão funcional nas camadas do Nível Interpessoal: [Ilocução < Conteúdo Comunicado < Ato discursivo < Movimento]. Esses usos, segundo Hengeveld (2017), mostram que na passagem de uma camada para outra ocorre mudança de conteúdo.

Na subseção seguinte, discorreremos sobre o tipo de entidade designada pelo argumento sujeito, como o objetivo de saber qual é o tipo de entidade designada pelo argumento sujeito quando os itens verbais se gramaticalizam rumo ao Nível Interpessoal.

5.1.4 Tipo de entidade designada pelo argumento sujeito

Este parâmetro trata da entidade designada pelo argumento sujeito. Sua importância consiste em verificar se o grau de GR dos itens verbais pode também se refletir na abstratização semântica dos constituintes que exercem a função de sujeito da estrutura predicativa. Em vários casos de formação de perífrases verbais de tempo, de aspecto e de modalidade, é possível observar que, à medida que o verbo em destaque se gramaticaliza (TRAVAGLIA, 1985; PREZOTTO JR, 2020), o argumento sujeito também se torna mais abstrato (+humano > - humano). Aqui, entendemos que quanto mais o verbo se gramaticaliza, mais o argumento sujeito tende a designar diferentes tipos de entidades semânticas, como: indivíduo, estado-de-coisas, conteúdo proposicional, dentre outras. Vejamos os dados da tabela 5 abaixo:

Tabela 5 - Tipo de entidade designada pelo argumento sujeito

	Ver	Olhar	TOTAL
Indivíduo	407 (83,4%)	81 (16,6%)	488 (63,8%)
Sem argumento sujeito	55 (19,9%)	222 (80,1%)	277 (36,2%)
TOTAL	462 (60,4%)	303 (39,6%)	765 (100%)

Fonte: Elaboração própria

Como se verifica na tabela 5, só encontramos duas situações nas ocorrências levantadas no *corpus* de investigação: na maioria das ocorrências (63,8% ou 488 dados), o argumento sujeito designa a entidade semântica do tipo Indivíduo, o que confirma o esperado por Hengeveld *et al.* (2019): os verbos de percepção visual requerem, em geral, uma entidade do tipo Indivíduo que é responsável por perceber algo por meio da visão, no entanto, isso só explica os casos em que esses verbos são ainda predicadores verbais, porém, não explica os casos em que esses itens se tornam mais gramaticais e exercem funções discursivas. Assim, quando os verbos passam a operar como marcadores discursivos, a posição de argumento sujeito deixa de ser preenchida; conforme verificado na tabela, as ocorrências sem a presença do argumento sujeito nos dados somam 36,2% (ou 277 ocorrências). A discrepância de comportamento dos itens linguísticos em apreço se torna mais evidente quando comparamos os dois verbos: os dados averiguados mostram que “olhar” apresenta uma frequência muito alta de usos sem a presença do argumento sujeito (80,1%), somando 222 ocorrências. Já o verbo “ver” se destaca por apresentar um número maior de ocorrências com a presença do argumento sujeito que designa um Indivíduo (83,4%), totalizando 407 ocorrências.

Os usos com argumento sujeito, designando indivíduo, tendem a estar atrelados às camadas do nível Representacional e os usos sem argumento sujeito geralmente estão ancorados no nível Interpessoal, porque conforme o item verbal avança no processo de GR, o sujeito da estrutura prediativa também sofre o processo de abstração semântica, chegando, assim, aos usos gramaticais em que não há mais sujeito.

As ocorrências, a seguir, ilustram casos em que o argumento sujeito está presente:

- (21) *“por que que minha minha cara tá tudo torta assim né?” – e quando ela **olhô(u)** pra mim ela começô(u) gritá(r) de medo (AC-045; NE: L. 90-91).*
- (22) *eu vi minha boca tudo babada aí eu peguei... eu olhei no espelho assim né? parecia assim sabe? eu eu pensei que tinha acabado aí quando eu **olhei** começô(u) me dá(r) um medo de novo... (AC-045; NE: L. 41-43).*
- (23) *aí ele **viu** que num tinha mais ninguém ele pulô(u)... a:: a janela... (AC-001; NE: L. 30-31).*
- (24) *hoje mesmo foi uma com::... tom com ro(u)pinha toda toda... né? a maquiagem tudo bonitinho quando a gente **viu** o cabelo dela tá aquele negocinho de criança (AC-014; RO: L. 337-339).*

Em todas as ocorrências, de (21) a (24), o argumento sujeito está presente e representa semanticamente um indivíduo, respectivamente, *ela*, *eu*, *ele* e *a gente*. Nos demais casos observados no *corpus*, os usos de “ver” e “olhar” são mais gramaticais, funcionam como marcadores

discursivos (os quais abordaremos na subseção 5.1.7), por isso eles tendem a perder os traços de transitividade da estrutura predicativa, isto é, deixam de selecionar o argumento sujeito e complemento, compondo, em alguns casos, expressões idiomáticas, por exemplo, “ter a ver”, significando “ter relação com algo”, “estar relacionado a algo”; mais exemplos de casos assim serão citados na subseção 5.2.2, que trata do usos de “ver” e “olhar” no Nível Interpessoal.

A subseção seguinte trata do tipo de percepção pelos itens verbais.

5.1.5 Tipo de percepção

Por meio deste parâmetro, nosso objetivo é identificar o tipo de percepção expressa pelos verbos em apreço, uma vez que essas formas verbais podem ser usados como (i) verbos de percepção visual não-evidencial (quando não há nenhuma referência ao modo como o falante obteve a informação expressa no enunciado; o uso do verbo é apenas descritivo/constatativo), (ii) percepção visual evidencial direta (quando o falante é testemunha direta/ocular do objeto avistado ou do evento ocorrido; ele é a fonte da informação), (iii) verbos de percepção visual evidencial indireta (quando a informação é resultado de uma alguma inferência por parte do falante, isto é, quando essa informação é resultado de uma conjectura baseada em evidências internas ao falante, de natureza sensorial sobre algo, segundo Vendrame (2010), (iv) evidencial reportativa (quando diz respeito à retransmissão, por parte do falante, de um conteúdo comunicado produzido em outra ocasião por outro falante/por terceiros), e (v) perda de traços semânticos da noção de percepção visual (esse tipo é reservado para os casos em que os verbos se gramaticalizam em marcadores discursivos, exercendo funções mais gramaticais ou discursivas/interacionais, que se afastam semanticamente do sentido pleno do verbo de percepção visual). Para tanto, tomamos como referência a tipologia dos evidenciais proposta por Hengeveld e Mackenzie (2008) e trabalhos que tratam do mesmo tema, a saber: Vendrame (2010) e Hengeveld e Dall’Aglio-Hattner (2015). Entendemos que, além do sentido sensorial de avistamento de algo, alguém ou evento por meio da visão, os verbos de percepção “ver” e “olhar” são também usados para veicular diferentes tipos de evidencialidade, que se localizam em diferentes camadas e níveis de organização da gramática, o que, de acordo com Souza (2009), Hengeveld e Dall’Aglio-Hattner (2015) e Hengeveld (2017), poderia indicar um avanço no processo de GR dessas formas, tendo em vista a sua expansão funcional na língua.

Vejamos, na tabela 6, abaixo, a distribuição dos dados atestados no *corpus*.

Tabela 6 - Tipo de percepção

	<i>Ver</i>	<i>Olhar</i>	TOTAL
Visual não-evidencial	241 (82,5%)	51 (17,5%)	292 (38,2%)
Visual evidencial direta	116 (81,7%)	26 (18,3%)	142 (18,6%)
Evidencial inferida	26 (100%)	-	26 (3,4%)
Evidencial dedutiva	5 (100%)	-	5 (0,7%)
Evidencial reportativa	7 (100%)	-	7 (0,9%)
Uso não-perceptivo (Marcadores discursivos)	67 (22,9%)	226 (77,1%)	293 (38,3%)
TOTAL	462 (60,4%)	303 (39,6%)	765 (100%)

Fonte: Elaboração própria

Conforme observamos na tabela 6, os usos não-perceptivos constituem casos de desbotamento semântico do sentido original de percepção visual, ou seja, os usos atrelados à emergência de marcadores discursivos na língua contabilizam a maior quantidade de dados, com diferença de apenas uma ocorrência, da amostra: 38,3% (293 ocorrências), sendo a maioria deles relacionado ao item verbal “olhar” (226 ocorrências), enquanto os usos com “ver” contabilizam 67 ocorrências. A maior incidência de tipo de percepção veiculada pelos verbos é a visual não-evidencial, com 38,2% (292 do total de ocorrências), sendo que 241 ocorrências dizem respeito a “ver” e 51 ocorrências dizem respeito a “olhar”. Em seguida, aparecem os casos de percepção visual evidencial direta com 18,4% (141 ocorrências), contabilizando 116 ocorrências com “ver” e 26 ocorrências com “olhar”; isso indica que o verbo “ver” está mais intimamente ligado a esse tipo de percepção. Os casos de evidencialidade inferida, reportativa e dedutiva somam, respectivamente, 3,4% (26 ocorrências), 0,9% (7 dados) e 0,7% (5 dados), ocorrendo apenas com o verbo “ver”.

De acordo com Vendrame (2010, p. 94), a organização das unidades linguísticas, assim como sua seleção, é determinada em função das intenções comunicativas do falante. Ainda segundo a autora, por meio dos verbos de percepção, o falante pode veicular três tipos de informações, que estão relacionadas a tipos distintos de evidencialidade e cujas diferenças são refletidas nos níveis e nas camadas de organização da gramática proposta pela GDF. As informações podem ser: (i) “uma informação linguística lida ou ouvida”; (ii) “uma informação que é resultado de um cálculo mental”; (iii) “ou uma informação que é resultado de uma percepção física” (VENDRAME, 2010, p. 94). A evidencialidade representa o modo como a informação foi obtida e não necessariamente sua fonte, já que em alguns casos “a fonte da informação é o próprio sujeito da percepção, ou seja, o Falante” (VENDRAME, 2010, p. 95).

Nesse contexto, para Vendrame (2010), só é possível falar em evidencialidade expressa por verbos de percepção visual quando essas formas verbais são usadas na primeira pessoa do discurso; somente nesses casos, pode-se falar em uso evidencial dos verbos de percepção. Nos

demais contextos, há simplesmente uma descrição do elemento observado ou do fato ocorrido; em outras palavras, o que se tem nesses casos é um “relato de uma percepção por parte do referente-sujeito da oração matriz, e não por parte do falante.” (VENDRAME, 2010, p. 102).

As ocorrências (25) e (26) ilustram casos de percepção visual não-evidencial, posto que ambos os casos não tratam da percepção do próprio falante, mas sim de terceiros.

(25) *eu falei – “olha ele tá com fiote...(inint.)” – eles foram lá deba(i)xo... **olharam** a árvore e não conseguiram vê ele... (AC-063; NR: L.759-760).*

(26) *meu pai e minha mãe chegô(u) meu pai muito nervoso né?... que quando ele... **vê** que a gente machucô(u) ele fica nervoso... (AC-014; NE: L. 12-13).*

Em (25) e (26), não há nenhuma referência ao modo como o falante obteve as informações expressas. Trata-se, pois, de uso descritivo dos verbos, visto que os sujeitos da percepção são, respectivamente, *eles* e *ele*, ambos correspondem à terceira pessoa.

Já a percepção visual evidencial direta é utilizada pelo falante justamente quando ele quer informar que testemunhou um fato ocorrido ou algo. Vejamos as ocorrências (27) e (28):

(27) *aí eu peguei... eu **olhei** no espelho assim né? (AC-045; NE: L. 41-42).*

(28) *aí eu **via** as menina passá(r) minha avó/ minha avó falô(u) que estraga a PEle passá(r) muito NOva então... minha mãe falô(u) assim – “cê vai passá(r) só com quinze anos de idade” (AC-014; RO: L. 334-336).*

Nas duas ocorrências, o falante testemunhou diretamente, por meio da visão, um indivíduo (*o espelho* em (27)) e um estado-de-coisas (*as menina passar* em (28)). As camadas do Indivíduo e do Estado-de-coisas estão localizadas no Nível Representacional.

A percepção evidencial inferida ocorre quando o falante chega a alguma conclusão (conteúdo proposicional) a partir de algum tipo de “inferência baseada em evidências internas” (VENDRAME, 2010, p. 124). Conforme complementa a autora, o falante se baseia em suas próprias experiências e em seu conhecimento de mundo para concluir e enunciar o conteúdo proposicional por ele apresentado, como vemos na ocorrência (29):

(29) *subi uma esCAda... d’uma casa aí a hora que eu vi.: eu já tava numm assim **pelo que eu vi** assim a casa já tava toda... tudo... bagunçada (AC-077; NE: L.45-47).*

Consoante Vendrame (2010), analisamos esses usos de “ver” como sendo mais abstratos, distanciados do sentido original (prototípico), já que são usados com o sentido de “tomar consciência” ou “avaliação”, pois já não têm o sentido pleno de percepção visual

original atribuído aos verbos. Ainda conforme a autora, esses casos denotam percepção mental e encaixam um conteúdo proposicional como complemento. Esses usos nos permitem observar a ocorrência do processo de dessemantização (desbotamento semântico, para outros) mencionado por Heine (2003), nos quais a forma de origem sofre mudança em relação ao conteúdo semântico (percepção visual direta > percepção visual indireta).

Nos casos de evidencialidade dedutiva, o falante deduz um episódio, baseando-se em alguma evidência disponível, que seja observável por meio dos sentidos, da visão ou ainda de sons ou cheiro, conforme Vendrame (2010, p. 129) e Hengeveld e Hattner (2015, p. 486). A ocorrência (30) exemplifica este tipo de percepção utilizado por meio do verbo “ver”; nos inquéritos investigados do *corpus* de análise, não encontramos ocorrência desse tipo de percepção com o verbo “olhar”. No exemplo, o falante deduz um episódio em função da sua percepção sensorial auditiva; por não ouvir mais barulho, deduziu que tinha acabado.

- (30) *aí deu uns vinte minutos assim a gente viu que num... que num:: tinha mais barulho nenhum... (AC-077; NE: L.69-70).*

Outro tipo identificado no *corpus* é a percepção evidencial reportativa, que é usada em contextos nos quais o falante narra o que foi dito por outrem (o falante real) ou explicita a fonte do conteúdo comunicado, como apontam Hengeveld e Mackenzie (2008, p.103). As ocorrências (31) e (32) exemplificam, respectivamente, esses contextos. Também não houve ocorrências com o verbo “olhar” utilizando este tipo de percepção, o que corrobora a tese de Hengeveld *et al.* (2019) de que o verbo “olhar” não encaixa complementos do tipo Conteúdo Comunicado, no entanto, vimos que há casos de “olhar” que se relacionam com essa camada de outra maneira. Entendemos que o fato de “olhar” não se prestar à expressão de evidencialidade inferida, dedutiva e reportativa não invalida a nossa hipótese lançada anteriormente, já que já outros usos de “olhar” que operam nessas camadas. Além disso, a grande maioria dos usos não evidenciais de desbotamento semântico alocados nas camadas mais altas do Nível Interpessoal ocorre com o verbo “olhar”, portanto, não podemos afirmar que “ver” encontra-se mais gramaticalizado com base nos usos evidenciais aqui discutidos. Como já mencionado na subseção 5.1.3 desta dissertação, o marcador discursivo “oh” serve como introdutor de um conteúdo comunicado, então apesar de o verbo (lexema) não encaixar tal tipo de complemento, serve às necessidades comunicativas com função introdutória. Vejamos as seguintes ocorrências, que exemplificam usos evidenciais reportativos tanto para narrar o que foi dito pelo falante real, quanto para explicitar a fonte da informação:

- (31) *aí o A. veio na casa dele era meio tarde... passô(u) mas já tinha gente... tinha gente lá então ele falô(u) não **eu vô(u) vê(r)**... daí entrô(u) lá era o pai dele que tinha falecido né? (AC-139; NR: L. 143-145).*
- (32) *coisas assim que a gente tem... da história de Rio Preto... num é? e que às vezes a gente **vê na:: na história apresentada nas noVElas** né?... (AC-146; RO: L. 410-411).*

Em (31), a informação referente ao falecimento do pai do participante foi obtida por meio de um terceiro que foi até a casa dele reportar o acontecido (e conferida depois pessoalmente). Em (32), as histórias sobre Rio Preto foram obtidas por meio de novelas, ou seja, o falante passou a conhecer um pouco mais a história da cidade a partir de novelas, por isso esse tipo de evidencial é classificado como reportativo (não testemunhada e reproduzida).

Há ainda casos em que o parâmetro aqui discutido não é aplicável em sua totalidade, pois os verbos “ver” e “olhar” encontram-se desbotados semanticamente do valor perceptivo, acentuando-se as propriedades pragmático-discursivas. São exemplos as ocorrências (33) e (34), nas quais os itens verbais atuam com a função de marcadores discursivos:

- (33) *Inf.: éh casa é o seguinte... cê entrando... é a sala... tem um sofá... sofá alaranjado... de frente... na lateral tem um rack... com televisã::/ televisão... qua::dros... D.V.D. óh que chique hein? cê **viu**? que eu num sô(u) po(u)ca porcaria... (AC-027; DE: L. 76-78).*
- (34) *Doc.: [o teu?]
Inf.: [e eu ten/] tem tem faz mais de um ano acho que eu tô vendendo lá... e eles num ficam sem... às vezes menina ligam aqui... –“não eu vô(u) buscá(r) aí”... –“mas espera”– às vezes já é dez e meia da noite... –“ah mas a minha namorada quê::(r) ela quer comê(r) agora”... e eles falam/ eu/ menina e eu tive que levantá(r) e fazê(r) o pavê... [porque o menino vinha] buscá(r)
Doc.: [(inint.)] Inf.: não essa eu já tinha... preparado... o chocolate que eu ia fazê(r) no dia seguinte... ele já tinha ligado pra mim à tarde... [Doc.: aham ((concordando))]
(então eu falei) – “**olha**... se eu não te mandá(r) a noite eu te mando amanhã de manhã”... como eu tinha trabalhado o dia inte(i)ro nesse sábado... eu falei –“ah amanhã de manhã eu mando pra ele”... xi:: umas dez e meia da noite... eu tive que í(r) pra cozinha... (AC-106; RP: L. 654-665).*

Esses dados mostram que o sentido original de percepção visual dos verbos está bastante esmaecido, justamente porque seu funcionamento é de natureza discursiva e não representacional (com valor semântico), isto é, essas formas atuam como marcadores discursivos. Em (33), a função de “viu?” é ajudar na organização da interação como um marcador discursivo de checagem, ou seja, de verificação da atenção ou de engajamento do interlocutor em relação ao que está sendo discutido, no caso, a descrição da sala do falante, incluindo móveis e eletrodomésticos. Em (34), o papel de “olha” é organizar o desenvolvimento

do tópico conversacional, com função prefaciadora, pois o falante antecede a resposta com uma possibilidade (*não mandar à noite*). Cabe dizer que, apesar de identificarmos esses usos mais gramaticalizados dos verbos “ver” e “olhar”, essas formas verbais com o sentido original ainda convivem com os demais usos tidos como mais gramaticais ou interacionais (discursivo-pragmáticos). Esses usos ilustram o que Hopper (1991) chama de princípios de divergência (usos novos e velhos convivem em um mesmo espaço de tempo) e persistência (parte do sentido original persiste no uso mais gramaticalizado).

Na subseção, a seguir, discutimos acerca do estatuto formal dos itens verbais.

5.1.6 Estatuto formal do item verbal

Nosso intuito, por meio deste parâmetro, é identificar o estatuto formal de “ver” e “olhar”. Conforme Souza (2009), Barreto e Souza (2016), Fontes (2016) e Hengeveld (2017), na GDF, os processos de GR são vistos como uma combinação de mudança formal e mudança de conteúdo, isso quer dizer que a mudança de conteúdo implica um aumento gradual e sistemático no escopo em relação às camadas e aos níveis de organização da gramática, enquanto a mudança formal implica uma diminuição gradual e sistemática no grau de lexicalidade da forma. Sendo assim, com base nas observações resultantes da aplicação deste parâmetro, teremos subsídios para mostrar o processo de deslexicalização previsto por Hopper e Traugott (1993) dos itens verbais observados.

Em relação às classes de palavras, em especial no que se refere ao ponto de interesse de nossa pesquisa, Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 217) fazem a distinção entre lexemas (palavras lexicais), operantes no Nível Representacional; e operadores (palavras gramaticais) ou funções, operantes tanto no Nível Representacional quanto no Interpessoal. É importante destacar que a função aparece, em geral, nos contextos em que o item se torna gramatical ou já tenha perdido boa parte de seu conteúdo semântico, passando, assim, a configurar uma função.

A trajetória de mudanças formais proposta por Hengeveld (2017) prevê que um item lexical vá perdendo conteúdo pleno ao longo do seu processo de GR e vá adquirindo novas funcionalidades mais gramaticais, seguindo, portanto, do léxico para a gramática. Vejamos, na tabela 7, a contabilização dos dados averiguados a partir do *corpus* de análise.

Tabela 7 - Estatuto formal do item verbal

	<i>Ver</i>	<i>Olhar</i>	TOTAL
Lexema	307 (85,9%)	50 (14,1%)	357 (46,6%)
Operador lexical	82 (84,5%)	15 (15,5%)	97 (12,6%)
Operador gramatical	18 (43,9%)	23 (56,1%)	41 (5,3%)
Função	55 (20,4%)	215 (79,6%)	270 (35,5%)
TOTAL	462 (60,4%)	303 (39,6%)	765 (100%)

Fonte: Elaboração própria.

Como verificamos na tabela 7, os usos de “ver” e “olhar” mais recorrentes no *corpus* são como lexema e como função, totalizando 357 ocorrências (46,6%). Os usos de “ver” como lexema representam 85,9% (307 ocorrências, ao passo que os usos de “olhar” como lexema representam 14,1% (50 ocorrências). Tal fato indica indício de que o item verbal “olhar” encontra-se num nível mais avançado de GR, já que é mais frequente como função, isto é, quando a forma verbal se torna mais gramatical e passa a exercer diferentes funções gramaticais na língua.

Quando o estatuto formal do item linguístico é lexema, significa que se trata de um predador verbal (transitivo), que seleciona argumentos. Nesse caso, esses verbos atuam como um predador de dois lugares, estabelecendo, assim, uma relação de transitividade entre um indivíduo e a entidade percebida pela visão, que pode ser um indivíduo ou qualquer outra entidade.

O operador lexical está em geral ligado a perífrases verbais, como por exemplo, a perífrase verbal [ir+ver], que é usada pelo falante para expressar futuridade (CASTILHO, 2002; ROBUSTE, 2018), e a perífrase [ver+se...] que é usada na língua para indicar incerteza/possibilidade. Nesse caso, 84,5% das ocorrências ocorrem com o verbo “ver”, já o verbo “olhar” é usado em 15,5% dos casos como operadores lexicais. Os casos de “ver” e “olhar” que atuam como operador gramatical, em 43,9% e 56,1% dos casos, respectivamente, estão mais relacionados aos contextos em que operam na introdução de conteúdo comunicado e expressão de mitigação de ilocução, atenuando a força ilocucionária do enunciado.

Os usos de “ver” e “olhar” como operadores de mitigação, por exemplo, em que o item verbal atua na conversão de uma força ilocucionária imperativa em um pedido como uma espécie de estratégia de polidez (“*Me vê um suco de laranja*”), apesar de terem sido identificados por outros autores (SILVA, 2011) em outras amostras do português, não foram identificados no *corpus* investigado em nossa pesquisa. Com base nos dados levantados, verificamos que esse uso está ligado aos casos de introdução de conteúdo comunicado.

Já o estatuto formal do item verbal classificado como função ocorre quando o item linguístico perdeu totalmente seu estatuto lexical (o sentido de percepção visual), tornando-se totalmente esvaziado e servindo apenas à função interativo-discursiva na língua. Os itens “ver”

e “olhar”, nesses casos, operam unicamente na esfera pragmática, com usos voltados para o discurso e para a interação discursiva. Como exemplo, citamos os marcadores discursivos. Nesse caso, 20,4% das ocorrências são usos com “ver”, enquanto 79,6% são com “olhar”.

Vejamos as ocorrências que exemplificam os casos analisados nesse parâmetro:

- (35) *ai eu **vi** aquele nenezão bem grandão assim... (AC-034; NE: L. 12).*
- (36) *“olha... é o seguinte a sua namorada fica me olhando... e eu fico olhando pra ela” (AC-046; NR: L. 187-188).*
- (37) *passô(u) um tempo ele ele abriu a porta da janela assim né?... **pra vê(r)**... se eles já tinham ido emBORA ou se sam pra... vê se já podia saí(r)... (AC-001; NE: L. 29-30).*
- (38) *Doc.: [a:: a vio]lência já chegô(u) no sítio
Inf.: o trator dele ali **óh**... vale mais de cem mil real... [Doc.: no/] vale mais de cem mil real o cara chega aqui de noite que ele num tem nada pa se defendê(r) o cara vai queren(d)o entrá(r) pa dentro de casa (AC-063; RO: L.1132-1135).*
- (39) *Doc.: e a cirurgia foi em virtude... da mordida [do cachorro?]
Inf.: [por causa] disso... ah é ficô(u) uma bola a inflamação... aquela... e depois da cirurgia até hoje ainda tá dolorido eu preciso fazê(r) o(u)tros exame mas... tá tão difícil í(r) em médico né?... pelo SUS... a gente tem que ficá(r) esperan(d)o a vontade deles... pra fazê(r) o(u)tro exame **pra vê(r)** se precisa torná(r) a abrí(r) ou não... é (AC-140; NE: L. 56-60)*
- (40) *Ave Maria é maravilhosa linda essa música eu acho a coisa mais linda essa música... que eu ia tê(r) que... mudá(r) um padrão de vida eu vejo assim sabe? [Doc.: uhum ((concordando))]
porque... é uma tradiÇÃO... certas coisas na vida da gente que a gente tem que muDÁ(r)... então já tinha nascido... as/ como se fosse assim **óh**... –“V. você vai nascê(r)... você vai aprendê(r)... você vai nascê(r) nessa religião... você vai aprendê(r) sobre isso e”–... é o que eu te falei... eu respeito muito Maria... (AC-106; NR: L. 318-324)*
- (41) *agora disse que minha pressão subiu... na hora da:: da cirurgia... aí... mas eu parecia que eu tava tranqüila... mas a gente num fica não né? a pressão sobe... é nervoso... a primeira experiência que faz né?... foi uma experiência::... chata **viu**? (AC-140; NE: L. 87-91).*
- (42) *minha mãe fala que eu nasci... seis horas da manhã... a hora que tava tocando Ave Maria... **olha** como que é... as coisas da vida... toCANdo... Ave Maria qué(r) dizê(r)... o Senhor... tava assim... mostran(d)o já que eu IA tê(r)... sabe? (AC-106; NR: L. 315-318).*

Em (35) e (36), “ver” e “olhar” são lexemas verbais e estabelecem, portanto, uma relação de transitividade entre o indivíduo e a entidade percebida, como já dito. No primeiro caso, a entidade percebida é *nenezão*; no segundo caso, há duas situações semelhantes: na primeira, o complemento tomado pelo verbo é o pronome *me* e, na segunda, o pronome *ela*.

A ocorrência (37) é um caso de operador lexical, no qual a construção [pra+ver+se] expressa modalidade epistêmica de possibilidade. Em (38), também é outro caso de operador lexical, agora com o verbo “olhar”; *óh* não tem função lexical verbal imperativa, mas sim funciona como operador dêitico, atestado por meio da análise oitiva, pois o falante faz referência exofórica para um contexto de comunicação, indicando a localização do trator.

Em (39) e (40), estão exemplificados dois casos em que “ver” e “olhar” são operadores gramaticais. A ocorrência (39), conforme Sousa (2007) e Robuste (2018), representa um caso em que a construção [ver+se] indica intenção/possibilidade. Já a ocorrência (40) representa um caso em que o operador “óh” introduz um enunciado reproduzido por outrem.

Por fim, em (41) e (42), “ver” e “olhar” são marcadores discursivos, ou seja, têm função pragmática e perderam por completo o estatuto de verbos plenos de percepção visual, atuando especificamente na interação com o interlocutor e com função interjetiva do discurso.

Vejamos, na sequência, a função discursiva dos itens verbais “ver” e “olhar”.

5.1.7 Função discursiva expressa pela forma verbal

Nesta subseção, listamos as funções que “ver” e “olhar” podem exercer enquanto marcadores discursivos verificadas no *corpus*. Conforme mencionado anteriormente, os marcadores discursivos são elementos linguísticos, cujas funções podem se relacionar tanto com a organização do texto (coesiva) quanto à organização da interação, com funções diversas (MARCUSCHI, 1989; URBANO, 1993; GORSKI; ROST; DAL MAGO, 2004; ROST-SNICHELOTTO, 2009). De acordo com Gorski et al., 2002, Carvalho e Gomes (2017) e outros, os marcadores discursivos podem ser classificados em dois tipos: articuladores interacionais e articuladores textuais. Os marcadores discursivos de natureza textual, como já dito, se debruçam sobre o sequenciamento textual com a finalidade de estabelecer a coesão no texto, ao passo que os de natureza interacional se referem às atitudes do locutor relacionadas ao texto, considerando seu interlocutor. Quando predominantemente interacionais, esses marcadores desempenham funções como atenuação, avaliação, interjeição, prefaciação, planejamento e persuasão (retórica); quando são predominantemente textuais, eles podem desempenhar funções como exemplificação, adversativa, finalizadora e reintrodutora de tópico. As ocorrências abaixo exemplificam alguns desses usos.

- (43) *[e faz queda] de braço na escola e ganha... [Doc.: olha] com o BRAço que ele teve lesão de plexo braquial... **cê vê que coisa?**... (AC-106; NE: L. 71-72).*

- (44) *Inf.: no::ssa dem/ demorô(u) acho que uns três meses... ah ele é meio lo(u)co... e é todo dia né? cê vai/ eu saio com ele de vez em quando ele fica dan(d)o cavalo de pau ((risos)) Doc.: ah:: é:: ele gosta [Inf.: (inint.)] ele go::sta ele gosta ele gosta [(inint)] Inf.: [(essa história)] meio esquisito tipo::... (inint.) e **olha** que a do A. é a pior Doc.: qual? Inf.: ((risos)) da da praça (AC-023; NR: L.187-192).*

Nas ocorrências (43) e (44), há exemplos de usos de “ver” e “olhar” com função discursiva opinativa, já que exprimem a avaliação subjetiva do falante em relação ao que é discutido no momento da interação. Ambos os casos são classificados como usos de nível interativo, isto é, são voltados predominantemente para a relação entre falante e ouvinte. Em (43), exprime a estranheza do falante, pois o esperado por ele é que o braço fosse fraco em função da lesão sofrida; em (44), exprime a exaltação, o excesso do falante, pois tem uma história ainda pior para contar ao entrevistador. A ocorrência (45), a seguir, também exemplifica um uso de natureza interativa, que funciona como prefaciador de opinião, pois o falante “inicia sua exposição opinativa sobre um assunto” (ROSA, 1992, apud ROST-SNICHELOTTO, 2009, p. 273) com “óh”, o médico antecede seu diagnóstico (*é uma facada*) com um comentário, uma opinião. Não foram encontradas no corpus analisado ocorrências com “ver” desempenhando a função prefaciadora.

- (45) *o do(u)tor levantô(u) minha camisa falô(u) – “o que foi isso aí?” – eu falei – “foi:: espeto” – falô(u) – “**óh** cada um põe o nome de espeto no que qué(r)... mas eu tenho sete ano de carre(i)ra... isso pra mim é uma facada... se quisé(r) falá::(r) pode falá(r)” (AC-027; NE: L. 46-49).*

As ocorrências (46), (47), (48) e (49), abaixo, também constituem exemplos de casos em que os marcadores discursivos são classificados como interacionais. Em (46) e (47), temos o marcador interpelativo, cuja “função [é] invocar ou chamar a atenção do interlocutor para o ato da interação, possibilitando, assim, a sua progressão” (MARIANO, 2014, p. 43).

- (46) *porque são cinco reais por mês que tem que dá(r) po partido [Doc.: hum:::]... to::do mês vem uma cartinha – “favor depositar em tal (conta)” – que é pra você podê(r) fazê(r) o ca(i)xa... num é o ca(i)xa dois não **viu**? é o ca(i)xa do próprio partido... pa eles podê(r) fazê(r) a campanha da o(u)tra eleição... (AC-027; RO: L. 178-181).*
- (47) *Inf.: éh casa é o seguinte... cê entrando... é a sala... tem um sofá... sofá alaranjado... de frente... na lateral tem um rack... com televisã:::/ televisão... qua::dros... D.V.D. **óh** que chique hein? cê viu? que eu num sô(u) po(u)ca porcária...um D.V.D....um aparelhinho de som... tem um::: microsystem rádio gravador...(AC-027; DE: L. 76-79).*

Já nas ocorrências (48) e (49), listamos usos de marcadores discursivos com “ver” e “olhar” com valor interjetivo, assemelhando-se às interjeições e, ao mesmo tempo, evocando a

atenção do ouvinte para seguir na progressão da interação, conforme aponta Guerra (2007), demonstrando o espanto dos falantes:

- (48) *uns eu acho que tinha duzentos mil reais o(u)tros tinha num sei quantos mil dólar né? em... em ma::la... onde já se viu um negócio desse aí? num existe um negócio desse no pa/ existe existe né? mas era tudo acobertado agora um abriu a boca... (AC-067; RO: L.445-447).*
- (49) *é... pa combatê(r)... até a sucuri ficá(r) de tamanho... pa comê(r) uma capivara... óia o tanto de pe(i)xe que ela num vai comê(r) (AC-063; RO: L. 1052-1053).*

A ocorrência (50) exemplifica um caso de marcador discursivo com função de advertência, neste caso, a macrofunção também é de natureza interacional: a enfermeira adverte a necessidade da senhora em voltar para acompanhar sua recuperação e verificar a possível necessidade de uma cirurgia. Em (51), ao contrário, a ocorrência exemplifica uma função classificada como textual, pois a função instrucional está ligada à organização do texto, já que a finalidade é dar as instruções de maneira ordenada para que possa ser compreendida (RISSO, 1999); já não tem a ver com a subjetividade do falante. Não foram encontradas ocorrências com “ver” que exercem essas funções.

- (50) *“óh a senhora volta sábado... se precisá(r) uma cirurgia nós faz cirurgia [...] (AC-122; NE: L. 100-101).*
- (51) *Doc.: então me explica a fazê(r) o arroz? como que faz?
Inf.: olha... cê pega o... primeiro vamo(s) começá(r)... tiran(d)o o arroz da vasilha (AC-103; RP: L. 348).*

Em (52), o marcador discursivo “olha” é tematizador, pois introduz/retoma o tema a ser desenvolvido (*cozinha*) posteriormente no discurso, nesse caso, a macrofunção é textual. Não encontramos no *corpus* dados com o item verbal “ver” com essa função discursiva.

- (52) *Doc.: ((risos)) e a cozinha como que é?
Inf.: olha a cozinha... é bem arrumada... éh:: o/ foi feito... o gosto da minha esposa... ela... escolheu... armário as coisa tudo do jeito que ela queria (AC-103; DE: L. 294-296).*

Nas ocorrências (53), (54) e (55), abaixo, verificamos, respectivamente, a função constativa, pois serve para constatar um fato ocorrido [o acidente de carro enquanto o falante trabalhava]; responsiva, pois serve para inserir uma resposta corretiva (*bordo pra várias firma*); e atenuadora, serve para atenuar o que informante dirá de ruim sobre a novela sem se

comprometer demais ao tecer sua crítica em relação à distorção da realidade retratada no programa em questão; todos esses estão estreitamente ligados à interatividade. Não foram encontradas ocorrências com “ver” desempenhando essas funções.

- (53) *Doc.: ((risos)) tem alguma outra hisTÓria que tenha acontecido c’o senhor?*
Inf.: olha isso já é um fato ocorrido... no trabalho já... adulto né? apesar de ter outras passagem anterior né?... e eu no serviço que eu trabalhava de carro-forte... (AC-103; NE: L.15-17).
- (54) *Inf.: olha eu reclamei pra::... pra pessoa que::... me contratô(u) pa fazê(r) o trabalho pra ele... [Doc.: ahm] né?... porque essa pessoa ela é consciente porque quando ele veio aqui eu falei– “olha eu não bordo só... pra uma firma eu bordo pra várias firma... (AC-120; NE: L. 76-79).*
- (55) *Doc.: é porque eu num tenho um conhecimento muito grande sobre isso né? [Inf.: é] mas você acha que essa/ a novela né? Alma Gêmea ela tá tratan(d)o direitinho ou tem muitas coisas que são [distorcidas]?*
Inf.: [olha]... eu pa falá(r) a verdade... eu quase num assisto é um ou o(u)tro capítulo... ma::s eu acho que assim que::... certas partes/ em parte... em partes é real... e um po(u)co... fantasia (AC-134; RO: L. 379-384).

Os casos de marcadores discursivos exemplificados por (56) e (57) são de função preenchedora de pausa e estão abrigados no âmbito da macrofunção de organização textual, ao passo que o uso observado em (58) está alocado na dimensão textual, com função adversativa, reforçada pela conjunção adversativa “mas” (= *mais*). Não foram averiguados usos com “ver” para o último tipo.

- (56) *Inf.: é... uma:: jaracuçu... ele foi lá.... com a pá:: colocô(u) a cobra em cima da pá::... veio pra fora... colocô(u) ela aqui deba(i)xo d’um pé de laranja e largô(u) ela embora ele não:: mata nada... [então **po cê vê** como é que é] [Doc.: o::lha só] a (inint.) (AC-063; NR: L. 497-499).*
- (57) *o F. falô(u) assim – “óh... éh:: vai lá na LOja... à TARde que a I. qué(r) falá(r) com você... (AC-051; NE: L. 80-81).*
- (58) *eu namorava um PRImo meu... que até o sobrenome é igual... e meu pai num queria NEM VÊ(r)... aquilo ele prometia de BATÊ(r) na gente... sabe quando é do sítio... povo do sítio? [...] ENTÃO e a gente gostava né? eu gostava a gente era:: né?... ah mais óia tive que largá(r) [Doc.: é?] ah teve que largá(r) porque o pai num aceitô(u) mesmo num aceitô(u) e a gente obedecia o pai e a mãe antigamente né? (AC-122; NE: L. 6-11).*

As ocorrências, a seguir, apresentam suas funções predominantemente voltadas à interação. As ocorrências (59) e (60) exemplificam casos de função sinalizadora de hesitação (o objetivo é ganhar tempo para pensar no que dirá a seguir). As ocorrências (61) e (62) ilustram,

respectivamente, as funções de checagem (a fim de checar a atenção do interlocutor) e condicional; não foram encontradas ocorrências com “olhar” com essas duas últimas funções.

- (59) *Doc.: e assim cê te/ tem uma o(u)tra história assim de ou::... sei lá... perigo de vi::da assalto ou:: ou*
Inf.: ai:: teve várias histórias na minha vida... [Doc.: e Inf.: ((risos))] **deixa eu vê(r)**
Doc.: assim o:: [mesmo::]
Inf.: [de(i)xa eu] pensá(r)
Doc.: não não tem problema [não]
Inf.: [é]
Doc.: éh::... assim algum paciente que tenha chegado a um estado muito gra::ve
Inf.: TEVE teve um acontecimento triste... éh:: esse foi que me chocô(u) mais em toda minha vida de enfermagem (AC-105; NE: L. 44-53).
- (60) *Doc.: teve alguma que você se lembra assim?... pode num tê(r) sido grave mas que:: ficô(u) guardado assim*
Inf.: olha... no momento ((fala rindo))... de(i)xe me recordá(r) mas eu acho que num tem nenhuma não mas sempre tem aquelas discutissão né?... que ela chegava cedo em casa ficava sabendo que eu tinha ido pa o(u)tros luga::res... e aí ficava bra::va (AC-067; NE: L.28-34).
- (61) *separei da mulher MELHOR COISA QUE TEM TAM(B)ÉM VIU? ... (AC-027; DE: L. 86).*
- (62) *a distribuição de renda numm num é TÃO assim correta né? se fô(r) vê(r) porque tem::... muitas pessoas que traBALham demais e ganham MUITO po(u)co... (AC-024; RO: L. 453-454).*

As ocorrências aqui apresentadas indicam que “olhar” desenvolveu usos mais discursivos do que “ver”, o que o coloca em um estágio mais avançado de GR em relação ao verbo “ver”. Isso se deve ao fato de que “olhar” atua em mais contextos pertencentes à dimensão pragmática da linguagem enquanto marcador discursivo, ou seja, à medida que esse item verbal se gramaticaliza na língua, ele se torna mais gramatical e passa a exercer mais funções enquanto marcador discursivo nas camadas do Ato discursivo e Movimento, ambas do Nível Interpessoal.

5.1.8 Tempo verbal do enunciado

Nosso objetivo, nesta subseção, é verificar se há alguma correlação ou restrição entre algum tipo de uso expresso pelos verbos “ver” e “olhar” e algum tipo de tempo verbal. Vejamos:

Tabela 8 - Tempo/modo verbal da sentença

	Ver	Olhar	TOTAL
Presente	136 (91,3%)	13 (8,7%)	149 (19,5%)
Pretérito perfeito	113 (85%)	20 (15%)	133 (17,4%)

(continua)

Pretérito imperfeito	25 (83,3%)	5 (16,7%)	30 (3,9%)
Presente do subjuntivo	2 (100%)	-	2 (0,3%)
Pretérito imperfeito do subjuntivo	1 (50%)	1 (50%)	2 (0,3%)
Futuro do subjuntivo	4 (66,7%)	2 (33,3%)	6 (0,8%)
Imperativo	12 (4,9%)	232 (95,1%)	244 (31,9%)
Futuro perifrástico	141 (89,8%)	16 (10,2%)	157 (20,5%)
Presente contínuo	20 (60,6%)	13 (39,4%)	33 (4,3%)
Particípio	8 (88,9%)	1 (11,1%)	9 (1,2%)
TOTAL	462 (60,4%)	303 (39,6%)	765 (100%)

Fonte: Elaboração própria

Como mostra a tabela 8, o maior número de ocorrências com o item verbal “ver” são com futuro perifrástico, contabilizando 141 ocorrências ou 89,8% dos dados em relação ao “olhar”, que contabiliza 16 ocorrências; seguido pelos usos no tempo presente, contabilizando 136 ocorrências com “ver” (91,3%) e 13 ocorrências com “olhar” (8,7%); seguido pelos usos no pretérito perfeito, dentre os quais 113 dados (85%) são com o item linguístico “ver” e 20 dados (15%) são com “olhar”. Por outro lado, o maior número de ocorrências com o item verbal “olhar” está no modo imperativo, contabilizando 232 dados (95,1%), enquanto “ver” contabiliza 12 ocorrências (4,9%). No pretérito imperfeito, contabilizamos 25 ocorrências (83,3%) com o item verbal “ver” e cinco ocorrências (16,7%) com “olhar”; no presente do subjuntivo, averiguamos apenas duas ocorrências com “ver”; no pretérito imperfeito do subjuntivo, apenas 1 ocorrência com cada um dos itens linguísticos analisados; no futuro do subjuntivo, contabilizamos quatro ocorrências (66,7%) com “ver” e 2 ocorrências (33,3%) com “olhar”; no presente contínuo, apuramos 20 ocorrências (60,6%) com o item linguístico “ver” e 13 ocorrências (39,4%) com “olhar”; por fim, no particípio, identificamos 8 ocorrências (88,9%) com o verbo “ver” e 1 ocorrência (11,1%) com “olhar”. Não foram encontrados casos com os seguintes tempos: pretérito mais que perfeito, futuro do presente e futuro do pretérito.

Esse resultado mostra que o contexto de imperativo, assim como assinalam Carvalho e Gomes (2017), em especial os casos relacionados à segunda pessoa do singular, é importante para a formação de vários tipos de marcadores discursivos, principalmente, os de caráter interativo; tal evidência corrobora o fato de que “olhar” encontra-se mais gramaticalizado, se levarmos em conta a sua grande frequência em relação aos usos de “ver” levantados no *corpus*. O pretérito perfeito, por sua vez, aparece em muitos contextos em que os verbos “ver” e “olhar” atuam como verbos plenos de percepção visual de natureza evidencial (direta e indireta). Já o presente do indicativo é bastante recorrente em casos em que esses verbos operam como predicados de percepção visual (descritivos) e em casos de perífrases verbais com valores aspectuais, temporais e modais (dúvida/incerteza, permissão e possibilidade).

Listamos, a seguir, as ocorrências que exemplificam os casos mencionados.

- (63) *se você **olha** pra::... sua esquerda você **vê** o meu quarto... direita o quarto da minha mãe... (AC-014; DE: L. 148-149).*

Em (63), os itens verbais “ver” e “olhar”, que estão no tempo presente, atuam como predicadores verbais (percepção visual), cujos complementos designam um indivíduo.

As ocorrências abaixo trazem as formas verbais no pretérito perfeito:

- (64) *televisão... qua::dros... D.V.D. óh que chique hein? cê **viu**? que eu num sô(u) po(u)ca porcária... (AC-027; DE: L. 77-78).*
- (65) *tua mercadoria aí dá(r) até:: tal dia no MÁximo [Doc.: sei] sexta-fe(i)ra?”– e o cara... coçô(u) a cabeça e pegô(u) o telefone assim e falô(u) –“tó L. resolve”–... eu peguei o telefone da onde eu tava assim né?... **olhei** na pilha de embalagem lá assim eu... sabia quanto que gastava [por di::a] [Doc.: tem noção né?] eu sabia [quanto que] [Doc.: de tu::do] gastava por dia [Doc.: claro] pa quanto... tempo dava (AC-063; NE: L. 140-144).*

Em (64), a forma “viu” é um marcador discursivo com função de checagem, conforme afirma Urbano (1993). Trata-se de um contexto em que o informante o emprega para buscar o engajamento do interlocutor em relação ao assunto em pauta. Já em (65), o uso de “olhar” no pretérito perfeito é usado para indicar a percepção de algo (*a embalagem*) por meio da visão.

As ocorrências a seguir ilustram outras formas temporais:

- (66) *tinha muitos que tinha estudo daí era quatro tinha um que trabalhava à noite e ficava brinca(n)d(o) a noite inte(i)ra no computador e num fazia o serviço... e eu **via** aquilo [Doc.: e você via aquilo né?] e eu reclamava e:: num resolvia nada... aí os o(u)tro tam(b)ém de manhã ficava brinca(n)d(o) e eu fazia o serviço... e eu reclamava e ninguém falava nada e eum... tinha que trabalhá(r) aqui e tinha que vê(r)... [Doc.: uhum] porque eu Doc.: já tava casado? Inf.: já... e trabaLHAN(d)o e continuava trabalhan(d)o... e aí a coisa foi aumentan(d)o... (AC-063; NE: L.62-69).*
- (67) *vi o braço engessado eu fiquei feliz né?... ah... aí já acabô(u)? – “já acabô(u) dona T. já acabô(u) tudo bem num precisa operá(r) não”– aí graças a Deus que alívio né?... [Doc.: pronto aí] que alívio... [Doc.: certo] aí vim embora fiquei quaren::ta e cinco dias com esse gesso [Doc.: é?]... quarenta e cinco dias... ia lá sem::pre... fazia o raio-x::... **olhava** se tava machuca(n)::do se tava doen::do... mas teve que ficá(r)... quarenta e cinco dias (AC-122; NE: L. 110-114).*

Em (66) e (67), os itens verbais analisados estão conjugados no pretérito imperfeito; em ambos os casos mantêm o estatuto semântico de predicadores verbais; no primeiro caso, “ver” toma como complemento um estado-de-coisas; no segundo, um conteúdo proposicional.

Na ocorrência (68), “ver” é conjugado no presente do subjuntivo:

- (68) *fazê(r) um trabalho bem definido... de tal que a:: vamo(s) dizê(r) assim a pessoa visitada **veja** você como Maria... e você **veja** a pessoa como Jesus né? como se fosse uma visita de:: éh de Je de Maria pa Jesus né? (AC-023; RP: L. 359-361).*

Nesse contexto, o predicador verbal tem sentido de percepção, mas mais voltada para a percepção mental, pois trata-se de uma situação hipotética, na qual os sujeitos definiriam o outro a partir de uma transposição de identidades, de características a partir de conceitos culturalmente difundidos e atribuídos aos personagens bíblicos Maria e Jesus, no caso. Não encontramos, no *corpus*, usos de “olhar” com essa mesma marcação temporal.

As ocorrências (69) e (70) são os únicos exemplos encontrados no *corpus* analisado em que os itens verbais estão conjugados no futuro e pretérito imperfeito do subjuntivo:

- (69) *em TRÊS MEses... o (menino) já tava com o braço... perfeito... mexen(d)o normal... se você **vê(r)** meu filho hoje... eu levei ele numa neurologista por causa de dor de cabeça... ela não crediTAva que ele teve lesão de plexo braquial... (AC-106; NE: L. 61-64).*
- (70) *que ele tava com um revólver apontado... pa minha cabeça se eu **olhasse** do lado ou pensá(r) em fazê(r) alguma... fazê(r) alguma coisa ele iria me maTÁ(R) (AC-077; NE: L.41-43).*

Os tempos verbais do modo subjuntivo aparecem com muita frequência nos contextos em que os verbos “ver” e “olhar” são usados para descrever uma situação hipotética, irreal, não-factual (HENGEVELD e MACKENZIE, 2008), motivo pelo qual esses tempos verbais tendem a aparecer em contextos de orações condicionais. Nesses casos, os verbos ainda carregam o estatuto semântico de predicador verbal (percepção), mas voltado para um contexto hipotético.

Na ocorrência (71), a seguir, “ver” é utilizado no contexto oracional de presente do subjuntivo; trata-se também de uma situação hipotética, na qual o informante descreve o resultado ideal do trabalho feito pelos legionários. Não foram encontradas ocorrências com “olhar” nesse contexto.

- (71) *são as:: regras vamo(s) dizê(r) as di/ as re/ as regras básicas dos legionários né?... Doc.: quantas/ quantas são?
Inf.: são quatro regras básica/ básicas chegá(r) pontual né? no horário... éh:: rezá(r) ca/ é dia/ diariamente a (catena)... éh:: fazê(r) um trabalho bem definido... de tal que a:: vamo(s) dizê(r) assim a pessoa visitada **veja** você como Maria... e você **veja** a pessoa como Jesus né? como se fosse uma visita de:: éh de Je/ de Maria pa Jesus né?
Doc.: de mãe pra filho
Inf.: isso de mãe pra filho muito bem... (AC-023; RP: L. 355-363).*

O modo imperativo vem exemplificado nas ocorrências (72) e (73):

- (72) *Inf.: (inint.)... a prime(i)ra:: benção que eu tive... foi com meu filho com o V... mas ainda na/... olha como Deus escolhe a gente... em Isaías cinqüenta e cinco... se eu num me engano... fala que... o Senhor... esCOLhe a gente... nós somos escolhidos de Deus... desde o VENtre da nossa mãe... o Senhor JÁ escolheu a gente... então menina cê **veja bem**... eu NÃO era ainda evangélica... mas o Senhor já tinha escolhido a mim e ao meus filhos... e o V... eu fui... eu tava grávida né? de nove meses [(inint.)] (AC-106; NE: L. 1-7).*
- (73) *aí me chamaram e falaram um monte de coisa pra mim e falô(u) – “óh cê toma cuidado” – falô(u) assim com essas palavra pra mim (AC-063; NE: L.74-76).*

O uso de marcadores discursivos, dentre eles, os que resultam do processo de GR dos verbos de percepção visual “ver” e “olhar”, a partir do modo imperativo da segunda pessoa do singular, é atestado por vários estudos, dentre eles Guerra (2007), Rost-Snichelotto (2008) e Gomes e Carvalho (2017). Sobre essa questão, Carvalho (2017) conclui que esse fenômeno se dá em função da relação icônica de motivação entre forma e função, visto que, tal contexto é resultado do processo interacional voltado para o interlocutor.

Em (72), “veja bem” é um marcador discursivo com uso predominantemente interacional, com função interpelativa (de atentar para uma opinião adversa). Já em (73), “olhar” é um marcador discursivo predominantemente interacional, mas com função de advertência.

Os usos infinitivos de “ver” e “olhar”, em (74) e (75), expressam futuridade:

- (74) *a::í:: chegamo(s) em Noronha pista pequena tudo... mui-to se-co... quando a gente chega dá/... eu parava assim pensava – “gente que que eu vim fazê(r) aqui nesse fim/ FIM DE MUNDO” – né? achava que num tem NADA pra fazê(r) aqui que que eu tô fazen(d)o aqui? que que eu tô fazen(d)o aqui? MAS fazê(r) o que né? falaram que é boNIto eu **vô(u) vê(r)** mas até aGOra num vi nada dentro de um ônibus assim meio que... VElho umas janela tudo... caído assim (AC-051; DE: L. 119-224).*
- (75) *Inf.: [parece que] tem alguma [coisa] [Doc.: é::] corren(d)o ali do teu lado aí cê corre... a mió coisa p’ocê fazê(r) cê pará(r)... e **procurá(r) olhá(r)**... pa vê se realmente cê escuta um baru::lho [Doc.: uhum]... (AC-063; NR: L.621-623).*

Em (74), conforme ressaltam Castilho (2002) e Robuste (2018), a perífrase [ir+ver] expressa futuridade, como já mencionado; no caso, o complemento tomado por “ver” é o lugar bonito que falaram para a locutora; o estatuto semântico do item verbal é de natureza mais

abstrata. Em (75), a perífrase “procurar olhar” é usada como operador modal de finalidade e posterior possibilidade por conta da presença dos complementizadores “para” e “se”.

As ocorrências, a seguir, exemplificam usos com gerúndio (presente contínuo):

- (76) *“ele fez isso isso e isso dentro do teu almoxarifado... no teu serviço deba(i)xo do teu zóio” – ele pegô(u) e falô::(u) – “num acredito” – peguei e falei – “**tá ven(d)o?**... se eu tivesse falado pra você naquela época ... você saben(d)o do que ele fez do que ele falô(u) da boca dele ele fez... você num tá acreditan(d)o... e seu tivesse falado aquela vez cê:: tinha acreditado?” (AC-063; NE: L.96-100).*
- (77) *Inf.: é uma borracha de apagá(r)... só pra pegá(r)... a borracha... eu lembro faz muitos anos isso há mais de dez Verbo anos... num lembro se foi supermercado se foi loja de... num lembro onde foi... eu lembro que era perto do::... Banco do Brasil... aqui de Rio Preto... e:: eu lembro que eu falei pra ele – “(**tá olhan(d)o?**)... essa borracha... se você tivesse ro(u)bado o bran/ o banco... perante Deus era a mesma coisa você ro(u)bô(u)... isso é ro(u)bo... você tá ro(u)ban(d)o você tá erran(d)o” –... qué(r) dizê(r)... eles acham que tão tiran(d)o vantagem por quê?... (AC-106; RO: L. 792-797).*

Em (76), a expressão “tá vendo” funciona como um marcador discursivo de caráter predominantemente interacional, uma vez que é voltado para a interação com o interlocutor, com função de checagem da atenção do outro. Em (77), a expressão “tá olhando” também é um marcador discursivo predominantemente interacional, mas sua função é interpelativa.

Por fim, trazemos as ocorrências que ilustram usos de “ver” e “olhar” no particípio:

- (78) *eles foram lá deba(i)xo... olharam a árvore e não conseguiram vê ele... PRA eles... que nunca **tinha [visto fiote]** [Doc.: uhum] eles moraram no sítio né? [Doc.: uhum] eles nunca viu pra ele era um pau... a ponta d’um pau (AC-063; NR: L. 759-762).*
- (79) *e eu num tinha nem reparado... apesá(r) de **tê(r) olhado** tudo.. eu achei tudo normal... aí... minha mãe falô(u) V... olha o bracinho do V... (AC-106; NE: L. 24-25).*

As ocorrências (78) e (79) exemplificam usos de “ver” e “olhar” com estatuto semântico de predador verbal na forma perifrástica com particípio [ter+ver] e [ter+olhar], cujos complementos designam indivíduos: *fiote* e *tudo*, respectivamente.

Passamos, agora, à análise da perda de material fonético-fonológico do item linguístico.

5.1.9 Redução fonético-fonológica do item verbal

Com o auxílio desse parâmetro, busca-se verificar se os itens verbais em processo de GR sofrem ou não algum tipo de erosão fonético-fonológica. Assim, em casos como *ele não*

consegue vê o buraco na parede, consideramos que o uso de “ver” sofreu um tipo de erosão em sua massa fônica (ver > vê). Conforme Hopper e Traugott (2003) e Gonçalves *et al* (2007), há tendência de um processo de erosão fonética, que está relacionada à alta frequência de uso, quanto maior a frequência de uso, menos material fonológico. É comum que quanto menor o material fonológico, menor a quantidade semântica, portanto, é possível que os itens verbais “ver” e “olhar” percam massa fonético-fonológica conforme percam estatuto semântico rumo à GR.

A tabela 9 apresenta o resultado da análise deste parâmetro:

Tabela 9 - Redução fonético-fonológica do item verbal

	<i>Ver</i>	<i>Olhar</i>	TOTAL
O item sofre algum tipo de alteração na sua massa fonético-fonológica	171 (51,4%)	162 (48,6%)	333 (43,5%)
O item não sofre nenhum tipo de junção, fusão, erosão ou redução de sua massa fonético-fonológica	291 (67,4%)	141 (32,6%)	432 (56,5%)
TOTAL	462 (60,4%)	303 (39,6%)	765 (100%)

Fonte: Elaboração própria

De acordo com os dados da tabela 9, vemos que, em 56,5% (432 dados) das ocorrências, os itens “ver” e “olhar” não sofrem nenhum tipo de junção, fusão, erosão ou redução de sua massa fonético-fonológica, contra 43,5% (333 dados) dos dados, em que se observa algum tipo de alteração na sua massa fonético-fonológica desses elementos. Do ponto de vista fonológico, podemos verificar que, na maioria dos usos de “ver”, 67,4% (291 dados), o item linguístico não sofre redução ou alterações, diferentemente do que ocorre com “olhar”, que apresenta um percentual maior de casos, 48,6% (162 dados), com algum tipo de alteração fonético-fonológica.

As ocorrências a seguir exemplificam os casos discutidos:

- (80) *tem professor que Ama quando o aluno vai pedi(r) explicação tá **ven(d)o** que se interessa... agora ela vem e fala que vai explica bem até entendê(r) e depois num explica explica uma vez SÓ?... aí num tem jeito (AC-014; RO: L. 404-406).*
- (81) *gostava de falá(r) que era fazende::(i)ro tudo num investia os filhos dele avisava – “**ôh** investe tudo tal” – ele... – “não eu sô(u) fazende(i)ro que investi(r) que nada cara eu gosto é de boi (AC-045; NR: L. 190-192).*
- (82) *no amadurecimento da nossa mente... na mane(i)ra que a gente **vê** as coisas... é o crescimento espiritual... (AC-106; RO: L. 890-892).*
- (83) *eu **olhava** assim pra cima nada... eu falei... – “ah mas eu quero vê(r)” – (AC-140; NE: L. 96-97).*

Nas ocorrências (80) e (81), há perda de massa fonético-fonológica nas formas verbais. No primeiro caso, “ver”, usado na forma não-finita, no gerúndio, perde o fonema /d/, sendo pronunciado como *veno*. No segundo caso, “olhar” sofre um processo de redução ainda mais brusco, ao invés da forma imperativa *olha/olhe*, ele passa a *óh*. Já nas ocorrências (82) e (83), os itens verbais, que estão nos tempos presente e pretérito imperfeito, respectivamente, não sofrem nenhum tipo de alteração ou redução em seu material fonético-fonológico. É interessante verificar que, em (82) e (83), o que se tem são usos não gramaticalizados, pois os verbos usados nesses contextos como predicadores verbais de percepção visual.

Na próxima subseção, trataremos da posição sintática do item verbal.

5.1.10 Posição ocupada pelo item verbal

Nesta subseção, discorreremos sobre a posição ocupada pelos itens verbais objeto de análise desta pesquisa. Com base nesse parâmetro, verificamos as posições ocupadas pelas formas menos e mais gramaticalizadas de “ver” e “olhar” no português falado. A relevância deste parâmetro se dá pela relação, apontada por trabalhos como Gorski *et al* (2002), Fraser (2005) e Rost-Snichelotto (2009), entre os tipos de marcadores discursivos e sua posição no enunciado.

A tabela 10 expõe os resultados encontrados no *corpus* de análise:

Tabela 10 - Posição ocupada pelo item/construção verbal

	Ver	Olhar	TOTAL
P^{pre} (para elementos situados na posição inicial fora da predicação central)	31 (14,8%)	178 (85,2%)	209 (27,3%)
P^I (para elementos situados na posição inicial da predicação central)	-	-	-
P^M (para elementos situados na posição medial da oração)	371 (81,3%)	83 (18,6%)	456 (59,6%)
P^F (para elementos situados na posição final da predicação central)	28 (100%)	-	28 (3,7%)
P^{Pos} (para elementos situados na posição final fora da predicação central)	30 (41,7%)	42 (58,3%)	72 (9,4%)
TOTAL	462 (60,4%)	303 (39,6%)	765 (100%)

Fonte: Elaboração própria

Para codificar a ordem dos constituintes da oração, Hengeveld e Mackenzie (2008) postularam três posições principais para alocar os elementos da predicação central: a posição inicial (P^I), a posição medial (P^M) e a posição final (P^F), em que P^I é reservada para o sujeito, a posição P^M é reservada para o verbo principal e a posição P^F é destinada aos elementos pós-

verbalis (os argumentos). Há ainda, segundo os autores, a posição relativa P^2 , que é reservada para verbos finitos (CAMACHO, 2015, p. 279-281). A posição P^M , a depender do tipo de enunciado, pode conter outras posições não absolutas, como P^{M+1} , P^{M+2} , P^{M+n} , tanto do lado esquerdo quanto do lado direito, justamente para atender às distinções morfológicas das línguas. Hengeveld e Mackenzie (2008) postulam ainda duas outras posições externas à predicação central: a posição pré-oracional (P^{Pre}), que é destinada a constituintes com função de orientação, e a posição pós-oracional (P^{Pos}), reservada para constituintes com função de correção. Os exemplos, a seguir, extraídos de Camacho (2015) ilustram as principais posições:

- (84) A roupa, eu gostava dela. (CAMACHO, 2015, p. 280)
- | | | | |
|------------------------|----------------|---------|-----------|
| A roupa | eu | gostava | dela. |
| P^{Pre} (Orientação) | P^I (Tópico) | P^M | P^{M+1} |

- (85) Eu gostava dela, a roupa.
- | | | | |
|----------------|---------|-----------|----------------------|
| Eu | gostava | dela | a roupa |
| P^I (Tópico) | P^M | P^{M+1} | P^{Pos} (Correção) |

A maioria dos usos de “ver”, como se pode observar na tabela 10, acima, ocupa a posição medial da oração, contabilizando 371 ocorrências (81,3% das ocorrências), enquanto os usos, na mesma posição, com o item verbal “olhar”, contabilizam 83 ocorrências (18,6%); já a grande maioria dos usos com o item linguístico “olhar” se situam na posição pré-oracional, totalizando 178 ocorrências (85,2%), enquanto os usos com o verbo “ver” na mesma posição somam 31 ocorrências (14,8%). Em relação aos elementos situados na posição final da predicação central, contabilizamos 28 ocorrências apenas com o item verbal “ver”; e, por fim, para elementos situados na posição pós-oracional, ou seja, fora da predicação central, averiguamos 30 ocorrências (41,7%) com o item verbal “ver” e 42 ocorrências (58,3%) com o item verbal “olhar”. Não foram identificados dados com usos de “ver” e “olhar” na posição inicial da predicação central.

A elevada frequência de usos com o item linguístico “olhar” situados fora da predicação central, em posições periféricas, reforça mais uma vez a sua forte tendência para o desenvolvimento de marcadores discursivos e referenda a tese de que esse elemento está mais um estágio mais avançado de GR em relação ao verbo “ver”. As ocorrências, a seguir, exemplificam as referidas posições que “ver” e “olhar” podem ocupar no enunciado:

- (86) *Doc.: éh:: agora alguma::... coisa que alguém tenha te contado que num te aconteceu que cê num tava presente na 1[história] 1[Doc.: uhum ((concordando))] mas que*

alguém tenha te contado que cê lembra assim da história que te contaram
Inf.: (de(i)xa eu vê(r))... a gente sabe tanto mas (às vezes) num lembra né?
Doc.: alguma coisa que sua filha te con::ta de faculdade de::... alguma coisa que acontece
com e::la ou o(u)tra pessoa [também]
Inf.: [ah]...acho mais recente assim que ela fez o curso de aeromoça...(AC-094;NR:L.56-62).

- (87) *Doc.: e a sala... como que é? a cozinha?*
Inf.: olha a sala::... ali é meu cantinho que tem meu som...(AC-103; DE: L.277-278).

Em ambas as ocorrências, os usos gramaticalizados de “ver” e “olhar” como marcadores discursivos estão situados fora da predicação verbal, na posição pré-oracional (P^{pre}), justamente por não fazerem parte, como vemos, da predicação central (Suj V Obj). Esses elementos estão alocados fora dos limites oracionais, exercendo funções discursivo-interacionais. Em (86), o marcador discursivo “de(i)xa eu vê(r)” é usado na manutenção e na organização do tópico discursivo, isto é, o falante usa esse tipo de construção como uma estratégia para ganhar tempo enquanto pensa no que falará em seguida; trata-se, pois, de um marcador discursivo que é definido como predominantemente orientado para a interação (ROBUSTE, 2018, p. 126), com função que denominamos aqui de sinalizador de hesitação. Em (87), por outro lado, o marcador discursivo “óh” está relacionado à organização textual, exercendo a função – aqui denominada de tematizadora – de organização do fluxo informacional ligado ao tópico discursivo em voga. Como mostra a ocorrência (87), a função desse marcador discursivo é claramente semelhante à função de construções como “quanto à”, “com relação à”, “no tocante à”, dentre outras, que servem para inserir e retomar um subtópico em discussão, podendo, assim, ser parafraseado por “quanto à sala, ali é meu cantinho que tem meu som”.

As ocorrências (88), (89) e (90), abaixo, ilustram algumas situações em que os itens verbais estão alocados em diferentes posições da predicação central:

- (88) *a gente vê aqueles menininho trabalhan(d)o lá no nordeste... (AC-140; RO: L. 377-378).*
- (89) *aí cê de(i)xa ele lá um tempinho... até você olhá(r) a forminha... e vê(r) que ele tá desgrudado... (AC-106; RP: L. 596-597).*
- (90) *o Brasil vai melhorá(r) tem tudo pra sê(r) prime(i)ro mun::do.. então tem que começá::(r) num adianta começá(r) de ba(i)xo porque a suje(i)ra maior tá em cima começá(r) de cima pra ba(i)xo... MAS:: a gente talvez eu num vô(u) vê::(r) talvez você vai vê::(r) a futura geração vai vê(r) ... (AC-139; RO: L. 581-585).*

Em (88), o item verbal “ver”, que atua como predicador verbal de percepção visual direta, está alocado na posição medial (P^M), considerada típica para elementos verbais. O mesmo acontece em (89), em que o verbo “olhar”, também classificado como predicador verbal

de percepção visual direta, ocupa a posição medial (P^M), reservada para verbos. Já em (90), apesar de o argumento objeto do verbo “ver” estar implícito no contexto, optamos por classificá-lo como pertencente à posição final, justamente por não ser sucedido linguisticamente por nenhum tipo de complemento, mesmo ainda estando dentro da predicação.

Por fim, as ocorrências (91) e (92) exemplificam situações em que as formas gramaticalizadas de “ver” e “olhar” atuam como marcadores discursivos e estão situados na posição pós-oracional, pelo fato de estarem alocados fora dos limites da predicação central. Segundo Risso *et al.* (2006), esse tipo de margeamento dos marcadores discursivos é natural e esperado, uma vez que eles perdem suas restrições gramaticais e sintáticas:

- (91) *hoje em dia ninguém senta pa conversá(r) um com o(u)tro... ninguém acho que falta é isso viu? é falta de diálogo né? (AC-140; RO: L. 387-389).*
- (92) *(aquilo lá ficô(u) na história... pra mim ficô(u) porque óia... é uma coisa que:: eu num esqueço fácil não... (AC-063; NR: L. 611-613).*

Como se vê, em (91), a forma “viu?” está predominantemente voltada para a organização da interação entre falante e ouvinte; nesse caso, esse marcador discursivo é usado com a função de checagem, cujo objetivo do falante é verificar se o interlocutor está acompanhando a sua linha de raciocínio a fim de evitar problemas ou conflitos. Em (92), a forma gramaticalizada “óia” está também voltada para a organização da interação, funcionando como um marcador discursivo de natureza interjetiva. Nesse caso, a forma verbal “óia” aparece logo após a conjunção explicativa “porque”, que deixa em suspenso no contexto uma explicação para o fato de o ocorrido ter entrado para a história. Entendemos, a partir da análise oitiva, que, por se tratar de uso discursivo, a posição ocupada pela forma gramaticalizada é a posição pós-oracional (P^{pos}).

Na subseção seguinte, trataremos do tipo de ilocução da frase.

5.1.11 Tipo de ilocução da frase

Este parâmetro nos possibilita verificar quais tipos de usos estão atrelados a determinados tipos de ilocução da frase. Seguindo Risso (2002), partimos do pressuposto de que alguns tipos de estatutos semânticos (usos) estão mais vinculados a um tipo específico de ilocução, como é o caso da ilocução imperativa que favorece a emergência de muitos

marcadores discursivos nas línguas de forma geral (ROST-SNICHELOTTO, 2009; CARVALHO; GOMES, 2017). A tabela 11 mostra os tipos ilocucionários identificados:

Tabela 11 - Tipo de ilocução da frase

	<i>Ver</i>	<i>Olhar</i>	TOTAL
Declarativa	360 (71,5%)	143 (28,5%)	503 (65,7%)
Interrogativa	33 (89,2%)	4 (10,8%)	37 (4,8%)
Imperativa	46 (22,3%)	160 (77,7%)	206 (26,9%)
Exclamativa	23 (79,3%)	6 (20,7%)	29 (2,6%)
TOTAL	462 (60,4%)	303 (39,6%)	765 (100%)

Fonte: Elaboração própria

A tabela 11 mostra que as ocorrências com o item verbal “ver” apuradas são majoritariamente do tipo declarativas, totalizando 360 ocorrências (71,5%), ao passo que as ocorrências com “olhar” somam 143 ocorrências (28,5%). Já a maioria dos usos com “olhar” encontram-se nas frases com a ilocução do tipo imperativa, somando 160 ocorrências (77,7%), enquanto 46 ocorrências (22,3%) são contabilizadas com “ver”. Esse resultado mostra que “olhar” é o que mais relaciona com o modo imperativo, o que poderia explicar a grande produtividade de marcadores discursivos com “olhar” a partir de contextos imperativos de 2ª pessoa do singular. Esses dados referendam a hipótese de Carvalho e Gomes (2017) sobre a origem de marcadores discursivos com verbos de percepção. As frases com ilocução interrogativa aparecem, respectivamente, em 89,2% dos dados (33 ocorrências) com “ver” e em 10,8% (4 ocorrências) com “olhar”; por fim, as frases com ilocução exclamativa contabilizam 23 ocorrências (79,3%) com “ver” e 6 ocorrências (2,6%) com “olhar”.

Vejamos as ocorrências que exemplificam os tipos de ilocução:

(93) *aí depois do fim... no fim da:... da crisma a gente tava sain(d)o assim a gente viu os dois... (AC-023; NR: L. 218-219).*

(94) *[...] aí meu tio falô(u)–“ó eu só tenho uma arMinha que é de chumBINho que eu usava pra matá(r) uns passari::nho... de brincade(i)ra” (AC-001; NE: L. 17-19).*

As ocorrências (93) e (94) representam casos de verbos que aparecem em frases com a ilocução declarativa, principalmente com verbos de constatação, descrição e *dicendi* (como “falar” em (94)). Em (94), o enunciado que aparece entre aspas constitui a totalidade daquilo que é enunciado pelo administrador, ou seja, é um Conteúdo Comunicado, o que talvez ajude a explicar por que há tantos casos de marcadores discursivos ligados à ilocução declarativa.

Os exemplos de ilocução interrogativa são dados em (95) e (96):

- (95) *“eu quero voltá(r) pa minha casa no Dom Lafaye::tte... eu quero acabá(r) com a família dele ele é ele é fra::co ele tá acaba::do” – e com aquela voz feia assim parecen(d)o negócio de exorcismo mesmo do filme aí... eu:: pem ele pem não não Isso tá ven(d)o como que eu num lembro? isso quando ele começô(u) se manifestá(r) foi quando eu falei assim – “J. eu vô(u) falá(r)... eu vô(u) falá(r) eu vô(u) falá(r) eu vô(u) falá(r) eu vô(u) falá(r) eu tenho que falá(r)” – eu peguei e falei quando eu faLEI... eu comecei vomitá(r) de novo (AC-045; NE: L. 113-119).*
- (96) *o cara lá falô(u) assim – “óh cê qué(r) vê(r) cê qué(r) vê(r) o:: o zoológico daqui?” – porque o zoológico de Americana é bem é bem famoso assim na América Latina.. (AC-045; DE: L. 233-235).*

Em ambos os casos, “ver” e “olhar” funcionam como marcadores discursivos. Em (95), “tá vendo” é usado com a função de checagem da atenção do interlocutor, é comum que alguns tipos de marcadores discursivos, principalmente os de checagem/aprovação discursiva, surjam de um contexto de orações interrogativas, portanto, é mais provável que sejam usados em frases com ilocução interrogativa. Em (96), “óh” é usado com função prefaciadora.

Os exemplos (97) e (98) ilustram os casos de frases com ilocução imperativa:

- (97) *porque num vai tê(r) mais rio... eles fala que protege cinquenta metro longe do rio... me::de vê se tem cinquenta metro d’uma nascente e onde eles planta cana (AC-063; RO: L. 1375-1377).*
- (98) *aí ele entrô(u) no carro e falô(u) – “óh quietinho que ninguém se machuca” (AC-001; NE: L. 10-11).*

Em (97), o item verbal “vê” é usado sob o estatuto semântico de predicador verbal dentro uma frase imperativa (com uma ordem expressa para medir a distância de uma margem a outra do rio). O complemento de “ver” designa nesse caso um Conteúdo Proposicional. Em (98), apesar de aparecer em um contexto com verbo *dicendi*, a função de “óh” como marcador discursivo é de advertência (se todo mundo ficar quieto, ninguém se machucará) e não de prefaciação, que também costuma ocorrer em contextos semelhantes.

Por último, vejamos os casos de ilocução exclamativa:

- (99) *é... ele põe o focinho no chão assim [Doc.: e e e virom [[[risos]]]] [e os cachorro] chegô(u) e ele ponharam o focinho no chão eles [Doc.: ((risos))] pau nos cachorro e baten(d)o nos cachorro e baten(d)o nos cachorro... e:: ele viu que... baten(d)o mas baten(d)o me(s)mo ele chegô(u) e foi pulá(r) mas ele:: cobra que ele vê assim:: ele é uma pessoa::... entrô(u) uma cobra... p’ocê vê hein [Doc.: hum] eu vô(u) mudá(r) pa rm o(u)tra história um [po(u)co] [Doc.: uhum] entrô(u) uma cobra dentro da casa dele... (AC-063; NR: L. 489-494).*

- (100) *aquilo lá ficô(u) na história... pra mim ficô(u) porque óia... é uma coisa que:: eu num esqueço fácil não... (AC-063; NR: L. 611-613).*

Em (99) e (100), “ver” e “olhar” funcionam como marcadores discursivos, desempenhando, respectivamente, função de checagem e exclamação (interjeição). O objetivo do informante, em (99), ao usar a expressão “p’ocê vê hein”, é verificar se o documentador está acompanhando a história contada por ele e, ao mesmo tempo, expressar a sua surpresa com o aparecimento da cobra e a confusão que ela causou no local. Já em (100), o uso do marcador discursivo “óia”, seguido de uma conjunção explicativa, cumpre o papel de expressar o quão mirabolante e inesquecível foi a história do lobisomem contada pelo informante.

A seguir, apresentaremos os resultados referentes ao tipo textual.

5.1.12 Tipo de texto

As entrevistas feitas para a coleta do material de composição do *corpus* IBORUNA são direcionadas para obtenção de cinco tipos de textos para cada falante. A saber: a) narrativa de experiência, que traz relatos sobre situações diversas vivenciadas pelo informante; b) narrativa recontada, em que o informante reproduz um fato ou acontecimento alegre ou triste contado a ele por alguém; c) relato de descrição, o falante descreve em geral um local; d) relato de procedimentos, o falante explica os procedimentos ordenados de como se fazer (ou como foi feito) algo; e e) relato de opinião, em que o falante exprime sua opinião sobre temáticas variadas, por exemplo, política, religião, família, escola etc. (GONÇALVES, 2019).

A tabela 12 traz os resultados quantitativos do último parâmetro de análise:

Tabela 12 - Tipo de texto

	<i>Ver</i>	<i>Olhar</i>	TOTAL
Narrativa de experiência	117 (53,2%)	103 (46,8%)	220 (28,8%)
Narrativa recontada	116 (67,8%)	55 (32,2%)	171 (22,4%)
Relato de descrição	64 (66,7%)	32 (33,3%)	96 (12,5%)
Relato de procedimento	53 (55,8%)	42 (44,2%)	95 (12,4%)
Relato de opinião	112 (61,2%)	71 (38,8%)	181 (23,9%)
TOTAL	462 (60,4%)	303 (39,6%)	765 (100%)

Fonte: Elaboração própria

Como exposto na tabela 12, a maioria das ocorrências tanto com o item verbal “ver”, quanto “olhar” encontra-se na narrativa de experiência, contabilizando, respectivamente, 117

ocorrências (53,2%) e 103 ocorrências (46,8%). O tipo textual narrativa recontada, soma 116 ocorrências (67,8%) com “ver” e 55 ocorrências (32,2%) com “olhar”; o relato de descrição abarca 64 ocorrências (66,7%) com “ver” e 32 ocorrências (33,3%) com o item linguístico “olhar”; o relato de procedimento contabiliza 53 ocorrências (55,8%) com o item verbal “ver” e 42 ocorrências (44,2%) com “olhar”; e, por fim, o relato de opinião, que ancora 112 ocorrências (61,2%) e 71 ocorrências (38,8%) com os itens verbais “ver” e “olhar” respectivamente.

Segundo Kortmann (1997), quanto mais o item gramaticalizado circula por diferentes tipos de textos, mais consolidado e mais avançado ele está na trajetória de gramaticalização. No entanto, quando avaliamos o tipo de texto, é possível identificarmos possíveis contextos discursivos que podem favorecer a ocorrência de certos tipos de usos expressos pelos itens linguísticos em processo de GR. No caso dos itens “ver” e “olhar”, verificamos, por exemplo, que os usos como predicadores verbais de percepção visual (direta e indireta) e os marcadores discursivos voltados para interação ocorrem com maior frequência em narrativas de experiência, ao passo que os marcadores discursivos predominantemente voltados para a organização textual ocorrem com uma leve tendência em textos de descrição. Já os usos de introdutor de Conteúdo Comunicado ou de evidencialidade reportativa tendem a ocorrer em narrativas recontadas e em relatos de opinião, justamente porque, nesses tipos de texto, o informante tende a emitir sua opinião sobre o que vê e a reproduzir o discurso de terceiros por meio do uso de travessões, aspas ou marcadores de introdução de discurso direto. Já os usos como marcadores discursivos de natureza interpelativa e injuntiva costumam ocorrer com maior frequência em relatos de procedimento, que marcam mais claramente a atuação do falante sobre o interlocutor, em termos comportamentais, por meio de ordens, sugestões e interpelações. Eles também costumam ocorrer em relatos de opinião, que mobilizam situações de discordância e posicionamentos contrários em relação ao esperado, favorecendo, assim, a ocorrência de marcadores de interpelação: eles são usados justamente para chamar a atenção do outro de maneira questionadora, avaliativa e reativa no tocante a algum tópico discursivo. Os casos de marcadores discursivos com função atenuadora aparecem com maior expressividade em relatos de opinião ou em situações em que o informante precisa emitir algum tipo avaliação ou se posicionar com relação a algo, por isso, em razão da grande exposição, o falante, às vezes, sente a necessidade de atenuar ou preparar a sua fala para o que dirá em seguida, sob o risco de ser julgado de forma equivocada ou invasiva, arranhando, assim, sua face pública.

As ocorrências abaixo exemplificam essas situações:

- (101) *aí o pai dele... perguntô(u) pra mim – “e aí como é que ele tá” – “ah ele tá bom viu?”* (AC-063; NE: L. 330-331).
- (102) [Doc.: aham] *falei pra ele que ele tava agin(d)o como uma carroça vazia que ele tava fazendo barulho mas num tava fazen(d)o nada... e que eu num queria mais ele aqui... [Doc.: uhum ((concordando))] né?... então é assim... é assim que as coisas funcionam hoje já veio motorista... buscá(r) peça já quis crescê(r) já dei 65 uma cortadinha nele também né?... que ele veio buscá(r) umas peça... falei que não estava pronta ele falô(u) – “quantas falta?” – eu falei – “olha tem vinte e quatro a hora que elas tiverem pronta eu ligo pra você cê vem buscá(r)...” [Doc.: uhum ((concordando))] sabe porquê? porque a gente não tem vínculo com eles... [Doc.: uhum ((concordando))] então eles exigem muito da gente... tratam a gente como se fosse assim éh éh éh 70 funcionário deles eu falei –* (AC-120; NE: L. 61-70).

As ocorrências (101) e (102) ilustram usos gramaticalizados de “ver” e “olhar” em textos de narrativa de experiência; como já mencionado, nesse tipo de texto, os entrevistados contam alguma experiência pela qual passaram. Já as ocorrências seguintes, (103) e (104), exemplificam usos de “ver” e “olhar” em narrativas recontadas, em que os entrevistados são estimulados a contar uma experiência de outrem, da qual não fazem parte:

- (103) *Inf.: ah:: uma coisa que eu gostaria de vê(r) mas acho que num vô(u) chegar a vê(r) porque eu acho muito... diferente o sistema da gente seria a vida naqueles país do do Oriente Médio lá... eu já vi alguém falá(r) e... andô(u) por lá e... e pegô(u) esse sistema lá né? [Doc.: uhum ((concordando))] (nu/ nunca vi é tão) diferen::te... do/ como era o Saddam Hussein [Doc.: uhum ((concordando))]... e:: teve uma época lá que ele matô(u) mandô(u) matá(r) dois genro dele né?... [Doc.: uhum ((concordando))] então a vida do povo é muito soFRIda... as mulheres (mesmo que)/ usando aquela coisa que... num pode nem mostrá(r) o rosto [Doc.: uhum ((concordando))] ((barulho de carros)) (inint.)... sempre tive curiosidade de... ach/ eu acho... esquisito num/ a vida muito::... diferente [né?] (AC-121; NR: L. 59-70).*
- (104) *ela ficô(u) parada no arame assim óh... cheia de borracha assim em volta...* (AC-063; NR: L.700).

Em (103), temos um caso de evidencialidade reportativa, em que o falante reproduz, com suas palavras, características da cultura do Oriente Médio, indicando a fonte de tal informação: “viu alguém falar”. Na ocorrência (104), a forma “óh” é usada pelo informante para introduzir um Conteúdo Comunicado em uma narrativa recontada, contexto que privilegia, em larga escala, a ocorrência do discurso direto.

As ocorrências (105) e (106) ilustram casos de “ver” e “olhar” em relatos de opinião:

- (105) *esse negócio de::... de dinhe(i)ro em mala agora em:: prazo de dez doze dias... saiu éh uns eu acho que tinha duzentos mil reAIS o(u)tros tinha num sei quantos mil dólar né? em... em ma::la... onde já se viu um negócio desse aí? num existe um negócio desse no*

pa/ existe existe né? mas era tudo acobertado agora um abriu a boca... (AC-067; RO: L.444-447).

- (106) *Doc.: [...] Como que vocês encaram essa questão?*
Inf.: olha
Doc.: a senhora assim especificamente o que que você pensa disso?
Inf.: existe veja bem éh:... existe o livre arbítrio... cê entendeu? (AC-120; RO: L. 389).

A construção “onde já se viu” é relativamente produtiva em textos de natureza argumentativos, opinativos ou dissertativos e isso se deve ao fato de que, nesses textos, o falante se expõe bastante nas discussões, precisando interpelar o outro acerca de certos posicionamentos e opiniões, mas é certo também que esse tipo de marcador discursivo pode aparecer em outros tipos de textos. Em (106), a forma gramaticalizada “olha” funciona como um marcador discursivo com função atenuadora, o que reforça a ideia de que textos opinativos costumam propiciar a emergência de marcadores e dispositivos de atenuação e polidez, como uma estratégia linguística para preservar a sua face e a face do outro em certos assuntos polêmicos.

5.2 Representação dos usos de “ver” e “olhar” no modelo da GDF

Nesta subseção, analisamos o estatuto semântico-pragmático dos itens linguísticos “ver” e “olhar”. Conforme assinalam Hengeveld *et al.* (2019), o comportamento dos verbos de percepção visual varia a depender do tipo de complemento que esses verbos aceitam. Além disso, também há diferenças de comportamento em relação aos usos que operam na esfera interacional (no Nível Interpessoal). Por meio desse parâmetro, identificamos o processo de pragmatização dos verbos, classificando, a partir de seus usos, em quais contextos funcionam como predicadores verbais e quais são os possíveis tipos de complementos desses verbos; os valores expressos enquanto componentes de perífrases verbais; em quais contextos funcionam como operadores; e quais são suas funções enquanto marcadores discursivos.

A tabela 13 ilustra os valores veiculados pelas formas verbais “ver” e “quando”:

Tabela 13 - Estatuto semântico-pragmático do item verbal

	<i>Ver</i>	<i>Olhar</i>	TOTAL
Predicador verbal com complemento nominal que designa propriedade	1 (100%)	-	1 (0,1%)
Predicador verbal com complemento nominal que designa indivíduo	221 (76,5%)	68 (23,5%)	289 (37,7%)
Predicador verbal com complemento nominal/nominalização que designa estado-de-coisas	9 (100%)	-	9 (1,2%)

(continua)

Predicador verbal com complemento oracional não-finito (gerúndio/infinitivo) que designa estado-de-coisas	17 (85%)	3 (15%)	20 (2,6%)
Predicador verbal com complemento nominal/nominalização que designa episódio	5 (100%)	-	5 (0,7%)
Predicador verbal com complemento oracional finito (que-complemento) que designa conteúdo proposicional	67 (95,7%)	3 (4,3%)	69 (9,2%)
Predicador verbal com complemento que denota conteúdo comunicado	2 (100%)	-	2 (0,3%)
Perífrase verbal com valor temporal/aspectual	27 (100%)	-	27 (3,5%)
Perífrase verbal com valor modal	5 (71,4%)	2 (28,6%)	7 (0,9%)
Operador modal epistêmico de incerteza/dúvida	3 (100%)	-	3 (0,4%)
Operador modal epistêmico de possibilidade	21 (100%)	-	21 (2,8%)
Marcador discursivo com função predominantemente interativa	47 (31,3%)	103 (68,7%)	150 (19,6%)
Marcador discursivo com função predominantemente textual	16 (13,3%)	104 (86,7%)	120 (15,7%)
Introdutor de conteúdo comunicado	12 (63,2%)	7 (36,8%)	19 (2,5%)
Operador dêitico modal	-	13 (100%)	13 (1,7%)
Outros valores semânticos	9 (100%)	-	9 (1,2%)
TOTAL	462 (60,4%)	303 (39,6%)	765 (100%)

Fonte: Elaboração própria

Como podemos observar na tabela 13, a maioria das ocorrências (221 dados) com “ver” apresenta o estatuto semântico de predicador verbal com complemento nominal que designa indivíduo, pertencente ao Nível Representacional da GDF, totalizando 76,5% desses casos averiguados no *corpus*, enquanto a maioria das ocorrências com “olhar” estão ancoradas ao Nível Interpessoal sob o estatuto de marcador discursivo com função predominantemente textual e interativa, contabilizando 104 (86,7%) e 103 ocorrências (68,7%) do total de dados. Esses números apontam “olhar” em estágio mais avançado no processo de GR que “ver”, pois, diferente deste, atua, como função, na grande maioria dos seus usos, ou seja, no âmbito pragmático da língua. Nesses casos, os marcadores discursivos perderam traços semânticos de lexema verbal predicador de argumentos e ganharam traços gramaticais voltados para a organização da interação e do texto.

Há apenas ocorrências com o item verbal “ver” atuando como: predicador verbal com complemento que designa propriedade, contabilizando uma ocorrência; predicador verbal com complemento nominal/ nominalização que designa estado-de-coisas, contabilizando nove ocorrências; predicador verbal com complemento nominal/nominalização que designa episódio, contabilizando cinco ocorrências; predicador verbal com complemento que denota conteúdo comunicado, contabilizando duas ocorrências; perífrase verbal com valor temporal/aspectual, contabilizando 27 ocorrências; operador modal epistêmico de

incerteza/dúvida, contabilizando três ocorrências; e operador modal epistêmico de possibilidade, contabilizando 21 ocorrências. Já o estatuto de dêitico modal é atribuído apenas ao item linguístico “olhar” dentro do universo investigativo, contabilizando 13 ocorrências.

Os usos de “ver” enquanto predicador verbal com complemento oracional não-finito (gerúndio/infinitivo) que designa estado-de-coisas somam 85% dos casos (17 ocorrências) em relação ao item verbal “olhar”, com 3 ocorrências (15%); 95,7% das ocorrências (67 dados) de predicadores verbais com complemento oracional finito que designa conteúdo proposicional são com o item verbal “ver”, enquanto 4,3% são com o item verbal “olhar” (três ocorrências); os usos sob o estatuto semântico de perífrases verbais com valor modal se dão em 71,4% dos casos com o item verbal “ver” (cinco ocorrências), enquanto 28,6% das ocorrências (dois dados) são averiguadas com “olhar”; os usos de “ver” enquanto introdutor de conteúdo comunicado contabilizam 63,2% das ocorrências (12 dados) em relação a “olhar”, que contabiliza 36,8% dos dados (sete ocorrências). Há ainda usos de “ver” com outros valores semânticos, que veremos, a seguir, exemplificados. Conforme averiguado, por meio dos dados obtidos a partir do *corpus* analisado, “ver” se mostra mais frequente e produtivo em contextos em que atua como lexema verbal (predicador verbal) e operador lexical (as perífrases, por exemplo), confirmando a tese de que se encontra menos gramaticalizado em relação a “olhar”.

Vejamos, a seguir, usos ancorados no Nível Representacional e Interpessoal da gramática.

5.2.1 Usos de “ver” e “olhar” no Nível Representacional

As ocorrências abaixo exemplificam os usos representacionais (semânticos) dos itens verbais analisados. O primeiro tipo diz respeito aos usos como **predicadores verbais**:

- (107) *elas num (é) num asfaltam num é que nem aqui que a gente só vê cimen::nto* (AC-084; DE: L.155-156).

NR: (e₁: (f_i: [(f_j: ver_v (f_j)) (x_i: a gente_N (x_i))_A (x_j: ciumento_N (x_j))_U] (f_i) (f_i))

- (108) *Doc.: uhum ((concordando))... e à noite assim tem al/ éh:: tem alguém que fica aqui com o seNHOR ou o senhor fica sozinho?*
Inf.: não aqui nesse posto é sozinho [Doc.: aham ((concordando))...] (inint.) olhan(d)o o movimento a noite inte(i)ra [...] (AC-121; RP: L. 221-224).

NR: (e₁: (f_i: [(f_j: olhar_v (f_j)) (x_i))_A (x_j: e_j: o movimento (e_j)) (x_j))_U] (f_i) (f_i))

Em (107) e (108), os verbos “ver” e “olhar” tomam, respectivamente, como complemento entidades do tipo Indivíduo (x), representado pelo nome *cimento*, e um Estado-de-coisas (e),

representado pela nominalização *o movimento*. Os verbos atuam como predicadores verbais de entidades semânticas distintas, mas ainda mantêm o sentido de percepção visual.

Nas próximas três ocorrências, os itens linguísticos “ver” e “olhar” ainda operam como ***predicadores verbais, mas com complementos nas formas infinitiva e gerundiva***:

- (109) *porque se você lavá(r) ele a tintura não sai/ não fica uma tintura bonita... então você... passa a tinta nele c’o cabelo sujo... aí você passa a tin::ta pega fio por fio... se fô(r) luzes... que nem eu já vi fazê(r) luzes... LUzes é fio por fio você puxa fio por fio depois cê passa... o cre::me você de(i)xa quarenta minutos no cabelo (AC-068; RP: L.144-146).*
NR: (e₁: (f_i: [(f_j: ver_v (f_j)) (x_i))_A (x_j: (e_j: fazer luzes (e_j)) (x_j))_U) (f_i) (f_i))
- (110) *desde criança sempre... vi meus meu PAI principalmente vendê(r) né?... venda de ciGAro... venda de DOce... (AC-051; RP: L. 323-324).*
NR: (e₁: (f_i: [(f_j: ver_v (f_j)) (x_i))_A (x_j: (e_j: meu pai vender (e_j)) (x_j))_U) (f_i) (f_i))
- (111) *envolveu em briga... tinha sujado de barro e deixado a roupa pegado uma roupa... do amigo dele e ido embora pra casa... pra (ela) não chegá(r) em casa com aquela roupa suja então chegô(u) em casa limpinho... e no outro dia cedinho... eu tô lá né? ele chegô(u) de madrugada eu levantei... tava lá conversan(d)o c’os familiar dele inclusive com o pai dele... meu Deus quando eu olho ele me chaman(d)o... desesperado... achan(d)o... que ele estava contan(d)o TUdo que se passava na vida dele para o pai dele... e eu né?... claro como amigo dele... e ele confiava ne mim num teria feito isso... e é um fato que eu acho um fato muit/ muito marcante... a pessoa confiá(r) em você e de repente ele achá(r) que você estava train(d)o ele... mas não foi meu caso porque esse segredo eu acho que eu estô(u) contando hoje p/ pela primeira vez (AC-103; NR: L.175-185).*
NR: (e₁: (f_i: [(f_j: olhar_v (f_j)) (x_i))_A (x_j: (e_j: ele me chamando (e_j)) (x_j))_U) (f_i) (f_i))

Em (109), temos um uso de “ver” cujo complemento oracional designa um estado-de-coisas, pois o que é percebido é a ação de fazer alguma coisa (*fazer luzes*). O mesmo tipo de uso se verifica em (110) e (111), em que os verbos “ver” e “olhar” tomam como complementos orações finitas que designam estado-de-coisas (*meu pai vender cigarro* e *eu olho ele me chamando*). Em todos esses usos, os verbos em apreço são de percepção visual direta.

Vejamos o uso a seguir, que toma um episódio como complemento:

- (112) *e:: aí de repente daí aí aí eu num sei o que aconteceu acho que pelo que eu penso eles pegaram meu carro pra pode::r fazer o assalto dessa casa (inint.) aí daqui a pouco veio uma mulher jogaram lá no quarto também começou chora::r aí disse ser a dona da ca::sa e:: aí eles falava/ aí num achavam dinheiro num achavam nada falavam que ia matar todo mundo ficou um desespero grande assim... aí pedindo dinheiro pra mi::m eu falava que:: eu num ti::nha que eu trabalhava num merca::do:: aí hum:: aí que que aconteceu... final da história... deixou aí depois veio mais o::utra moça lá que morava na casa aí uma situação constrangedora... no final... todo mundo peLA::DO... amaRRA::DO e:: falaram que daí quarenta minutos que eles iam embora que ia ficar um lá daí quarenta minutos que era que era pra gente tentar se soltar que eles iam que eles iam voltar pra soltar a gente que eles estavam esperando só mais uns amigos deles... e:: aí deu uns vinte minutos assim a gente viu que nu::m... que num:: tinha mais*

barulho nenhum eu não consegui me desamarrear mas aí uma moça se desamarrou... e aí ela desamarrou a gente... aí era um sobra::do... aí abrimos a janela e começamos grita lá no/ aí veio um pessoal e era tinha uma sorveteria embaixo desse sobrado aí o pessoal escutou... arrombou a porta (AC-077; NE: L. 54-68).

NR: (ep₁: (e₁: (f_i: [(f_j: ver_v (f_j)) (x_i: a o rapaz que estava amarrado_N (x_i))_A (x_j: (ep_i: que num tinha mais barulho nenhum (ep_i)) (x_j))_U] (f_i) (f_i)) (ep₁))

Na ocorrência (112), o complemento do predicado verbal “ver” designa um episódio, uma vez que o falante (*o rapaz que estava amarrado*) leva em consideração indícios ou resultados observáveis para deduzir algo (um episódio), mesmo não tendo experienciado a sua ocorrência: no caso, o rapaz deduziu que os assaltantes já tinham ido embora pelo fato de ele não escutar mais nenhum tipo de barulho pela casa depois algum tempo. Trata-se, nesse caso, segundo Vendrame (2010) e Dall’Aglio-Hattner (2013), de um cálculo lógico. Por se tratar de um verbo que apresenta restrições de seleção de argumentos provenientes de camadas mais altas do Nível Representacional, não encontramos no *corpus* nenhuma ocorrência de episódio com o verbo “olhar”.

A ocorrência (113), a seguir, ilustra um caso que o verbo “ver” toma como complemento uma oração que designa um conteúdo proposicional:

- (113) *Doc.: padrinho conta pra mim como se faz alguma co::isa o procedimento de como se faz mesmo passo a passo de alguma coisa...*

Inf.: bom eu vou tenta::r te falar assi::m algumas palavras assi::m em matéria do:: do meu serviço que eu trabalhava na CPFL na área de::... manutenção de equipamento... então:: uma preliminar vou te falar alguma coisa assim de de:: quan/ antes de entrar na empresa eu geralmente via::... passarinho sentado em FI::o falava... que pnhava mão no fio morria dava choque matava né? eu via passarinho sentado (falava) – “mas como é que o passarinho num morre ele tá no fio lá” – ... então com o passar do tempo depois que eu entrei na CPFL fui vê:: que nu::m tem nada uma coisa com a outra falavam pra mim que passarinho num dava choque porque tinha... perna seca...

Doc. e Inf.: ((risos))

Inf.: num é bem assim... é porque num te/ num havia um:: uma diferença de potencial dele para a terra... então é mesma coisa de um ser humano se eu chegar numa linha e eu subir numa linha pendurar num cabo só num vou morrer num vou levar choque eu num posso entrar em contato com o terra [Doc.: hum:::] (AC-139; RP: L. 295-304).

NR: (p₁: (ep₁: (e₁: (f_i: [(f_j: ver_v (f_j)) (x_i))_A (x_j: (p_i: que num tem nada uma coisa com a outra (p_i)) (x_j))_U] (f_i) (f_i)) (e₁)) (ep₁)) (p₁))

Nessa ocorrência, o item linguístico “ver” preserva o estatuto semântico de predador verbal, cujo complemento designa Conteúdo Proposicional (p), ou seja, uma avaliação feita pelo falante acerca de algo a partir de alguma inferência baseada em evidências internas. Em (113), o falante conclui que o fato de o passarinho sentado no fio não tomar choque não tem nada a ver com o fato de ele ser pequeno, mas sim porque ele não está em contato com a terra:

o informante chega a essa conclusão depois de passar um tempo trabalhando na empresa de força e energia elétrica CPFL e adquirir conhecimento sobre o funcionamento das tensões.

A ocorrência (114), a seguir, retrata um caso um pouco problemático, pois, apesar de os verbos “olhar” e “ver” estarem em uma relação de coordenação aditiva, acreditamos que o argumento é de fato selecionado pelo verbo “ver”. A ideia de que a avaliação feita pelo informante está baseada em alguma evidência interna do falante permanece em (114), o que caracteriza o complemento como um conteúdo proposicional. Em outros termos, o informante se sente bem porque vê que o esforço dele está sendo reconhecido.

- (114) *e assim até a gente se sente bem né? porque::... a gente **Olha** e vê que o esforço da gente tá sendo recompensado né? (AC-064; NE: L.23-24).*

NR: (p₁: (ep₁: (e₁: (f₁: [(f_j: ver_v (f_j)) (x_i: a gente (x_i))_A (x_j: (p_i: que o esforço da gente está sendo recompensado (p_i)) (x_j))_U] (f_i) (f_i)) (e₁)) (ep₁)) (p₁))

Nas próximas três ocorrências, veremos exemplos de usos com “ver” e “olhar” que integram perífrases verbais, expressando diferentes valores:

- (115) *tam(b)ém acho que tem que sê(r) assim o pessoal só vai se conscientizá(r) assim a **passá(r) a vê(r)** que::... o diferente não é... aí:: aquela coisa:: de o(u)tro mundo... né? (AC-028; RO: L. 189-191).*

NR: (inceptivo e₁: (fc₁: [(f₁: passar-a-ver_v (f₁)) (x₁: o pessoal (x₁))_A] (fc₁)) (x_j: (p_i: que o diferente não é aquela coisa de outro mundo (p_i)) (x_j))_U] (f_i) (f_i)) (e₁))

- (116) *Doc.: e:: assim de quando cê era peque::na:: também cê num:: num tem nada assim que cê/ algum evento que tenha te marcado?*

Inf.: quando criança?... ((pensa por um tempo)) nossa num consigo me lembrá(r) [[(risos)]] Doc.: [então tá bom]

*Inf.: **de(i)xa eu vê(r)** se eu lembro de alguma coisa (AC-084; NR: L.73-80).*

NR: (permissão p₁: (ep₁: (e₁: (f₁: [(f_j: deixar_v (f_j)) (x_i))_A (x_j: (p_i: ver se eu lembro de alguma coisa (p_i)) (x_j))_U] (f_i) (f_i)) (e₁)) (ep₁)) (p₁))

- (117) *ela vi/ o louva-deus estava três vezes maior do que ele era... e ele emitia um barulho horrí::vel... o be(i)jaflorzinho coitado tentava assustá(r) o:: o louva-deus mas não conseguia... e a minha irmã falô(u) assim – “bom deve tê(r) alguma coisa errada aqui nesse (meio) né? **de(i)xa eu olhá(r)** direito” – aí ela viu que o be(i)ja-flor tinha um ninho... ali pertinho... e:: acho que o:: louva-deus coitado ((risos)) tava querendo comê(r) os ovinhos do be(i)já flor (AC-084; NR: L.92-97).*

NR: (permissão e_i: (f_i: [(f_j: deixar_v (f_j)) (x_i))_A (x_j: (e_i: olhar direito (e_i)) (x_j))_U] (f_i) (f_i)) (e₁))

Em (115), o verbo “ver” integra uma perífrase verbal de natureza aspectual inceptiva, ocasionada pela junção do verbo “ver” ao auxiliar “passar” que adiciona a ideia de transformação/mudança de cenário: antes era assim, mas começará a mudar a partir de agora. No entanto, o complemento do verbo “ver”, que ainda é transitivo, aponta para um valor

temporal de futuridade, justamente por conta da relação com a noção aspectual de ineptividade, que projeta metaforicamente algo para o futuro em decorrência da ideia de mudança instaurada pela perífrase verbal de aspecto ineptivo. Já em (116) e (117), o valor expresso pelas perífrases verbais *deixar* + *ver/olhar* é de natureza modal, mais especificamente de permissão/possibilidade, conforme atestada por Robuste (2018) e Prezotto jr. (2020). Esses casos não poderiam ser classificados como marcadores discursivos, pois os verbos “deixar” e “ver” ainda mantêm sua estrutura predicativa, selecionando papéis semânticos (argumentos). Apesar de essas perífrases apresentarem um certo esvaziamento da noção de permissão para fazer algo, o sentido veiculado por elas está ainda mais assentado no campo da modalidade.

Vejamos, na sequência, casos em que os itens linguísticos “ver” e “olhar” se constituem semanticamente como operadores modais (mais gramaticalizados do que as perífrases). O caso exemplificado em (118) é problemático, haja vista que autores como Robuste (2018) classificam esse tipo como indicador de dúvida/incerteza. Entretanto, diferentemente da autora, entendemos que o que se tem nesse contexto é um uso perifrástico de “ver”, que compõe, com o auxiliar “ir”, a perífrase verbal indicadora de futuro: “vai ver”. Nesse contexto, entendemos que o verbo “ver” ainda seleciona complemento [*essa mordida aqui no meu peito*] e argumento sujeito implícito [*minha mulher*]. O que dificulta a análise, a nosso ver, está justamente no distanciamento do argumento sujeito em relação à estrutura verbal [*vai ver*], o que poderia levar a uma interpretação equivocada dessa estrutura como operador de dúvida.

- (118) –... a:: *idéia dele... ele falô(u) assim – “não... eu vô(u) chegár na minha mulher (eu fa/((risos))... só c’a mordida aqui” – aí a lo(u)cura que ele fez... ele falô(u) – “não num vai têr jeito né? (inint.) vai vêr essa mordida aqui no meu no meu:: peito vai dá(r) problema [AC-089-NR; L.53] (ROBUSTE, 2018, p. 110).*
 NR: (futuro e₁: (f_i: [(f_j: ver_v (f_j)) (x_i: minha mulher (x_i))_A (x_j: essa mordida aqui no meu peito (x_j))_U] (f_i) (f_j)) (e₁))

O mesmo fenômeno parece estar presente nas ocorrências (119) e (120), cuja leitura de perífrase indicativa de tempo futuro fica, na nossa concepção, ainda mais evidente com a presença do argumento sujeito junto à estrutura predicativa [SUJ *vai_ver* OBJ] da oração. Essa interpretação é evidenciada quando realizamos a análise oitiva dos dados.

- (119) *Doc.: que troco que a vida dá?*
Inf.: pode sê(r) que ela passe a mesma coisa... pode sê(r) que ela se apaixone por um/por uma pessoa... e a pessoa faça o mesmo... aí ela vai vê(r) que num é por aí... que num é traindo que vai... ganhá(r) a pessoa de volta (AC-024; RO: L. 406-409).
 NR: (futuro e₁: (f_i: [(f_j: ver_v (f_j)) (x_i))_A (x_j: (p_i: que não é por aí (p_i)) (x_j))_U] (f_i) (f_j)) (e₁))

- (120) *eu acho que... é que acima de tudo você tem que fazer por merecê(r)... se vo/ você num fô(r) fazê(r) por merecê::(r)...cê num vai tê(r) nada entendeu? isso em relação a TUDO em relação ao se/ em relação ao relacionamento... a qualquer coisa... entendeu? é:: você tá longe da sua namora::da... seu marido num sei... ah é – “eu vô::(u) trai(r) vamo(s) trai(r)” –... cê TRAI... só que ninguém VIU ah ninguém viu tal mas eu acho que acima de tudo Deus viu... e:: e:: ele é o que:: né?... é o que realmente:: vale pra tudo hoje em dia... enTÃO é ele **vai VÊ(r)** que você num tá fazen(d)o por merecê(r) aquela pessoa especiAL... aquela pessoa... sincera verdade(i)ra QUE... no caso a o(u)tra pessoa é pra você... então qué(r) dizê(r)... num (a)dianta e::... e::: você tem que sê(r) você mesmo (AC-084; NE: L.71-72).*
 NR: (futuro e₁: (f_i: [(f_j: ver_v (f_j)) (x_i))_A (x_j: (p_i: que você não está fazendo por merecer aquela pessoa especial (p_i)) (x_j))_U (f_i) (f_i)) (e₁))

Quando comparamos os exemplos (119) e (120) com os exemplos (121) e (122), abaixo, verificamos que, em (121) e (122), o composto construcional [vai ver] perdeu totalmente os traços de transitividade, ou seja, essa estrutura não seleciona mais argumentos, deslocando-se, assim, para a posição inicial do enunciado, como um operador modal de dúvida, escopando o enunciado subsequente como um todo, assim como se observa nas ocorrências abaixo. Esse tipo de dado não foi identificado em nossa amostra, mas reconhecemos que se trata de uma estratégia inovadora, relativamente produtiva e bastante recorrente em contextos de comunicação espontânea, como mostram os seguintes exemplos retirados da internet:

- (121) *Emmett: você não a viu chegando? Elas, a propósito!*
Percebi que eles não escutaram o que Alice falou, ou pelo menos não entenderam, pois começaram a zoar a presença de Bella e Pierre. Acordei com a voz de Emmett causando muito, dizendo que ela não se limitava a infernizá-los na Delux, ainda tinha que persegui-los na vida pessoal também.
*Alice: **vai ver** ela nem sabia que a festa iria ser aqui gente, pelo amor de Deus né – ofereceu uma cerveja a Jasper. (<http://robstenlegacy.blogspot.com/2013/02/fanfic-em-nome-do-amor-capitulo-05.html>)*
 NR: (dúvida p_i: – ela nem sabia que a festa iria ser aqui gente – (p_i))
- (122) *(Alexia)oh Nanda a garota nem te conhece e tu ja não gosta, **vai ver** ela nem sabia que tu era namorada do Erick.*
(Richard) Fernanda larga de se ciumenta. (www.spiritfanfiction.com)
 NR: (dúvida p_i: – ela nem sabia que tu era namorada do Erik – (p_i))

Já na ocorrência abaixo, o verbo “ver” integra um outro tipo de perífrase verbal [pra ver se], de caráter modal epistêmico, cuja função é indicar a possibilidade de algo:

- (123) *esses negócio que professor chato faz... assim nã::o tem que conversá::(r) tem que:: brincá(r) tem que divertí(r) a aula ((ruído)) **pra vê(r) se** a gente entende... mas se eu fossem... seria assim eu explicaria de o(u)tro jeito por exemplo Matemática (AC-014; RO: L. 372-375).*
 NR: (possibilidade p₁: (ep₁: (e₁: (f_i: [(f_j: ver_v (f_j)) (x_i: a gente_N (x_i))_A (x_j: (p_i: se a gente entende (p_i)) (x_j))_U (f_i) (f_i)) (e₁)) (ep₁)) (p₁))

Assim como proposto por Sousa (2007) e Robuste (2018), ocorrências como (123) são mais bem analisadas como operadores modais indicativos intenção/possibilidade (ROBUSTE, 2018). Consideramos, assim como propõem as autoras, que o complementizador “se” integra o predicado matriz [ver+se] que toma como complemento um conteúdo proposicional. O valor modal de intencionalidade presente em (123) é reforçado pela presença da conjunção “se”, que pertence ao domínio da condicionalidade e é responsável por indicar possibilidade. Na ocorrência em questão, o informante sugere que se o professor ensinasse matemática com brincadeiras e diversão é possível que os alunos tivessem mais facilidade para entender o conteúdo.

As ocorrências seguintes exemplificam usos com outros valores semânticos. Vejamos:

- (124) *bom quando faltava três/ aí a minha mãe teve um sonho falô(u)... – “eu tive um sonho c’a minha filha que eu vô(u)/ que eu vô(u) atrás vê(r)”... diz que ela tava com a mala... com a malinha e com a ro(u)pa SUja mesmo e ia in(d)o embora... aí foi lá e falô(u)... – “o... o I... cê pega esse:... é eu cont/...é:: eu sonhei com você tudo... cê sumiu de nós”... – “ah mãe num é nada mãe... tô pensan(d)o de mudá(r) de emprego saí(r) daqui” (AC-140; NR: L. 132-138).*
- (125) *Doc.: e é isso que o senhor pensa do governo do Lula assim? que... só piorô(u) ainda mais?*
Inf.: olha eu eu eu num sei se/ eu num sei éh:: di/... diretamente o Lula/ o Lula... né? éh o pessoal ali o:: alguns/ alguns componentes ali da da... do governo ali que estava assim bem/ bem pertinho dele como... dois agora que foram... né? foram... convidados a a:: saí(r) da::/ a de(i)xá(r) o cargo... que estavam muito próximo dele éh::... né? tavam com:: foram foram foram citados né? tam(b)ém nessa nessa nessa suje(i)ra toda aí... eu num sei tem hora que eu/ eu me pergunto eu num sei tem hora que eu me pergunto – “será que o Lula:: tem a vê(r) alguma coisa com isso?” (AC-093; RO: L.355-363).
- (126) *Inf.: [ele foi po lado] ele foi po lado do largato e o largato investiu po lado dele... aí:: ele viu que o bicho era grande e veio po lado dele que que ele fez ele foi dá(r) um chute [Doc.: ((risos))] do jeito que ele deu o chute... ele abriu a boca e abocanhô(u) boca do/ o bico do sapatão [Doc.: ((risos))] e diz que ele tem uma força e começô(u) a apertá(r) que ele achô(u) que ia quebrá(r) os dedo dele dentro do sapatão [Doc.: ((risos))] ele... ele envergô(u) os dedo [pa] [Doc.: hum] trás... [Doc.: hum] e o bicho num soltava... [aí que]*
Doc.: [ficô(u) no sa] [pa]to
Inf.: [é:::]... ficô(u) grudado... aí o que ele fazia ele dava chute [assim] [Doc.: ((risos))] lá no alto po bicho soltá(r)... e o bicho num soltava né? (ficava agarrado) ali... e ele diz que se viu... preto pa tirá(r) ele de lá [Doc.: uhum] (AC-063; NR: L. 505-515).

As ocorrências (124), (125) e (126) parecem exemplificar expressões idiomáticas por constituírem expressões cristalizadas na língua. Em (124), a expressão “ir atrás de ver” é usado com o sentido de averiguar, comprovar alguma suposição; no caso, a mãe foi averiguar a possibilidade de seu sonho com a filha ser real ou algum tipo de premonição. Em (125), a expressão “ter a ver” exprime a ideia de algo estar relacionado, dizer respeito a algo; no caso, a

dúvida é se Lula tem algum tipo de relação com a sujeirada mencionada pelo informante. Em (126), a construção “ver-se preto para” é usada para expressar que alguém passou por um momento de dificuldade, de perigo; no caso, a pessoa da qual o locutor fala passou por uma situação desesperadora ao tentar tirar o lagarto que estava mordendo seu sapatão.

Vejamos, na sequência, alguns usos ancorados no Nível Interpessoal e suas respectivas representações.

5.2.2 Usos de “ver” e “olhar” no Nível Interpessoal

As ocorrências, a seguir, ilustram usos de “ver” e “olhar” como marcadores discursivos.

- (127) *a gente gosta de pescá(r) também... ah pescaria é:: veja bem... cada local... existe água corrente existe água parada... (AC-093; RP: L.272-273)*
 NI: (A_i: veja bem (A_i)) (A_j: (C_i: – cada local existe água corrente – (C_i)) (A_j))
- (128) *Inf.: se você corre... quem nem na cidade não mas no sítio óh... se você corre... o/... o barulho do teu pé aqui... parece que tem alguma coisa corren(d)o atrás d'ocê quanto mais ocê corre aqui mais a pessoa corre lá... (AC-063; NR: L.616-617).*
 NI: (A_i: óh (A_i)) (A_j: (C_i: – se você corre...parece que tem alguma coisa correndo atrás – (C_i)) (A_j))
- (129) *[...] foi assim VÁrios... vários... tipos de problema... o menino não tinha reflexo... tá?... num levantava os bracinho pra cima... Doc.: nenhum dos dois? Inf.: nenhum dos dois... pra você vê(r)...(AC-106; NE: L. 31-32).*
 NI: (A_i: nenhum dos dois (A_i)) (A_j: pra você ver (A_j))
- (130) *Doc.: e/ e rende bastante B.? Inf.: olha você pode::... ela rende re/ relativamente... éh:: eu acho que dá pumas quatro pessoas mas se você quisé(r) aumentar a receita... você... então pode usá(r) ao invés de uma xícara de chá... você pode usá(r) uma::/... uma vasilha maior digamos de uma/... um copo de requeijão (AC-134; RP: L. 251-254).*
 NI: (A_i: olha (A_i)) (A_j: (C_i: – eu acho que dá para umas quatro pessoas – (C_i)) (A_j))

As ocorrências (127) e (128) exemplificam casos de marcadores discursivos com função predominantemente textual, o que quer dizer que seus usos são de caráter coesivo, ou seja, voltados “para a sequenciação do texto” (ROST-SNICHELOTTO, 2008, p. 114). Em (127), a função do marcador discursivo “veja bem” oscila, a nosso ver, entre ser opinativo e organizar de alguma forma o fluxo informacional do texto. Em (128), “óh” exerce função exemplificativa, uma vez que o falante usa esse marcador discursivo para ilustrar o que acontece no sítio quando você corre diante de alguma situação iminente de ataque de algum animal.

Os usos averiguados em (129) e (130) são de marcadores discursivos, cuja função é predominantemente interacional, ou seja, seu uso está diretamente relacionado às “atitudes do

falante em relação ao texto que ele está produzindo, tendo em vista o interlocutor” (CARVALHO; GOMES, 2017, p. 305). Em (129), por meio da análise oitiva, podemos afirmar que a expressão “pra você ver” exerce a função opinativa, avaliativa por parte do falante em relação ao caso narrado por ele, informante. Em (130), com base em Carvalho e Gomes (2017), a forma verbal “olha” tem a função de planejamento, ou seja, o falante quer dar uma instrução ao interlocutor a fim de suprir a necessidade implícita na pergunta (render bastante).

As ocorrências (131) e (132), a seguir, retratam usos em que “ver”, ainda assumindo o estatuto semântico de predicador verbal, toma como complemento um conteúdo comunicado; e “olhar” é operador introdutor de conteúdo comunicado.

- (131) – “*ah cara de cade(i)ra de roda não nada*” – NADA... porque meu marido fez éh:: ele:: tava na ARDEF ele fazia natação ali na Aquática... que o dono da Aquática cedeu o horário... pa ARDEF... e::/ num tem mais a ARDEF agora... e tinha cara da/ paraplégico que nadava... o cara tirava da cadê(i)ra de roda colocava dentro da água e o cara nadava sem o movimento das pernas... e os clubes não pensam ni::sso então o deficiente físico é excluído... embora teje mudan(d)o teje melhoran::do em vista de::... cinco anos atrás aí tem melhorado muito... é tudo preconceito... cê vê muito na televisão né? inclusive a novela agora falando a respeito da Síndrome de Down::... o povo olha... o povo (a)rrepara – “o diferente... ah porque ele é diferente” – né? então fica olhando e isso pra quem tá/ tem um problema é... uma coisa constrangedora né? prefere às vezes num sai(r) de ca::sa acaba sofren(d)o de uma depressão::... é complicado (AC-028; RO: L. 168-178).
NR: (p_j: (ep_i: (e_i: (f^c_i: (f_j: ver (f_j)) (x_i)_A (C_i: - na televisão a novela agora falando a respeito da Síndrome de Down - (C_i)) (f^c_i)) (e_i)) (ep_i)) (p_j))

- (132) *a igreja católica é assim óh* – “Venha que nós vamos te ajudar” – né? – “nós vamos tentar o possível” (AC-023; RO: L. 509-510).
NR: (evidencial)p_j: (ep_i: (e_i: (f^c_i: (f_j: ser (f_j)) (x_i)_A (C_i: (A₁: - venha que nós vamos te ajudar – (A₁)Citação (C_i)) (f^c_i)) (e_i)) (ep_i)) (p_j))²⁸

Na ocorrência (131), o informante diz que o que acontece com as pessoas com algum tipo de deficiência, em termos de avaliação e julgamento, é tudo preconceito, o que fica bem claro nos programas e novelas exibidos na televisão: nesse caso, o informante explicita que a fonte da informação – do preconceito vivido pelas pessoas com deficiência – é a televisão (novelas e afins). Esse tipo de uso do verbo “ver” “corresponde à retransmissão, por parte do Falante, de um Conteúdo Comunicado produzido em outra ocasião por um outro Falante” (FERRARI, 2012, p. 106). Na ocorrência (132), o falante reproduz um conteúdo comunicado por outrem, no caso a instituição igreja católica. Nesse caso, a forma verbal gramaticalizada

²⁸ Essa representação se mostra um pouco problemática por não sabermos ao certo como representar tais casos, por isso, trata-se de uma representação preliminar, ainda em processo de análise.

“óh” funciona, na nossa concepção, como operador de citação, que remete o interlocutor para a fala que vem na sequência.

Na ocorrência (133), “olhar” é utilizado com função dêitica modal. Não foram encontrados usos semelhantes a este com o item verbal “ver”.

- (133) *quando minha cara voltô(u) minha cara voltô(u) toda deformada TORTa assim óh ((mostra como ficou o rosto)) como se tivesse fazen(d)o uma careta sabe? (AC-045; NE: L. 88-89).*

NI: (A₁: [(F₁: DECL (F₁)) (C₁: [(+id, +s R₁: – minha cara voltou toda deformada torta – (R₁)) (emph T₁: ♦ (T₁))] (C₁))] (A₁))

O caso exemplificado em (133) é complexo do ponto de vista de representação, uma vez que o advérbio dêítico “assim” teoricamente já exerce a função de indicar o modo como ficou o rosto da pessoa, no entanto, o falante utiliza também a forma “oh” para reforçar ou enfatizar, na nossa concepção, a funcionalidade expressa por “assim”. Nesse caso, entendemos que “assim” constitui um Subato Referencial de núcleo vazio, segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), que, por sua vez, é reforçado ou enfatizado por um operador de ênfase (EMPH), e codificado no Nível Morfossintático pela forma gramaticalizada do verbo “olhar” (óh). A informação enunciada pelo informante sobre a qual a ênfase opera constitui um conteúdo comunicado.

Vejamos, na sequência, algumas generalizações possíveis a partir dos dados analisados nesta pesquisa.

5.3 Algumas generalizações

Em geral, os dados discutidos nessa subseção e na seção como um todo mostram que os usos expressos pelas formas verbais “ver” e “olhar” podem ocorrer em qualquer tipo de texto, mas alguns usos identificados no *corpus* mantêm uma relação mais próxima com certos textos. Entretanto, guardadas as devidas particularidades, mostramos que os diferentes usos identificados no *corpus* apontam um processo crescente de dessemantização (de enfraquecimento do sentido original de percepção de algo pela visão) e de ganho de novas funcionalidades (atribuição e fortalecimento de traços pragmáticos, com grande variabilidade funcional, conforme foi possível observar por meio da análise dos 12 parâmetros selecionados).

Esses resultados referendam a tese de que o processo de GR das formas verbais “ver” e “olhar” não ocorre ao acaso, sem qualquer motivação, pelo contrário, o que constatamos é que o desenvolvimento de usos mais gramaticais e/ou discursivo-interacionais, como o de

marcadores discursivos com funções diversas, decorre do uso do modo imperativo e da segunda pessoa do discurso, tal como também já foi comprovado por Rost-Snichelotto (2009) para a fala catarinense e por Carvalho e Gomes (2017) para a fala soteropolitana. No entanto, os nossos dados contrariam a expectativa apresentada por Hengeveld *et al.* (2019) de que o verbo “ver” estaria mais avançado no processo de GR, pelo fato de poder tomar qualquer entidade como complemento (inclusive um Conteúdo Comunicado, que pertence ao Nível Interpessoal), enquanto o verbo “olhar”, por se restringir apenas aos complementos do tipo Propriedade, Indivíduo e Estado-de-coisas, estaria menos avançado em relação à trajetória de GR na língua. Em outros termos, os nossos dados mostram que o verbo “olhar” desenvolveu muito mais usos como marcadores discursivos do que o verbo “ver”. Assim, se por um lado, o verbo “ver” veicula mais valores evidenciais, atuando, inclusive, na camada do Conteúdo Comunicado do Nível Interpessoal, por outro lado, o verbo “olhar”, que não veicula os valores de inferência, dedução e reportatividade, situados nas camadas do Conteúdo Proposicional, Episódio e Conteúdo Comunicado, respectivamente, expressa o tipo evidencial de citação, que opera na camada do Ato discursivo. Isso mostra que, de uma perspectiva mais ampla, o verbo “olhar” avançou muito mais em seu processo de expansão funcional em relação às camadas e os níveis de organização da gramática.

Esses resultados contrariam, como já apontamos, as expectativas de Jaén (2005; 2012) sobre o grau de abstração dos verbos “ver” e “mirar” no espanhol. Para o autor, o verbo “ver”, segmentado em “ver1” e “ver2”, seria o mais o mais abstrato/gramaticalizado, ao passo que o verbo “mirar” seria o mais concreto/mais limitado em termos de possibilidade de atuação em outros contextos de usos. Entretanto, comparando esses dois verbos no português falado do interior paulista, verificamos que, apesar de o verbo “ver” apresentar vários usos gramaticais, é o verbo “olhar” que vem desenvolvendo uma diversidade maior de usos discursivos não somente em termos de frequência *type* como também frequência *token* (BYBEE, 2003). O quadro 7, inspirado na escala de agentividade proposta por Lapolla e Van Valin (1997, apud JAÉN, 2012), é bastante útil para mostrar o processo de GR dos verbos “ver” e “olhar”. Como vimos nos dados, à medida que os verbos se gramaticalizam, eles perdem o poder de agentividade e a natureza transitiva (não selecionam argumento sujeito e argumentos internos) e se tornam mais gramaticais, colocando-o como o mais gramaticalizado no português falado do interior paulista, visto que, conforme supracitado, “olhar” atua com maior frequência e produtividade em contextos discursivo-pragmáticos quando comparado a “ver”:

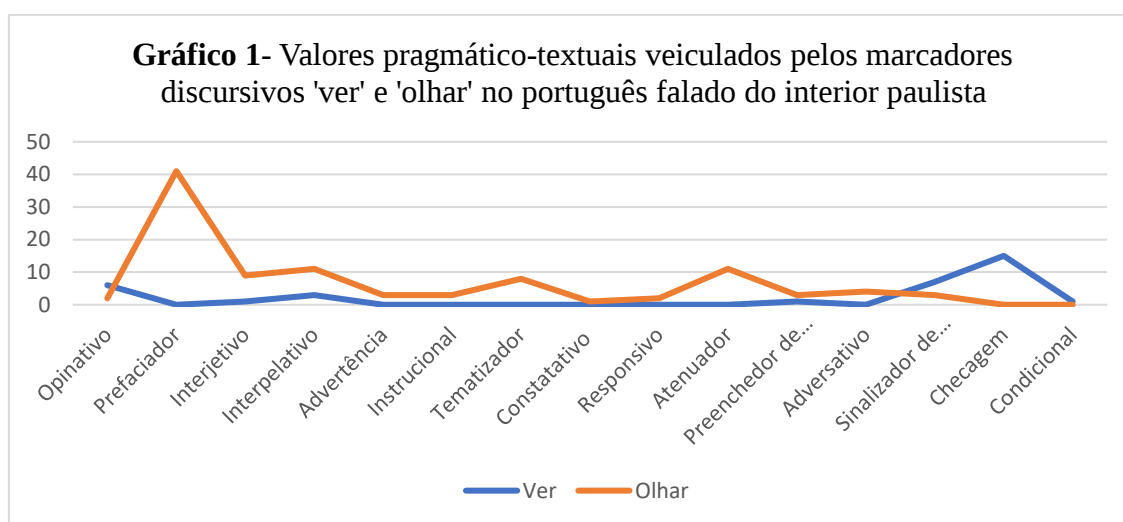
Quadro 7 - Escala de agentividade com verbos de percepção “ver” e “olhar” no português

+ agenteivo	- agenteivo
+ controle	- controle
+ transitivo	- transitivo
$\leftarrow$ AGENTE < OBSERVADOR < PERCEBEDOR < OBJETIVO/ESTÍMULO < PACIENTE $\rightarrow$	
ATIVIDADES	REALIZAÇÕES
Olhar >>> Olhar >>> Olhar	Olhar >>> Olhar >>> Olhar
Ver >>> Ver >>> Ver	Ver >>> Ver >>> Ver
	Olhar >>> Olhar >>> Olhar
	Ver >>> Ver >>> Ver
	Olhar >>> Olhar >>> Olhar

Fonte: Jaén, 2012, p. 291 - tradução nossa.

Conforme Dowty (1991, apud JAÉN, 2012), essa escala mostra que quanto mais se deslocar em direção ao polo agenteivo, maior é a tendência de o verbo ser transitivo e o agente ser controlador da ação, como ocorre com os verbos “ver” e “olhar” que operam em contextos mais básicos de uso, ao passo que quanto mais se deslocar em direção ao polo passivo (paciente), maior é a tendência de encontrarmos intransitividade e menor controle da ação, como podemos verificar nos casos em que “olhar” atua como marcador discursivo. No caso do português, o verbo “olhar” é o que mais desenvolveu usos discursivos (usos como marcadores discursivos), perdendo, assim, o seu poder de transitividade (seleção de argumentos).

O gráfico 1, a seguir, mostra os tipos de valores pragmático-textuais veiculados por “ver” e “olhar” enquanto marcadores discursivos e sua produtividade na língua:



Fonte: Elaboração própria

Por fim, o quadro 8, abaixo, sintetiza os usos de “ver” e “olhar” atestados a partir do *corpus* analisado na presente pesquisa, levando em consideração a mudança de forma e conteúdo prevista por Barreto e Souza (2016); Fontes (2016); Hengeveld (2017), que, por sua vez, ilustram a trajetória de GR dos itens linguísticos em apreço em relação às camadas e aos

níveis de organização da gramática propostos pela GDF (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008):

Quadro 8 - Síntese dos usos dos verbos “ver” e “olhar” na GDF

			VER	OLHAR
Camadas da GDF	Nível Interpessoal	Movimento	+	+
		Ato Discursivo	+	+
		Ilocução	(+)	+
		Conteúdo Comunicado	+	+
	Nível Representacional	Conteúdo Proposicional	+	+
		Episódio	+	(+)
		Estado-de-Coisas	+	+
		Propriedade	+	(+)
		Indivíduo	+	+
		Modo	-	+
GR na GDF = Mudança de forma e conteúdo	Forma	Lexema	+	+
		Operador lexical	+	+
		Operador gramatical	+	+
		Função	+	+
	Conteúdo	Predicador verbal-complemento propriedade	+	-
		Predicador verbal-complemento indivíduo	+	+
		Predicador verbal-complemento estado de coisas	+	+
		Predicador verbal-complemento episódio	+	-
		Predicador verbal-complemento conteúdo proposicional	+	+
		Predicador verbal-complemento conteúdo comunicado	+	-
		Perífrase verbal	+	+
		Operador modal	+	+
		Operador de conteúdo comunicado	-	+
		Marcador Discursivo	+	+

Fonte: Elaboração própria

Com base no quadro 8, podemos inferir que a forma verbal “ver” está mais consolidada nas camadas do Nível Representacional, visto que não foram encontrados, no universo de análise da pesquisa, dados de “ver” atuando na camada da Ilocução, situada no Nível Interpessoal. Ao contrário do que acontece com o item verbal “olhar”, cujos usos se consolidaram expressivamente (pela produtividade e frequência de uso, conforme depreendemos do gráfico 1) nas camadas do Nível Interpessoal, confirmando que este item verbal se encontra mais gramaticalizado. A trajetória unidirecional, prevista por Hengeveld (2017), entre as camadas e níveis da GDF é respeitada, porque, independente do ponto de corte de entrada desses itens, os usos rumam para as camadas mais altas dos níveis mais altos, logo, o caminho inverso não é realizado.

Usos de “ver” na camada da Ilocução, conforme já mencionado, não foram identificados no *corpus* analisado, entretanto é um uso atestado na língua, conforme exemplifica Silva (2010, p. 478) ao tratar de um uso desse verbo como estratégia de polidez (*Me vê um suco de laranja*). O mesmo acontece com usos de “olhar” na camada da Propriedade (*olhei a cor daquela flor*. (HENGEVELD et al., 2019, p. 287)). Usos de “olhar” na camada do Episódio, apesar de não constatados na amostra analisada, também se mostram produtivos na língua, ilustraremos por meio do exemplo retirado da internet: *Um sentimento muito bom, ontem mesmo quando estava concentrado, fiquei na janela e olhava que mudou bastante coisa no Vila Nova*. (trecho da entrevista do atacante Pedro Júnio, jogador do Vila Nova, fonte: <https://sagresonline.com.br/pedro-jr-fala-sobre-recuperacao-da-covid-gol-da-vitoria-e-intencao-de-virar-idolo-do-vila-nova/>).

Em suma, diante das constatações feitas até aqui, o que reitera nossa conclusão de que “olhar” se encontra num estágio mais avançado no processo de GR, quando comparado a “ver”, é a maior frequência e produtividade de “olhar” enquanto operador gramatical e função (atuando no âmbito pragmático da língua, portanto, no Nível Interpessoal), totalizando 69,3% das 303 ocorrências identificadas com este item verbal no *corpus*; resultado também evidenciado pela análise do gráfico 1, em que “olhar”, enquanto função (marcador discursivo), veicula muito mais valores pragmático-textuais que “ver”. Identificamos, na amostra, sob a forma de predador verbal (lexema) e perífrases verbais (operador lexical) 83,1% das 462 ocorrências averiguadas com o item linguístico “ver” (atuando, portanto, no Nível Representacional).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de uma perspectiva funcionalista da língua, na qual é descrita como mutável em função das necessidades comunicativas dos usuários, entendemos que a GR é um processo que se mostra muito produtivo; se trata da mudança do estatuto semântico de um item lexical, que passa a suprir necessidades mais abstratas abarcadas no nível pragmático da língua. Para Souza e Barreto (2016), as concepções de GR de autores como Heine *et al.* (1991), que definem a GR como um processo cognitivo, em que conceitos concretos (atividade, espaço etc.) são utilizados para explicar conceitos mais abstratos (como tempo), e Hopper e Traugott (1993), que concebem a GR como um processo crescente de gramaticalidade, em que a passagem de um item lexical a um item gramatical ocorre de maneira gradual, estão, respeitadas as devidas diferenças, alinhadas ao modelo de organização da GDF.

A GR é descrita na GDF (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), como um processo de expansão funcional de itens linguísticos entre camadas e níveis de organização hierárquica da gramática (HENGEVELD, 2011; HENGEVELD, 2017; dentre outros), de modo que, uma vez iniciado o processo, o esperado é que o item em questão desenvolva um trajeto de mudança que vai das camadas mais baixas para as camadas mais altas do Nível Representacional, e, assim, sucessivamente, das camadas mais baixas para as camadas mais altas do Nível Interpessoal (SOUZA; BARRETO, 2016). Nesse caso, o percurso inverso de mudança linguística não é aceito pela GDF, uma vez que, após alcançado um ponto específico nas camadas ou nos níveis, o item não pode se mover para camadas ou níveis mais baixos.

De acordo com Hengeveld (2017), na GDF, os processos de GR são vistos como uma combinação de mudança formal e mudança de conteúdo, que seguem percursos previsíveis (SOUZA; BARRETO, 2016; FONTES, 2016, dentre outros): com relação ao conteúdo, essas mudanças implicam um aumento gradual e sistemático no escopo em relação às camadas; enquanto na questão formal, tais mudanças implicam uma diminuição gradual e sistemática no grau de lexicalidade. No tocante às mudanças formais, Hengeveld (2017) prevê a seguinte trajetória: *lexema* > *operador lexical* > *operador gramatical* > *função*, que é uma forma de registrar a mudança no estatuto categorial dos itens linguísticos, que vão perdendo seus conteúdos plenos e adquirindo, ao longo do processo, traços mais abstratos/gramaticais.

Com base nesses pressupostos teóricos realizamos esse estudo com o objetivo de (i) identificar os diferentes usos das formas verbais “ver” e “olhar”; (ii) verificar os níveis e as camadas da GDF em que essas formas operam, com o objetivo de levantar evidências formais e funcionais para a proposição de uma trajetória de GR em termos de mudança de conteúdo e

mudança formal; (iii) comparar o processo de GR dos verbos “ver” e “olhar”, de maneira a identificar possíveis pontos de convergência e/ou dissonância entre os seus usos.

Para cumprir o primeiro objetivo da pesquisa, retomamos os apontamentos de Jaén (2012), conforme apresentados na seção 3. O autor conclui que “olhar” estaria, em termos cognitivos, num intervalo ligeiramente inferior na hierarquia da prototipia quando comparado a “ver”, já que aquele expressa percepções mais concretas e tangíveis. Entretanto, nossos resultados contrariam as suas conclusões, visto que, os dados atestados no *corpus* indicam usos abstratos de “ver” relacionados ao domínio do conhecimento, do epistêmico e da projeção, permitindo maior diversificação do seu estatuto semântico, ao passo que apontam uma alta produtividade da forma verbal “olhar” em contextos de marcadores discursivos. A grande maioria dos usos de “ver” se dão sob o estatuto formal de lexema verbal se comparados aos usos de “olhar”, cuja atuação se dá majoritariamente sob o estatuto formal de operador gramatical e função, atuando, portanto, majoritariamente em contextos gramaticais e/ou interacionais (discursivo-pragmáticos).

Nossos resultados reforçam os resultados de Rost-Snichelotto (2009) em seu estudo acerca da emergência de marcadores discursivos do verbo “olhar” quanto à produtividade e à frequência. Conforme a autora, isso se explica, dentre outros motivos, pelo fato de que o marcador discursivo “olha” já atuava em seis contextos distintos no século XIX, enquanto “vê” só emerge no século XX, atuando em apenas três contextos distintos. A partir da nossa amostra, verificamos que 63% dos marcadores discursivos catalogados são com o item linguístico “olhar”, enquanto 37% são com “ver”; além da maior frequência, “olhar” se mostra mais produtivo, desempenhando mais funções tanto na macrofunção textual, quanto na interacional.

Em relação aos níveis e camadas de atuação de “ver” e “olhar”, e buscando responder aos nossos segundo e terceiro objetivos, chegamos à seguinte conclusão acerca do verbo “ver”: de todos os dados levantados na amostra, apenas 16,9% atuam no Nível Interpessoal (dedicado aos aspectos pragmáticos da língua), enquanto 83,1% estão ancorados ao Nível Representacional (dedicado aos aspectos semânticos da língua), cujos usos estão abrigados nas camadas do Indivíduo, da Propriedade, do Estado-de-coisas, do Episódio, do Conteúdo proposicional, do Conteúdo comunicado, do Ato discursivo e do Movimento. De modo oposto, em relação ao verbo “olhar”, concluímos que 69,3% dos usos atestados na amostra atuam no Nível Interpessoal, ao passo que 30,7% estão abarcados no Nível Representacional, atuando nas seguintes camadas: do Modo, do Indivíduo, do Estado-de-coisas, do Conteúdo proposicional, do Conteúdo Comunicado, da Ilocução, do Ato discursivo e do Movimento.

As figuras 11 e 12, abaixo, mostram a trajetória unidirecional em termos de mudança de conteúdo (escopo/expansão funcional) dos verbos “ver” e “olhar”, respectivamente, com relação aos níveis e camadas de organização da gramática proposta pela GDF. Nas figuras podemos observar o ponto de corte, ou seja, em qual camada o lexema começa a atuar e sua trajetória unidirecional para as camadas mais altas e, sucessivamente, das camadas mais baixas, seguindo para as mais altas do nível mais alto (Nível Interpessoal).

Figura 11 - Mudança de conteúdo de “ver” no português falado do interior paulista

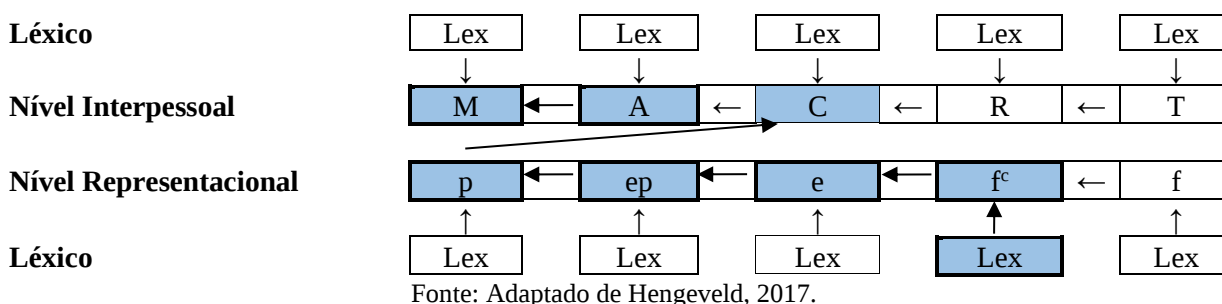
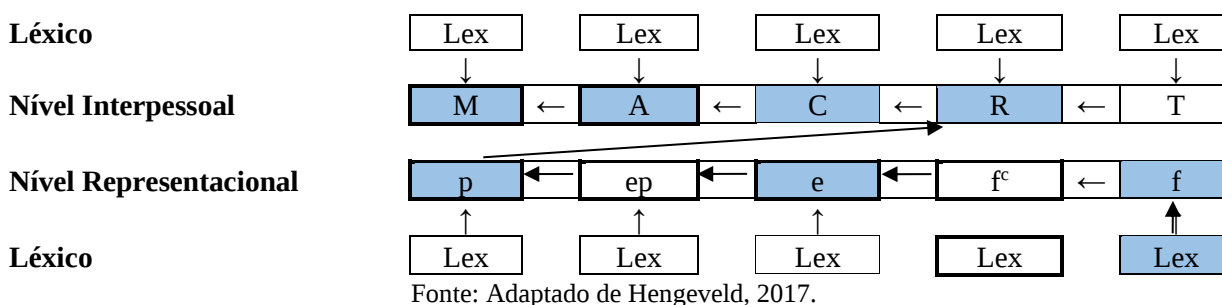


Figura 12 - Mudança de conteúdo de “olhar” no português falado do interior paulista



A partir da análise dos dados realizada com base em um conjunto de parâmetros estabelecidos para essa pesquisa, e levando em consideração os critérios de dessemantização, erosão fonética e frequência previstos por Hopper e Traugott (2003) acerca do processo de GR, concluímos que o item verbal “olhar” se encontra em um estágio mais avançado no processo de GR em função da sua alta frequência e produtividade em contextos discursivo-interacionais sob o estatuto formal de função.

Em suma, são muitos os estudos sobre a GR de formas verbais no português e em outras línguas já publicados nos últimos anos, conforme citamos ao longo dessa dissertação. A presente pesquisa busca somar-se a esses estudos e, assim, contribuir para a análise e descrição funcional da língua portuguesa. Sabemos que esta pesquisa não constitui um ponto final sobre o assunto, mas sim uma ponte para novos diálogos, até porque, a depender da perspectiva

teórica de que se observa a linguagem (SAUSSURE, 1974), um novo objeto de estudo se mostra aos olhos do observador/pesquisador. Assim, o nosso intuito aqui é o de que este estudo sirva como encaminhamento para futuras pesquisas acerca da GR dos verbos de percepção.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, K. E. S. A funcionalidade de “no caso de (que)” no português brasileiro: um caso de gramaticalização. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2013.
- BARRETO, K. E. S.; SOUZA, E. R. F. A gramaticalização de no caso de no português brasileiro: um enfoque discursivo-funcional. *Guavira Letras Três Lagoas*, v. 1, n. 22, p. 80-104, 2016. Disponível em: <http://bit.ly/2m24fNc>. Acesso em: 29 jul. 2020.
- BORBA, F. S. (org). Dicionário UNESP do Português Contemporâneo. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.
- BUTLER, C. S. *Structure and Function: A Guide to Three Major Structural-Functional Theories*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 2003.
- BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. In: JANDA, R.; BRIAN, J. (eds.). *Handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.
- CAMACHO, R. G. As orações relativas. In: PEZATTI, E. G. (org.) *Construções subordinadas na lusofonia: uma abordagem discursivo-funcional*. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp Digital, p. 249-306, 2015.
- CARVALHO, C. S. Usos de ver em sentenças complexas. *Estudos Linguísticos* (São Paulo. 1978), v. 35, p. 532-539, 2006.
- CARVALHO, C. S. Gramaticalização e contexto morfossintático: O que acham, olham e dizem os falantes soteropolitanos. In: LOPES, N. S.; OLIVEIRA, J. M.; PARCERO L. M. J. (orgs.). *Estudos sobre o português do Nordeste: língua, lugar e sociedade*. São Paulo: Blucher, p. 83-106, 2017.
- CARVALHO, C. S; GOMES, J. C. C. OLHA, OLHE e OH: gramaticalização do verbo OLHAR na fala popular soteropolitana. *ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS*, v. 57, p. 297-218, 2017.
- CASSEB-GALVÃO, V. Gramática discursivo-funcional e teoria da gramaticalização: revisitando os usos de [diski] no português brasileiro. *Filologia e Linguística Portuguesa*, n. 13(2), p. 305-355, 2011.
- CASTILHO, A. T. Aspecto Verbal no português falado. In: ABAURRE, M. B. M.; RODRIGUES, A. C.S. (orgs.) *Gramática do Português Falado*. Campinas: Ed. Unicamp, p.83-121, 2002.
- COUTO, M. *Poemas escolhidos*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- CUNHA, M. A. F. da; COSTA, M. A; CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: CUNHA, M. A. F. da; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA, M. E. (org). *Linguística funcional: teoria e prática*. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, p. 21-45, 2015.

DALL'AGLIO-HATTNER, M. M.; HENGVELD, K. The grammaticalization of modal verbs in Brazilian Portuguese: a synchronic approach. *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 15, p. 1-14, 2016.

DIK, S. The theory of functional grammar. Part I: The structure of the clause. HENGVELD, K. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1989.

DIK, S. The theory of functional grammar. Part II: Complex and derived constructions. HENGVELD, K. (ed). Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1997.

FERRARI, V. V. Verbos de percepção em construções evidenciais de acordo com o modelo da gramática discursivo-funcional. *Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. V. 8, n. 1, 2012.

FONTES, M. G. A distinção léxico-gramática na Gramática Discursivo-Funcional: uma proposta de implementação. 2016. 236f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", campus de São José do Rio Preto, 2016.

FONTES, M. G.; PEZATTI, E. G. Ordenação de constituintes em sentenças declarativas do português brasileiro. *Veredas-Revista de Estudos Linguísticos*, v. 15, n. 1, p. 206-221, 2011.

GONÇALVES, S. C. L. Projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista): O português falado na região de São José do Rio Preto – constituição de um banco de dados anotado para o seu estudo. In: Relatório científico parcial II à FAPESP. São José do Rio Preto: FAPESP, 2006.

GONÇALVES, S. C. L., *et al.* (orgs.). Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GONÇALVES, S. C. L. Projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista) e banco de dados Iboruna: 10 anos de contribuição com a descrição do português brasileiro. *Estudos Linguísticos* (São Paulo. 1978), v. 48, n. 1, p. 276-297, 2019.

GUERRA, A. R. 2007. 233f. Funções textual-interativas dos marcadores discursivos. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, SP: UNESP, 2007.

GORSKI, E. M. *et al.* Gramaticalização/discursivização de itens de base verbal: funções e formas concorrentes. *Estudos Linguísticos*. São Paulo, v. 31, 2002. Disponível em: <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/31/htm/comunica/GT9.htm>. Acesso em: 10/02/2021.

GORSKI, E. M.; ROST, Cláudia A.; DAL MAGO, Diane. Aspectos Pragmáticos da mudança via gramaticalização. In: CRISTIANO, M. E. A.; SILVA, C. R.; DA HORA, D. Funcionalismo e gramaticalização: teoria, análise, ensino. João Pessoa: Idéia, 2004

HEINE, B., *et al.* Grammaticalization: a conceptual framework. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

HEINE, B. Mechanisms of change in grammaticalization. In: JOSEPH, B. & JANDA, R. D. (eds.) *The Handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, p. 575-601, 2003.

HENGVELD, K. A hierarchical approach to grammaticalization. In: HENGVELD, K.; NARROG, H.; OLBERTZ, H. (ed.). *The grammaticalization of tense, aspect, modality, and evidentiality: A functional perspective*. [Trends in Linguistics. Studies and Monographs 311]. Berlin: Mouton de Gruyter, p. 11-30, 2017.

HENGVELD, K. The grammaticalization of tense and aspect. In: NARROG, H.; HEINE, B. *The Oxford Handbook of Grammaticalization*. New York: Oxford University Press, p. 577-591, 2011.

HENGVELD, K.; FISCHER, R. A'ingae (Cofán/Kofán) Operators. *Open Linguistics*, v. 4, p. 328-355, 2018.

HENGVELD, K.; HATTNER, M. M. Four types of evidentiality in the native languages of Brazil. *Linguistics*, v. 53, p. 479-524, 2015.

HENGVELD, K.; MACKENZIE, J. L. *Functional Discourse Grammar: a typologically based theory of language structure*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

HENGVELD, K.; MACKENZIE, J. L. Gramática Discursivo-Funcional. In: SOUZA, E. R. (org.). *Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*. Trad. Marize Mattos Dall'Aglion-Hattner. São Paulo: Contexto, p.43-82, 2012.

HENGVELD, K.; NARROG, H.; OLBERTZ, H. *The grammaticalization of tense, aspect, modality, and evidentiality: A functional perspective*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2017.

HENGVELD, K. ; SOUZA, E. R. F. ; BRAGA, M. L. ; VENDRAME, V. Perception Verbs in Brazilian Portuguese: A Functional Approach. *Open Linguistics*, v. 5, p. 268-310, 2019.

HOPPER, P. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E.C.; HEINE, B. (eds.). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, p. 17-35, 1991.

HOPPER, P. TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: University Press, 1993.

JAÉN, J. F. Verbos de percepción sensorial en español: una clasificación cognitiva. *Interlingüística*, Universidad de Alicante, v. 1, n. 16, p. 391-405, 2005.

JAÉN, J. F. Semántica cognitiva diacrónica de los verbos de percepción física del español. 2012. 743 f. Tese (Doutorado) - Curso de Filología Hispánica, Departamento de Filología Española, Lingüística General y Teoría de La Literatura, Universidad de Alicante, Sant Vicent del Raspeig, Alicante, España. 2012. Disponível em: <http://rua.ua.es/dspace/handle/10045/26481>. Acesso em: 16 fev. 2021.

KEIZER, E. The lexical-grammatical dichotomy in Functional Discourse Grammar. *Alfa*, São Paulo, n. 51, v. 2, p. 35-56, 2007.

KEIZER, E. *A Functional Discourse Grammar for English*. United Kingdom: Oxford University Press, 2015.

KORTMANN, B. Adverbial subordination: a typology and history of adverbial subordinators based on European languages. Berlin: Mouton, 1997.

MARCUSCHI, L. A. Marcadores conversacionais do português brasileiro: formas, funções e definições. In: CASTILHO, A. T. de (Org.). Português culto falado no Brasil. Campinas: Ed. da UNICAMP, p. 281-318, 1989.

MICHAELIS. Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em: 16 fev. 2021.

NEVES, M. H. M. A gramática funcional. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PEZATTI, E. G., orgs. Gramática Discursivo-Funcional: uma breve apresentação. In: Construções subordinadas na lusofonia: uma abordagem discursivo-funcional [online]. São Paulo: Editora UNESP, p. 15-40, 2016.

OLBERTZ, H. Lexical auxiliaries in Spanish: How and why? *Linguistics* 54 (5), p. 947-979, 2016.

PREZOTTO JR., J. R. As microcronstuições auxiliares com “deixar” e “parar” no português na expressão de aspecto final. 2020. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de São José do Rio Preto, 2020.

RISSO, M. S. Aspectos textuais-interativos dos marcadores discursivos de abertura Bom, Bem, Olha, Ah, no português culto falado. In: NEVES, M. H. M. *Gramática do português falado*. Vol. VII Campinas: Ed. da UNICAMP/FAPESP, 1999.

RISSO, M. S.; SILVA, G. M. O.; URBANO, H. Traços definidores dos Marcadores Discursivos. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil – v.I: Construção do texto falado*. Campinas: Editora da UNICAMP, p. 403-425, 2006.

ROBUSTE, T. B. Construções [V1+VER] no português brasileiro contemporâneo sob a perspectiva construcional. 2018. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de São José do Rio Preto, 2018.

ROST, C. A. Olha e veja: multifuncionalidade e variação. 2002. 158 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

ROST, C. A. Os marcadores discursivos nas línguas românicas: (macro)funções textuais e interacionais. *Interdisciplinar: Revista de Estudos de Língua e Literatura*, v. 7, p. 109/7-130, 2008.

- ROST-SNICHELOTTO, C. A. “Olha” e “vê”: caminhos que se entrecruzam. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2009. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=182489. Acesso em: 12/04/2021.
- SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de Linguística Geral. São Paulo: Cultrix, 1974.
- SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. Goldvarb X: a variable rule application for macintosh and windows. Toronto: University of Toronto, Department of Linguistics, 2005.
- SALOMÃO, M. M. M. Construções modais com dar no português do Brasil: metáfora, uso e gramática. Revista de estudos da linguagem. Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 83- 115, jan./jun. 2008.
- SILVA, L. A. A. Corporificação da mente: prototipia e gramaticalização em construções do português brasileiro. In: I Simpósio Internacional de Estudos da Língua Portuguesa, 2011, Uberlândia. Anais do I SIELP. Uberlândia: EDUFU, 2011. v. 1. p. 473-472. Disponível em: http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/06/volume_1_artigo_052.pdf. Acesso: 01/02/2019.
- SILVA, V. H. S. Diferenças na complementação de verbos evidenciais na expressão da dedução e da percepção de evento em língua portuguesa. Revista Linguagens & Letramentos, v. 5, n. 1, p. 103-125, 2020.
- SOUSA, G. C. Gramaticalização das construções com orações completivas: o caso do complemento oracional introduzido por se. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2007.
- SOUZA, E. R. F. Gramaticalização dos itens linguísticos assim, já e aí no português brasileiro: um estudo sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional. 2009. 260f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Campinas, Campinas, SP, 2009.
- SOUZA, C. N. de. Gramática Discursivo-Funcional, gramaticalização e modalização. Revista de Estudos da Linguagem, Belo Horizonte, v. 25, n. 4, p. 2095-2126, 2017.
- TRAUGOTT, E. C. The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization. Stanford: Stanford University, 1995. Disponível em: <https://web.stanford.edu/~traugott/papers/discourse.pdf>. Acesso em: 17 mai. 2015.
- TRAUGOTT, E. C. From subjectification to intersubjectification. In: RAYMOND, H. (ed.). Motives for Language Change, 124-139. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- TRAVAGLIA, L. C. A gramaticalização dos verbos passar e deixar. Revista da ABRALIN, vol VI, n. 1, pp. 09-60, jan./jun. 2007.
- TRAVAGLIA, L.C. Verbos gramaticais - Verbos em processo de gramaticalização in FIGUEIREDO, C. A.; MARTINS, E. S., TRAVAGLIA, L. C. e MORAES FILHO, W. B. (orgs.). Língua(gem): reflexões e perspectivas. Uberlândia: EDUFU, p. 97-157, 2003.

TOGNINI-BONELLI, E. *Corpus Linguistics at Work*. (Studies in Corpus Linguistics 6). Amsterdam: Benjamins, 2001.

URBANO, H. Marcadores conversacionais. In: PRETI, D. (Org.). *Análise de textos orais*. São Paulo: FFLCHUSP, p.81-101, 1993.

URBANO, H. Marcadores discursivos basicamente interacionais. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil – v.1: Construção do texto falado*. Campinas: Editora da UNICAMP, p. 497-527, 2006.

VENDRAME, V. Os verbos ver, ouvir e sentir e a expressão da evidencialidade em língua portuguesa. São José do Rio Preto, 2010. 173 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de São José do Rio Preto, 2010.

XATARA, C. M. O resgate das expressões idiomáticas. *Alfa*, nº 39, p. 195-210. 1995.

ANEXO A - Quadro de referências de obras utilizadas pelo dicionário do português medieval

Século XII	Nº. Palavras
CHP - Textos notariais (sd) in <i>Apêndice Documental de Clíticos na História do Português</i>	515
DN - Textos notariais (sd) in <i>Docs. Notariais dos Séculos XII a XVI</i> (2ª met. S. XII)	600
TOTAL	1 115

Século XIII	Nº. Palavras
CEM - <i>Cantigas de Escárnio e Maldizer</i> (1201-1300)	51 081
NT - <i>Notícia de Torto</i> (1214?)	775
TL - <i>Testamento de D. Afonso II</i> (1214): Ms L	1 412
TT - <i>Testamento de D. Afonso II</i> (1214): Ms T	1 413
DN - Textos notariais (sd,1243-1300) in <i>Docs. Notariais dos Séculos XII a XVI</i>	27 129
CHP - Textos notariais (sd,1260-1300) in <i>Apêndice Documental de Clíticos na História do Português</i>	26 049
CA - <i>Chancelaria de D. Afonso III</i> (1255)	17 629
HGP - Textos notariais (1262-1300) in <i>História do Galego-Português</i>	29 093
TOX - Textos notariais do Arquivo de Textos do Português Antigo (Oxford)	8 583
FG - <i>Foros de Garvão</i> (1267-1280?)	6 536
TP - <i>Tempos dos Preitos</i> (1280?)	1 588
FR - <i>Foro Real</i> (1280?)	49 721
CS - <i>Dos Costumes de Santarém</i> (1294)	5 450
CAMI - <i>Cantigas de Amigo</i> (sd) (em preparação)	57 873
TOTAL	329 749

Séculos XIII / XIV	Nº. Palavras
VS - <i>Vidas de Santos</i> (sd) (cópias tardias de um ms. alcobacense - século XV)	25 332
CEM - <i>Cantigas de Escárnio e Maldizer</i> (sd)	8 964
TOTAL	34 296

Século XIV	Nº. Palavras
<u>HGP - Textos notariais (1301-1399) in <i>História do Galego-Português</i></u>	32 830
<u>CHP - Textos notariais (1304-1397) in <i>Apêndice Documental de Clíticos na História do Português</i></u>	43 648
<u>DN - Textos notariais (1304-1397) in <i>Docs. Notariais dos Séculos XII a XVI</i></u>	44 799
<u>TOX - Textos Notariais do Arquivo de Textos do Português Antigo (Oxford)</u>	4 290
<u>CEM - <i>Cantigas de Escárnio e Maldizer</i> (1328-1335)</u>	296
<u>CS - <i>Dos Costumes de Santarém</i> (1331?-1360?)</u>	30 829
<u>PP - <i>Afonso X, Primeyra Partida</i> (1350?)</u>	170 138
<u>CGE - <i>Crónica Geral de Espanha de 1344</i> (sd)</u>	406 064
<u>CAXL - <i>Crónica de Afonso X</i> (Ms L) (sd) in <i>Crónica Geral de Espanha de 1344</i></u>	5 380
<u>CAXP - <i>Crónica de Afonso X</i> (Ms P) (sd) in <i>Crónica Geral de Espanha de 1344</i></u>	13 881
<u>FG - <i>Foros de Garvão</i> (sd)</u>	675
<u>DSG - <i>A Demanda do Santo Graal</i> (sd) (cópia do século XV)</u>	214 990
TOTAL	967 820

Século XV	Nº. Palavras
<u>HGP - Textos notariais (1401-1500) in <i>História do Galego-Português</i></u>	29 873
<u>CHP - Textos notariais (1402-1499) in <i>Apêndice Documental de Clíticos na História do Português</i></u>	39 351
<u>DN - Textos notariais (1402-1499) in <i>Docs. Notariais dos Séculos XII a XVI</i></u>	39 640
<u>LC - <i>Leal Conselheiro</i> (1433/1438?)</u>	105 762
<u>CD - <i>Chancelarias Portuguesas: D. Duarte</i> (1433-1438) (em preparação)</u>	---
<u>LEBC - <i>Livro da Ensinança de Bem Cavalgar Toda Sela</i> (1437/1438?)</u>	38 784
<u>LTV - <i>O Livro das Tres Vertudes</i> (1447/1453?) (em preparação)</u>	56 272
<u>CPVC - <i>Carta de Pêro Vaz de Caminha</i> (1500)</u>	8 276
<u>HRP - <i>História dos Reis de Portugal</i> (sd) in <i>Crónica Geral de Espanha de 1344</i></u>	4 967
<u>OE - <i>Orto do Esposo</i> (sd)</u>	137 865
<u>CP - <i>Castelo Perigoso</i> (sd)</u>	28 055

<u>ZPM - Crónica do Conde D. Pedro de Meneses (sd)</u>	134 699
TOTAL	615 268

Século XVI**Nº. Palavras**

<u>HGP - Textos notariais (1502-1516) in <i>História do Galego-Português</i></u>	3 078
<u>CHP - Textos notariais (1504-1548) in <i>Apêndice Documental de Clíticos na História do Português</i></u>	29 287
<u>DN - Textos notariais (1504-1548) in <i>Docs. Notariais dos Séculos XII a XVI</i></u>	29 136
<u>CRB - Crónica dos Reis de Bisnaga (sd)</u>	43 833
TOTAL	105 334

(Quadro disponível em: <https://cipm.fcsh.unl.pt/gencontent.jsp?id=31>)



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Câmpus de São José do Rio Preto

TERMO DE REPRODUÇÃO XEROGRÁFICA

Autorizo a reprodução xerográfica do presente Trabalho de Conclusão, na íntegra ou em partes, para fins de pesquisa.

São José do Rio Preto, 07/07/2021

Assinatura do autor